



DARKSIDE

RÓ MIERLING
DIÁRIO DE UMA
ES CRAVA
1 MILHÃO
DE LEITORES NO
WATTPAD



Diário de uma Escrava

Livro I

Rô Mierling

Uma menina, um homem e muitas vidas afetadas pela psicopatia.

Um livro tenso, cruel e verdadeiro.

Desaconselhável para pessoas frágeis.

Uma história baseada em fatos reais.

Um drama verdadeiro que pode estar acontecendo nesse exato momento em muitos lugares do mundo, inclusive na casa ao lado da sua.

Uma menina, um buraco, um senhor, uma escrava e uma vida inteira destruída pela psicopatia de um homem.

PRÓLOGO

Ela olhava para a janela e admirava a beleza daquela linda borboleta. Ela sempre foi apaixonada por borboletas. A multiplicidade de cores, a graça e a suavidade das asas. O efeito larva, casulo e borboleta era por demais encantador para ela. A liberdade do voo tinha um toque de mistério e perfeição.

A linda borboleta pousou em sua janela. Era azul, preta e roxa. Ela nunca tinha visto um espécime assim. Era perfeita. A menina vagarosamente se aproximou do seu armário e pegou seu pote previamente reservado.

Abriu a gaveta com agilidade e silêncio, pegou o frasco de acetona, embebeu um chumaço de algodão e colocou dentro do vidro para ser usado como agente asfixiante. Ao lado da cama tinha uma rede pequena, ela a pegou e dirigiu-se até a janela, sempre com passos rápidos, mas serenos. Em um movimento ágil, ela capturou a borboleta e a colocou no pote fechando em seguida.

Ela levantou o frasco e ficou observando a borboleta se debater até que, cansada e asfixiada, ela cedeu e caiu no fundo do pote. A menina esperou por mais dez minutos, abriu o pote, pegou um alfinete e espetou entre as asas da borboleta matando-a de forma definitiva.

A menina escreveu os dados identificadores da borboleta em um papel: cor, tamanho, dia e hora da captura. Tudo pronto. A menina foi até a parede, abriu um quadrado de vidro e delicadamente espetou o alfinete, já com a borboleta, em um quadro de isopor. Ela se afasta e admira sua obra de arte. Ela volta, fecha o vidro e sorri.

A borboleta agora é sua, eternamente sua.

CAPÍTULO 1 - Parte 1 - Dia 1.728

Hoje acordei tarde.

Sei que é tarde porque acordei com o corpo todo dolorido, e isso só acontece quando durmo demais. Vou tentando me levantar devagar.

Doem minhas costas, meu pescoço, minha cabeça. Fico sentada esperando o quarto parar de rodar. Uns cinco minutos depois já posso me colocar de pé. Faço meu alongamento esticando braços, pernas, cabeça para um lado e para o outro.

Enfim a dor no corpo passou. Vou até o balde lavo meu rosto, passo os dedos pelos meus dentes, tomo um gole de água da garrafinha de cima da mesa e cuspo no balde grande.

O balde grande já está ficando cheio e uma hora ou outra o Ogro virá para esvaziá-lo. E isso era urgente em certos dias, porque o fedor enche todo o buraco e eu fico tonta com esse cheiro horrível.

Tomo meu café da manhã. Ogro deixou uma maçã, um copo de leite e três torradas no pratinho. Ele deve ter vindo mais cedo, porque mesmo eu dormindo mais do que o normal, eu sempre acordo quando ele traz o café da manhã e hoje eu não escutei nada. Logo, imagino que ele tenha estado no quarto bem cedo quando meu sono estava muito pesado.

Depois de tomar o café, eu sempre leio. Leio durante umas duas horas até meus olhos arderem um pouco, eu já li esse livro umas vinte vezes, mas não tenho muitas opções de lazer nem muitas atividades diárias. A luz vem de uma pequena lâmpada colocada no teto do buraco onde estou e ela sendo fraca não me permite ler por muito tempo. Meus olhos ardem.

Ouçõ um barulho e sei que é o Ogro vindo. Ele tem passos pesados, abre a portinhola e desce.

- Como você está? - pergunta ele.

Eu fico calada pensando: "é um escroto mesmo". Ele vem para perto de mim, já sei o que ele quer e me dirijo à cama, me deito, levanto minha saia, abro minhas pernas e só espero.

Ele diz umas palavras tolas, conta um pouco dos seus planos e da sua vida como se eu quisesse saber. Ele tira seu membro nojento para fora e sobe em mim. Não demora nem cinco minutos. Ele se levanta e se aproxima para me dar um beijo, eu viro o rosto e ele me bate. Uma, duas, três vezes.

Normal.

Ele se aproxima de novo, agora bem devagar para me beijar. Sinto o gosto de sangue na minha boca e dessa vez não afasto meu rosto. Quando ele aproxima os lábios dos meus eu projeto bem devagar o sangue para fora da minha boca como um cuspe que se derrama pelos cantos. Ele me olha com nojo, cospe em mim e se vai.

Idiota.

Eu me levanto, me lavo no balde menor e vou para a parede "de arte". Inspiro e expiro bem devagar. Concentro-me e começo a me dedicar a minha arte no barro da parede. Já faz uns vinte dias que faço aquela arte com meus dedos no barro duro. Estou fazendo uma cena de casa de fazenda. Gosto de casas de fazenda. Lembro-me de quando eu tinha uns seis anos e minha mãe me levava à fazenda de meu avô. Tinha um cheiro bom lá, um sentimento de paz e liberdade.

Liberdade? Eu só posso rir. Enfim.

Minha parede de arte deve ter uns dois metros de altura por uns três de largura. Até agora já devo ter usado um oitavo do espaço. Portanto, sei que terei muita diversão. Claro, se eu tivesse uma colher, uma pazinha, um objeto qualquer que eu pudesse enfiar no barro da parede, quem sabe seria mais fácil de desenhar. Quem sabe o Ogro não me dá uma faca?

Estou engraçadinha hoje.

Em falar do Ogro, lá ele vem de novo com seus passos pesados. Mas dessa vez não entra, só abre a portinhola e empurra meu almoço para dentro.

Eu não estou com muita fome, e como sei que ele não vai trazer mais nada hoje, acho melhor deixar para mais tarde um pouco. Vendo que o Ogro não vai entrar, continuo minha "arte". O cheiro do barro úmido me agrada, mas o Ogro tem que levar logo aquele balde grande que está empestecendo o ar.

Em falar em balde grande, preciso fazer minhas necessidades fisiológicas, pior momento do dia.

Quem sabe se eu enfiar minha língua na boca do Ogro ele não me deixa um rolo de papel higiênico? Melhor não, eu morreria envenenada. Outra piada. Estou de bom humor apesar de tudo.

Nas minhas necessidades fisiológicas eu me viro como sempre. Me limpo com a mão e lavo no balde menor. Volto ao meu barro até as pontas dos meus dedos começarem a ficar doloridas, me lavo e vou comer.

Ogro trouxe batatas, um ovo cozido, tomate e um pedaço de frango. Um copo grande de água gelada. Nada mal para quem levou uns tapas por negar um beijo a um Ogro.

O que o Ogro pensaria se soubesse como eu o chamo?

Comecei a chamar ele assim no terceiro dia em que ele veio me "visitar". Mas isso eu conto outro dia.

Eu pego minhas bolinhas de papel e começo a contar..1..2..3..4..5..2..4..6..8..3..5..7..9.

Sempre faço isso para exercitar minha mente, não posso ficar sem pensar, sem raciocinar. Faço contas mentais, conto as bolinhas de papel, são umas cem ao todo, gosto de me lembrar dos números primos, números ímpares, números pares, e assim por diante, isso faz o tempo passar e mantém em mim um resto de sanidade mental.

Mas logo me canso, bebo um pouco mais da água do grande copo, coloco o copo e pratinho perto da portinhola, faço xixi, me ajoelho, oro e vou deitar. Acho que o dia foi até divertido.

Sim, eu orava naqueles dias. Ainda tinha fé.

Mas tem dia que não consigo fazer nada além de chorar. Enfim, amanhã é dia de banho, e vou subir com o Ogro. De toda forma, gosto do dia do banho. Vejo cores, luzes, ouço até o barulho de movimentos, quem sabe até vozes.

Meus olhos ficam cansados, apago a luz e durmo. Até amanhã.

Parte 2 - Dia 1.729

Já é a terceira vez que acordo, mas ainda não acho que seja “manhã”. Na verdade é óbvio que aqui não dá para saber quando é noite ou dia, mas já consigo saber quando o dia amanheceu. Não sei como, mas consigo saber.

E já acordei e ainda não é hora de levantar. Isso tudo não passa de um grande absurdo uma vez que aqui não tenho hora para nada a não ser para receber o Ogro. Mas se eu não tiver uma rotina, hora para fazer minhas coisas, eu vou enlouquecer. Nunca pensei que pudesse passar tanto tempo sozinha. Minhas amigas, meus pais, meus tios. E até o chato do Igor que vivia dando em cima de mim. Até do Igor sinto saudades.

Fecho os olhos e adormeço de novo com lágrimas nos olhos. Não sei quanto tempo passou, mas escuto um barulho e sei que é o Ogro chegando com meu café da manhã. A portinhola se abre e ele empurra para dentro um pedaço de pão, um naco de queijo com aparência de velho e um copo de café. Nada bom para o começo de um dia.

Mas ao contrário do normal, Ogro entra e antes que eu consiga me levantar, ele me pega pelos cabelos e me levanta da cama. Sinto uma dor sem limites e tento me erguer rápido para que ele não arranque os cabelos de minha cabeça. Ele me atira no chão. Eu me encolho. Ainda não tinha conseguido acordar de verdade e assim como em outras vezes de fúria do Ogro, não sei se isso é um sonho ou um pesadelo.

Mas quando sinto algo quente jorrando em mim, sei que estou acordada e não é um pesadelo, mas sim o Ogro urinando em mim. Ele jaz fez isso antes e eu sinto um bolo subindo pela minha barriga e minha garganta na ânsia de vomitar. O cheiro é podre e gotas entram em minha boca.

Ele ri e me pega pelo braço me levantando do chão. Ele me aproxima do rosto dele e lambe minha bochecha. Eu tento parar de respirar, mas não consigo. Ele tenta enfiar a língua na minha boca, mas eu viro o rosto, ele me empurra de volta ao chão e pisa na minha mão.

Eu grito, ele força mais ainda seu peso sobre meus dedos e eu grito ainda mais alto. Ele devagar tira o peso de cima da minha mão que arde e queima. Quando levanto os olhos, vejo pelas calças dele, que ele está excitado e eu vomito ali mesmo. Ele balança a cabeça com nojo de mim, me pega novamente pelos cabelos e me arrasta para longe da área de urina e vômito.

- A venda, coloque-a – ele grita.

Eu já sei o que ele quer e procuro a venda que ele me deu para guardar assim que me trouxe para o buraco. Eu mesma coloco a venda. Ele me arrasta para a porta. Consigo escutar cada barulho e reconhecê-los. Ele retira o cadeado e me puxa para cima, sem deixar que eu coloque os pés no chão. Meu corpo bate nas paredes do túnel, sinto dor, muita dor.

Mas logo chegamos lá em cima. Escuto-o abrindo uma nova porta, e ele me puxa para fora. Sinto pelas brechas da minha venda uma nova luminosidade e sei que vou para o banho. Ele

me puxa por uns 3 metros até que sinto o piso gelado embaixo dos meus pés.

Não acho que estou num banheiro, mas com certeza estou na casa do Ogro. Ele me amarra em um canto, como sempre, e tira minhas roupas. Eu fico só de calcinha. Meu coração bate acelerado, sei o que vai acontecer e já começo a tremer. Geralmente ele não é tão bruto no dia do banho, mas dessa vez sinto que ele está zangado e sei o que me espera.

Antes que eu possa prender a minha respiração, sinto um jorro de água que me faz ficar presa a parede. A água machuca meu corpo e o jato sobe dos meus pés a minha cabeça de forma rápida e violenta. Demora, parece que nunca vai acabar. Eu tento virar a cabeça para não beber água, mas da forma como ele me amarrrou não consigo me esquivar muito. A água para e eu consigo respirar de novo.

O Ogro joga sabão na minha cabeça, sinto o gosto do mesmo sabão de sempre. Ele me esfrega com algo grosso como uma escova. Meus pés, pernas, coxas, minhas nádegas, ele esfrega e eu me seguro para não gritar. Sei que isso o excita e eu me recuso a ceder. Ele esfrega meus cabelos, meus seios. Mais água, muita água, fria e cortante. Sinto meu corpo todo enfraquecer.

E então tudo para.

Acabou.

Minha respiração aos poucos vai voltando ao normal. O Ogro se aproxima, a venda agora molhada se afrouxa e eu posso ver um pouco mais do “local de banho” que é como uma garagem. Vejo de onde estou, através de uma porta grande, míseros raios do sol. E naquele momento um sorriso misturado com lágrimas surge no meu rosto. Já fazia mais de três anos que eu não via a luz do sol. Nos banhos anteriores a venda nunca tinha ficado frouxa.

Extasiada eu olho pelas frestas da venda quando o Ogro se aproxima de novo e começa a me secar com um trapo grosso. Ele enxuga meu cabelo, meu corpo e se demora na minha barriga. Ele sempre fica esfregando minha barriga nos dias de banho. Sinto suas mãos descerem e ele introduz o dedo em mim.

Eu tento me fechar, mas ele me empurra contra a parede e ali mesmo ele entra em mim, apertando meu corpo magro contra a parede, mas eu não sinto nada, fico só olhando pelas frestas da venda a pequena claridade solar. Sinto o corpo do Ogro estremecer e ele para. Barulhos de sacos sendo remexidos e ele me desamarra, me veste e me puxa para longe do piso molhado.

Ele me força a sentar e sinto uma cadeira. Meu corpo se desfaz e eu me encolho sentada. Ele me amarra novamente, agora na cadeira e se afasta. De onde estou agora não dá mais para ver os raios de sol, mas vejo nuances de algumas caixas, umas ferramentas e mais nada.

Cansada, dolorida e fraca, eu espero. Ele demora e depois de muito tempo ele volta e me leva de volta ao buraco, arrancando minha venda.

Como sempre depois do banho, noto que ele esvaziou o balde grande de fezes, limpou todo o “meu quarto”. O vômito, a urina, nada mais está ali e até sinto um leve cheiro de desinfetante no ar.

Eu sento na cama e ele me traz o café da manhã que estava esquecido num canto. Ele começa a colocar a comida na minha boca bem devagar eu tento recuar, mas vejo que hoje ele está muito zangado e prefiro não arriscar. Engulo os pedaços aos poucos, ele entorna o café na minha boca, eu bebo. Ele limpa minha boca com um lenço, me dá um beijo na testa e sai dizendo:

- Eu te amo ursinho.

Eu me encolho na cama, tento chorar, mas não tem mais lágrimas em mim. Sinto a comida descendo estranha na minha barriga, tudo em mim dói. Eu me recuso a levantar e assim fico por horas. Ouço o barulho do almoço sendo colocado pela portinhola, mas eu nem me mexo. Adormeço de cansaço, lá se foi mais um dia no buraco do Ogro.

Parte 3 - Dia 1.730

Eu estava feliz naquele dia. Eu tinha saído com Mauro, tínhamos nos beijados no carro dele e depois de muitos carinhos eu entrei em casa com o coração aos pulos. Eu era virgem, mas já começava a sentir as primeiras ansiedades sexuais. Mas ainda era cedo, eu recém tinha feito 15 anos e não queria que nada fosse rápido demais.

Minha mãe sempre falava que a primeira vez tinha que ser com amor e carinho e, claro de preferência, dentro do casamento. Independente disso, eu gostava muito do Mauro, paquerei ele na escola por meses, até que enfim ele me chamou para sair, e depois de duas semanas começamos a namorar.

Eu estava feliz naquela noite. Cheguei na ponta dos pés para não acordar meus pais e subi direto para meu quarto. Troquei minha roupa e suspirando me aproximei da janela para ver a lua.

Eu era uma menina boba e apaixonada.

Naquele momento senti a presença estranha pela primeira vez. Eu olhei pela janela e do outro lado da rua, um homem alto, com aparência grande, meio encurvado, estava olhando direto para mim. Ele olhava para cima na direção da minha janela e como eu estava com a luz do quarto acesa, entendi que ele poderia me ver e pior, eu estava só de camisola.

Fiquei trêmula, fechei rápido a janela e com medo fui me deitar. Depois, durante vários dias, pensei ter sido impressão minha aquela visão estranha da noite anterior. Até que vi de novo o Ogro no portão do meu colégio. Mas de novo eu estava feliz.

Eu estava sentada em um banco com Mauro segurando minha mão esperando as aulas começarem. E não percebi que o homem que me olhava no portão do colégio era o mesmo que estava me espiando naquela noite na janela.

Naquela tarde no colégio, eu era só felicidade, amor, carinho, o olhar de Mauro, o cheiro de Mauro, Mauro, Mauro.

Um barulho.

Eu acordo e descubro que tudo não passou de um sonho. Um sonho com minhas lembranças do passado. Eu estou de volta ao buraco do Ogro, aquele homem que me vigiava pela minha janela quando eu ainda tinha somente 15 anos, sim o homem que apelidei de Ogro pela sua grosseria, seu cheiro sempre azedo como de folhas podres e por sua forma animalesca de me tratar todos esses anos em que estou aqui nesse buraco, cativa, aprisionada, isolada.

Eu levanto da minha cama e descubro que o Ogro trouxe meu café da manhã. Um copo de leite grande, biscoitos novos, dois pães, um pedaço de queijo e até um pequeno pedaço de chocolate. Porque isso hoje?

Eu sinto raiva, ódio, tenho vontade de jogar tudo no chão, mas sei que se eu fizer isso será sempre pior para mim. E eis que começa um novo dia para a escrava do Ogro.

Eu tomo meu café, escovo meus dentes com os dedos, faço minhas necessidades e vou para minha parede de arte. Fico ali por horas, mas não consigo moldar nada na parede hoje. Desisto, vou tentar ler, mas as letras se embaralham na minha vista.

Não sei se estou doente ou se já não aguento mais isso tudo. Um barulho e o Ogro está nas minhas costas. Eu mal o percebi entrando.

- Você está bem?

Eu fico calada e só olho para ele. Olhos negros, barba por fazer, quase dois metros de altura, em torno de uns 90 quilos, lábios finos, dentes amarelados com cheiro de cigarro, roupas fedidas, mas dessa vez não muito amassadas.

- Preciso que você fique bem, trouxe seu almoço em dobro, assim como trouxe um bom café da manhã para você hoje cedo. Vou sair por uns dias e você vai ficar sozinha, mas não se preocupe, eu volto para você. Vou deixar uns pacotes extras de biscoito, uma caixa de leite e muita água. Hoje é terça-feira, conte mais três dias e eu estarei de volta.

Eu não sabia o que dizer, era uma total novidade, tanto o fato de ele viajar e me deixar sozinha, como o fato dele falar comigo como se fosse um homem normal.

O Ogro então se aproxima de mim e me dá um beijo na testa, eu mal me mexo. E ele se vai em direção à porta e do nada, meu coração entra em desespero total e eu me jogo aos pés dele gritando:

- Não vá. Não me deixe aqui sozinha, por favor.

Ele olha para mim abismado e sorri.

- Meu ursinho, eu volto.

Mas eu fico desesperada, chorando e segurando as calças nojentas dele implorando para ele não ir. Ele me segura com firmeza, mas sem violência, me senta na cama e sai.

E eu fico ali, chorando e sabendo que fazem mais de quatro anos que fui sequestrada, a polícia não deve mais estar a minha procura, o único que sabe onde eu estou é aquele homem nojento que me estupra todo dia e a quem eu chamo de Ogro.

E se algo acontecer com ele, o que será de mim? Se ele morrer na rua atropelado, eu morro aqui sem água, sem comida. Vou morrer enterrada viva nesse buraco imundo.

- Desgraçado, maldito, me tira daqui. Seu cão imundo, seu merda, volta e me tira daqui!!

E gritando até minha garganta se ferir por dentro, eu me jogo no chão com ódio e desespero.

Parte 4 - Dia 1733

Aquele escroto ainda não voltou.

Ele achou que a comida iria durar para sempre?

Que merda, que ódio.

Estou com o balde grande de fezes lotado, não tenho muita água. Eu ontem nem escrevi nada porque sinceramente não tinha o que dizer. E hoje escrevo para reclamar da merda de vida que eu tenho.

Vida? A quem eu quero enganar?

Eu não tenho vida, tenho "sobrevida". Ando de um lado para o outro do meu "quarto". Não consigo ler, nem fazer contas, nem arte, nem porcaria nenhuma. Sinto-me sufocada com esse cheiro de lixo e merda nesse buraco imundo.

O Ogro saiu já faz três dias e até agora nada. E se ele não voltar? E se ele morreu? Quem um dia vai me tirar daqui?

Quando subo para meu dia de banho não escuto barulho de carros, nem de gente. Escuto ruídos distantes, mas nada muito concreto, logo entendo que estou longe de cidades ou de vizinhos. Quem imaginaria me procurar aqui embaixo?

AHHHHHHHHHHHHHHHH

Não sei mais o que fazer a não ser protestar. Já chorei, já gritei, ontem dormi o dia todo. Dormir não é bem a palavra, revirei naquilo que chamo de cama.

Sem muitas opções do que fazer, verifico de novo a portinhola, acho que se eu perder mais uns 5 quilos acabo passando por aquele buraco onde o Ogro me envia a comida. Ele sempre entra por uma porta maior, mas essa não tem chance de eu nem tentar sair. Ela nem maçaneta tem por dentro. Eu verifico mais de perto a portinhola e vejo que realmente se eu me espremer muito quem sabe consigo passar por ali.

Lembro-me de quando eu ainda não estava aqui, estava com meus amigos, minha família. Era uma tarde de sábado e eu queria ir a uma festa e o vestido que eu tinha guardado não me servia mais, a calça que eu tanto gostava também não entrava mais. Devia ser a maldita da cerveja que eu tinha começado a tomar escondida. Primeiro gole aos 13 com a galerinha "do mal" da escola.

Certo, eu era virgem, mas nunca fui uma "boa menina". Que ironia, agora sou a mais perfeita "garotinha do Ogro". Será que é por isso que estou aqui? Castigo Divino?

Voltando às lembranças, eu estava começando a dar uma engordada aos 14 anos e tudo que queria era emagrecer e ficar "fininha".

Só posso rir de mim mesma agora, estou tão magra que consigo ver os ossos menores da minha mão. Ironia mesmo, agora com certeza a tal calça cabe que sobra.

Tento empurrar a portinhola e ela resiste. Pelo que entendo ela é presa por fora, mas a madeira que a fecha está meio podre. Quem sabe se eu empurrar com o pé.

Tum, tum.

Ela está cedendo, nem acredito. Encosto o rosto na portinhola e consigo ver uns rastros de luz lá em cima. É como uma grande rampa que desce até meu buraco. Um túnel na verdade. Estreito e feito de terra. Não consigo ver isso, claro, a luz é mínima, mas já fui arrastada tantas vezes lá para cima que sei exatamente como é a subida até lá. Imagino mesmo que esse túnel comece dentro da casa do Ogro. No seu quarto, cozinha ou até mesmo na garagem onde eu tomo meu banho.

Bato de novo com o pé, estou sem forças, mas só em imaginar sair daqui já me sinto renovada.

Tum, Tum.

Ela cede mais e mais. Aproximo-me da portinhola e vejo que ela rachou no meio. Posso passar minha mão por ela, posso alcançar a fechadura.

Ahhhh..nem acredito, um pouco mais e eu alcanço. Eu estico minha mão e alcanço enfim a fechadura. Mexo no trinco e ela se abre. Posso ver agora todo o longo túnel até lá em cima.

Nem posso acreditar, está aberta a portinhola. E agora? Eu tento sair? E o medo? Porque tenho medo? Porque não corro feito uma louca rampa a cima e me vou embora daqui?

Não sei bem porque, não sei bem o que posso dizer e o que vou encontrar quando eu sair daqui. Porque agora sinto no fundo do meu coração que vou sair daqui.

“Não vou caber nesse buraco. E se eu entalar nessa portinhola? Vai ser ainda pior. Que se foda tudo.”

Eu tento passar pela portinhola, primeiro a cabeça, um braço, o outro. Sinto as madeiras rachadas rasgando minha pele, mas não ligo, preciso sair daqui. Forço a passagem mais e mais, meus quadris estritos passam e eu estou do outro lado da portinhola.

Agora é correr sem parar.

Subo o escuro túnel de terra correndo, metros de desespero e ansiedade. Sempre para cima, para cima, até que chego ao final do túnel e encontro uma porta acima de minha cabeça, tento ficar em pé no túnel, mas ele não é muito alto.

Só Deus sabe como o Ogro consegue se arrastar até lá embaixo para me “visitar”. Eu tento empurrar a porta acima de minha cabeça, mas ela é pesada, no entanto me parece que ela não está trancada. Sinto como se tivesse algo em cima dela, um peso talvez. Respiro, inspiro.

“Calma, você consegue.”

E com o resto de energia que me resta, empurro a porta para cima com toda minha força, braços, ombros, cabeça e um estrondo.

A porta abriu, e o que quer que tivesse em cima dela, caiu. Ponho a cabeça pelo buraco e vejo algo como um pequeno quarto onde o piso foi arrancado e agora só tem terra batida no chão. Tento erguer meu corpo acima da porta, acima do chão onde estou, mas é difícil. Sinto minhas forças me abandonarem, estou cansada, com fome, machucada.

Respiro de novo com toda a profundidade possível e me ergo porta afora colocando todo meu empenho nos meus braços finos e depois de longos minutos e tentativas frustradas, consigo subir e me jogo deitada no chão de terra.

Pronto, consegui! Depois de anos eu enfim saí de dentro da terra como um monstro renascido, como um filho parido, como um verme que projeta para fora da lama sua cabeça. Tenho sede, tenho fome.

O cômodo onde estou é escuro, tento ouvir alguma coisa, mas nenhum barulho se ouve. Nada nem dentro da casa nem fora dela. Sei que estou numa casa. A casa do Ogro e esse deveria ser apenas um dos quartos. Depois de uns minutos de descanso me levanto e vou tateando com cuidado. Acho um interruptor e acendo a luz, na mesma hora me jogo no chão sentido uma dor terrível nos olhos e na cabeça.

A luz é forte demais para mim. É uma luz branca e clara, diferente da luz do meu buraco que era fraca e amarela. Anos sem ver uma luz mais forte. Eu de olhos fechados, volto ao interruptor e apago a luz, não sem antes vislumbrar detalhes do quarto que tem uma cama, uma cadeira e mais nada. Vou

rumo ao local onde penso ter visto uma porta, ela se abre e sigo tateando pela casa, tremendo, com frio, fome, desespero e medo.

E se o Ogro voltar?

Até o momento não tinha pensando nisso, mas é óbvio que eu deveria saber que há qualquer momento ele estaria de volta, afinal já se foram os três dias que ele disse que iria demorar. Eu mais do que depressa continuo tateando no escuro. Vislumbro algo como uma cozinha e corro para ela.

Vejo uma torneira. Que alegria! Jogo-me contra a pia e bato com a boca na torneira no desespero da sede. A água entra aos montes na minha boca, sinto gosto de sangue, mas isso pouco me importa. Bebo, bebo e bebo até minha barriga doer.

Olho em volta e vejo uma janela com cortinas e através delas um vidro e uma leve luminosidade exterior. Devem ser as luzes de fora da casa, olho rápido ao redor e vejo mesa, cadeiras, geladeira, armários, tudo muito bem arrumado e limpo.

Como pode o Ogro viver em tamanha ordem e limpeza? Vejo uma toalha de renda na mesa, copos coloridos e até imãs na geladeira, meus olhos agora enxergam mais no escuro do que no claro.

Não entendo o que vejo. Tanta ordem e limpeza não combinam com o Ogro. Mas isso pouco importa. Tento a maçaneta da porta da cozinha e ela esta trancada, a porta é grande e pesada. A janela tem grades. Eu saio da cozinha e caminho pelos

cômodos, um quarto, dois quartos, um terceiro quarto com cama de casal, armários, roupas, sapatos, tudo organizado.

Meu Deus! Devo estar ficando louca? Isso é um grande pesadelo? Onde estou? Cadê a casa do Ogro que tanto desenhei em minha mente em meus planos de fuga?

Que se foda!

Eu corro pela casa tentando achar uma janela sem grades, mas todas elas têm grades.

Muito estranho!

Sigo para a porta da frente.

Tudo parecia ser tão simples e fácil quando imaginei sair do buraco e pensei estar em liberdade, mas cá estou eu presa ainda. A porta que supostamente dá para frente da casa está trancada. Eu esmurro a porta, chego na janela e olho para fora através das grades. Árvores, mato e bem ao longe algo similar a uma estrada. Não sei se grito ou se choro.

Começo a procurar mais saídas, uma chave, qualquer coisa, não é possível que agora que cheguei tão longe vou ficar trancada nessa casa loucamente limpa e organizada. Casa dos infernos.

Eu corro de cômodo em cômodo procurando não sei bem o que, quando de repente dou de frente com um quadro grande no corredor: o Ogro em uma versão mais limpa e arrumada e uma bela e loira mulher. Eles estão abraçados e nos olhos do Ogro

vejo amor em uma linda fotografia. Que merda de pesadelo é esse? Como pode alguém amar aquele demônio?

Volto para a cozinha, estou fraca de fome. Abro a geladeira e lá vejo vários tipos de potes, comidas, leite, e num afã de desespero começo a comer um pouco de cada, beber leite, um pedaço de frango, geleia, sorvete, tudo junto. Acho que estou louca, não vou sair daqui, já não existo mais dentro de mim. E continuo a comer como um animal.

Desespero-me e grito.

Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhh

Em total desespero jogo-me contra a porta da cozinha, mas eu peso pouco e a porta nem treme. Um barulho. Não fui eu, não é daqui de dentro.

Meu Deus será o monstro voltando? Olho pela janela, mas não vejo nada. Nem gente, nem bicho, nada, mas sei que escutei um barulho.

Volto a andar de forma mais lenta pelos cômodos procurando uma chave, um martelo, qualquer coisa para tentar arrebentar a fechadura da porta que me parece assustadoramente grande e exagerada para uma casa tão “rosa”. Vejo vislumbres de almofadas, abajures, que merda é essa? Mais retratos da mulher e do Ogro. Uma luz, um barulho de carro. Uma voz de mulher agora bem perto:

— Amor, amei a viagem, cada dia te amo mais e mais sabia?

E a voz do Ogro, mas como que transformada em uma suave voz apaixonada:

— Por você eu faço tudo meu amor.

Chegou gente na porta da frente. E agora? O que eu faço? Para onde corro? As vozes se aproximam, barulho perto da porta. Na cozinha, deixei comida e bebida espalhadas para todo lado, vão saber da presença de um estranho. E o Ogro maldito irá saber que fui eu.

Estou morta!

Só me resta uma esperança. Corro para a cozinha, pego a maior faca que encontro e volto para o quartinho e para o buraco.

Atiro-me dentro dele na mesma hora que ouço ao longe a porta se abrindo. Tento, da melhor forma possível, colocar a porta em cima de minha cabeça no buraco, escorrego para o fundo do túnel, entro no meu “quarto” sentindo de novo os pedaços de madeira me rasgando, e tento recompor a portinhola.

Porque não fiquei lá fora? Porque não esfaqueei eles? Porque não gritei por socorro para a mulher de voz gentil? Eu sou uma cadela estúpida, mereço tudo que está me acontecendo, merda, merda, merda.

Encolho-me em um canto segurando a faca. Estou mais cansada do que nunca, mas fico firme segurando a faca. O Ogro uma hora vai descer aqui e vou matá-lo. Subo de novo, mato a mulher e fujo. Dessa vez eu vou conseguir.

Em minha mente vem um pensamento meigo, uma saudade da minha mãe. Mas logo volto a minha realidade. Que merda de mãe o que, eu quero é correr para longe de tudo e nunca mais ver ninguém. Estou quase em delírios.

Estou tão tonta, tão cansada, tão fraca. Eu comi tanto, porque ainda estou fraca? Porque me sinto assim tão mal, tão sonolenta?

Aguento firme por horas, mas não consigo mais segurar os olhos abertos, estou cansada, quero morrer, quero descansar para sempre. Eu fui tão longe e não deu em nada, estúpida, estúpida.

E sem que eu perceba, num canto encolhida feito bicho, segurando firme aquela grande faca, um manto de dor e desalento me cobre, eu choro e adormeço.

Parte 5 - Dia 1434

(Braço quebrado)

Eu acordo sentindo algo tampar minha boca. Tento respirar e não consigo. Abro os olhos, vejo tudo turvo. Estou zozna.

Tento puxar mais ar para dentro de meus pulmões, mas é como se o ar se recusasse a entrar em mim. Abro mais os olhos e vejo o Ogro em cima de mim segurando algo contra a minha boca. Desmaio.

Estou feliz agora, posso ver ao longe minha mãe, vindo com uma sacola enorme cheia de compras. Minha mãe adora ir às compras. Eu saio de casa e corro para ajudar.

— Trouxe algo para mim?

— Claro né, ursinho, sempre trago algo para você.

— Mãe, para de me chamar assim, não tem mais graça, já vou fazer 14 anos.

— Você sempre será meu ursinho, Laura.

Entramos em casa e minha mãe me dá três pacotes lindos: uma calça, uma sandália e um casaco. Amo tudo de paixão. Eu estava namorando essas peças de roupas há semanas na loja da minha tia.

Mas minha mãe sempre dizia que não é porque a loja é da tia que eu poderia pegar tudo que quisesse. Eu subo para meu

quarto e experimento tudo. Que sensação maravilhosa. Eu olho-me no espelho, estou linda. Minha mãe lá embaixo grita e me chama e eu desço.

— Ajuda aqui com a louça, ursinho.

— Não me chama assim, mãe.

E naquela tarde lavando louça, eu me sinto feliz com minha mãe na cozinha. Muito feliz.

— ACORDA VAGABUNDA NOJENTA, ACORDA!

Sinto como se minha cabeça fosse explodir de dor. Eu abro os olhos e sinto sangue na minha boca. Olho ao redor e vejo que estou em um lugar diferente. É como se fosse um quarto maior, mais iluminado. De um lado uma mesa, em cima dela várias ferramentas diferentes. Uma janela fechada, uma porta, um armário e mais nada.

Eu estou com as mãos amarradas para o alto e já nem sinto bem meus braços. Estou só de calcinhas e o Ogro novamente me bate na cabeça com uma toalha molhada.

E de novo e de novo. Eu aprendi que o Ogro gosta da minha pele branca e que toalhas molhadas doem muito, mas não deixam marcar permanentes na pele.

Ele me bate de novo.

— Eu deveria te matar sua puta ingrata. Eu te cuido, te amo, te trato bem e você tenta fugir? E ainda faz uma bagunça na cozinha da minha mulher?

Eu tento falar alguma coisa, mas minha boca mal abre. Sinto algo escorrer pelos meus olhos e sei que é sangue. Ao longe escuto uma música e desmaio de novo. Ouço a música, estou sentada na igreja esperando as orações matutinas começarem.

Eu gosto da igreja, sempre fui à igreja desde pequena. Tudo bem que nos últimos dias, depois de fazer meus 14 anos, eu passei a trilhar caminhos mais obscuros com um pessoal da escola, mas mesmo assim sei que na igreja encontro redenção para meus pecados e alívio para minhas tristezas.

Na igreja, as orações começam e eu o vejo de longe. Ele senta em um dos últimos bancos, não posso ficar me virando, claro, mas de relance vejo aquele homem estranho no final da igreja. Ele está lá sentado sozinho, de cabeça baixa, parece sempre orar. Não é a primeira vez que o vejo, já o vi na minha janela do quarto me espiando, eu acho, e no portão da minha escola. Devo contar para alguém?

— PIRANHA, ACORDA.

Eu sinto água entrando na minha boca mais do que eu posso beber e me sufoco. Estou de novo acordada, olhos abertos e no quarto estranho com o Ogro.

— Me perdoa... por favor pare...

— Cala a boca, eu não mandei você falar. Você quer acabar com minha vida? Eu te dou tudo e você me trata assim?

Ele tira a calça e vem para cima de mim. Mete a mão entre minhas pernas. Me segura por trás e entra em mim. Eu

estando pendurada dessa forma e ele se forçando dentro de mim, colocando parte do seu peso em cima do meu faz com que eu sinta como se meus braços fossem partir ao meio. É tanta dor que eu mal sinto os movimentos dele.

— AHHHHHHHHHHHHHHH - um grito profundo sai da minha garganta.

Mas nesse dia ele não se dá por satisfeito. O Ogro solta as cordas e eu caio. Meus braços estão dormentes, mas acredito que um deles deve estar quebrado pela forma estranha em que ele está. Eu começo a rir de modo insano. A dor é tanto que sinto a urina descer por minhas pernas.

O Ogro vem de novo para cima de mim, me vira de bruços, abre minha pernas e pela primeira vez entra em mim por trás. Ele me rasga, seu peso é absurdo em cima de mim. Ele não para, arremete sem parar. Eu tento me debater e ele segura meus cabelos e bate minha cabeça no chão. Escuro de novo.

Sou Laura, tenho meu namorado, tenho amigas, sou de uma turma meio da pesada da escola, mas ainda sou virgem.

Minhas amigas me chamam de Lay e minha mãe e meu pai me chamam de ursinho. Isso porque tenho cabelos muitos cheios e quando acordo, fico toda descabelada, parecendo um ursinho, isso quando eu era menor. Óbvio que hoje esse apelido não é mais bem-vindo. Mas mesmo assim a família insiste em me chamar assim.

Faço natação, inglês, estudo para entrar em uma boa faculdade, vou à igreja e nos finais de semana saio com minha turma. Já fumei maconha, bebo, mas sou virgem. ADORO ser virgem, acho isso muito legal, ter poder sobre minha sexualidade, controlar meus instintos e deixar meu amor louco. Amo isso. Na verdade eu amo o Mauro, e se tudo der certo, depois da faculdade vamos nos casar. Ele é...

— Ahhhhhhhhhhhh

Um calor intenso perto de minhas costas. Abro os olhos e estou no quarto com o Ogro, longe de tudo que amo e que sonho. Esse maldito está encostando um ferro de solda em mim. Mas sei que ele gosta de minha pele branca, e acredito que nunca vai me marcar. Estou sentada numa cadeira amarrada. Já senti tanta dor que nem sei mais se tenho todas as partes do meu corpo. Mas o Ogro parece se cansar.

— Que isso tudo te sirva de lição para você nunca mais fugir de mim. Deve ser grata por quem te ama e ninguém vai te amar mais do que eu. Agora engole seu leite.

Ele aproxima o leite da minha boca e empurra o líquido garganta abaixo, no último gole eu me engasgo com um pedaço mínimo do comprimido que ele sempre me dá. Ele coloca mais leite, sacode o copo e entorna o restante na minha boca.

— Não queremos ter um bebê agora não é mesmo?

Sei desde muitos meses atrás que todo dia de manhã, ele coloca um comprimido no meu café ou no meu leite. Já vi

resquícios desse remédio no fundo do meu copo. No começo achei que era para me envenenar, mas depois percebi que não, era um tipo de anticoncepcional.

Ele me põe em pé e me veste com um roupão grande e folgado, uma espécie de manta, ele tem várias dessas e sempre me dá uma nova a cada dois meses. São de tecido grosso, áspero e de cor escura.

Ele venda meus olhos, me pega no colo e me leva. Caminhamos por um bom pedaço. Escuto portas batendo, degraus, ouço o barulho de mais porta, e então sei que estou voltando ao meu buraco. Ele me coloca na cama.

— Já volto.

Eu mal consigo me mexer de tanta dor em meu corpo. Sinto meu braço direito, mas não sinto o esquerdo. Ele volta meia hora depois com uma maleta pequena e enfaixa meu braço, me faz uns curativos e me dá uns comprimidos. Eu olho para ele, olho nos olhos dele.

— Não me olhe com esse ódio e nem pense em fugir de novo, da próxima vez eu mato você.

— Não faz diferença, eu já estou morta mesmo.

— Você não imagina o longo caminho que ainda posso fazer você percorrer até chegar às portas da morte.

Ele sai e eu fico ali, olhos vidrados no nada, corpo dormente,
mente caminhando para o mais escuro e negro ódio.

Parte 6 - Dia 1736

(Desistindo da vida)

Eu cresci aprendendo que devemos amar o próximo, perdoar nossos inimigos. Mas ninguém me preparou para o que o

Ogro me faria passar. O tamanho do meu sentimento por ele é algo que nunca mais vou sentir por ninguém com a mesma profundidade. Tenho certeza disso.

Já amei muito, já senti muita saudade, já senti imenso carinho. Mas nunca senti tanto ódio como o que sinto agora.

Sinto-me capaz de comer cada pedacinho da carne do Ogro. Retirar cada órgão interno dele, e sentir o sangue dele em minhas mãos. Quero pegar seu coração e senti-lo pulsando. Não gosto de me sentir assim, mas é como me sinto nesse dia.

Já faz dois dias que ele quebrou meu braço. Desse dia em diante nada mais foi como antes. Não foi o fato de ele quebrar meu braço e sim o tamanho da crueldade com que ele me tratou depois da minha tentativa de fuga.

Eu agora sei que ele frequentava a minha igreja, sei que tem uma esposa e até mesmo uma cozinha “limpa e organizada”.

Como pode um ser que se diz humano como o Ogro ter esposa, ter uma casa normal e até frequentar uma igreja e ter dentro de si esse demônio em forma de gente?

No primeiro dia depois dele ter quebrado meu braço ele teve que vir me alimentar, mesmo eu me recusando a comer, ele empurrou a comida na minha boca.

Já ontem eu consegui me levantar, a dor no meu corpo ainda era grande, meu braço continuava imobilizado, mas já podia me mover melhor, fazer minhas necessidades.

Hoje pela manhã senti o Ogro me olhando de uma forma diferente, algo como um misto de preocupação e curiosidade.

Até hoje, nesses mais de quatro anos de cativeiro, eu sempre lutei, sempre reagi, sempre tentei de uma forma ou de outra conviver com esse drama. Mas eu não consigo mais lutar. Vou me entregar, sinto minha alma morrendo, minhas forças mentais acabaram. Eu nunca vou sair daqui, vou morrer aqui nesse buraco, ele vai me enterrar e vai em busca de outra vítima.

No dia em que eu cheguei aqui no buraco, eu senti que já tinha morado alguém aqui antes. Embaixo da cama onde durmo achei uma calcinha rasgada. Era uma calcinha menor que as que eu usava me levando a entender que a vítima anterior era mais nova que eu.

Unindo todas as minhas experiências que vivi nesses anos aqui trancada, com a certeza de que eu não fui a primeira e com a impressão de que o Ogro sempre pode ficar mais cruel do que antes, sei que vou morrer aqui. Então para que lutar? Para que resistir?

Hoje eu me levantei para fazer minhas necessidades, comi um pedaço de pão e chorei. Sempre chega uma hora em que o ser humano deixa de ser humano, deixa de ter esperanças, e hoje cheguei ao meu limite.

O Ogro surge na portinhola para me trazer meu almoço. Ele entra e me olha. Eu nem levanto os olhos. Estou deitada, reta, esperando a morte. Sinto muita dor na minha barriga. Muita dor no meu braço e na minha cabeça.

— O que você tem? Eu cuido bem de você, não cuido?

Eu nem respondo, na verdade eu mal escuto suas palavras. Gostaria de pensar em minha mãe nesse momento, no cheiro bom que ela tem, no meu irmão com quem eu brigava muito, mas que também era meu parceiro de aventuras.

Quero me lembrar da colônia de Mauro e do seu abraço afetuoso. Quero me lembrar das risadas de minhas amigas e das minhas fugas na madrugada para fumar escondido e rir da vida. Quero apenas por um momento ser feliz de novo, ter pensamentos que não de morte e de dor.

A quem eu quero enganar quando leio, faço meus desenhos na terra e até tento me exercitar dentro desse inferno maldito? Vou morrer aqui e meus esforços apenas prolongam a minha vida para a satisfação do Ogro.

— Você precisa reagir, não pode ficar abatida assim, o que te aconteceu é resultado da sua rebeldia. Se você fosse uma boa menina nada disso teria acontecido. Vamos fazer assim, se

você se comportar melhor, começar a sorrir de novo e levantar dessa cama sendo uma menina linda como sempre foi, eu te trago um novo livro, que tal?

Eu não respondo, mas a maldita esperança e vontade de viver de novo surgem em mim e ideias brotam para, quem sabe, conseguir avisar ao mundo exterior que ainda estou viva. Mas eu não quero mais lutar, não quero mais tentar.

Afinal, viver para que?

Parte 7 - Dia 1741

Um novo plano

Mais cinco dias se passam e o Ogro agora vem me ver três vezes por dia, sempre mais cuidadoso, sempre tentando ser mais carinhoso. Não me estuprou mais, traz sempre comidas melhores. Mas eu continuo apática, estática, sem demonstrar esperanças. Mas dentro de mim eu formo um plano.

Eu jamais achei que ele iria realmente se preocupar em me perder, mas pelo visto ele se preocupa, afinal não deve ser fácil sair raptando pessoas por aí. E eu já estando aqui, torno tudo mais fácil para ele que não quer perder seu brinquedinho. Mas eu agora sei que ele sente medo de me perder e posso usar isso a meu favor. Vou continuar aqui, estática, morta, sem vida, sem cor.

— Porque você não se levanta um pouco? De umas volta pelo quarto, faça ali seus desenhos ou leia. Reaja, você está fedendo, está apodrecendo. Amanhã vou te levar para o banho, hoje não dá ainda. Mas preciso que você melhore. Não gosto de você assim.

A alimentação que ele me trás é cada vez melhor, cada vez mais farta. Estou mais forte a cada dia, mas não demonstro isso para ele.

— Vamos fazer o seguinte: vou te trazer um novo livro, que tal? Sei que você gosta de livros, que livro você quer?

Eu fico calada

— Se não me disser não posso te agradar, como vou te dar um presente se não sei do que você gosta?

Ele se aproxima de mim e me dá um beijo na testa. Sinto vontade de cravar meus dentes no pescoço dele. Mas anda não, agora não. Ele me olha, toca meu rosto.

— Ursinho, você é tão linda.

Eu fecho os olhos, vejo minha mãe na pia da cozinha me chamando de ursinho, e uma lágrima escorre pelo meu rosto.

— Não chore ursinho, você vai ficar bem, eu vou cuidar bem de você.

Ogro maldito. Mas eu não reajo, seguro dentro de mim todo esse misto de sentimentos. Ele alisa minha perna, minha barriga, por cima de meu vestido sinto a mão grande dele. Posso ver de relance seu pênis endurecendo. Ele está com muita vontade, sei disso, já faz mais de uma semana que ele não me estupra. Mas eu nem me movo.

— Se você não ficar boa logo não me servirá – ele grita de repente.

Ele se irrita e sai.

Mas eu sei que ele está só jogando comigo, ele sabe que ainda posso ser muito útil. E assim permaneço ali estática.

Sempre fui estática nos momentos de estupro, mas nunca de forma semimorta como agora. E isso o aborrece, o enoja. E eu me sinto bem.

Se ao menos ele não tivesse achado a faca que eu trouxe lá de cima, a hora seria essa para abrir sua garganta e beber seu sangue, mas tudo no seu tempo.

Parte 8 - Dia 1743

Estou dando vazão a meu plano.

Eu já consigo me movimentar sem sentir dor, meu braço já está bem melhor. Mas toda vez que sinto o Ogro se aproximando da portinhola eu me deito e assumo minha posição de semimorta. E ele está ficando confuso, sem saber se me agrada ou se me força.

Mas até o momento ele tem se mostrado cuidadoso ao extremo comigo. Se eu soubesse que fingir desapego total a vida o faria ficar assim jamais teria tentando viver normalmente dentro desse buraco.

Ontem ele me vendou e me levou para cima para o banho. Mas dessa vez foi bem diferente. Ele me levou com calma e cuidado. Sentou-me numa cadeira e com uma esponja macia me lavou toda, sem me tocar intimamente.

Sei que isso deve ter sido um tremendo sacrifício para ele, mas ele está se contendo para que eu reaja, para que eu mostre que estou melhor de saúde e de animo. Isso não vai acontecer. Ele colocou uma roupa limpa em mim. Penteou meus cabelos e me devolveu para o buraco sem nenhuma violência ou estupro.

Ele vem chegando. Eu me deito e viro o rosto para a parede, não sem antes me concentrar ao máximo para parecer mais moribunda do que realmente estou. Ele entra e me trás o almoço. Coloca o prato em cima da mesinha. Ele se aproxima.

— Eu estou com saudades de você ursinho, do seu gosto, do seu calor, até de seus gritos de raiva. Vamos brincar um pouco?

Eu me desespero. Não é possível que vá começar tudo de novo. Ainda não estou preparada. Ele chega bem próximo de mim, do meu rosto, eu estou deitada e ele em pé ao meu lado. Ele segura meu rosto e me vira para ele. Abre o fecho das calças e projeta para fora seu membro. Está excitado. Ele esfrega seu membro nojento na minha boca.

— Vamos lá ursinho. Um beijinho só.

Eu nem me movo. Ele enfia lentamente os dedos na minha boca e a abre. Eu reviro os olhos como se mal conseguisse manter os olhos abertos. Ele não desiste e enfia lentamente o membro na minha boca. Eu já sabia que em um momento ou outro isso iria acontecer de novo e me forço ao máximo. Consigo. Vomito muito em cima das calças dele.

— Que nojo. Você é uma escrota, nojenta. Deve estar morrendo mesmo, sua imprestável.

Ele se afasta tentando se limpar, mas o vômito estava por toda a calça dele. Ele sai quase que correndo do buraco e eu não consigo segurar o riso.

Agora vamos mudar esse jogo.

Chegou minha vez de jogar.

Parte 9 - Dia 1748

Ele fica quase quatro dias sem entrar no buraco, só coloca meu alimento pela portinhola. Mas o balde de fezes está cheio e uma hora ou outra ele terá que entrar. Quase na minha hora de ir dormir ele vem. Entra e remove o balde cheio de fezes. Volta meia hora depois e coloca o balde de volta agora limpo. Sempre me olhando de lado. Eu deitada, sem me mover, começo a gemer.

Ele se aproxima.

— O que foi agora? Não vai levantar dessa cama?

— Preciso de remédios.

— Remédios? Você não está doente, está é podre, morrendo. Vou te trocar por outra logo.

Do fundo da minha alma nasce uma criatura imensamente falsa que diz:

— Eu quero ficar com você.

Ele se surpreende. Olhando-me com olhos bem abertos:

— O que você disse?

Eu viro meu rosto para ele e repito:

— Eu quero ficar com você, mas preciso de remédios.

— Que remédios? Que história é essa?

— Vitaminas. Preciso de vitaminas, não vejo o sol aqui, não tenho mais forças.

— Mas tudo que trago você come, pensa que sou idiota?

Eu viro lentamente meu rosto de volta para a parede e ele fica ali parado por vários minutos e sai. Eu fico curiosa. “Será que funcionou? Será que ele é mais inteligente do que eu pensei?” Dois dias se passam e ele volta.

— Ursinho, você está melhor?

A falsa em mim toma forma:

— Quero me levantar, mas não consigo.

— Mas o que há de errado?

— Não sei, não sinto meu corpo, não tenho forças.

Ele se aproxima mais de mim e me testa:

— Me dá um beijo.

Puxo do fundo do meu ser uma tolerância que jamais achei que tivesse e faço um leve biquinho, ele se aproxima e enfia a língua na minha boca. Eu não reajo, mas também não o evito. Ele se afasta e coloca minha mão no membro dele. Eu tento fazer um leve carinho e o rosto dele todo se ilumina.

GRANDE IDIOTA.

Mas minha mão cai “sem forças” e eu dou um suspiro longo. Ele me olha desconfiado, mas ao mesmo tempo tentado a

acreditar em mim. Ele sai. No dia seguinte ele volta. Ele chega esperançoso.

— Trouxe seu remédio, ursinho.

E se aproxima de mim com uns comprimidos.

— O que é isso? - eu pergunto.

Vejo no rosto dele uma esperança renovada, afinal em todos esses anos nunca falei com ele como se ele fosse gente.

— São vitaminas. Vitamina A, B, D e um pouco de ferro também. Acho que se você tomar umas vitaminas por uns dias você ira se sentir melhor.

Eu engulo as vitaminas e ensaio um sorriso. Ele sorri largamente de volta e se sente vitorioso.

OTÁRIO.

Como os homens em sua prepotência podem achar realmente que sabem de alguma coisa?

No dia seguinte e no outro e no outro, ele sempre trás comida, frutas, vitaminas. Eu me sinto forte, lúcida, esperta e ágil agora. Tenho feito até uns exercícios. Logo estarei pronta para colocar meu plano em ação.

Isso meio que parece um filme, mas não é, é o real acontecendo comigo agora, e eu tenho realmente que tentar, de uma vez por todas, ser inteligente e usar minhas forças para sair daqui, e se não der certo vou fazer com que ele me mate de uma vez.

Parte 10 - Dia 1.752

(Um dia de sol depois de quatro anos embaixo da terra)

Estou ficando mais forte. E o Ogro cada vez mais confiante. Hoje cedo ele trouxe meu café da manhã “reforçado” e conversou comigo. Ele fala e eu só fico olhando para ele, escutando e amadurecendo meu plano.

Hora do almoço.

Ele volta.

Está com um sorriso no rosto.

— Tenho uma novidade para você. O caminho está livre e vou te levar lá em cima para um banho de sol. Que tal?

Dentro do meu peito sinto algo pular, tenho vontade de gritar, berrar de ansiedade e possibilidades, mas fico calada e só observo.

— Não vai dizer nada? - ele pergunta um tanto aborrecido.

— Tenho medo – digo eu.

— Por quê? - ele pergunta.

— Nunca mais vi o sol, já faz muito tempo..

— Não se preocupe. Você está ficando mais forte, posso sentir isso, devia se movimentar como antes, e subir para um banho de sol será ótimo para você – ele afirma confiante.

Eu nada falo, mas ensaio um sorriso. Ele se aproxima de mim com aquela boca enorme e nojenta, como que pedindo um beijo. Tem coisas nessa vida que você não sabe se é um pesadelo ou o inferno na terra. Ele se aproxima mais e mais projetando a língua para fora.

Eu suspiro, puxo de dentro de mim uma força sobrenatural e entreabro meus lábios. Ele projeta para dentro da minha boca aquela língua que vai até o fundo da minha boca. Ele segura minha nuca, agarra meus cabelos e força um beijo profundo. Eu suporto calada.

Para ele isso já é um avanço

Eu sempre ouvi dizer que estupradores gostavam quando reagimos, e desprezavam quando cedíamos, mas o Ogro tem se mostrado diferente, acho que depois de tanto tempo de confinamento e vida em comum, ele está apegado a mim com um amor doentio e infernal. Ele se afasta e me olha, vejo um brilho diferente nos olhos dele. Satisfação. Eu dou meu sorriso “amarelo” para aquele maldito e ele sai satisfeito.

Duas horas depois ele volta.

— Vamos para nosso banho de sol?

Eu estou sentada na cama. Estática, mas guardando dentro de mim as forças que tenho. Se ele me der uma brecha será hoje o dia de colocar meu plano em ação. Mas se não der hoje, não vou eliminar possibilidades. Ele pega na minha mão e me levanta. E com ele vou em direção à porta.

Meu coração acelera. Ele não me amarra. Como assim meu Deus? O que está acontecendo? Porque ele não me amarrou? Sinto meu corpo todo arrepiar de expectativa.

Ele abre a porta e me conduz túnel acima. Abre outra porta e estamos dentro do quarto que eu já tinha visitado no dia da frustrada tentativa de fuga. Temos uma tênue claridade aqui no quarto. Ele segura minhas duas mãos juntas, se aproxima bem de mim e sussurra no meu ouvido:

— Você está feliz? Quer muito esse passeio não é?

Eu nada falo. No escuro ele não consegue ver meus olhos que tentam captar o máximo possível do ambiente. Já estive ali, mas quero saber mais e mais. Se eu não conseguir fugir dessa vez, acumularei conhecimentos para a próxima.

— Preciso que me responda – diz ele apertando minhas mãos.

Ele é três vezes maior e mais pesado que eu. Não adianta tentar correr, claro, ele me derruba e tudo vai por água abaixo. Permaneço calada. Ele segura meu rosto com força e aumenta o tom de voz:

— Estou falando com você.

— Sim, sim – eu balbucio.

— Sim o que?

— Quero esse passeio.

— Ótimo. Então me mostre - diz ele.

Minha atenção sai dos detalhes do quarto e volta-se para ele.

“O que vem agora?”

Ele me testa, estou certa disso. Ele solta minha mão, o quarto é pequeno e vejo o brilho da chave na porta de saída do quarto.

“Será que?” – penso eu.

Ele coloca as mãos nos meus ombros e me empurra para baixo me forçando a ficar de joelhos.

Eu entendo o recado. Ele abre a calça e vejo que está excitado.

— Tudo depende de você. Podemos ser felizes ou posso te matar. Já tenho sua cova feita lá fora. Minha esposa foi viajar, terei todo tempo do mundo para picar seu corpo em pedaços, limpar tudo e jamais alguém saberá o que aconteceu. Mas se você for uma mocinha boa, muito boa, poderá voltar a ser meu ursinho. E dessa vez teremos um novo tipo de vida. Banhos de sol, banhos sem violência, e quem sabe até te compro presentes.

Eu percebo que ele continua o mesmo animal, só que agora eu tenho planos. Eu olho para aquele membro enorme a minha frente, um cheiro de podre vem dele, cabelos e sujeira na minha frente.

Eu não consigo me mover. O ódio é tão grande em mim que sinto como se o quarto se fechasse a nossa volta e o inferno se abrisse em negra perdição. Eu respiro com calma. Tento me concentrar, quero mordê-lo, matá-lo, sangrá-lo.

Mas não sei se darei conta de fazer isso e fugir. E se ele me dominar? Todos esses dias de fingimento e controle serão desperdiçados.

O Ogro se impacienta e segura minha cabeça mais perto dele, esfrega meu rosto nele. E eu sinto ânsia de vomito.

“Calma, respira, inspira, não posso vomitar agora” – penso eu.

— Vamos lá ursinho, mostre sua boa vontade. Mostre o amor por mim que sei que está guardado no seu peito.

Escroto maldito, quem nesse universo infeliz pode amar uma criatura demoníaca assim?

— Estou esperando. Vamos logo – ele diz aumentando o tom da voz.

Eu abro um pouco a boca e ele já impaciente, me sufoca com seu membro me forçando a fazer aquilo que por anos me neguei.

— Vamos, vamos – ele começa a gritar.

E para não colocar tudo a perder eu cedo e faço sua vontade. Sem saber direito como fazer, eu passo a língua no membro dele.

Não demora mais de dois minutos e ele consegue seu intento. Ele goza na minha boca e eu percebo que nunca mais serei a mesma pessoa.

Eu sento no chão, ele desaba ao meu lado. Aquele monstro enorme deitado no chão. Ele coloca a cabeça no meu colo.

“Que mundo doentio é esse onde ele realmente imagina que “fizemos amor” e que agora vou fazer carinhos nele?”

— Eu te amo ursinho. Te amo – ele diz em voz baixa enquanto esfrega a cabeça em minha barriga como a pedir afagos.

CAPITULO II - Parte 1 – Clara

Clara era uma jovem linda, trabalhadora, com uma alma boa e olhos que brilhavam sempre que ela sorria. Ela frequentava a igreja local e dava aulas no colégio secundário da mesma cidade. Seus pais a criaram com muito amor, e ela era o orgulho de sua família.

Clara andava sempre feliz ajudando a todos quanto podia, tinha um grande coração e nunca achava que havia maldade nas pessoas, era como se por trás daquele rosto de ser humano, morasse um anjo.

Clara era assim. Quando ela fez 23 anos, sua família deu uma grande festa no galpão anexo da igreja. Eram muitos convidados, mais de cem pessoas. Clara estava no andar de cima se arrumando, colocando um vestido azul que acentuava sua cintura fina.

Escolheu sapatos de salto alto ficando ainda mais esguia do que já era. Clara sempre cuidava de sua alimentação e corria no parque diariamente. Para ela, era preciso cuidar do corpo, da mente e da alma.

Na hora da festa, Clara mal podia dar atenção a todos os seus convidados, muitos amigos vieram e os presentes eram diversos. Em certo momento Clara se virou muito rápido com um copo de suco de frutas nas mãos e derramou um pouco da

bebida na blusa do estranho rapaz que havia parado em sua frente.

— Mil perdões – disse Clara rapidamente.

— Não te perdoo – disse o estranho rapaz.

Clara levantou os olhos e encarou o estranho, existia um brilho diferente no olhar dele que ela não conseguiu identificar. Um silêncio se fez entre eles e Clara sentiu um arrepio na sua nuca, mas antes que ela se afastasse, ele sorriu e disse:

— Claro que te perdoo minha princesa.

Clara não sabia se ficava zangada ou se sorria. Ela não conseguiu desviar seus olhos do estranho rapaz.

— Eu conheço você? - perguntou Clara ao rapaz.

— Acho que não, sou novo na cidade, mas escutei o barulho da festa e resolvi entrar, quando percebi que era um aniversário e que você era a aniversariante, eu revolvi sair e buscar isso para você.

O rapaz mostrou uma linda caixa de madeira, toda feita à mão, uma espécie de porta joia.

Clara ficou deslumbrada, mas não sabia bem como reagir. Ela já teve alguns namorados, sabia como lidar com cantadas e afins, mas a forma como a voz daquele rapaz soava baixa e obscura, o olhar penetrante dele, fazia com que ela sentisse algo que nunca havia sentido.

— Eu agradeço, mas não posso aceitar, não conheço você.

— Sou Estevão, moro no fim da rua, sou marceneiro e cheguei à cidade mês passado. Pronto, você já me conhece, pode aceitar o presente agora?

Clara não conseguiu resistir e sorriu para ele. Eles conversaram mais um pouco e quando os amigos de Clara se aproximaram, Estevão se despediu e foi embora.

Morando perto um do outro, eles passaram a se encontrar com mais frequência. A família de Clara não aprovava totalmente a amizade dela com Estevão, mesmo que ele fosse frequentador da igreja, tendo seu próprio trabalho e não sendo dado a “vícios”. Mesmo assim, a família e os amigos dela achavam estranha a forma dele agir, o modo como ele falava sempre baixo.

Mas isso não fazia muita diferença para Clara, que à medida que se encontrava com Estevão, se apaixonava mais e mais. O tempo foi passando e as pessoas na cidade foram se acostumando com o estranho casal que passava de um lado para o outro sempre de mãos dadas e juntos. Não podiam falar nada contra Estevão, que aparentemente, não fazia nada de errado e tratava Clara com amor e carinho.

Em certo dia, Estevão foi convidado a almoçar na casa de Clara. Ele não queria ir, mas ela insistiu muito e ele foi. No decorrer do almoço ele não se manifestou. Nada falou ficando sempre de cabeça baixa. A prima de Clara, que sentou ao lado de Estevão, sentia um cheiro estranho vindo dele e achou que

ele comia rápido demais. Mas nada comentou até terminar o almoço, quando então, levando as louças para a cozinha, ela perguntou a Clara o que ela tinha visto nele.

— Ele é trabalhador, é inteligente e gosta muito de mim – disse Clara.

Silvia, a prima de Clara, balançou a cabeça e nada respondeu. “Como uma moça linda dessas vai se enrolar logo com um estranho como ele?” – ela indagou para si mesma.

Mas o casal continuou unido e após um ano, Estevão comprou um sítio na área rural da cidade, um pouco afastado demais para o gosto de Clara, mas ele garantiu que era somente para guardar suas ferramentas, seu carro e uns trabalhos maiores de marcenaria que ele fazia. Além do mais ele dizia que gostava de cavalos e de bois e só poderia ter seus bichos se fosse mais afastado do centro da cidade.

O tempo passou e o momento de casar chegou. Três anos depois de se conhecerem, de aguentarem rumores estranhos e olhares de desgostos, Clara e Estevão se casaram na igreja em uma das maiores festas que a cidade já tinha visto.

Estevão até sorria e foi simpático com todos, foi uma festa linda e todos acreditavam que realmente poderiam ter se enganado a respeito de Estevão.

Os pais de Clara deram ao casal uma casa na cidade. Uma casa pequena, simples, mas bem confortável. Estevão não gostou muito, quis rejeitar o presente, mas Clara insistiu,

implorou e ele cedeu. Combinaram que eles morariam na casa da cidade, mas que às vezes iriam ao sítio dele passar uns dias.

Com o tempo, morando juntos, dormindo na mesma cama todo dia, Clara passou a notar certas particularidades que não tinha percebido antes e que, de certa forma, a desagradavam. Como por exemplo, a ausência de higiene da parte dele, o não costume de escovar os dentes com frequência, a forma desmazelada que ele deixava suas roupas sujas.

Quando eles namoravam, ele até que aparecia uma vez ou outra um pouco mal vestido ou com certo odor mais forte, como no dia do almoço em família. Mas eram raros episódios e Clara os ignorou.

Falando com Estevão sobre o assunto da forma mais delicada que ela conseguiu, ele até que mudou uma ou outra prática, mas quando ele ia para o sítio, ele se esquecia de tudo, até mesmo de tomar banho e Clara se sentia cada vez pior com aquelas idas ao campo.

Alguns anos depois, Clara trabalhava mais e mais e Estevão comprou mais bois, dizendo então que precisava ficar cada vez mais no seu sítio. Até que ele passou a ficar mais tempo lá do que na casa da cidade. Clara, no começo, até tentou reclamar, eles brigavam, ele amedrontou um pouco ela, falou firme, mas sem agressão. Ela, querendo paz, se calou, ela

o amava, de um jeito que ela não sabia explicar, mas amava. E se ele ficava feliz em estar dois ou três dias da semana no sítio com seus afazeres, ela não ia reclamar. O importante é

que quando ele chegasse em casa, ele tomasse seu banho, fossem felizes e ficassem em paz.

Ela ia ao sítio arrumava a casa, deixava tudo o mais limpo possível, trocava os lençóis, toalhas, lustrava os móveis e as louças e então voltava para a cidade. No começo, ela também achou que ele poderia estar tendo um caso, como algumas amigas começaram a fofocar, mas Clara percebeu que o sítio ficava isolado de tudo e de todos, eram horas de distância até chegar a casa mais próxima, o que na visão dela inviabilizava outra mulher na vida dele.

E assim, Clara ficava mais na cidade e Estevão ficava mais no sítio, de modo que eles viviam felizes e em paz. Quando chegava em casa, Estevão sempre trazia leite fresco, queijo, mimos de madeira que ele tinha feito. No sítio ele fazia seus trabalhos e trazia para a cidade para vender.

Clara, anos depois de se casar, descobriu que não podia ter filhos, foram tempos difíceis, sofridos, em que Estevão esteve do lado dela sempre. Eles compraram um cachorrinho, um gato e até alguns passarinhos para companhia de

Clara na casa da cidade. E novamente a paz se fez.

A cidade onde o casal morava era uma cidade do interior e não raras eram as vezes que Estevão precisava ir viajar a outras cidades maiores para comprar equipamentos e ferramentas novas para sua marcenaria e foi numa dessas viagens que Estevão viu Laura pela primeira vez.

Ele estava saindo da casa de um amigo carregando caixas de cola para madeira, quando viu, do outro lado da rua, um anjo trocando de roupa.

Ele já tinha visto anjos antes, já tinha comido anjos, mas nunca como aquele. Ele ficou olhando por um longo tempo e soube, com a maior certeza da sua vida, que tinha que possuir Laura para sempre.

Parte 2 – Fanny

Fanny era uma menina de 13 anos.

Morena, baixa, de olhos puxados. Ela estava voltando da escola numa sexta feira à tarde, quando um homem grande e estranho parou na sua frente.

Ela não sabia o que dizer, tentou desviar, olhou de um lado para o outro na rua, mas poucas pessoas estavam passando. O homem sorriu e ofereceu a ela uma caixa de madeira com uma rosa entalhada em cima. Ela desconfiada, não quis tocar na caixa, mas ele insistiu, disse que era presente, e ela pegou a caixa, abriu, dentro havia uma flor. Ela achou bonita.

— É sua. Um presente do seu tio – o estranho homem disse.

— Que tio? - Fanny perguntou.

— Eu sou seu tio, irmão de sua mãe – ele disse.

— Não conheço você – disse Fanny.

— Cheguei ontem na cidade.

— Bom, acho melhor eu ir para casa – disse Fanny.

— Sim, eu te levo – disse o homem.

Fanny novamente olhou de um lado para o outro, e viu uma senhora passando e cumprimentando o estranho homem. Isso fez com que ela sentisse segurança em ir com o homem. Ela

entrou na caminhonete dele. Foi à última vez que Fanny foi vista, mas estranhamente ninguém soube descrever com precisão o homem que estava conversando com ela naquela tarde.

Estevão levou Fanny para fora da cidade. Quando ela percebeu que estavam indo em direção oposta a casa dela, ela tentou gritar. Estevão deu um soco no rosto dela e ela desmaiou. Ele dirigiu por mais de uma hora até chegar a uma encruzilhada. Ele parou o carro e Fanny começou a acordar.

Antes que ela despertasse por completo, ele já estava em cima dela no banco do carro. A estrada deserta era perfeita para o que ele tinha em mente. Com a menina gritando, ele a imobilizou com uma só das suas grandes mãos, enquanto a outra abria a calça e arrancava as roupas da menina. Ali mesmo ele a estuprou e a estrangulou.

O gozo que ele sentiu no estupro foi tão grande quanto o que sentiu quando colocou suas mãos grandes naquele pescoço tão pequeno. Ele pode ver o brilho dos olhos de Fanny sumindo aos poucos, e as últimas palavras que ela conseguiu balbuciar foram algo como: “mãe, minha mãe...”

Com o corpo inerte de Fanny nos braços, Estevão entrou na floresta que margeava a estrada, caminhou por dez minutos com a menina nos braços, até chegar perto de uma montanha pequena de pedras. Ele jogou o corpo dela no chão, retirou o resto das roupas rasgadas dela, abriu bem suas pernas e ficou olhando para o corpo nu de Fanny, ali no chão, desprovido de

vida, pequeno, singelo e já ficando com uma tonalidade arroxeada. Mas não foi o suficiente e

Estevão abriu novamente suas calças e estuprou de novo o corpo sem vida de Fanny.

Terminando, ele urinou nela, e com as pedras que encontrou, cobriu o corpo da menina. Foram mais de 40 pedras de tamanho médio até conseguir construir uma pilha estranhamente montada que escondesse o corpo da menina.

Estevão voltou a sua caminhonete e dirigiu de volta para os braços de sua jovem esposa. Era a primeira vez que ele dava vazão a todo seu desejo sexual pervertido por anjos.

Parte 3 – Cíntia

Cinco meses depois, Estevão começou a cavar um grande buraco embaixo do seu sítio, mais especificamente no chão do segundo quarto. Foram mais de dois meses de escavações e depois de muitos e muitos amontoados de terra, ele tinha um espaço quadrado feito exatamente embaixo de um dos quartos do sítio...

Ele construiu um túnel descendo até o buraco, fez uma porta para sua entrada e uma portinhola para introduzir coisas no buraco sem precisar entrar nele. Não foi algo fácil de se fazer, mas não precisou esconder muita coisa de ninguém, uma vez que sua casa de sítio era afastada de tudo e de todos e sua jovem esposa pouco ficava no sítio.

Em um sábado de sol, Estevão testou todo seu sistema de escavação, desceu até o buraco, testou as paredes de barro socado, testou a porta e a portinhola e se deu por satisfeito. Seu "quarto do prazer" estava pronto.

Na parte da tarde, ele foi até a cidade vizinha e comprou uma cama e alguns poucos objetos. Sem ter a quem dar satisfação, desmontou a cama e aos poucos levou tudo para o buraco. Ele mal podia esperar para testar seu "engenhoso" invento.

Em uma cidade que ficava a uns 300 km de onde morava Estevão, estava acontecendo uma festa regional, muitas pessoas vestindo roupas coloridas, muitos balões, muitas

crianças. Ele ficou parado em um banco segurando um grande algodão doce. Não comia, só segurava e observava.

Cintia tinha chegado à festa já fazia uma meia hora e nada de encontrar suas amigas. Ela tinha 15 anos, mas aparentava menos, era baixinha, cintura fina, cabelos longos e negros, olhos verdes e uma boca pequena. Olhando de um lado para o outro não viu suas amigas, mas reparou no homem que olhava para o chão e parecia procurar algo desesperadamente. Cintia se aproximou e perguntou:

— O senhor precisa de ajuda?

— Não minha filha, eu me viro sozinho – disse o homem.

Cintia se afastou um pouco, mas percebeu que o homem apoiou a cabeça nas mãos e parecia chorar. Ela voltou até ele e insistiu:

— O senhor não quer ajuda mesmo?

Ele levantou os olhos e disse:

— Perdi minha caixa de remédios e sem eles posso passar mal a qualquer momento.

Cintia estranhou a resposta, o homem parecia grande e forte, mesmo ali sentado com cara de choro, mas como já tinha se oferecido para ajudar, não podia voltar atrás.

— Vou tentar lhe ajudar, onde o senhor perdeu?

— Acho que quando eu sentei aqui já não estava mais com a caixa de remédios no bolso — disse o homem.

— Mas o senhor veio de onde?

— Vim do meu carro. Será que está caindo lá próximo?

— Sim, pode ser, vamos até lá que eu lhe ajudo – disse Cintia.

O homem se levantou, meio que encurvado, e andou vagarosamente ao lado de Cintia, deixando para trás, caído no chão, seu algodão doce.

Depois de caminhar até o estacionamento do parque onde estava acontecendo a festa, Estevão se aproximou da sua caminhonete, acompanhando de Cintia que tentava achar no chão a caixa de remédios que ele disse ter perdido.

Aproximando-se do carro, Estevão tirou a chave do bolso, abriu a porta e fingindo procurar algo no chão do carro, pegou um lenço e um vidro com um líquido transparente, derramando rapidamente um pouco no lenço.

— O senhor achou seu remédio? - perguntou Cintia.

Estevão se virou bem devagar e aproximando-se de Cintia com uma das mãos para trás, disse:

— Sim, veja.

Cintia se aproximou e Estevão, olhando rápido para os lados, certificou-se de que não vinha ninguém, e tapou a boca da

menina com o lenço. Em menos de um minuto a menina já estava desmaiada e sentada no banco da caminhonete.

Desse dia em diante ninguém mais viu Cintia com vida.

Horas depois, Cíntia despertou dentro de um buraco frio e escuro. Ela gritou, se desesperou, chorou. Mas nada pode poupá-la de todo sofrimento que estava por vir.

Durante 5 dias, Estevão a estuprou de todas as formas que conseguiu. Eram dias inteiros, onde ele a estupra até várias vezes levando a pobre menina a desmaiar de dor. Ele jogava água no rosto dela e começava tudo de novo.

Mas Cintia era fraca, era pequena, tinha diabetes e ao fim do quinto dia a menina morreu enquanto Estevão estava em cima dela se satisfazendo. Quando ele terminou, curvando-se para dar um beijo nela, ele percebeu que ela não mais respirava.

— Merda, que menina inútil – ele gritou decepcionado que sua diversão tivesse durado tão pouco tempo.

Estevão tirou o corpo sem vida de Cintia do buraco, fez uma cova profunda no quintal de seu sítio e lá ele a enterrou.

Parte 4 – Linna

Oito semanas depois Estevão pegou Linna, uma menina de 15 anos, muito loira e sardenta. Ela tinha um lindo sorriso com covinhas, e adorava andar de bicicleta nas tardes depois do colégio. Em uma dessas andanças pelas ruas mais afastadas da cidade, ela encontrou Estevão debruçado em cima do corpo de um gatinho morto. Ele parecia estar tentando ajudar o gatinho.

Linna parou sua bicicleta e foi ao encontro de Estevão para ver se podia ajudar. Antes que ela percebesse que o gatinho não era de verdade, Estevão já tinha acertado sua cabeça com um soco derrubando ela no chão, desacordada.

Linna foi forte, foi valente, sobreviveu por 19 semanas no buraco. Sete semanas após sua chegada, Linna sentiu dores e sensações estranhas na barriga e em uma das visitas de Estevão, ele percebeu que ela estava mais gordinha do que antes.

E desconfiado, imaginou que ela estava grávida.

Ele estava certo, uma semana depois, ela estava enjoada e vomitava muito e na semana seguinte ela já estava mais e mais gordinha na área abdominal. Estevão ficou sem saber como agir. Não estava nos planos dele ter um filho. E em um acesso de raiva, ele violentou Linna tão repetidas vezes que quando

ele parou, ela estava com um sangramento forte por entre as pernas.

Estevão se afastou satisfeito, imaginando ter conseguido se livrar do indesejado concorrente pelo corpo de Linna. No dia seguinte quando ele voltou ao buraco, ela estava morta.

Ele novamente tirou o corpo do buraco, dessa vez mais contrariado que das outras vezes, porque ele se sentia bem ao lado de Linna. Ela era resistente, não gritava, não se debatia, o fazendo imaginar que com o tempo eles poderiam vir a se “entender”.

Ele carregou Linna para longe do sítio dele, e na beira de um lago afastado, ele fez um grande buraco e enterrou ela, não sem antes colocar umas flores velhas e mortas em cima do buraco.

— Eu gostava tanto de você, loirinha.

Depois veio Sofia, cinco meses, morreu de desidratação. E veio Monica, 1 ano e meio, morreu asfixiada com os próprios cadarços, suicidou-se no buraco.

E em um domingo, depois da reunião matinal na igreja, Estevão disse a sua esposa que precisaria fazer uma grande viagem demorando em torno de um mês. Sua esposa reclamou, disse que não queria ficar tanto tempo longe dele, mas ele explicou que precisava comprar coisas novas para sua marcenaria e depois do almoço ele partiu.

Às quatro da tarde, Estevão parou seu carro perto da casa de Laura. Ele já vinha observando ela há semanas.

E quando ela saiu de casa, andando rua abaixo, ele a seguiu. Ela caminhou por mais umas duas quadras e entrou em um pequeno beco onde havia uma porta escura. Estevão já sabia que atrás daquela porta um rapaz esperava por Laura, eles estavam sempre se encontrando. E Estevão não queria que o rapaz provasse o gosto de Laura antes dele.

Antes que Laura batesse na porta, Estevão tocou no ombro dela.

Ela se assustou e deu passos para trás e antes que ela pudesse impedir, ele colocou um lenço com um cheiro forte na boca de Laura que desmaiou. Mas Estevão não podia sair dali com o corpo da menina nos braços, por isso ele a arrastou para perto de uma grande lixeira, e arriscando-se ao máximo, correu até sua caminhonete e trazendo seu carro, carregou o corpo de Laura até o banco do carona.

Mais ou menos 20 minutos depois, Laura acordou e percebendo o que tinha acontecido, começou a gritar dentro do carro de Estevão, que já estava na estrada rumo ao sítio. Ele rapidamente encostou o carro e acertou o rosto de Laura, fazendo-a desmaiar novamente. Laura só voltou a acordar dentro do buraco, onde viveria um longo tempo.

Parte 2 - Dia 1760

Hoje foi um dia diferente.

O Ogro me levou de novo lá para cima, para tomar sol, mas me levou algemada. Ele colocou uma algema dessas de polícia nos meus pulsos ainda antes de me tirar do buraco. Assim ficaria mais difícil para fugir, mas a esperança não iria embora do meu coração.

Nós subimos, ele não me vendou, isso era ótimo, confiança dele em mim ou será que ele ia me matar? Veio em mim essa ideia, se ele estava agindo de forma tão diferente e sem muitos cuidados, será que tinha chegado minha hora? Tanto faz. As duas alternativas seriam ótimas, ambas me dariam liberdade.

Quando eu subi, vi que tinha algo diferente na casa, um computador no corredor da sala, não tinha um computador lá na primeira vez que subi quando eu tentei fugir, tenho certeza de que aquele computador não estava lá.

Fomos direto para fora, o sol foi menos castigante dessa vez, fiquei uns minutos lá fora e em seguida ele me levou direto para a cozinha, achei estranho, fazia tempo que eu não ia para o banho.

— Não vou tomar um banho? - eu me atrevi a perguntar tentando sorrir.

Ele me disse que não, de forma grosseira.

— Não precisa mais – ele falou.

Isso me dá um arrepio na coluna, será que ele vai me matar?

Ele já não me estupra todo dia, eu devia estar feliz não é mesmo? Mas não estou feliz, estou preocupada, ele vinha fazer sexo comigo poucas vezes e nunca mais com tanta “ânsia”.

E eu estou cada vez mais preocupada, mas ao mesmo tempo, com meus planos de fuga, estou igualmente esperançosa. Mas para que ele precisa de um computador nesse fim do mundo? Eu não consigo parar de pensar nisso.

Ele me dá um copo de suco. Ele me olha de uma forma diferente, estranha, mais estranha que o habitual. Ele me puxa novamente para o buraco, me deixa aqui, fecha a porta e se vai. Sem mais nada, sem uma agressão, sem sexo, sem estupro.

O que pode estar acontecendo?

Parte 3 - Fernanda (Piedade?)

— Nandaaaaaaa, sai do computador e vem jantar.

— Já vou mãe.

— Agora Nandaaaaaa.

Minha mãe nunca tem um momento de paz comigo, que coisa mais chata. Sou Fernanda, tenho 15 anos, estudo e jogo vôlei na escola. Até mês passado eu namorava o Tony, paquerei ele por meses.

Meu pai, sempre rigoroso quis conhecê-lo e tivemos que passar por todo aquele protocolo ridículo, mas Tony dizia que me amava e se submeteu a uma visita interrogatória do meu pai.

E meu pai gostou dele e namoramos por quase um ano. Mas aí eu conheci o David, lindo, inteligente, sensível. Conheci o David na internet, em uma sala de bate papo, depois começamos a nos falar por e-mail. Ele me mandou fotos, cartões virtuais, poesias, ele era tudo que alguém poderia querer, ele me valorizava, me amava, me tratava como rainha, era tudo que Tony não era.

Tony era legal, mas era meio grosso e sem muito romantismo., David não, David dizia coisas lindas, no momento certo, na hora certa. Eu ansiava sempre por estar mais e mais com David.

Ele me fazia sentir especial, eu me sentia importante, amada e desejada como nunca. Ele era um rapaz maravilhoso, estava no começo da faculdade e tinha 18 anos. Um verdadeiro príncipe.

Conversei com ele diariamente durante dois meses, me afastei dos meus amigos, das reuniões de família e até do meu namorado. Eu só pensava nele, terminei meu namoro para ficar com ele, e conversávamos todo dia. Sempre que dava eu entrava na internet para falar com ele. Não podia falar por telefone porque meu pai ainda não tinha entendido porque eu tinha terminado com o Tony.

Eu não contei nada a meus pais, meu pai era severo, queria sempre conhecer meus namorados e eu não ia fazer isso com o Tony. Claro que um dia eu iria apresentar meu príncipe para meus pais, mas não agora.

Era véspera de final de ano, e David queria me conhecer pessoalmente, eu tinha medo, claro, estava ansiosa, mas também estava temerosa.

Ele disse que morava numa cidade vizinha e que no primeiro dia do ano ele iria dar uma volta na minha cidade e poderia passar na frente da minha casa só para me dar um oi, nada demais.

Eu achei aquilo o máximo, ele viria até minha casa só para me ver, eu estaria segura, porque sou uma garota “muito esperta” e eu poderia olhar nos olhos do meu amor pela primeira vez.

Eu aceitei, e na virada do ano mal podia conter minha ansiedade.

No jantar do dia 1 de janeiro, eu disse aos meus pais que tinha comido muito na ceia do dia anterior e queria me deitar mais cedo, eles não desconfiaram e me disseram para ir deitar.

Eu saí da sala de jantar e ao invés de ir para meu quarto eu fui rumo a porta da frente, girei a maçaneta com cuidado para que eles não ouvissem.

Eu pensava em sair, dar um oi ao David e voltar para casa logo, meus pais nem iria perceber. Fui para fora de casa me encontrar com meu amigo, namorado, amor, um garoto fofo por quem eu estava apaixonada. Eu saí para encontrar com ele, era um sonho.

Mas quando saí de casa, algo estranho tomou conta de mim, a rua estava toda escura, todas as casas já fechadas, e nenhum carro passando, eu senti que estava errada, eu não devia estar saindo assim escondida, eu fiquei com medo, desisti e tentei voltar.

Mas vi um carro estacionado embaixo de uma árvore do outro lado da minha casa. O carro era preto, estava escuro e eu não tinha percebido ele antes. Eu ouvi uma voz me chamando vindo de dentro do carro:

— Nanda.

“Que estranho, será que era o David” - eu pensei.

Afinal, eu estava em frente a minha casa.

“Que mal podia ter?”.

Eu só iria dizer um oi, na primeira noite do ano. Seria um bom começo de ano. Mas ao escutar a voz dele, senti um arrepio no meu corpo e senti que realmente algo estava errado. Mas eu não obedeci meu coração, eu devia ter entrado em casa, minha família, minha cama, meus amigos, minha casa, logo ali ao meu alcance, mas não, eu me virei, atravessei a rua e fui ao encontro do carro.

Eu queira ver David, só podia ser ele, afinal tínhamos marcado e ele era um fofo que mal podia haver?

Eu fui até o carro, mas antes de eu chegar mais perto e ver o rosto do motorista a porta do carona foi aberta.

— Entra pra que ninguém te veja — a voz disse.

Parecia para mim que a voz era mais tensa e grossa que a de um jovem, mas eu não obedeci de novo a minha voz interior. Eu entrei no carro e vi uma sombra com um sorriso no banco do motorista chamando meu nome.

Vi que era um homem estranho, feio e ele acelerou com o carro. Eu não consegui pensar rápido o suficiente, mil coisas passavam na minha cabeça, desespero, medo, morte, pânico, mas eu não conseguia me mover. O ar era pesado, eu não conseguia respirar, tudo acontecia muito rápido e lento.

Eu estava aterrorizada, paralisada. Eu não conseguia reagir, placas, pedágios, distâncias que me levavam para longe de meus pais e eu ali, estática, sem movimentos.

Eu me lembro de placas que informavam a saída da cidade. Aquele monstro ao meu lado ficava calado e eu mais muda ainda.

Eu tentei abri a porta do carro e me jogar para fora, ele me segurou pelos cabelos e bateu com minha cabeça no porta luvas do carro.

Apaguei...

Depois de um tempo, eu despertei, tínhamos parado em uma espécie de sítio, uma casa isolada em uma estrada de chão. Ele me arrancou do carro, eu tentei escapar, mas ele me ergueu do chão e me arrastou para perto da casa.

Mas não entramos pela porta da casa e sim por uma porta menor ao lado, como uma garagem. Lá dentro era tudo escuro, as janelas haviam sido bloqueadas por panos pretos, um cheiro de podre e de mofo subia ao meu nariz.

Tinha uma mesa com instrumentos estranhos, como aqueles instrumentos de tortura de filmes, coisas fedidas e sujas por todo lado, ele arrancou minhas roupas e disse:

— Pode chorar que não vai adiantar. Mas te garanto que vai doer, vai doer muito.

Ele colocou uma coleira de cachorro em meu pescoço, me fez ficar de quatro no chão, tirou as roupas e me estuprou, ali no chão, eu não sabia se gritava ou se tentava me transportar mentalmente para fora dali. Ele me estuprou de novo, e de novo, e me dizia:

— Você ainda é melhor que o “ursinho”.

Eu não fazia ideia do que ele estava falando, mas ele ria para mim. Quando ele terminou, ele tirou um pano preto que tinha em cima de algo em um canto e eu vi uma jaula como aquelas de animais de zoológico.

Ele abriu a porta da gaiola e me empurrou lá para dentro, eu mal consegui me mover, era apertado e pequeno. Eu tinha que ficar sentada ou agachada.

Eu olhei em volta e tive certeza de que eu estava em uma garagem, ou ao menos o que um dia era uma garagem, os instrumentos de tortura ficavam em cima de uma mesa, mais ao lado ficava um chuveiro como aqueles de piscina e mais adiante alguns pneus velhos e ferramentas. Sim era uma garagem, mas uma garagem transformada em cativeiro, o meu cativeiro.

Eu me lembro de sentir dor, me senti indefesa, e sentia dentro de mim mais desespero do que pensei ser possível em toda uma vida. Meus pais demorariam toda uma noite para descobrir que eu tinha sido sequestrada, afinal eles imaginam que eu estava no meu quarto dormindo.

Naquela noite, ele me machucou de todas as formas possíveis, eu estava de tranças quando fui sequestrada e ele tentava tirá-las na minha cabeça, puxando e arrancando o cabelo pela raiz.

Mas eu gritava desesperadamente e minha cabeça começou a sangrar. Eu gritava, berrava e ele dizia que não gostava de tranças, mas meus gritos foram tantos que ele parou e tentou desfazer as tranças.

Ele era estranho, doente eu acho, doente mental. Em certo momento da primeira noite, ele começou a me fazer carinhos, alternados com socos e mordidas, ele me mordia, me cuspia, e me beijava. Essa foi a noite mais longa da minha vida.

Amanheceu no dia seguinte, eu mal dormi dentro daquela jaula, ele voltou e usou em mim diversos objetos de tortura, quando ele cansava, ele queria conversar, eu tentava de tudo para extrair o lado humano dele, tentava falar com ele como falávamos na internet, ele cedia às vezes e conversava comigo, mas no outro dia ele me estuprava e me chicoteava. Ele tirava muitas fotos minhas, filmou meu sofrimento.

A chave do cadeado da coleira que me prendia quando eu não estava na gaiola, estava sempre mais alta do que eu podia alcançar e na minha cabeça eu bolava mil ideias para escapar, mas quando menos esperava ele estava lá olhando e rindo para mim.

No terceiro dia, ele me disse que antes de me pegar, ele conversou com um homem na internet, um pedófilo e se gabou de desafiar o homem a ter uma escrava sexual.

E quando ele me pegou, ele filmou os estupros. Ele filmou meu rosto com a colera de cachorro no pescoço. Ele era, ou muito doente, ou muito burro. Ele pegou as filmagens e passou para o homem da internet, se gabando que ele tinha conseguido uma escrava sexual.

Depois eu fiquei sabendo que esse homem com quem meu sequestrador tinha conversado ficou preocupado em se complicar com aquela história de menina acorrentada e ligou para a polícia. Mas ele não sabia dizer quem era o homem com quem ele falava e nem disse que ele também era um homem com ideias doentias, mas no caso dele eram apenas ideias e não práticas por isso ele escolheu procurar a polícia, que começou imediatamente uma busca acelerada por mim.

No quarto dia, ele me deu água.

Eu estava fraca e sonolenta, mas ele empurrava minha cabeça em um balde com água e vinagre e isso afetava todo meu rosto, ardiam meus olhos e nariz e eu despertava novamente e então ele me estuprava de novo e de novo. Ele fez isso por quatro dias seguidos, mal me dando tempo para dormir, até que enfim ele me deu um copo de água.

Eu só rezava e chorava, mas eu sabia que ia morrer, eu tinha certeza que ele me mataria, no quinto dia eu chorei até dormir, tive um pesadelo onde ele me amarrava e me carregava. No meu sonho, ele me jogava na traseira de um carro e depois me largava em um túmulo cavado para mim.

Quando acordei, no sexto dia, eu senti algo quente em mim, uma luz forte nos meus olhos, um vento seco no meu rosto e pedras embaixo do meu corpo. Eu percebi que eu estava na beira de uma estrada, amarrada nas mãos e pés com uma corda suja, eu estava nua.

Ouvi um estrondo, e depois outro, e depois outro. Um tempo depois eu percebi que o barulho vinha de carros passando, tentei me mover, mas meu corpo estava como que partido no meio, tudo doía, eu estava com dedos e costelas quebradas. Com um pouco mais de tempo, consegui sentar, e ouvi umas vozes. Uma criança ria e dizia:

— Devo mijar aqui mesmo mamãe?

— Sim, meu filho não tem ninguém aqui.

— Mas e aquela moça ali no meio do mato?

A mulher me viu, deu um grito e correu de volta para o carro. Ela chamou um homem que veio com uma toalha, me enrolou e me colocou no carro. Eu tinha vontade de gritar, chorar, falar, mas minha garganta não abria. Levaram-me para um hospital, e no dia seguinte eu consegui falar, ligaram para meus pais.

Mas eu não consegui descrever o homem, eu o vi momentos de muita escuridão, na tal garagem que estava sempre na penumbra.

Mesmo de dia, era tudo muito abafado e fechado, fui sequestrada de noite, e não vi quando ele me deixou na estrada

e nem sei por que ele não me matou, seria um momento de piedade?

Mas sei que jamais vou esquecer a voz dele, era grossa, profunda, estranha como a voz de um monstro, era como a voz de um Ogro.

CAPÍTULO IV - Parte 1 - Primeiras Pistas

“Em uma investigação em regime de prioridade máxima, a polícia declara que foi encontrada uma adolescente, ainda viva, as margens de uma rodovia interestadual. A adolescente estava nua, com marcas de tortura. O delegado alega que existe forte ligação desse caso com o desaparecimento de outras meninas na região e de cidades mais distantes. Investigações mostram ainda que uma possível testemunha com ligação direta no caso pode estar cooperando com informações recebidas pela internet do agora chamado pela mídia de “Maníaco das Donzelas”. Essas últimas informações são ainda suposições de investigações em andamento. Testemunhas oculares alegam ter visto uma caminhonete nas proximidades de vários locais onde as meninas sumiram. Dados não confirmados mostram que foram 10 meninas ao todo em um período de 6 anos. Todas menores de 18 anos, desaparecendo sem deixar vestígios. Todas muito bonitas e possivelmente virgens.”

Notícia do jornal ZERTDE – 10 de janeiro de 2009.

Parte 2 - 1766 - Sentimento de morte

Por cinco dias ele me deixou em completo isolamento. Nem quando ele viajou foram tantos dias de separação. Não estou reclamando, não. Mas preciso estar atenta a toda e qualquer modificação no comportamento dele. O que pode estar acontecendo naquela mente doente?

Ele, nesses cinco dias, mal deixou minha comida e saiu. Meu balde de fezes está transbordando, eu nunca mais tomei um banho. Sinto um cheiro fétido de morte e bosta que mal posso suportar. Não sei se é meu coração podre que fede ou se é sinal de morte chegando.

Ele não entrou aqui nesses dias, não falou comigo. Ou a esposa dele está na casa ou algo muito estranho, mais estranho que tudo, está acontecendo e isso me dá uma dor horrível no pé da barriga.

Não consigo dormir direito, é um misto estranho de sensações, entre paz e alívio, desespero e terror. Estou aqui no buraco há anos e nunca fui assim esquecida por ele.

Pensando bem, sentada aqui na cama agora com minhas pernas cruzadas e olhando fixo para a parede em que eu faço minhas artes de barro, lembro que até quando ele sumia por alguns dias, devido à esposa suponho, ele sempre dava um jeito de descer aqui, entrar e me bolinar um pouco. Teve a vez

em que ele viajou, mas mesmo assim me avisou com antecedência. Eu escuto agora um ruído, ele vem vindo.

Que desespero eu sinto dentro de mim, algo que me diz que alguma coisa diferente está para acontecer. Eu não paro de me perguntar: o que será que acontece agora? Ele abre a porta maior e entra, fecha a porta e fica me olhando.

Do fundo do meu coração me vem uma vontade maligna de cravar meus dentes no pescoço dele, mas outra vontade ainda mais atroz me ordena que eu me levante e o abrace implorando que ele nunca mais me deixe.

Como posso pensar isso? Onde está meu coração e alma, meu sentimento humano e social? Quero o sangue dele na minha boca e ao mesmo tempo quero um beijo que me diga: você é útil ainda, você vai viver por mais uns dias.

Da dúvida, não sei o que fazer e choro.

Escondo meu rosto no travesseiro e caio no mais profundo choro, rios de lágrimas que estavam adormecidas na minha alma se derramam para fora de mim num lamento dolorido e feroz.

Eu quero viver, quer minha mãe, como uma garotinha, eu penso na minha mãe, no cheiro da minha mãe e no seu abraço. Nos olhos sérios do meu pai. E até na comida horrível da minha vó.

- EU QUERO VIVERRRRRRRRRRRR – um grito sai da minha garganta sem que eu consiga me conter. Ouço o eco da minha

própria voz ressoando nos cantos do buraco e isso só aumenta minha ânsia de ódio.

Toda minha barreira de forte e feroz, esperança e vida cai por terra frente aos olhos indiferente com que ele me olha.

Penso: será esse o momento em que algo aconteceu e faz com que ele desejasse minha morte?

Ele se aproxima devagar de mim, um olhar estranho, negro, não consigo identificar que olhar é esse. Depois de anos convivendo com ele, nunca vi esse olhar: acho que essa é minha hora. E eu silenciosamente, eu começo a rezar:

PAI NOSSO QUE ESTAS NO CEU SANTIFICADO...

Parte 3 - Novos Planos

Ele me olha, fixo e sem sentido.

Ele interrompe minha oração com uma voz chorosa:

- Ursinho, eu fiz uma merda muito grande ontem.

Mas eu só consigo gritar: - Seu porra, quero que você se foda, morra miserável, eu quero viver – eu continuo gritando olhando bem nos seus olhos.

Ele se aproxima mais perto de mim, senta na minha cama e continua falando como se eu não tivesse dito nada.

- Somos amigos não é mesmo? Somos um só, eu e você, depois de tanto tempo sei que você me entende. Você está já madura, está mais velha, sei que me entende.

Do que esse doente está falando? – eu penso, tentando conter meu ódio e minha gana pela vida.

- Sei que na verdade só você me entende, ninguém quer saber do que eu gosto ou do que eu quero, mas eu sei o que eu quero e sei também o que vocês, meninas lindas e puras, querem e gostam. Eu posso fazer de vocês mulheres fortes. Mas nem todas estão preparadas para mim e para minha força e desejo. Tenho muitos desejos, não só de morte, mas de vida, de força, quero fazer de vocês mulheres fortes, mas algumas não aguentam, não entendem. Olha só para você? A verdadeira mulher para mim, que me entende, me ama e tenta me

agradar. A única que me aguentou até hoje, sei que você foi feita para mim, a verdadeira mulher, forte, submissa, feroz. Até esse seu olhar de ódio que você tenta disfarçar, eu gosto. Inclusive até me excita. Você sabe que há dias você não me excita não sabe? Sabe que está passando do ponto não sabe? Eu posso parecer burro e ignorante, vivendo aqui na roça longe de todos, mas não sou o que pensam. Sei ler, sei estudar e até sei mexer no computador. Esse computador que me deu tanta informação interessante. Mas mesmo eu gostando tanto de você, você está perdendo o gosto doce da vida, está amarga e envelhecida.

“Retardado mental, infeliz dos infernos. O que ele está falando, pelo amor de Deus? Preciso pensar rápido, pensa Laura, pensa, e agora?”

- Mas não se preocupe, podemos fazer um trato e todos seremos muito felizes. Eu fiz uma merda grande e preciso de um plano bom para não ser pego. Uma hora ou outra vão me achar de um jeito ou de outro e eu não posso deixar, e nem você pode permitir, você me entende?

Eu, em completa confusão, não sei o que dizer, do que será que ele está falando? Ser pego, como assim? Será que ele realmente tinha pego outras antes de mim e deixou pistas? Será que alguém sabe de algo sobre ele, o misto de informações é tanta na minha cabeça que fico ali, de olhos fixos nele, sentada ao lado dele como dois bons amigos.

Ele segura a cabeça com as mãos e se curva, eu penso e se eu agora? Mas não, não tem como, ele pesa três vezes o meu peso, ele me mata com uma mão só, ainda mais nesse dilema que ele está agora.

- Preciso pensar em algo ursinho, algo que nos tire dessa enrascada, eu não queria deixar ela lá, eu iria dar a ela um descanso eterno como fiz com as outras, mas o pneu do carro furou, eu tive que parar na estrada para tentar trocar, ela estava na carroceria embrulhada em um lençol. Estava tudo certo, eu já tinha até em mente a área onde deixar ela. Mas um carro passou e parou um pouco depois da curva a minha frente. O motorista desceu e fez sinal de que iria pegar umas ferramentas para me ajudar. No local onde ele parou, ele não tinha visão completa do meu carro e eu teria que pensar rápido. O lençol estava sujo de sangue, não teria onde escondê-la. Então eu fiz o impensado. Subi discretamente na carroceria do carro, carreguei ela para o mato no acostamento da estrada e joguei ela lá. Pensei que, quem sabe, com um pouco de sorte, em uns dias ela estaria morta, afinal para ser dominada a menina tem que estar fraquinha, e ela estava bem fraca. Deixei-a lá jogada e escondi o lençol, o rapaz veio, me ajudou com o pneu e eu tive que seguir viagem, quando voltei ela não estava mais lá. Acredito que ela tenha recebido socorro e talvez até venham atrás de mim, não posso ficar esperando, você me entende?

Ele me olhou nesse momento com cara de súplica, quase em desespero, como uma criança que faz algo errado. Eu não sabia

de dava uma gargalhada de alegria ou se socava a cara dele. Mas como eu já disse varas vezes, sou muito pequena, e rir não me ajuda em nada.

Eu fiquei calada, estava se montando em minha mente o quadro que ele havia pintado. Ele estava cansado de mim, essa era a grande verdade.

E havia saído em busca de outra moça e algo deu errado e ele não a matou, quem sabe, como ele disse ela ainda está viva, poderá descrever o que passou, poderá quem sabe até descrever esse psicopata e virão atrás dele, e irão me achar e eu poderei escapar viva dessa.

A quem eu estou querendo enganar?

Ele não vai ficar aqui sentado esperando.

— Preciso de uma boa ideia para fugir, mas não quero causar desconfiança. Preciso de um plano ursinho, me ajude.

Nesse momento ele se ajoelha no chão e como um débil mental coloca a cabeça nas minhas pernas procurando carinho e consolo. Como quem tem vida própria vejo minha mão se erguendo e descendo na cabeça dele e movimentando-se de forma a gerar um carinho tímido naqueles cabelos sebosos. Ele se acalma um pouco com meu carinho e olha para mim:

— Vamos fugir juntos ursinho, vai dar tudo certo, seremos só nós dois, juntos para sempre.

“FUDEU”- pensei logo.

“Estou perdida. Esse louco vai sair em fuga me arrastando junto, prefiro a morte”.

Ele, mais calmo, se levanta:

— Não se preocupe com nada, vou fazer tudo certo e logo vamos embora. Seremos uma família, juntos, eu você e nossas novas amiguinhas que conquistaremos pela estrada afora.

Ele se levanta do chão, me dá um beijo na testa e se vai.

“E agora Laura?” - penso eu desesperada.

Se ele me levar embora, ficarei mais e mais longe de onde quer que eu esteja agora que com certeza é mais perto da minha casa. Se ele fugir e me levar poderemos ser mortos há qualquer momento em uma perseguição acelerada ou ninguém nunca mais poderá ouvir falar de mim.

Mas a quem eu quero enganar? Ninguém mais ouve falar de mim, eu com certeza sou um ser esquecido, morto na lembrança de meus pais e amigos.

Faz anos que eu sumi da cidade, ninguém mais deve estar me procurando. Tanto faz eu fugir com ele como ficar aqui, meu destino é incerto de qualquer forma. Eu me deito para dormir, mas o sono não vem e fico a pensar o que será de mim e o que será dele?

Parte 4 - Dia 1767 - Pensando na Fuga

No dia seguinte eu acordo depois de inúmeros pesadelos. Escuto-o colocando o café da manhã pela portinhola e junto vem um pequeno e mal escrito bilhete:

“Ursinho, se prepara, junta suas coisas, logo vamos pegar a estrada”.

“Estou morta” - penso eu. Ele vai sair me arrastando pelo mundo afora. Mas depois de tomar o café da manhã – uma maçã, um pedaço de pão, um copo de leite e dois ovos cozidos – eu reflito e uma ideia vem a minha cabeça.

Se estivermos fora dessa casa, eu fora desse buraco, às chances de uma fuga aumentam em muito. Posso tentar entrar em contato com pessoas, posso pedir ajuda, sim é isso, a fuga será uma ideia brilhante, porque morta de qualquer forma eu já estou.

Eu faço meus exercícios diários, tento ao máximo repetir as flexões no chão, as abdominais, tentando imitar, mesmo que de forma desajeitada, os gestos e movimentos que eu via em programas de ginástica ou quando eu passava em frente a academias.

Os resultados, não sei bem quais são, mas me sinto mais forte, mais ágil, e mais disposta a lutar.

Se eu dia eu sair daqui, imagino que serei a pessoa mais louca e desvairada da face dessa terra, porque uma hora quero chorar e me rasgar, outra hora estou rindo feito uma louca e querendo viver.

CAPITULO V - Parte 1 - Samanta - O primeiro erro

Samanta volta cedo da escola naquela sexta feira.

“Estou louca para falar com Ruan” – pensa ela.

Ela entra em casa, joga sua mochila no sofá, certifica-se que está sozinha e vai direto para o computador. Ela conheceu Ruan numa sala de bate papo, seu jeito de falar é meio estranho, mas ele parece ser um cara bem legal.

Ele pediu uma foto dela, ela mandou aquela foto que ela tirou quando foi para o clube com as meninas da escola. Ela tirou a parte de cima do biquíni e as amigas fizeram várias fotos com ela de costas.

— Super sensual – as amigas disseram.

Ela amou as fotos, iria guardar, nunca iriam mostrar para ninguém, pensando sempre em como ela era linda e parecia até uma modelo.

— Estou ficando convencida- dizia ela para si mesma rindo quando viu de novo as fotos ao chegar em casa do passeio ao clube.

Agora, depois de uma semana falando com Ruan, ela estava encantada. Ele dizia que tinha 23 anos, imigrante do México, e que se sentia sozinho e precisava de amigos, amigas de preferência.

Samanta, já com seus 17 anos, mentiu a idade e disse a Ruan que tinha 14, pois ele entrou no bate papo procurando meninas novas, ela ficou com medo dele achar ela “velha” e inventou uma idade diferente. Ela não via nada demais em dizer que tinha 14 e ser amiga de um cara de 23.. A mãe dela tinha 39 e estava casada com um cara de 33..

“Se minha mãe pode eu também posso” – pensa Samanta – idade não é nada e afinal somos só amigos.

Ela, na verdade, se divertia com as conversas com Ruan, sempre imaginando que estava enganando ele de uma forma divertida.

Depois de algumas conversas, Ruan perguntou se eles podiam se encontrar. Samanta resiste e diz que não, não acha uma boa ideia. Ruan se diz magoado, alega que ela não confia nele e que se assim é, eles não podem ser amigos.

Samanta não gosta do jeito dele pressionar ela, mas ao mesmo tempo acha que só um encontro não tem nada demais. Ela volta atrás e confirma o encontro com ele.

— Vamos nos encontrar em uma praça que tem no fim da minha rua, que tal? - pergunta Samanta.

Ruan tinha dito a ela que morava na cidade vizinha e confirma o encontro, próxima segunda feira às oito da noite.

Samanta fica feliz e eufórica, se despede dele e corre para seu quarto. A primeira coisa que ela faz é ligar para Dina, sua

melhor amiga e informar a ela que vai sair com Ruan na segunda.

— Você está maluca? Vai se encontrar um com cara que conheceu somente pela internet e que anda por aí a procura de meninas novinhas? Ele deve ser um tarado.

— Que nada Dina, ele é legal, já vi as fotos deles, ele é tranquilo, e eu tenho quase 18, sei me defender.

— Ele vai achar estranho quando você chegar para o encontro, ele pensando em ver uma menina de 14, vai encontrar com você assim toda grande e crescida.

— Está me chamando de gorda, Dina?

— Não claro que não, mas nem de longe você parece ter 14 anos. Tudo bem que nas fotos que tiramos você, parecia uma menina sapeca, mas quando ele te conhecer pessoalmente vai descobrir na hora que você mentiu a idade.

— Que nada, darei meu jeito, vou usar um “disfarce de menininha” - disse Samanta rindo as gargalhadas.

Samanta tinha mais de 1.70 de altura, pesava 60 quilos, tinha corpo forte e musculoso, fruto de muita academia e mais de sete anos de natação. Ela amava nadar e já tinha conquistado muitos campeonatos locais. Com base nisso ela se sentia segura para encontros obscuros sem correr riscos.

— Ainda acho que é perigoso - dizia Dina.

— Fica tranquila, assim que eu sair de casa na segunda feira eu te aviso, e se eu não voltar até a meia noite você avisa o FBI.

— Você acha engraçado, né? Não tem nada de engraçado, e como vai fazer com sua mãe e seu padrasto para sair na segunda a noite?

— Vou dizer que vou para sua casa, eles nunca ligam para confirmar, eles confiam em mim.

— Você não devia fazer isso.

— OK, Dina, já sei, segunda feira, antes de sair, eu te ligo.

Samanta desliga o telefone e corre para seu armário, toda satisfeita com sua mais nova proeza, se sentindo poderosa em enganar seus pais e o próprio Ruan.

“Vou providenciar uma roupa que me faça parecer bem menina” – pensa ela mexendo no seu armário.

O final de semana passa e chega à segunda feira a tarde. Samanta lava os cabelos, seca e faz uma trança bem longa com seus cabelos negros. Isso dá a ela um ar de menina. Ela escolhe uma saia micro, uma blusa branca com botões, um casaquinho e sapatos com pequenos salto e meias brancas.

“Credo, estou parecendo uma retardada” – pensa ela trocando a saia por uma calça jeans.

“Pronto, ficou melhor” – diz ela para si mesma, colocando um pouco de perfume, batom e chegando apressada na sala:

— Mãe estou indo até a casa da Dina, vamos estudar para a prova da semana que vem.

— Está certo minha filha, cuidado.

Nesse momento Samanta para no meio do caminho rumo a porta e diz:

— Cuidado com o que mãe?

A mãe de Samanta tira os olhos do livro que está lendo, olha bem nos olhos da filha e diz:

— Com tudo minha filha, você sabe que eu te amo não é mesmo?

— Claro que sei mãe, eu hein, por isso agora?

— Sei lá, só queria dizer que te amo – diz a mãe de Samanta olhando pela ultima vez para sua jovem filha sorridente.

Samanta, vira as costas e sai apressada.

Meia hora depois, a mãe de Samanta abre o jornal e lê uma noticia perturbadora:

“A policia investiga possíveis ações do Maníaco das Donzelas em mais de cinco cidades vizinhas do local onde foi encontrada a jovem nua na beira da estrada. Seus pais pediram para manter seu nome em sigilo. Informações coletas de informantes da policia deixaram a entender que foram encontrados dois corpos de meninas, ambos nus aparentando estupro e torturas severas. Uma das meninas foi identificada.

A outra estava em estado avançado de decomposição sendo necessários exames mais apurados para identifica-la. Os corpos foram achados na Mata dos Pinheiros. Um dos corpos estava enterrado profundamente, já o outro, achado há sete metros de distância do primeiro, estava superficialmente encoberto por terra e pedras. A polícia informou que um homem que acampava na região estava acompanhado de seu cachorro que em dado momento insistia em cavar e latir perto de umas árvores mais baixas. Depois de muito o cão insistir, seu dono foi até ele e percebeu que o cachorro tinha encontrado um osso humano. Apavorado, ele reuniu suas coisas e foi em busca da polícia que isolando o local procedeu escavações e encontrou o segundo corpo, esse mais profundamente enterrado. A polícia não quis dar mais informações.”

Samanta sai de casa e desce a rua cantarolando rumo a praça onde marcou o encontro com Ruan. Quase perto da praça ela se lembra que esqueceu de trazer o celular e pior, esqueceu de ligar para a Dina, avisando que já estava saindo.

Dina, por sua vez, diria alguns dias depois aos policiais que por Samanta não ter ligado ela imaginou de coração tranquilo que a amiga tinha desistido da louca aventura.

Samanta chega à praça e percebe que pela milésima vez os moleques da rua quebraram a maioria das lâmpadas e a praça está na semiescuridão, a não ser por umas poucas luzes na fonte central que ainda jorra água.

Ela senta em um banco o mais próximo possível da fonte e fica observando as pessoas passarem. Ela consulta o relógio. Nove horas e nada de Ruan.

— Que merda, ele me deu o bolo – diz Samanta em voz alta.

Ela espera mais meia hora, se levanta aborrecida e resolve desistir de espera. Ela sai andando devagar e percebe que na rua já não tem mais quase ninguém. Mas ela se sente segura, esta na rua de casa. Quando ela sai da praça e começa a caminhar pela rua que leva a sua casa, um carro acelerado para perto dela. Ela pula para cima da calçada.

— Seu idiota, quase que me atropelou – grita Samanta.

Ela tenta olhar para ver quem está no volante do carro que tão subitamente parou ao lado dela. Mas ela não consegue ver muita coisa além de um vulto no volante.

Ela ignora o motorista, e continua sua caminhada agora de forma mais acelerada. Ela olha para trás e vê que o motorista da caminhonete desceu e vem na sua direção. Ela dá uma reduzida na caminhada, franze os olhos e tenta enxergar melhor.

— Ruan? - pergunta ela parando e olhando na direção do homem que acelera o passo ao encontro dela sem nada responder.

Por um milésimo de segundo algo estala na mente de Samanta que percebe o perigo e o engano de tudo que vem fazendo. Ela

dispara rua acima correndo, e o homem vem correndo atrás dela, ela acelera mais ainda a corrida, com ele no seu encalço.

Mas ela comete um erro clássico: ela olha para trás para ver se ele ainda está longe e nesse momento ela esbarra em uma caixa de correio e cai no chão.

É o momento exato em que ele a alcança. Ela tenta se levantar, mas ele segura ela contra o chão tentando cobrir seu nariz com um pano. Ela sente o cheiro forte vindo do pano e percebe que sua vida está em perigo.

- Socorro – ela tenta gritar.

Ele dá um soco na boca de Samanta que atordoadada continua tentando se erguer do chão. Ela é forte, luta com ele, arranha o rosto dele, e eles se embolam no chão. Ele tentando em vão dominar ela, ela tentado desesperadamente se ergue para correr.

Ele passa o braço grosso pelo pescoço dela e começa a apertar.

- Não, para, alguém.... - ela novamente tenta gritar um pedido de ajuda.

No alto da rua um carro vem surgindo.

Ela sente que é sua única chance de escapar e reunindo todas as suas forças tenta colocar seus braços para trás e alcançar os olhos do seu agressor. Mas suas forças já não são as mesmas e a luta se prolonga, ela chutando o vazio, e ele arrastando ela para dentro do mato raso que margeia a rua.

Quando o carro passa acelerado pela rua, nada mais resta da luta e no meio do mato Samanta não resiste mais e desmaia. Seu agressor a deita no chão e sai em busca do carro.

Com o veículo mais próximo, ele abre a porta do carona, volta ao mato, pega Samanta desfalecida no colo, joga rapidamente dentro do carro e parte em alta velocidade.

Parte 2 - A Floresta

Quando Samanta acorda, ela está em meio a uma densa floresta, de mata fechada, árvores altas, a lua brilha no céu, saindo de trás das nuvens que antes a encobriam. Ela tenta se mexer, mas percebe que está amarrada a uma árvore. Está nua, está frio e aquele homem estranho está parado a sua frente.

— Socorro – ela grita em voz alta.

— Você pode até gritar, mas não vai adiantar – diz o homem para Samanta.

— O que você pensa que está fazendo? - grita ela desesperada.

— Até quando vocês meninas vão ficar se perdendo nas ruas nos encontros com rapazes que vocês não sabem quem são?

— E o que você tem com isso, seu tarado, me solta daqui – grita Samanta cada vez mais alto.

— Eu não sou um tarado – diz o homem – eu sou somente um homem que tem como destino ensinar a vocês, meninas ingênuas, como se tornarem verdadeiras mulheres.

— Ensinar? Que maluco é você?

— Você está me aborrecendo, eu não sou maluco – grita o homem se aproximando de Samanta.

— Me solta, por favor, me solta – tenta Samanta de forma mais chorosa.

Ele se aproxima mais ainda dela, e toca seus seios nus.

— Não coloca a mão em mim, seu nojento, eu vou te matar!!

— Você vai o que? - diz ele segurando o rosto dela com uma mão e tentando arrancar a trança dela com a outra.

Samanta grita e ele imediatamente para, vira as costas e tira uma faca de uma bolsa que está no chão. E aproxima a faca do rosto dela. Ela imediatamente para de gritar e arregala os olhos tentando pensar em como poderá sair dali. Ela olha bem para ele e vê que o rosto dele está arranhado, e os cabelos deles estão em parte arrancados. De forma insana e atrevida ela diz:

— Ao menos não serei só eu a guardar lembranças dessa noite.

Ele olha para ela e ela treme. Nos olhos dele um brilho maligno se formou e ela sente seu corpo todo tremer, de frio e de pavor. Ele enterra a faca na coxa dela, empurrando a lâmina até o cabo.

Ela abre a boca para soltar um grito de dor e morte, mas ele enfia a língua na boca dela e a sufoca seu grito. Ela não sabe mais definir onde começa a dor lacerante e onde termina o nojo de sentir a língua dele dentro da sua boca. O suposto beijo se prolonga por minutos onde ele tenta rodar o cabo da faca cravada na coxa dela.

Quando ele percebe que ela não tem mais fôlego para gritar, ele tira a língua da boca dela e se afasta para ver se consegue vislumbrar sua “obra de arte”. A lua clara agora totalmente exposta no céu trás a luminosidade suficiente para que ele veja o corpo branco de Samanta amarrado na árvore, sua coxa aberta em sangue e nervos e sua cabeça caída sobre o peito em suspiros inconsciente de dor.

Ele tira rapidamente seu membro para fora das calças e já ereto se aproxima dela. Com uma das mãos ele abre as pernas dela e com a outra tenta penetrá-la, mas a posição não ajuda muito.

Ele decide soltar o corpo dela da árvore deixando somente suas mãos amarradas. Ela desaba no chão sem resistência.

Ele agora penetra fundo no corpo de Samanta, acelerando suas arremetidas. Mas de repente ele para levantando-se apressado e olha para o corpo dela desfalecido no chão. E frente a sua constatação de que aquela que ele imaginou pura e virgem não era a menininha que ele pensou que fosse, seu coração se enche de ira e ele dá um violento chute no corpo dela. Ela não reage, desmaiada, mal sente a pancada.

Ele vai até a sua bolsa, pega um vidro pequeno, derrama um pouco do líquido em um trapo velho e esfrega no rosto dela. Samanta abre os olhos de repente e grita alto. O som ecoa por entre as árvores e parece voltar para perto deles, os cercando com sons de desespero e morte.

Ele sorri satisfeito:

— Acordou espertinha? Então você é uma menininha pura não é mesmo? Se guardando para alguém especial como me dizia pela internet não é? Sua cadela, vagabunda. Você não passa de uma piranha e como lixo que você é vou dar cada pedacinho da sua carne para os porcos.

Ela começa a chorar e implorar por misericórdia.

— Eu juro que eu não queria mentir para você, eu gosto de você – Samanta tentava em vão convencer o homem.

Ele agarra o corpo dela, a vira de bruços e junto com os gritos de piedade que ela amplamente profere, ele grita e gargalha de prazer enquanto a estupra rasgando seu ânus diversas vezes.

Ela para de gritar e se encolhe feito um bicho no chão. Ele levanta e urina no rosto dela sorrindo:

— Eu devia levar você para casa. Ursinho iria te dar lições de bom comportamento e te fazer entender que não se pode mentir para mim.

Ele se afasta e começa a montar uma barraca para passar o resto da noite. Samanta fica ali no canto, jogada junto a raiz de uma grande árvore, encolhida, gemendo baixinho uma oração que ela imagina que jamais passará das copas das árvores.

Assim que ele termina de montar a barraca, ele recolhe suas coisas, coloca tudo dentro da barraca e se prepara para dormir.

— Eu vou descansar um pouco, amanhã cedo teremos muito mais diversão, claro que não será a mesma coisa que é quando vocês vadias não mentem para mim e se guardam realmente, mas você também serve, afinal é carne nova, novidade sempre é bom.

Ele entra na barraca e a deixa encolhida no chão, com as mãos amarradas, nua e sangrando. Em menos de meia hora ela escuta os roncos dele, que dorme tranquilo, sem preocupações.

O instinto de sobrevivência de Samanta começa a surgir, ela desperta mais e mais a cada minuto até que consegue ficar lúcida.

— Preciso pensar, preciso ter forças, preciso sair daqui. Ele vai acordar e vai me matar, sei disso.

Samanta tenta se sentar, mas não é fácil, ela está dolorosamente rasgada, sua perna ainda sangra em um corte profundo. Ela respira de forma mais controlada, como aprendeu a fazer na natação.

— Concentra Samanta, sua vida depende disso, concentra.

Ela consegue se sentar. A lua ainda brilha alta no céu, mas já é possível ver sinais mínimos de uma claridade que anuncia a chegada do sol.

— Preciso ser rápida, preciso fazer alguma coisa, preciso salvar minha vida, minha mãe não vai resistir se algo me acontecer.

Samanta sabia do amor profundo que sua mãe tinha por ela, principalmente após a morte de Carlos, seu irmão mais novo.

Com uma força sobre-humana ela vagorosamente começou a se arrastar para longe da barraca do seu agressor. Ela tentou ficar em pé, mas devido ao corte na coxa percebeu que isso não seria possível, ela não tinha onde se apoiar, e se tentasse andar certamente cairia fazendo ruídos. Ela não sabia a profundidade do sono do homem sinistro.

E assim ela se arrastou o primeiro metro, o segundo, o terceiro até que uns cinquenta metros depois conseguiu vislumbrar um estranho brilho mais a frente e entendeu que conseguiria sobreviver. Estava salva.

Parte 3 – Sobrevivência

Sinto frio, sinto meu corpo leve, mas sinto muito frio.

Mal consigo mover minhas pernas.

Mas meus braços se movem com vida própria.

Abro os olhos e sinto que meu corpo está respirando de forma compassada por mim. Como se soubesse que se assim não for, eu deixarei de viver. Respiro e inspiro, de forma leve e ritmada. Olho em volta, está amanhecendo e vejo meu reflexo na água.

Sim, na água. Estou com metade de meu corpo para fora da água e metade como que boiando.

Tudo volta a minha mente e me lembro do maníaco que me sequestrou. Estou em um rio onde as águas calmamente conduzem meu corpo de um lado para o outro.

Não entendo porque eu não morri quando me joguei nas águas desse rio em tentativa alucinada de fuga, mas acredito em um Deus maior que deve olhar lá de cima e ter piedade de mim.

Tento movimentar minha perna e não consigo, sinto cheiro de sangue nas águas e sei que estou muito ferida, mas a cada segundo me vejo mais e mais distante do ponto onde pulei, deixando para trás meu maior pesadelo.

Bato os braços com cuidado tentando nadar para a margem, não é fácil, mas aos poucos vou conseguindo mover meu corpo.

Sinto-me como uma lombriga desajeitada, rastejante, desesperada, mas em movimentos frequentes e insistentes.

Com mais força avanço mais e mais e em minutos sinto a terra nos meus pés, arrasto-me para fora da água. O frio é tanto que sinto meus dedos duros e a dor que antes era terrível nos meus ferimentos, já nem sinto mais.

Arrasto-me pela terra molhada que margeia o rio, estou cansada, ofegante, mas pelos meus míseros cálculos estou longe daquele louco. Espero minha respiração voltar ao normal e tento ficar em pés, mas minha perna ferida se recusa a me obedecer.

Tremo, choro, gritar não posso, a dor e o desespero são grandes, a escuridão e a solidão pior ainda. Encolho-me em um canto junto a árvores até meu corpo parar de tremer. Fico em dúvida se espero amanhecer o dia ou se me arrasto a esmo pela floresta.

Mas o medo do louco me achar é maior que tudo. Assim que meu corpo se aquece com o sangue correndo velozmente em minhas veias, tento novamente ficar em pé e dessa vez obtenho um pouco mais de resultado.

Escorando-me de árvore em árvore vou em direção a uns brilhos maiores que vejo entre as folhagens densas. Caminho por mais de meia hora e os brilhos só se distanciam. Paro, escuto, mas é só minha imaginação. De longe pareço ver uns raios que passam na horizontal em uma distância longa. Penso em uma estrada e para lá me dirijo, arrastando-me sempre. O

sangue voltando a correr na minha perna ferida traz dores terríveis, mas não posso parar. Estou em plena floresta, sozinha, nua, ferida, alvo fácil para animais e para um animal em particular.

Arrasto-me mais um pouco e escuto barulhos ferozes, carros, caminhões passam acelerados e sim é uma estrada. E agora? Atiro-me na frente dos carros ou rezo para algum deles me ver nessa semiescuridão mantida por um amanhecer que teima em não se concretizar?

Ouçó um barulho de galhos quebrando e entro em desespero, deve ser o louco em meu encalço. Corro, mancando, arrastando-se para a estrada, acelero cada vez mais, sinto o asfalto embaixo dos meus pés e uma luz forte atinge meu rosto. Escuto barulhos de freio, gritos e sinto uma pancada forte na minha perna, ou no que sobrou dela. Escuridão.

“É encontrada uma vitima viva do Maníaco das Donzelas. A polícia não quis dar detalhes, mas desconfia-se que a moça encontrada nua e ferida na estrada do Norte pode dar descrições exatas de como é o Maníaco das Donzelas. Resta saber quantos dias a policia levará para prender esse psicopata. A vítima se atirou na frente de um carro, foi atropelada, mas sobrevive e não corre risco de vida. Será ela uma verdadeira sobrevivente?

Parte 4 - Coração de Mãe: em Sangue

- Quantas vezes você vai sentar perto dessa janela mulher? Já se foram mais de quatros anos, pelo amor de Deus.

- Ela é sua filha também. Seu sangue.

- Eu sei, mas ela se foi, entenda isso, já fizemos de tudo, já procuramos, já oferecemos recompensas, não tem mais o que fazer além de rezar. E sentar próximo a janela não vai ajudar em nada.

- Vai me dar esperanças, ela pode atravessar aquela rua a qualquer momento, e eu quero estar aqui para correr para a porta e abraçar ela.

- Por favor, querida, vamos comer.

- Eu não quero comer, eu quero a Laura.

- Todos nós queremos Laura de volta, meu amor, mas todos retomamos as nossas vidas, algumas coisas acontecem por algum motivo que só Deus sabe por quê. Temos que voltar a viver.

- Não! Você não está dentro do meu coração, da minha alma, você não chora toda vez que passa na porta do quarto dela. Você não escuta o eco da voz dela ressoando pelos cantos da casa na madrugada. A risada dela no banheiro enquanto escovava os dentes. As caretas que ela fazia quando eu a mandava tirar o lixo. Você vê isso na sua mente dia e noite?

Não claro que não, você se acomodou com essa frase ridícula de que tudo tem um motivo, se escondendo da dor, mas eu não, eu sinto, doí e todo dia eu morro um pouco pela falta dela.

- Querida, por favor...

- Não! Não! Não! Deixe-me aqui. Vai viver sua vida e me deixa aqui agarrada à imagem dela vindo ao meu encontro, ela vai voltar eu sei que vai.

O pai de Laura sai rumo à cozinha com uma lágrima escorrendo no canto dos olhos, mas ele não pode mais conviver na espera, ele precisa mesmo se apegar a ideia de que existe um motivo para tudo, só assim ele poderá continuar vivendo sem sua filha, seu ursinho que ele tanto ama. Escurecia lá fora. A noite começava a dominar os contornos da rua.

E a mãe de Laura podia se lembrar de anos atrás quando luzes e lanternas eram sacudidas em desespero por toda a cidade, mesmos nos cantos mais escuros, e o grito por Laura ecoava em cada rua, esquina e árvore. Procuraram por ela por semanas sacudindo suas luzes na escuridão da cidade e nas matas ao redor. Mas nada foi achado.

A mãe de Laura olha para a mesinha que está próxima a ela, um papel e uma caneta repousam lá. Eram os papéis de carta que Laura insistia em deixar ali para anotarem recados. Ela se levanta, pega uma folha e escreve uma mensagem:

“Por toda a eternidade estaremos balançando lanternas na escuridão, chamando seu nome, nunca cansaremos de te

procurar. Se conseguir escapar, volte para casa. Mas se não conseguir fugir, permaneça viva, estamos indo te buscar!!”

Ela não assinou, mas lágrimas caíam no papel assinando por ela a dor de uma mãe que perdeu uma filha sem respostas, sem vestígios. Ela queria poder ter algum lugar para enviar essa carta, mas não tinha.

Um lugar para colocar aquele aviso, mas nenhum lugar existia. Ela se levantou, abriu a porta, saiu para o jardim. O vento cortava sua pele.

A escuridão já era grande na rua. Ela se abaixou perto de umas flores que Laura sempre gostava de cuidar. Ela enrolou o bilhete e colocou entre as flores. Quem sabe um anjo passaria por ali e levaria seu bilhete direto para Laura, não importando onde ela estivesse.

Parte 5 - Ursinho em Liberdade

Eu escuto um estrondo, passos e antes mesmo que eu consiga entender o que está acontecendo, o Ogro surge na porta maior.

— Ursinho, vamos embora, recolha tudo que é seu, chegou a hora.

Eu me sento na cama assustada e olho para ele. Ele está arranhado, uma parte dos seus cabelos foi arrancada, tem sangue na sua testa e suas roupas estão mais desalinhadas do que de costume, ele fede ainda mais do que o normal.

— O que houve?

— Eu não consegui me conter, tudo aconteceu tão rápido, e quando vi já estava com ela dentro do meu carro, você precisa me ajudar Ursinho. Vamos recolha suas coisas, eu já estou providenciando tudo para que possamos ir embora. Amanhã a tarde eu virei te buscar, seja rápida.

Ele se aproxima de mim, segura meu rosto com as duas mãos, olha no fundo dos meus olhos e diz:

— Eu te amo muito, sabia? Você é um pedaço de mim, jamais deixarei qualquer coisa de ruim te acontecer, você é minha pedra preciosa, meu norte.

Ele me dá um beijo na testa e sai apressado.

Mas que merda pode estar acontecendo? E que droga de declaração doentia foi essa? Como é que ele me diz que nada de ruim vai me acontecer se ele é o mal encarnado? Mas não penso duas vezes, vou aproveitar esse desequilíbrio dele para conseguir fugir.

Eu recolho as poucas coisas que tenho, quase nada na verdade minhas roupas ele mantém sempre lá em cima, me cedendo duas ou três peças de cada vez. Eu pego meu livro, as inúmeras folhas de papel onde fiz minhas anotações do meu diário, meus tocos de lápis de cera que ele “bondosamente” me cedia.

Pego um pedaço de pente de plástico grosso, alguns desenhos que fiz, junto tudo na beira da minha cama e paro. Paro e olho ao redor. Eu não creio que vou sair daqui, mal posso imaginar que vou realmente sair daqui para não voltar mais.

Como posso expressar o que estou sentindo agora?

Medo?

Tristeza?

Alegria?

Euforia?

Essa saída pode ser minha salvação, mas também minha morte.

Acho que no fundo eu nunca esperava sair desse buraco com vida. E agora tudo assim tão rápido se descortina na minha

frente e uma nova esperança renasce, não de fuga, mas de ser simplesmente levada embora daqui e pior, pelo meu próprio sequestrador. Inacreditável!!

Nesse dia eu de nada sabia, mas a polícia já estava em busca do Ogro, que agora eles chamavam de Maníaco das Donzelas.

Parte 6 - O Começo da Fuga

Deito em minha cama e sinto o cheiro ácido da sujeira onde dormi por tanto anos. Sinceramente tenho medo do que vai acontecer amanhã, do que realmente será da minha vida se eu sair daqui.

Não quero ser uma fugitiva e muito menos uma cúmplice desse monstro. Eu me agarro ao travesseiro e choro. Minhas lágrimas molham o lençol e eu, por incrível que pareça, me sinto segura nesse buraco.

Aqui sei o que me acontece dia após dia, sei que vou apanhar e ser estuprada, sei que ele vai vir e me alimentar, de uma forma ou outra. Mas e se sairmos daqui juntos, o que será de mim?

E se a polícia pegar esse monstro e eu voltar para casa, como vou olhar para minha mãe e meus amigos? E se eles puderem ver em meu rosto as atrocidades que o Ogro fez comigo, como poderei aguentar a dor da humilhação?

Nunca mais serei a mesma pessoa, não serei mãe, esposa, não terei família, nunca serei feliz. Então porque sair daqui?

Me pego torcendo para nunca mais ver a luz do sol, não sei mais o que eu quero, todos irão me fazer muitas perguntas, todos vão querer detalhes dos dias e anos que passei aqui, serei fotografada como um animal em exposição, nunca terei uma vida comum, jamais serei uma mulher normal.

A noite vem, eu não durmo, meus olhos se recusam a fechar. Estou deitada reta, dura e inerte na cama. Escuto um barulho. É o Ogro no meio da madrugada que abre a porta grande. Eu nem me mexo, ele entra, se aproxima, está escuro.

Ele não vê que estou acordada. Ele senta na beira da minha cama, toca meu rosto. Estou de olhos fechados, fingindo dormir. Eu sinto algo frio encostando no meu rosto, descendo para meu pescoço. Uma lâmina gelada. O Ogro aperta a lâmina de forma leve contra meu peito, desliza pela minha barriga.

- Ele vai me furar, vai me matar, desistiu de me levar com ele, melhor assim – penso eu sem conseguir imaginar outra coisa além de me livrar desse pesadelo eterno.

Mas ele afasta a lâmina de mim. Eu ainda, sem abrir os olhos, o sinto se aproximando mais e mais, ele me beija nos lábios, e afasta do meu rosto uma mecha de cabelos.

- Ursinho, amo você.

Eu permaneço inerte, ele se afasta devagar, sai pela porta e o silêncio impera novamente. Eu, que já não estava dormindo, mais alerta ainda fico.

O dia amanhece. Eu sei disso por que vejo o Ogro trazendo meu café da manhã. Ele entra e eu me levanto.

- Não quero ir embora, quero ficar aqui, com você – digo para ele em voz suplicante.

-Não. Vamos embora logo, junte o que é seu e coloque nessa sacola. Já venho te buscar.

Ele joga uma sacola de lona no chão e sai. Eu não consigo comer. Pego a sacola, junto as poucas coisas que me interessam, olho ao redor e não consigo pensar em nada. Minha mente está vazia, está em branco.

Sento na cama e em estado catatônico, eu aguardo. Não sei mais se estou ansiosa ou com pavor total de sair por aquela porta. Um longo tempo depois ele surge de novo, abre a porta com força e grita:

- Vamos, chegou a hora.

Eu não me movo, ele se aproxima de mim, estende a mão e sua voz se suaviza:

- Vem comigo, ursinho. Vamos ser felizes juntos. Eu tenho um dinheiro guardado comigo, tenho um carro, vamos fugir e nunca mais voltar. Algumas pessoas estão me procurando, mas eu sei para onde ir. Vamos pegar a estrada e desaparecer.

Eu continuo sem me mover. As feições dele ficam mais duras, e ele me pega pelos cabelos e me arrasta porta afora. Ele segue pelo estreito corredor escuro me puxando desajeitadamente e eu sigo sendo arrastada, mas sinto que minha alma, minha vida, um pedaço de mim ficou naquele buraco.

Depois desse dia eu nunca mais voltei lá, mas sei que parte de mim ficou enterrada lá. Lá eu amadureci, lá eu perdi minha

virgindade, lá eu conheci a dor e a morte, a morte da alma, da alegria, da esperança.

Chegamos ao quarto que esconde a porta que dá para o buraco. O Ogro me venda, amarra minhas mãos.

- Espere aqui sentada que já volto para te buscar.

Ele me empurra e eu caio sentada no chão. Escuto uns barulhos de caixas, sacolas, não consigo ver nada, a venda está apertada e minha cabeça dói terrivelmente. Não sei bem se é desespero ou dor física.

Demora um tempo considerável e ele volta.

- Pronto, podemos ir. No entanto precisamos acertar umas coisas. Eu não posso andar com você vendada e amarrada pelas estradas. Portanto, vamos entrar no carro, vou desamarrar você e tirar sua venda, você vai ter que se acostumar com a claridade e com os barulhos externos e ainda ficar calada sempre. Preste bem atenção, se você tentar correr, gritar ou pedir qualquer tipo de ajuda, eu mato sua família. Conheço todos, sei onde eles moram, já matei várias pessoas e matar mais alguns não me faria diferença, você sabe disso. Eu sempre volto, sempre fujo e quando você menos esperar estarei na sua casa, na sua cama e no seu enterro. Portanto Ursinho, não se atreva a tentar nada. Eu amo você, quero o seu bem, se você for uma menina esperta saberá que o mundo inteiro já pensa que você está morta, ninguém mais quer você, ninguém mais ama você. O mundo não tem espaço para você.

Eu escuto aquelas palavras e elas me fazem todo sentido. Tenho certeza que minha família já me esqueceu, ninguém mais espera me achar viva, foram mais de quatro anos, quem ficaria a minha espera por tanto tempo?

E que lugar teria para mim na minha cidade, na minha sala de aula, no coração dos que eu tanto amei?

NENHUM.

Não tenho mais esperanças de voltar a minha vida de antes, eles vão me achar uma anormal por ter durado tanto tempo, vão pensar que eu gostava do que o Ogro me fazia, que eu motivei ele a continuar e por isso estou viva.

Tenho certeza que o Ogro teve outras meninas e todas foram mortas, então todos vão querer saber o porquê de eu continuar viva, e logo me tornarei uma aberração. Mas se não tem lugar para mim de volta na minha família, na minha cidade e na minha antiga vida, onde eu me encaixo agora?

E com esses pensamentos povoando minha mente, sinto o Ogro me desamarrando, tirando minha venda. Eu olho em volta e vejo os detalhes do quarto, os mesmos de antes. Uma claridade vem do corredor. Meus olhos ardem um pouco, minha cabeça dói muito e eu não sei por quê.

O Ogro pega na minha mão e me conduz para fora do quarto, andamos pela casa e vejo a porta de saída. Tento não andar, mas ele me puxa.

Tento resistir, algo dentro de mim grita: não vá, fique, aqui você está segura. Mas ele me dá um puxão e abre a porta. A claridade invade meu rosto, meus olhos, minha vida.

Não consigo distinguir direito o que vejo lá fora, verde, azul, cores misturadas. As formas vão se delineando aos poucos, resultado de anos na escuridão tendo apenas a claridade da luz artificial.

O Ogro joga em cima de mim um casaco longo, grosso, com capuz, eu coloco rapidamente, o sol me queima, é quente , é claro demais.

Ao longe, vejo algo que imagino ser o carro dele. Olho para os lados e vejo muito verde, muita terra. Ele segue me puxando, tranca a porta e me puxa para o carro. Olho e vejo que a casa está em um lugar deserto, minha mente doente tenta ainda de forma alucinada gravar detalhes para que, quem sabe no futuro, eu possa contar a alguém detalhes do meu antigo cativeiro. Vejo uma casa velha de fazenda, algo como um sítio, e uma estrada de chão. Sinto cheiro de terra, de flores, de vento.

- Vento tem cheiro? - eu me pergunto, mas não tenho resposta. Sinto o frescor de uma brisa em contraste ao sol quente.

- Vamos logo, entra no carro, você parece uma tonta retardada, vamos – grita o Ogro.

Ele abre a porta do carro e me empurra. Eu entro no carro velho dele, ele entra no banco do motorista, minha cabeça está

rodando, sinto náuseas, vontade de vomitar e muita dor nos olhos.

O Ogro arranca com o carro em alta velocidade deixando meu buraco para trás, deixando pedaços de Laura em um lugar que nunca deveria existir: um poço de tortura física e mental.

Seguimos pela estrada, eu tento me encolher dentro do casaco, o capuz cobre parte do meu rosto e eu me sinto minimamente segura ali. Encolhida como um animal ferido no banco do carona.

- Vamos viajar até anoitecer, e então dormiremos em um hotel, juntos, na mesma cama, como marido e mulher. Não é o máximo? - pergunta o Ogro.

E eu começo a formar em minha cabeça que agora além de escrava, sou uma esposa. Tenho vontade de rir, de gargalhar. Eu: uma esposa. Quando foi o casamento e a lua de mel? Eu estava de branco? Teve bolo?

Estou louca, perturbada e sinto novamente a tontura me dominar. Encosto meu rosto no vidro do carro e sinto meus olhos se fechando. Quero ficar acordada, de olhos abertos para ver a estrada, ver pessoas, vacas, ovelhas, carros, qualquer coisa, mas sinto meu corpo amolecer, o cansaço e a perturbação mental dos últimos dias me derrubam e eu adormeço.

Quando acordo, o carro está estacionado em um posto de combustíveis, assim imagino eu. Fazem séculos, vidas, uma

eternidade que não vejo um posto de gasolina. O Ogro está do lado de fora conversando com um moço, ele faz o pagamento e volta para o carro com duas latas de refrigerante. Ele entra no carro e me estende uma lata:

- Vejo que você já acordou, tome isso, vai te fazer bem, você está transparente e parece que vai morrer a qualquer minuto.

Eu nada digo, pego a lata e me viro para olhar para o rapaz que atendia o Ogro. Ele dá partida no carro e quando passamos pelo rapaz eu abaixo o capuz de propósito para que ele me veja, e a expressão que vejo nos olhos dele é de puro terror e medo e eu não entendo o porquê. Pelo menos não entendo hoje, mas no futuro eu entenderia porque o rapaz me olhava com tanto pavor e medo.

Parte 7 – Mauro

- E ai cara? Trabalhando duro?

Carlos, imigrante latino, olha para o amigo que trabalha com ele no posto de gasolina e responde:

-Estou bem, só estou meio que assustado com o que acabei de ver.

- O que você viu?

- Acho que vi um fantasma.

- Por quê? Como assim?

- Eu atendi um carro agora a pouco, um velho estranho, coloquei gasolina e quando ele partiu vi uma pessoa sentada no banco do carona, parecia um fantasma, era branca, eu vi suas veias do rosto, seus olhos estavam esbugalhados para fora, era seca, encovada, seus dentes amarelos, cabelos em fios quase sumidos. Como se fosse um esqueleto humano, mas com vida, ela se mexia e me pareceu levemente familiar.

- Cara, deixa de ser perturbado, devia ser uma senhora idosa.

- Não cara, ela não parecia velha, ela parecia morta.

- Um cadáver? - indagou o amigo de Carlos. – Devo ligar para a polícia? - perguntou ele zombando.

- Não, estou te falando, eu vi ela se mexer, quase que como tentando sorrir para mim, tenho certeza que estava viva, mas era como se fosse um cadáver vivo.

- Seguinte, acho melhor você parar de usar essa erva velha que você fuma. Esquece isso e vamos trabalhar.

- Sei não, estranho isso.

E com essa sensação estranha de que algo deveria ser feito a respeito do que ele viu, Carlos segue para atender um cliente que buzina, deixando a visão de Laura se esvanecer de sua mente.

No entardecer, saindo do trabalho, Carlos vai até o escritório de seu chefe e por um minuto volta a se lembrar do rosto de Laura, agora envelhecido, doente e sem viço devido a anos de ausência de luz, alimentação correta e privações.

A imagem não consegue sair da cabeça de Carlos, e ele tenta lembrar-se de onde viu aquele rosto. Não exatamente aquele rosto, mas um rosto que parecia com aquele.

Ao entrar no escritório do chefe ele para subitamente e olha para a mesa grande que ocupa parte do ambiente. Em cima da mesa tem um porta-retratos com uma foto de uma linda menina, sorridente. Uma menina que ele se acostumou a ver todo dia ali no escritório, em cima da mesa, sorrindo para todos. Já há mais de três anos que trabalha naquele posto e o sorriso na menina no porta-retratos já faz parte do dia a dia dele.

Mas Carlos estava confuso, é como se na sua mente o sorriso da menina do porta-retratos e a imagem fantasmagórica que ele viu mais cedo tentasse se fundir. É como se a mulher que ele viu durante o dia fosse uma derivação maligna daquela menina que agora sorria para ele na foto do seu chefe. Mauro, filho dono da rede de postos de gasolina da redondeza, olha para Carlos e diz:

- Parece que você viu um fantasma. Você está bem?
- Não, chefe. Não estou bem. Acho que vi essa menina hoje.
- Que menina? - pergunta Mauro.
- Essa do porta-retratos – afirma Carlos meio temeroso.
- Impossível Carlos. Deixe de bobagem, pega suas coisas e vá para casa descansar – diz Mauro aborrecido.
- Mas chefe, não era bem ela, era como se fosse a vó dela.
- A vó dela? Eu já não disse para você não vir trabalhar drogado ou bêbado?
- Chefe eu estou limpo, não é isso, por favor.
- Então deixa de falar besteira e saí daqui – disse Mauro.
- Ok, eu vou, mas me diz uma coisa, quem é essa menina do retrato?
- Não te interessa – respondeu Mauro, de forma grosseira abaixando os olhos para seus papéis.

- Por favor, chefe, com todo respeito, quem é a menina? Eu juro que a vi em um carro hoje mais cedo.

- Caramba Carlos, que saco. Você está querendo perder a droga do seu emprego? Vamos, saí fora.

Carlos desiste e saí porta afora. Mas na saída encontra Tadeu, um empregado mais antigo do posto e antes que ele consiga evitar, a pergunta saí da sua boca.

- Tadeu, quem é a menina no porta-retratos na mesa do chefe?

- Porque você quer saber rapaz? - Tadeu pergunta.

- Caralho, será que ela é uma santa ou coisa parecida, que ninguém pode simplesmente me dizer quem é ela?

- Não é uma santa, para de ser otário. Ela é Laura, uma menina que o chefe namorou há muito tempo atrás antes do pai dele começar a expandir o negócio de postos de gasolina.

- Viu? Nem doeu tanto assim me dizer quem é a menina.

- Mas porque você querer saber? - pergunta Tadeu.

- Cara, eu estou muito mal, eu podia jurar que vi essa menina em um carro hoje mais cedo.

- Essa menina? Impossível.

- Porque é impossível? - pergunta Carlos.

- Não é da sua conta, mas será mesmo que você quer perder a droga do seu emprego? - grita Mauro que escutava conversa na porta do escritório.

Carlos e Tadeu se entreolham em silêncio. Carlos pega sua bicicleta e vai para casa, sem entender o motivo de tanto segredo em volta da menina e entendendo menos ainda o que realmente tinha vista naquele dia mais cedo.

Mauro volta para dentro do escritório e se joga na sua cadeira pegando a foto de Laura. Ela era seu grande amor. Ela sua paixão, era a esperança dele ter uma família perfeita. Cada olhar dela trazia luz a vida dele. Eles namoram há uns anos atrás. Ele nunca mais conheceu alguém como Laura. Rebelde, mas gentil e amorosa, era a menina dos olhos dele.

E um dia a ligação fatídica foi atendida por ele. A mãe de Laura gritando no telefone perguntava se ele sabia onde estava Laura. E ele não sabia, ninguém sabia. Ninguém nunca mais soube. Laura desapareceu, foi tragada pela terra e a luz da vida de Mauro se apagou. Ele teve outras namoradas depois, mas nunca mais esqueceu Laura. E ainda hoje, mais de quatro longos anos depois do desaparecimento dela, ele ainda mantém a foto dela por perto.

Ele tem certeza de que ela está morta, do contrário ela teria lutado para voltar para ele, eles tinham planos, ela se formaria na escola, ele receberia do pai um posto de gasolina para cuidar, comprariam uma casinha branca de portas azuis com jardim, um carro potente e viajariam nas férias para a praia.

No futuro teriam filhos e um cachorro. Mas tudo virou pó quando Laura desapareceu e nunca mais deu um único sinal de vida. “Morta”, todos diziam. Laura só pode estar morta, do contrário apareceria.

Enfim, o tempo passou e a dor foi diminuindo no coração de Mauro que no começo pedia tantas explicações sem respostas. Hoje só restava a imagem do sorriso rebelde de Laura, nada mais.

E então vem Carlos, aquele empregado que vivia drogado e bêbado inventando uma mentira ordinária de que tinha visto Laura..

“Miserável, maldito” – pensava Mauro. – “Só para me fazer sofrer”.

Mauro, agora um jovem adulto, inclina sua cabeça na mesa, abraça a foto de Laura e chora. Chora como um bebê, como se a vida houvesse de novo sido tirada dele. O sofrimento que antes tinha sido aplacado pelo tempo, agora se abre de novo no peito dele. Ele chora e soluça sentindo o sorriso de Laura, o cheiro de Laura, o gosto de Laura, mas não existe mais Laura. Agora só lembranças dolorosas e cruéis e a certeza de que nunca mais sentiria o toque de Laura.

Parte 8 - Pela Estrada Afora

Ele me viu ou não?

Tenho dúvidas se ele me viu, mas na verdade sinto ainda os olhos dele me olhando de forma medonha como se eu fosse um monstro.

Será que minha imagem está tão ruim assim?

Devo procurar um espelho ou me contentar em não ter mais um rosto a mostrar ao mundo?

No carro do Ogro só existe espelho no retrovisor do lado dele, do meu lado o espelho está quebrado.

Seguindo pela estrada e muito chão, dos lados da estrada nada se vê além de verde e casas infinitamente distantes e separadas umas das outras por quilômetros e quilômetros de terra.

Sinto fome, mas sinto enjoo ao mesmo tempo.

O Ogro sentando ao meu lado, nada diz. Cantarola uma música irritante e dirige como se estivéssemos indo para um passeio em família. Quem sabe isso não é a atual verdade da minha vida?

Quem sabe eu e o Ogro não somos verdadeiramente uma família agora? Afinal ele disse que me ama. Estou definitivamente louca.

Olho pelo vidro do carro e vejo coisas que imaginei nunca mais ver. Vejo pássaros, vejo árvores de todo tipo, tamanho e forma. Vejo até pessoas andando pela estrada. Vejo um homem em uma bicicleta. Vejo alguns bois ou serão vacas? Quanto tempo faz que não vejo outros seres vivos além de mim e do Ogro? Não sei dizer.

E nossa viagem continua, indefinidamente. Agora poucas e escassas coisas para se ver mas ao mesmo tempo muitas cores, formas, sons e cheiros.

- Posso abrir o vidro do carro? - eu pergunto de forma tímida.

- Para que? - responde ele sem me olhar.

- Sei lá, para sentir o vento no rosto.

Ele segura com mais força o volante e diz:

- Você não sente nada, só o que eu mandar você sentir. Lembre-se sempre de uma coisa, você não está livre, não está solta, você não é nada, nem é ninguém, você é minha, minha menina, minha escrava. Você está mais presa agora do que antes, agora estaremos diariamente, minuto a minuto presos um ao outro. Agora quero que você faça valer a pena eu não ter te matado e sim trazido você comigo. Se você se lembrar sempre disso, uma hora vai começar a me agradecer e vai viver apenas e unicamente para me satisfazer e me fazer feliz. É isso o que você precisa sentir, nada mais.

Eu escuto e nada falo. Minha cabeça ainda dói e meu estômago se revira mais ainda. E analisando as palavras dele vejo que

na verdade ele tem razão, estou mais presa ainda, agora não terei um minuto de sossego, não ficarei sozinha comigo mesma nunca mais, serei para sempre uma escrava dele. Sinceramente eu deveria ter me esforçado mais para ficar no meu buraco, no meu canto embaixo da terra.

Eu acredito fielmente que escravos e prisões não se fazem somente com paredes, grades ou algemas, mas também com simples palavras e situações. O poder que ele tem sobre mim é incalculável, eu na verdade não consigo visualizar uma vida sem o Ogro, porque sei que ninguém mais me aceitaria nesse mundo depois de tudo que passei.

Anoitece e ainda estamos na estrada, eu durmo e acordo com o rosto batendo no vidro do carro e ainda estamos andando.

- Você está acordada?

Eu não respondo.

Ele segura nos meus cabelos e balança minha cabeça, impossível fingir que não sinto. Eu olho para ele e ele sorri, aquele sorriso desvairado, louco e sem razão.

Agora olhando ele aqui dentro do carro, nessa estrada sem luz ele me parece ainda mais medonho e sinistro, um ser diabólico saído do fundo dos infernos. Ele continua sorrindo, e com uma das mãos abre as calças e projeta para fora seu membro absurdamente ereto.

- Chupa – ele diz.

Eu ouço, mas não entendo bem, ele quer que eu chupe ele aqui na estrada com o carro em movimento? Nessa época eu não tinha noção de certas coisas e ações que todos já faziam como se fosse comum e usual.

- Vamos lá, está surda?

Ele segura minha cabeça com a mão direita enquanto que com a esquerda continua segurando o volante e força minha cabeça para seu colo.

Eu me recuso a abrir a boca, e ele esfrega minha cara no membro sujo e fétido dele. Está ereto, muito ereto, pulsante. Sinto o cheiro horripilante de sua falta de higiene e aliada ao meu estomago embrulhado o resultado é certo.

- Sua vadia, nojenta – ele grita tentando encostar o carro.

Eu vomito mais e mais, no meu banco, no banco dele, nas calças dele.

Ele para o carro, sai e abre minha porta me puxando para fora. Vento, brisa fria, pequenas gotículas de sereno noturno. Ahhh como eu sou minimamente feliz nesse momento, cheia de vômito na roupa mas sentindo uma brisa nova em meu rosto.

- Você é uma nojenta, uma cadela asquerosa – grita ele tentando se limpar com um pouco de água e um pano velho que ele pegou no fundo do carro.

Enquanto isso, permaneço sentada no chão na beira da estrada escura e fria.

Ele limpa precariamente meu banco e o dele, sinto que ele respira pesado de ódio. Eu penso em correr para dentro da mata que cerca a estrada, mas sei que é tempo perdido.

Eu estou fraca, sem comida, sem roupas adequadas. E ele é infinitamente mais forte e rápido que eu. Além disso, ele sabe onde minha família mora e a sede de vingança dele será incalculável se eu fugir.

Ele termina sua limpeza, vai na parte traseira do carro e pega uma sacola. Se aproximando de mim, ele segura meu braço e me arrasta para dentro da floresta. Caminhamos aos tropeços por uns 100 metros, já não vejo mais a estrada e as escassas luzes dos carros que possivelmente trafegam por ela.

- Vou te dar uma nova lição, sua vadiazinha, já faz um bom tempo que não nos acertamos, você é como relógio, deve ser sempre acertado para nunca errar.

- Vai se foder – digo eu sem sentido e sem pensar.

- O que você disse?

Eu não respondo.

- Você mandou eu me foder? Certo, estamos ficando espertinha, estamos querendo colocar as asinhas de fora de novo, muito bem amor da minha vida, vamos ver no que isso vai dar.

Ele me empurra para uma clareira leve no meio daquele matagal, arranca com um só puxão minha roupa, e me dá um

soco no rosto. Eu já estava tonta, agora então perco o sentido de onde estou e do que estou fazendo ali.

Quando consigo vislumbrar novamente os contornos das árvores sinto os dedos dele dentro de minha vagina, me abrindo, me explorando de forma brutal. Minutos depois o sinto dentro de mim, arremetendo com força e ódio.

Ele não goza.

Arremete mais e mais, porém por mais que eu torça para que ele goze logo, ele não goza. Mais minutos se passam e sinto-o estocar meu útero com seu membro descomunal como se fosse me partir ao meu.

Ele para, saí de cima de mim, me vira, cospe na região da minha bunda e entra em mim novamente, mas dessa vez por trás. Sinto ele me rasgando, sinto dores horríveis, como se eu tivesse sendo atravessada por um objeto perfurante, sinto queimar meu corpo todo, e ele força mais e mais, abre mais minhas pernas e arremete de novo por trás com força. Ele está rígido como nunca. Ele segura meus cabelos com força e bate meu rosto contra o chão. Eu desmaio.

Quando acordo, sinto como se toda a parte de baixo de meu corpo pegasse fogo, quase que tive certeza de que o Ogro havia tocado fogo em mim. Mas não, do meio de minhas pernas sai sangue, e o Ogro está em pé, logo adiante encostado em uma árvore. Nas mãos ele tem um pano que parece molhado com algo que tem cheiro forte.

- Engraçado isso, você gritar assim me deixa excitado, quem sabe podemos repetir a dose, agora que você acordou?

Eu entreabro meus olhos e sinto as malditas lágrimas de dor e revolta descerem pelo meu rosto, quando você pensa que não tem mais lágrimas e não consegue mais chorar, vem a vida e te inunda com dores incrivelmente insuportáveis que fazem brotar do fundo de sua alma lágrimas remanescentes. E eu choro, como um bebe me encolho em uma posição fetal e choro.

- Estou brincando ursinho, se acalme, vamos, não chore, foi só uma trepadinha, nem foi tão ruim assim, só usei gasolina para te limpar porque não tenho outra coisa...

Ele me recolhe do chão, me veste com uma camiseta velha e uma calça de moletom duas vezes meu tamanho que ele tirou da sacola que trouxe do carro, e me pega no colo.

Não sei se alguém já sentiu essa sensação estranha de ser carregada no colo e querer ao mesmo tempo lutar contra e se aninhar. É estranho, eu queria morder ele, matar, socar, cuspir nele, mas tudo que conseguir fazer foi encostar no peito dele, minha cabeça que pendia solta no ar. E quando minha cabeça tocou seu ombro, ele insanamente me beijou na testa.

- Te amo ursinho.

Ele me levou para o carro, me colocou no banco do carona e me cobriu com um cobertor velho. Colocou uma garrafa de

água nos meus lábios, eu seca por dentro e fora, bebi vários goles.

- Mais a frente tem um pequeno hotel de caminhoneiros, vamos parar para dormir e comer alguma coisa – diz ele como se falasse para sua família que segue em férias pela estrada fora.

A mim só me resta encolher-me contra a porta que segue sumariamente trancada, tentando manter aberta as pernas pois tudo me queima lá embaixo e me transportar para um outro lugar, um outro mundo, para momentos onde eu me aninhava nos braços de Mauro.

Meu querido e doce Mauro.

CAPITULO VI - Parte 1 - Lua de Fel

Temos que perdoar nossos inimigos, temos que dar amor, mesmo quando recebemos atitudes não aprazíveis. Deus é amor, e somos seus filhos, portanto é importante que sejamos amorosos uns com os outros e que através desse nosso amor possamos perdoar o próximo, hoje e sempre. “Amém.”

Ainda me lembro de um dos sermões que nosso pastor dava na igreja em dia de domingo à noite. Eram sermões lindos, sermões que conduziam nossa alma a um estado cada vez maior de paz.

Eu gostava daquele pastor. Era um pastor alegre e dinâmico, estava sempre de bem com a vida, tinha sempre um sorriso a dar a cada um de nós quando estendia suas mãos para nos abraçar na saída da igreja.

Perdão, amor, eram palavras que ele sempre dizia e ele insistia em dizer que através dessas palavras, na prática, seríamos levados para mais perto de Deus.

O que me pergunto agora era em que lugar, nos momentos em que o pastor falava de amor e perdão, estava o Ogro.

Ah, sim, me lembrei! Ele estava sentado em um dos últimos bancos da igreja. Não foi nem uma nem duas vezes que o vi lá sentado. Um sujeito estranho, olhando para mim e para minhas amigas de forma, que hoje sei, ser muito suspeita.

Voltando ao sermão do pastor, eu me pergunto também: será então que mesmo não recebendo “amor” do Ogro eu deveria sequer sonhar ou imaginar um mísero ato de perdão meu na direção dele?

Como perdoar uma pessoa que esmigalhou seus sonhos, que destruiu sua vida, que te fez ver o lado negro da sobrevivência e que ainda por cima ousa pronunciar, da mesma forma que o pastor, o nome amor?

Quem estará certo nessa equação de igualdade, o amor que sai dos lábios do pastor ou o amor que sai dos lábios do

Ogro?

Ambos falam de amor, com o adicional que o pastor fala de perdão e paz.

Não, definitivamente não sei o que é nenhuma dessas palavras, porque agora, nessa estrada afora, onde tento encolher meu corpo ao máximo para me afastar do corpo do Ogro e se fundir com a parede, tudo que consigo pensar é em morte, ódio, vingança.

Não sei de onde as pessoas tiram essa ideia absurdamente fraca e sem lógica de perdoar a quem nos maltrata. Posso estar sendo errada e anticristã, mas Deus que me perdoe, não saí de mim algo além de pura escuridão. Quem sabe amor e perdão funcionam em um mundo onde homens casados e inseridos na sociedade como pessoas de bem olham para menininhas

como se fossem suas filhas ou irmãs e não como se fossem objetos do mais profundo desejo carnal e satânico.

Estou aprendi mais sobre as coisas espirituais com o Ogro do que jamais aprendi na igreja. Queria ser diferente, mas não consigo. Na verdade eu até gostaria de ser aquela menina que, se um dia resgatada for, abre os olhos para o mundo, sorri e diz:

- Eu o perdoo, ele é uma alma sem luz que precisa de paz.

Mas acho que jamais serei assim, a cada quilômetro que esse carro anda, me afasto mais e mais da paz, do amor e principalmente do perdão.

Minhas partes íntimas estão em carne viva, esfoladas e queimadas com a gasolina que ele me jogou. Mal posso fechar minhas pernas.

Mas agora se acumula dentro de mim novamente uma ideia bizarra de ser a menina boa e esperar meu momento certo. Se essa ideia brotou em mim quando eu estava no buraco e fazia sentido, agora mais ainda porque com qualquer descuido do Ogro, eu vou fugir.

E a segurança de meus pais? Não sei. Quem sabe Deus os guarda, quem sabe antes da minha fuga, eu mate esse “espírito sem luz”..rsrs

Dou um sorriso fraco para o vidro do carro, mas não consigo ver meu reflexo. Agora pensando nisso novamente e juntando a expressão de pavor que aquele rapaz do posto de gasolina me

olhou, só posso achar que realmente fui retirada do rol de pessoas vivas e normais da face da terra e hoje faço parte de um grupo de seres que cambaleiam sem rumo e destino, só esperando o “bondoso” espírito da morte se aproximar e nos levar consigo, seja para onde for, lá com certeza deve ter algo melhor do que vivo aqui hoje.

O carro diminui a velocidade e vejo luzes na beira da estrada..

- Vamos parar para dormir, eu estou morto, preciso comer e descansar. Já estamos muito longe da nossa cidade e podemos seguir viagem amanhã bem cedo. Vou pagar o quarto, pegar a chave e venho te buscar. Eles não vão perguntar muita coisa, portanto, vou te dar um voto de confiança e vou te deixar aqui.

“Que ótimo, você confia em mim e eu vou correr feito uma louca até meu último fôlego sair do meu peito, se isso me mantiver longe de você.” – pensei eu.

Mas era vã minha esperança. Ele pegou embaixo do banco algemas e me prendeu ao volante. O carro ficou no canto mais escuro do estacionamento do hotel e não vi ninguém nas redondezas.

“Será que se eu gritar funciona?”

Só rindo mesmo, eu perdi o juízo e a noção, sou uma idiota. Mas não tem problema, enquanto eu estiver viva, vou ter uma chance. Ele sai e caminha rumo à porta do hotel. Eu olho em volta e só vejo vazio. É realmente um hotelzinho no fim do mundo.

Minutos depois, ele volta com as chaves, abre a porta do carro e me tira do banco. Tento ficar em pé, mas as pernas estão moles, nem sei a última vez que comi. E ainda tenho meus machucados.

Ele então, em uma atitude insana, me pega no colo e me leva até o quarto, com uma das mãos abre a porta e como um lindo casal em lua de mel, igual aos filmes que eu via com o Mauro, ele empurra a porta com o pé e me deita na cama.

A porta se fecha e olho em volta, a luz ainda me incomoda com sua claridade excessivamente diferente do que era no meu buraco.

- Eu pedi comida, logo eles vão trazer algo para comermos – ele diz.

Ele vai para o banheiro, deixa a porta aberta e eu escuto o som de água. Ele deve estar tomando um banho, vai chover rios lá fora. Esse imundo tomando banho, quase uma piada, vai gastar toda a água do mundo e não vai conseguir se limpar.

Demora uma eternidade e nessa eternidade eu sinto a textura da cama e seus lençóis velhos e encardidos como se fossem fios de seda no meu corpo. Sinto o cheiro do sabão no travesseiro e me aninho. Um prazer mínimo que sinto: deitar em uma cama “limpa”.

Enfim ele sai do banheiro com a toalha enrolada na cintura. Estranho isso, eu por algumas vezes, vi meu pai saindo assim do banheiro e correndo para o quarto que ele dividia com

minha mãe e sabia que isso era um sinal de intimidade, o homem estar de toalha na frente da mulher.

E eu me pego aqui, agora nessa situação onde eu sou a “esposa” e o Ogro é o marido andando pelo quarto de toalha e cantarolando aquela maldita musica.

- Vou abrir o chuveiro, colocar uma cadeira lá dentro e te levo para tomar um banho. Sem escândalos ou gritaria, ninguém vai te ouvir e eu só vou me aborrecer, certo?

Eu balanço a cabeça silenciosamente e ele volta para o banheiro.

Minutos depois ele vem me buscar, tira minha roupa com delicadeza sinistra e me leva no colo para o banheiro. Ele me põe embaixo do chuveiro. A água está morna e deliciosamente escorre por meu corpo branco, magro e fraco. Meu segundo momento delicia daquele dia.

Mal posso descrever a sensação que sentei. A água vinda de cima como em banheiros normais, a sensação morna amortecendo cada parte do meu corpo. Mantenho minhas pernas fechadas enquanto estou sentada na cadeira e deixo o tempo passar.

O Ogro fica por um momento em pé me olhando e depois volta para o quarto. Não sei dizer quanto tempo passou até que senti meu corpo ficar dormente ali na cadeira. Eu tinha medo de levantar e cair no box.

Então, pela primeira vez em anos, tive que chamar por ele como uma pessoa normal chamaria um conhecido ou familiar dentro de uma mesma casa.

- Ei, Ogr.. Moço.. – disse eu na falta de palavra melhor.

Ele veio até a porta e sorriu

- Moço? Tenho nome, me chame de Jorge.

“Jorge? Sei. Até parece que não sei o nome dele. Ele pensa que não escutei a esposa dele o chamando de Estevão” – mas me calo.

Ele vem até mim, esfrega sabão nos meus cabelos e no meu corpo. Propositalmente, acredito, ele evita minhas partes íntimas e eu ainda permaneço com as pernas fechadas. Ele abre um pouco mais o chuveiro e a água cai em abundância, eu ergo a cabeça e sinto o gosto maravilhoso da água escorrendo pelos míseros fios de cabelos que me restam. Ele fecha o chuveiro e ali mesmo, sentada, ele me seca. Ele me enrola em uma toalha.

- Vou te colocar deitada na cama de volta e vou sair para arrumar umas roupas para você. Seus trapos estão imundos.

E assim o fez e até hoje me pergunto de onde vieram as roupas que ele me trouxe, pois não tinha nada naquele fim de mundo.

Ele me trouxe uma calça de moletom folgada e um blusão rosa com capuz, sem calcinhas, óbvio. Ele me vestiu devagar, me fez deitar na cama e ligou a televisão. Televisão... Um quadrado

de onde saem imagens e vozes, luzes e efeitos visuais que eu tinha esquecido como eram.

Alguém pode dizer: foi só quatro anos, não dá para esquecer como é ver televisão. Mas foram quatro anos em um buraco escuro, sem luz natural, sem ruídos externos, sem nada.

Eu olho as imagens e fico fascinada, como em transe vejo algo como um jornal. O homem na tela fala do tempo, de acidentes, de desastres, mas eu não consigo entender direito as notícias, me sinto lesada mentalmente.

Parte 2 - O Começo de uma nova Vida

Parece que horas se passaram enquanto eu olhava para a tela da televisão. Pessoas falando, notícias passando, mortes, novidades, anúncio de produtos de cabelos. Eu começo a rir de uma propaganda, e sinto um olhar em mim.

O Ogro me olha de uma forma diferente, como se estivesse com pena. Eu não ligo, continuo olhando a televisão encantada, minha cabeça lateja pelas inúmeras cores e sons que vem da tv, eu me encanto, estou de volta ao mundo. Minutos depois escuto o som da campainha e me assusto.

O Ogro olha para a porta, olha para mim e coloca o dedo sobre os lábios exigindo silêncio.

Ele levanta, abre a porta apenas o suficiente para pegar a nossa comida, paga e fecha a porta. Ele coloca em cima de uma mesinha que fica perto da porta, uma bandeja grande com comida. Comida de verdade, que cheira de verdade e parece ter gosto real e intenso. Eu olho para a bandeja e sinto minha boa cheia de água.

- Está com fome, né? - pergunta o Ogro.

- Sim, muita - eu respondo.

-Vamos fazer uma troca, você me dá um beijo e eu te dou comida, sem brigas, sem drama, que tal? - ele me olha como se estivéssemos fazendo uma brincadeira.

Eu penso que diante de tudo que ele já me obrigou a fazer, agora me pede um beijo em troca de comida, nada mais fácil.

Eu me levanto da cama, devagar e com calma, pois ainda estou muito tonta, me aproximo dele, que está ainda em pé perto da porta, me ergo na ponta dos pés e dou um beijo nele. Ele se espanta, enlaça minha cintura e gruda meu corpo no dele olhando profundamente nos meus olhos.

Eu sustento o olhar e para sua surpresa eu beijo ele de novo. Ele empurra a língua dentro da minha boca, eu fecho os olhos, penso na comida e chupo a língua dele com suavidade, como se estivesse lambendo um picolé.

Ouçó um gemido e sinto sua dureza contra meu corpo. Ele me afasta e eu já penso que não vamos comer antes dele estar satisfeito. Mas me engano.

- Vamos comer logo, você está fraca – ele diz e eu me espanto de novo com esse comportamento tentando ser civilizado vindo daquela criatura medonha que tanto me fez sofrer. Comemos em silêncio, eu devagar, ele mais rápido. Eu não me lembro de ter comido tanto em toda minha vida.

Arroz, pão fresco, tomates, carne, ovos, queijo, batatas assadas e suco de laranja. Em muita quantidade, eu comia e comia e parecia que nunca ia parar. Até que ele segurou minha mão.

- Vá com calma. Chega, você vai passar mal.

Olhando para os pratos, vi que na verdade não tinha sobrado muito coisa. Deito na cama de novo e as minhas energias

voltam, lentamente cada pedacinho do meu corpo vai tomando vida. Eu sinto a dor de cabeça ir embora, minha visão melhorou levemente, eu já não estava mais tonta e não tremia mais.

Acomodei-me embaixo das cobertas e afofando o travesseiro dormi. Não me lembro quantas horas dormi, mas acredito que tenha sido por muito tempo. Sem sonhos, sem pesadelos, uma noite inteira de sono como nunca na minha vida.

Quando acordei o sol atravessava as frestas da cortina e iluminava de forma intensa o quarto.

Procurei pelo Ogro, mas ele não estava ao alcance da minha vista. Fui ao banheiro e não havia ninguém. Corri para a porta, mas óbvio que estava trancada. Tentei destravar as trancas das janelas, mas não consegui, afastei devagar as cortinas e o sol parecia me cegar. Eu me afastei um pouco e lá fora vislumbrava campos verdes, um estacionamento vazio e ao longe uma estrada com carros e caminhões que passavam rapidamente.

Antes que eu pudesse pensar em algo, escutei o barulho da chave na porta e corri para a cama. Ele entrou e trouxe nosso café da manhã. Leite, café, suco, pães, queijo, frutas. E eu novamente comi como se o mundo fosse acabar no mesmo dia.

Ele me olhava e sorria. Quando eu coloquei o último pedaço de pão na boca ele veio perto de mim e me deu um beijo na testa. Estranhamente não recuei e por incrível que pareça eu não senti nada. Nem ódio, nem nojo, apenas a mais pura e singela

satisfação de estar alimentada, de banho tomado, descansada. Em anos eu não me sentia tão normal, tão humana, tão bem.

- Bom, vamos viajar mais agora. Vamos atravessar para outro Estado de novo e quem sabe podemos arrumar lá um lugar para morar.

Eu mal escutava, tomava mais suco e sorria dentro da minha própria alegria infantil de ter comida e cama. O Ogro pegou suas coisas pelo quarto e parou perto de mim:

- Vamos sair, você não vai gritar nem correr não é mesmo?

- Não – respondi de forma pacífica.

Ele entortou a cabeça de lado, sorriu e me disse:

- Acho que vamos nos entender cada vez mais agora.

Ele me pegou pelo braço, pegou uma tolha que estava jogada em cima da cadeira, colocou sobre meu rosto e me conduziu até o carro. O sol, ainda forte, impedia minha visão quase que totalmente. Deixei-me conduzir. Ele abriu a porta do carro e eu entrei.

Saímos para a estrada. Eu encostei minha cabeça no vidro do carro e aproveitei cada minuto daquela ainda nova sensação de totalidade, satisfação e leveza que a comida e a cama tinham me dado.

Ele colocou uma música no carro, uma música velha e gritante. Mas eu não me importei. Minhas queimaduras entre

as pernas doíam menos, mas eu ainda mantinha as pernas entreabertas. Ele me olhou de lado e disse:

- Comprei uns remédios para você no balcão do hotel, logo vamos parar de novo para eu mijar e aplico os remédios em você.

Umas horas depois paramos no acostamento, a estrada era de mão dupla e muitos carros passavam. Ele me tirou do carro, cobriu meu rosto com a toalha e me levou para dentro da mata que margeava a estrada. Eu não ofereci nenhum tipo de resistência.

Sabe aquele momento da vida que tudo é tão bosta, mas tão bosta que você não quer mais nem piscar? Soma-se a isso minha satisfação de ter podido tomar um banho, dormido e comido, resultava em apatia completa.

Ele me pegou pela mão e fomos caminhando mata adentro. Paramos perto de umas árvores e eu espiava pela fresta da toalha. Tinha medo da claridade cegar meus olhos, mas ao mesmo tempo eu queria me acostumar com ela, queria ver o mundo, queria ver as coisas, as cores e quem sabe até as pessoas.

- Vamos, tira essa calça devagar.

Eu obedeci e senti o vento bater nas minhas pernas e partes íntimas. Eu ri.

- Tá rindo do que menina? - ele me perguntou rindo levemente também.

- De nada – eu disse, mas continuava rindo por dentro daquela sensação de estar “livre” do buraco, sentir o vento, o sol, ouvir pássaros. Meu Deus, pássaros, eu nunca imaginava que um dia escutaria esses sons novamente.

Ele colocou a mão entre minhas pernas e passou um creme que me deu uma sensação ainda mais refrescante. Ele passava devagar, com calma, sem muita pressão. Quase que de forma respeitosa, e eu não conseguia disfarçar meu espanto pela forma com que ele estava me tratando.

Quem sabe agora que éramos só eu e ele, ele se sentia diferente com relação a mim. Da minha parte enquanto eu estivesse sentindo novamente a sensação de estar viva, já bastava. Claro que sempre pensei em fugir, 24 horas por dia, mas pela forma que ele estava me tratando, eu poderia esperar o melhor momento para ir embora.

E afinal, quando eu fosse embora, para onde iria?

Para a casa de meus pais?

Como eu iria olhar para o rosto de minha mãe na ceia no natal ou no almoço de domingo depois de tudo que vivi?

Como o Ogro mesmo dizia e eu acreditava, ninguém mais me queria no mundo civilizado, ninguém mais se lembrava de mim ou me amava.

Éramos só eu e ele.

Não queria pensar naquilo naquele momento.

Depois que ele passou os remédios em mim, ele me vestiu de volta e eu percebi que ele estava excitado. Arrepie-me, não queria que a violência voltasse e quebrasse aquele momento tão livre que eu sentia.

- Se eu te pedir para me “aliviar” você vai berrar ou tentar fugir de novo? Porque se você fizer isso vou quebrar você em duas e vamos voltar ao começo de tudo, novamente – ele dizia isso com um tom de voz suave, como se estivesse dizendo que me amava.

Eu não sabia bem o que ele queria, mas de qualquer forma só balancei a cabeça de um lado para o outro negando qualquer reação agressiva de minha parte. Ele então abriu a calça e seu membro saltou ereto para fora.

Ficamos ali em silêncio, ele me olhando, eu olhando o sol bater no seu membro duro e quase roxo. A toalha em meu rosto cobrindo parcialmente minha cabeça. Devia ser uma cena quase cômica, se não fosse tão trágica.

Eu continuei em silêncio, e ele disse:

- Vem ursinho, me beija, me chupa.

Eu pesei todos os fatores naquela hora, tudo passou na minha mente, as dores, as lágrimas, as torturas, a solidão do buraco, a saudade de meus pais de quem eu nem conseguia mais lembrar dos rostos.

Pensei na comida gostosa que comi, na cama que para mim parecia macia e no tom de voz dele, quase um apelo a não

violência. Devagar eu me ajoelhei e aproximei meu rosto do membro dele. Ele segurou de leve meu rosto, arrumou a toalha de forma que cobrisse toda minha cabeça e esfregou o membro na minha boca. Eu abri a boca e fiz o que ele queria.

Fiz da forma mais leve que consegui. Meu café da manhã subia e descia na minha garganta teimando em querer sair boca afora, mas eu resisti muito e ferrenhamente enquanto tentava ensaiar um beijo, uma chupada ou o que quer que fosse preciso fazer.

Ele não demorou muito e gozou, eu tentei me afastar antes que ele fizesse isso na minha boca, mas nessa hora ele segurou firme meu cabelo e eu tive que engolir. Tossi um pouco, me afastei e ele de imediato disse:

- Se você cuspir eu vou ficar chateado.

Eu respirei fundo, fiz aquilo descer garganta abaixo e do fundo da minha alma puxei um ensaio de sorriso e olhei para ele. Eu ali de joelhos, com o esperma dele escorrendo pelos cantos da minha boca, uma menina magra, sem cor, sem vida, torturada, humilhada, destroçada tentando sorrir para não mais passar pelo que já tinha passado. Ele em pé me olhava e se sentia um deus. Mas eu não ligava, não naquela hora, não mais.

Ele me levantou, me abraçou, disse que me amava e me levou de volta para o carro. Andamos mais umas horas, ele parou de novo em um posto de gasolina, dessa vez eu nem tentei imaginar uma fuga.

Ele me trouxe cachorro quente e refrigerante, e depois me deu chocolate, eu comi muito de novo, sorrindo, agradei.

E acho que nesse momento ele entendeu que tudo mudaria entre nós. Eu ainda não sabia, mas daquele dia em diante tudo seria diferente.

Parte 3 - Lentamente Morre um Ursinho

Anoitece novamente e o Ogro me diz que vamos dormir no carro dessa vez. Seguimos por mais umas horas e paramos. Eu já estou com fome de novo, mas não me atrevo a falar nada. Paramos em um descampado ao lado do acostamento da estrada. Ele conduz o carro para longe da estrada e uns arbustos nos esconde de quem passava por ela.

- Vamos ficar no carro, dormir e amanhã cedo pegamos a estrada de novo – ele me diz.

Já andamos muito de carro e imagino que estamos cada vez mais longe do buraco e da minha antiga casa. Sem problema, porque na verdade naquele momento eu já via minha antiga vida como um sonho esquecido. Algo na minha mente me dizia sem parar que a vida agora era diferente. O que eu tinha agora era a vida normal, o que eu lembrava de meus pais, do Mauro e de minhas amigas não passava de um sonho lindo que nunca mais seria real.

A cada quilômetro que andávamos de carro eu me sentia mais e mais longe do que um dia foi minha vida, minha família, meu mundo.

Eu agora era uma mulher adulta, unida a um homem que era meu dono, meu senhor, meu mestre e por mais que no fundo da minha alma brotasse um desejo de fugir de perto dele ou de comer o coração dele no jantar, ao mesmo tempo eu sentia

que as mãos deles eram as únicas que me alimentariam ou me dariam certo conforto[1].

Ficava para trás a menina ursinho, a Laura da mãe e do pai, a namoradinha de Mauro. Ficava para trás minha inocência, meu amor, minha paz, minha caridade e minha fé. Ficava para trás meu ser humano e morava em mim agora uma escrava. Eternamente escrava.

Acomodamo-nos no carro, dormimos. Novamente desceu sobre mim um branco, um sono sem trégua, sem paradas e sem susto. Não havia cores de sonho de menina, mas também não havia pesadelos de uma mulher que resistia a violência. Eu não entendia o que estava acontecendo dentro de mim, mas sabia que algo estava mudando no meu íntimo, e não sabia dizer se esse algo era bom ou ruim. Só sabia dizer que eu havia mudado.

Amanheceu.

Os primeiros raios de sol entraram no carro e eu despertei. O Ogro ainda dormia no banco do motorista, eu olhei para ele e senti de longe o cheiro dele. Ainda era um cheiro ocre, de folhas podres misturado com suor. Ele se mexia e murmurava alguma coisa. Eu olhei para os lados e senti que já podia ver com mais facilidade mesmo diante da claridade do sol. Tentei abrir minha porta do carro, mas parecia estar emperrada, eu não sabia, mas a porta só abria por fora. Quando eu tirei a mão da maçanete escutei uma voz:

- Você não estava tentando fugir, estava?

- Não, claro que não, só preciso ir ao banheiro – respondi com pressa.

- Vou te mostrar uma coisa – ele disse.

Ele tirou debaixo do banco um pacote com umas fotos e me mostrou. Eram fotos da minha mãe e do meu pai, uma foto do Mauro, outra da minha casa e outra de duas amigas minhas sentadas em um banco que eu não me recordava mais onde era.

- Sei onde todos moram, você foge e a primeira coisa que eu faço é ir à sua cidade e matar todos. Se a polícia me pegar eu tenho dois amigos que tem cópias dessas fotos e tem seu endereço, todos morrem. E antes de morrerem eles vão sofrer, sofrer muito. Suas amigas, sua mãe. Vai ser aqueles casos que passam na tv onde se encontram corpos para todo lado, pedaços de pessoas jogados nas estradas e ninguém nunca vai saber o porquê. Simplesmente porque já faz séculos que você sumiu e ninguém mais se lembra de você, logo não vão ligar os assassinatos que vou cometer com seu possível sequestrador. Você entendeu?

Eu escutava, mas não consegui ligar uma coisa a outra, não queria fugir, meus pais e amigos não me amavam mais, porque eu iria querer fugir? E afinal, se um dia eles me amaram, creio que já sofreram muito com meu sumiço, jamais eu faria isso com eles.

- Sim, eu entendo, não quero fugir – tentei falar com firmeza.

E ele, olhando nos meus olhos, percebeu que eu falava a verdade.

Duas Lauras habitavam em mim naquela época, uma que sentia o cheiro da família, do Mauro, do lar, como vislumbres de filmes antigos. A outra queria só agradar seu mestre para poder sentir o gosto da vida de novo. Eu não sabia ainda, mas a minha mente havia ligado a comida, a cama, o banho, o vento, o ar fresco e a sensação de liberdade ao Ogro como se de forma direta eu acreditasse que isso tudo só me era possível devido a bondade dele. Portanto eu não podia ir contra ele.

Ele tinha me tirado do buraco, estava cuidando de mim, me alimentando me deixando sentir o vento e a natureza. Eu não via o passado, não via que ele tinha me colocado no buraco e me estuprado como um animal. Não. Eu não via isso. Eu o via me libertando, me alimentando e não se pode virar as costas a alguém que nos dá alimento, certo ?

E assim como aquela estrada corria solta embaixo do nosso carro, assim corriam meus pensamentos em crise, dúvidas, debates e longas reflexões sobre quem eu era, o que estava reservado para mim no futuro e qual deveria ser realmente minha posição e meu papel naquele jogo diabólico que a vida tinha me obrigado a jogar.

O Ogro guardou as fotos, ligou o carro e em silêncio voltou para a estrada, andamos por umas cinco horas, minha barriga roncava loucamente de fome. Enfim paramos em um local na beira da estrada. Ele saiu do carro e foi buscar comida, mas

antes ele me olhou com olhos negros e cruéis, como antigamente e disse:

- Tente fugir.

Eu, claro, nem me mexi. Meus ferimentos já estavam bem melhor, eu estava sentindo de novo o gosto de uma vida ilusoriamente normal, portanto, apesar da minha mente gritar comigo por uma outra direção, eu nem me atrevi a colocar a mão para fora do carro.

Minutos depois ele voltou com café, leite, pão, bolo e linguiça. Comemos ali mesmo, pessoas passavam pelo carro, todas estacionando em busca de comida. Uns me olhavam e se espantavam, com certeza era minha cara magra, seca e sem cor que os apavorava, mas eu só queria saber da comida e da minha satisfação naquele momento.

A cada pessoa que passava pelo carro o Ogro olhava e me encarava, tentando ver até onde eu ia com essa minha apatia e calma. Mas eu só olhava para a comida. Depois de comermos tudo, ele jogou os restos pela janela e seguimos pela estrada.

Ao anoitecer daquele dia entramos em uma cidade muito pequena e seguimos por uma estrada de terra por mais de 2 horas. Era já bem escuro quando alcançamos uma vila ainda menor que a cidade anterior e ali paramos.

Não sei dizer se ele já conhecia o local, se já tinha estudado esse ponto no mapa ou similar. Sei que ele se dirigiu para lá e

lá ficamos. Não tinha muitas casas com portas abertas, umas 4 ou 5. Tinha um bar e ele estacionou o carro na frente.

- Já volto – ele disse. E eu fiquei ali, já com fome de novo. Impressionante como quanto mais comemos mais fome sentimos da próxima vez.

Ele demorou uns dez minutos. Nesse meio tempo olhei bem ao redor e vi que era uma vila pobre, sem muitos atrativos, sem iluminação nas ruas e com casas realmente bem simples. Uma igreja ao longe, umas portas de lugares que pareciam lojas, duas ruas laterais e mais nada.

Quando o Ogro voltou ele trouxe seis garrafas pequenas de cerveja. E me estendeu uma. Eu olhei para aquela cerveja e todo meu mundo antigo voltou a me atormentar.

- Vamos pega – dizia ele abrindo uma garrafa com os dentes.

Ele me estendeu a garrafa e eu já podia sentir as primeiras gotas da cerveja gelada na minha garganta da mesma forma que o fiz na primeira vez que bebi com minhas amigas. Uma tarde de sábado, um parque, meninos e meninas rindo, gente bonita, arrumada, sem machucados e sem cortes, sem estupros e sem fedores e sem bostas em balde. Eu fiquei ali parada olhando aquela garrafa de cerveja e ele sem entender dizia:

- Pega logo, vai esquentar.

Mas minha cabeça dizia: sua vaca estúpida, o que você está fazendo aí? Pega a cerveja, bebe, arremessa a garrafa na cara

desse demônio e corre para a porta aberta mais próxima, volte para seu mundo colorido onde ninguém sofre e todos se amam.

Mas eu não conseguia me mexer, nem um músculo sequer. O turbilhão de lembranças me invadiu e eu comecei a chorar. Copiosamente chorava como um bebê.

O Ogro olhava para mim sem nada entender.

- Está chorando por quê?

E eu não conseguia falar e chorava. Ele colocou as cervejas no chão do carro e me abraçou. Eu me encolhi no colo dele, sentindo aquele cheiro de realidade e da crueldade, do hoje e agora e assim ficamos por quase uma hora, ali parados no escuro. Acalmei-me, voltei para meu banco.

-Está melhor ? – ele perguntou.

- Sim, desculpe.

- Não tem problema, deve ser coisa de mulher – ele disse como se entendesse a fundo o mundo das mulheres.

Eu dei uma risada irônica e peguei minha cerveja. Passou, a tempestade mental e sentimental passou. Eu bebi a cerveja, e outra e outra. Ele desceu novamente comprou mais seis garrafas, babatas fritas, linguiças, pães e queijo. Comemos, bebemos e ele recostou no banco do carro dizendo:

- Agora sobe no meu colo.

Eu, absolutamente satisfeita, cheia de comida e cerveja nas ideias, não sabia mais onde estava ou quem eu era. Séculos haviam se passado desde que eu tinha tomado álcool e o que eu bebi tinha quase me levado a um torpor absoluto.

-Vamos, só um pouco, vem aqui – ele dizia.

Eu, meio que no automático, tirei minha calça, e subi no colo dele, abri a calça dele, acomodei o membro dele dentro de mim e mesmo sentido ardência ainda das queimaduras, eu subi e desci em cima dele em movimentos que iam acelerando conforme ele me jogava para cima e para baixo.

Minha cabeça batia no teto do carro enquanto eu o sentia chegando perto do meu útero com força e quase violência. Eu me atrevi a abrir minha boca e disse:

- Devagar, está doendo.

E na mesma hora ele parou, me olhou e disse:

- Me perdoa, vamos continue, devagar, mas continue.

E percebi que se eu trilhasse a linha dele, tudo ficaria bem. Eu terminei de subir e descer nele, até que o senti tremendo dentro de mim.

Ele deu um pequeno gemido, me abraçou, encostou a cabeça no meu ombro e me jurou amor eterno, disse que não vivia sem mim e que eu era o pedaço de vida com o qual ele não conseguia mais viver. Eu esperei ele me soltar e voltei ao meu banco.

Ele fechou as calças, jogou as garrafas de cerveja pela janela e ligou o carro. Andamos por mais uns 5 minutos e quase na saída da pequena vila eu avistei uma casa. Vermelha, com portas marrons, um jardim morto na frente, um muro baixo, um portão caído, uma vaga de garagem e um teto com reparos a serem feitos. Captei tudo em um único olhar e eu soube que aquele seria meu novo lar.

[1] A psicologia define uma patologia chamada de síndrome de Estocolmo como um estado psicológico no qual vítimas de sequestro, ou pessoas detidas contra sua vontade, desenvolvem um relacionamento com seu(s) captor (es). Essa solidariedade pode algumas vezes se tornar uma verdadeira cumplicidade, com os presos chegando a ajudar os captores a alcançar seus objetivos ou fugir da polícia.

Parte 4 - Lar Doce Lar

Encostamos perto do portão da casa.

Ele desceu, olhou bem em volta, tirou uma lanterna minúscula do bolso e rodeou a casa. Olhou as janelas por fora, o jardim, a garagem aberta. Olhou tudo duas e três vezes e enfim foi para frente da casa e tirou do bolso uma chave e abriu a porta.

Eu fiquei me perguntando onde ele tinha conseguido aquela chave, mas depois me lembrei do tempo em que ele ficou no bar no centro da vila.

Lembrei ainda das vezes em que ele me disse que estava juntando dinheiro para nossa fuga e conclui que ele tinha feito algo como um aluguel daquela casa velha. Ele entrou na casa, e por lá ficou por uns dez minutos. Ele voltou, abriu a porta do carro, me pegou pela mão e disse:

- Venha ver sua nova casa ursinho, aqui nós seremos felizes.

Eu fui até a porta tropeçando no escuro e perguntei:

- Não tem luz?

- Ainda não, mas vou dar um jeito nisso amanhã. Entra.

Eu entrei e ele apontava a lanterna para os poucos móveis que tinha no primeiro cômodo. Um sofá velho e puído, uma mesinha no canto e um aparelho de tv velho. Fomos mais para dentro, havia outro cômodo com uma cama de casal e um

colchão velho, um armário com duas portas, um espelho rachado e uma mesinha. Em outro cômodo havia uma geladeira muito velha, um fogão imundo, uma mesa com quatro cadeiras e um armário pequeno.

Por fim, no final da casa havia um banheiro minúsculo, com vaso, pia e um chuveiro. E na parede dos fundos da casa havia uma porta. Ele não abriu a porta para me mostrar o que havia do outro lado.

E nesse momento tudo me veio à mente de novo e eu imaginei que para mim estaria reservado um buraco fundo e frio, dentro da terra cavado no chão do quarto que ficava atrás daquela maldita porta. Eu travei. Ele me puxou pela mão de volta para a sala e eu quase não andava. Ele me olhou e disse:

- O que foi? Não gostou da casa?

- Gostei sim.

- E qual é o problema?

- Eu só estou com medo do escuro, só isso.

- Não se preocupe, no carro tem um lampião. Eu vou buscar.

Ele saiu, e eu corri para a porta dos fundos, tentei abrir na ânsia desesperada de ver o buraco para onde imaginei que ele me levaria. Meu corpo tremia, eu quase vomitei, estava tensa, tudo rodava, e minha cabeça parecia que ia explodir.

Eu estava em total estado de terror com a possibilidade de voltar para o buraco. Se não havia buraco porque ele não me

mostrou o que havia atrás da porta? Mas a porta não abria, estava trancada. Ele voltou e colocou o lampião em cima da mesa da cozinha e olhou de novo para mim:

- Você não está bem. O que você está sentindo?

Ele se aproximou de mim e me abraçou, como se fosse meu pai ou um amigo. E eu não sabia se mordida ele ou se suplicava por perdão. Ele então me afastou, olhou nos meus olhos e mesmo na penumbra da luz do lampião ele notou meu terror e riu.

- Você está com medo de aqui ter um buraco para você não é mesmo?

Eu não disse nada, mas senti as lágrimas descendo pelo meu rosto, ódio e vergonha da minha dor e medo. Ele riu mais alto e disse:

- Não se preocupe. Você vai dormir comigo no quarto. Sempre. Será minha esposa, minha mulher, minha companheira. Você vai limpar, cozinhar, cuidar da casa e me fazer satisfeito sempre que eu quiser. Não vai para o buraco.

Eu tentei me acalmar, mas mesmo assim o fato daquela porta estar lá trancada não me dava paz. Eu, sem sequer olhei para a porta e ele notando me disse:

- Sim, temos uma porta trancada, sim temos um quarto atrás da porta, mas ainda não temos um buraco lá.

AINDA? O QUE SIGNIFICAVA ESSE AINDA?

- Fique tranquila, você é a dona da casa agora, e eu sou seu dono, e vamos ser felizes.

Ele foi lá fora, pegou mais umas coisas no carro, entrou, fechou a porta da casa. Eu ainda estava ali parada no mesmo lugar tentando captar cada detalhe, ingerir cada informação dada. Ele me pegou pela mão e me levou para o quarto.

Ele tirou a roupa e me puxou para a cama, eu estava no automático, sem ação, tentando saber o que iria acontecer. Ele me colocou deitada do lado dele, me abraçou e em minutos já estava roncando alto. Eu tentei dormir, mas não consegui. Na minha cabeça as ideias e medos ainda dançavam e eu reta e tensa vi o dia amanhecer.

Ele demorou para acordar, mas todo tempo mantinha uma das mãos em volta de mim, eu mal conseguia me mover.

Pela manhã, entramos no carro e fomos novamente ao centro da vila. Paramos perto de um mercado, ele desceu e ficou no mercado por volta de 30 minutos. Eu fiquei no carro vendo as pessoas passarem por mim. Um menino passou e disse para a mãe dele:

- Olha mãe, aquela velha é doente.

Eu não me segurei e sentei no banco do motorista e olhei pelo retrovisor. Um espelho, luz do dia e minha imagem. Mais de quatro anos haviam se passado. Eu olhei no espelho e fiquei com medo da pessoa que me olhou de volta. Vi uma criatura seca, com maçãs do rosto encovadas, olhos fundos e sem

brilho. Fios estranhos saiam da cabeça daquela criatura que me olhava de dentro do espelho. Fios sem vida, sem cor. Dentes amarelos e pretos saltavam da sua boca.

Lábios rachados. Pele descamada. Um monstro. Eu percebi vagarosamente que aquela era eu e que eu jamais seria de novo uma linda menina.

- Fica tranquila, logo você vai estar mais linda. Mas para mim você ainda é minha menina, gostosa e preciosa – disse o Ogro se aproximando e me empurrando do banco do carro para o banco do carona.

Ele jogou uma sacola cheia de coisas em cima de mim.

- Compras – ele disse sorrindo.

Voltamos para a casa vermelha. Entramos, agora com tudo mais claro e mais tempo, percebi o quanto a casa era velha e feia, mas se eu não ficasse no buraco já estaria muito feliz.

De dentro da grande sacola o Ogro tirou comida, água em garrafa, cervejas, cigarros, sabonete, toalha, lençóis. Da traseira do carro ele tirou ferramentas diversas, muitas mesmo. Uma corrente grossa, martelo, pá, sacos de lixo e com isso meu pavor voltou.

Naquele dia muita coisa aconteceu. O Ogro começou uma verdadeira mudança na casa. Colocou tranca nas janelas e na porta. Trancas fortes e grossas, ele sempre me arrastava para perto dele enquanto estava fazendo as coisas. Ele fez a energia elétrica funcionar, geladeira, fogão, descarga. Arrumou tudo.

Mandou que eu começasse uma limpeza na casa enquanto ele subiria ao telhado para arrumar as telhas, mas antes disso ele trouxe do carro uma espingarda, cano duplo, igual a uma que, em uma vida passada, meu pai tinha, essas armas faziam um buraco do tamanho de uma laranja nos seus alvos. Ele me puxou para perto dele, e sussurrou no meu ouvido:

- Vou subir ao telhado e levar a arma, se eu ouvir qualquer barulho eu atiro e arrebento seja lá o que eu escutar, espero que eu não escute você correndo.

Eu nem respondi, voltei para minha faxina e ele saiu pela porta, que oportunamente foi trancada. Como ele imaginou que eu fosse sair pela porta para fugir se a porta estava trancada? Quase uma hora depois ele desceu do telhado.

- Tudo pronto – ele disse.

Ele saiu de novo para fora da casa e eu notei que ele deixava as janelas trancadas com pequenas frestas para entrar luz e ar, mas que impossibilitavam qualquer tentativa de fuga. A porta de igual modo era trancada toda vez que ele saía.

Eu limpei tudo o máximo que deu, ele passava por mim pela casa e apertava minha bunda, ou o resto do que tinha sobrado dela e sorria para mim com uma intimidade aterrorizante como se fôssemos marido e mulher.

Coloquei os mantimentos que ele trouxe na geladeira, arrumei a cama, as toalhas, o sabonete. Arrumei tudo que deu. Cansada olhei para o chuveiro e pensei em um banho. Mas não

tinha roupas para trocar. Nesse momento ele entrou novamente e disse que ia voltar na cidade. Eu deveria ficar tranquila que logo ele voltaria. E saiu.

Trancou a porta, óbvio. E eu fiquei ali sentada no sofá olhando em volta e pensando o que era aquilo e quando iria ter fim.

“Não ia ter fim” - eu conclui. Esse era o fim, eu ali como esposa dele, e pronto.

Tentei ligar a tv, não consegui. Tentei abri uma janela, não deu, tentei de novo abri a porta dos fundos da casa, nada, tentei abrir a porta da frente, nada. Por fim, me encolhi no sofá e adormeci.

Mais tarde acordei com o barulho da porta abrindo. O Ogro tinha voltado, trouxe várias peças de roupas para mim e para ele. Camisas, bermudas, blusas, calças, calcinhas, camisolas, tudo de tecido grosso e vagabundo, mas novo e limpo.

- Posso tomar um banho? - eu perguntei.

- Sim pode, gosto disso, sempre me pergunte se pode fazer as coisas que você quer fazer, isso nos garante a paz – disse ele sorrindo.

Eu peguei as roupas, levei para o quarto, arrumei o armário o melhor que consegui e fui para o banho. Eu percebi que a porta do banheiro não tinha tranca, mas para que tranca não é mesmo?

Eu abri o chuveiro e deixei a água cair no meu corpo magro, por muito tempo. A água era fria, mas mesmo assim era gostosa de sentir. Eu comecei a escutar uns barulhos estranhos, como que batidas que estremeciam as paredes, não queria sair do banho, mas ao mesmo tempo fiquei curiosa. Desliguei o chuveiro, me vesti e fui ver o que era.

Parte 5 - Um Fio de Esperança

Vi a tal porta dos fundos aberta.

Meu coração acelerou.

Estava escuro dentro da porta.

Eu fiquei parada na porta do banheiro tentando olhar dentro do quarto da porta dos fundos. Mas de onde eu estava não dava para ver nada. Eu fui na ponta dos pés e olhei para dentro do quarto.

Meus pés perderam o chão, eu tremi da cabeça aos pés, e senti a urina descendo pelas minhas pernas. Eu não conseguia controlar meu pavor, meu desespero frente ao que eu estava vendo dentro daquele quarto.

Não havia nada no quarto, era um espaço fechado, sem janelas. E no chão, no meio do quarto, o um círculo negro, medonho, grotesco. O chão era todo de madeira e havia um círculo feito nessa madeira.

Tinha um buraco no chão do quarto. E de dentro dele saía terra e ruídos. Eu não consegui me mexer para olhar mais a frente, mas minha mente sabia exatamente o que estava acontecendo. O Ogro estava fazendo um buraco no chão daquele quarto, exatamente igual ao buraco onde vivi por quatro anos.

Eu queria correr, queria gritar, mas não consegui. Meus pés estavam grudados no chão e eu só via terra sendo jogada para

fora do buraco. E mais e mais terra, e isso fazia com que os ruídos fossem ficando cada vez mais abafados na medida em que o buraco ia ficando cada vez mais fundo.

Algo dentro de mim gritou: “Laura corre!”.

E eu corri. Disparei para a cozinha, procurei por uma faca, uma ferramenta, um prego, qualquer coisa que pudesse usar contra aquele monstro para que ele não me jogasse novamente no buraco.

Mas não havia nada, havia roupas no armário, comida na geladeira, alguns potes de plásticos que íamos usar como pratos, algumas panelas. Peguei a panela que achei ser a mais pesada, e me escondi atrás da porta do tal quarto. E ali fiquei dura e tesa.

Passaram quase duas horas, eu já estava dormente quando o Ogro saiu do quarto arrastando sacos de terra. E do fundo da alma eu retirei forças e resolvi não mais aceitar a escravidão. Eu queria a liberdade do sol, do ar, do mar e da vida!

Assim, eu na minha ignorância levantei a panela o mais forte que pude e arremessei na cabeça dele. Era uma panela de barro, um pouco pesada, fez um barulho oco.

O Ogro se virou surpreso com os olhos arregalados e cambaleou. Eu tentei bater de novo, mas ele segurou meu braço e me atirou do outro lado da casa. Eu devia pesar menos de 50 quilos. Eu sentia minha cabeça latejar e minhas costas

doerem. Ele veio até mim, agarrou meus cabelos e me ergueu do chão.

- Você está louca? O que deu em você? - ele me sacudia como um saco de batata e minha visão foi ficando embaçada.

Ele me colocou no chão, me deu dois socos e tudo apagou. Quando abri os olhos, eu estava deitada na cama do quarto que era “nosso”. Ele estava sentado na beirada da cama me olhando.

- Achei que éramos um casal. Achei que essa sua “paranóia” tinha passado.

Eu tentei me sentar, mas a cabeça estava pesada.

- Fala alguma coisa, sua retardada! - ele gritava no meu ouvido e eu ergui a mão tentando pedir um tempo para despertar totalmente.

Ele ficou em silêncio. Eu comecei a balbuciar um pedido de perdão e ele começou a me xingar, blasfemar, me cuspir e me sacudir.

- Sua vaca ingrata, sua louca varrida, eu deveria te matar e dar seus pedaços para os animais da mata.

- Me perdoa – eu consegui dizer.

- Porque fez isso, vamos diga? - gritava ele.

- Eu não quero ir para o buraco – consegui dizer e comecei a chorar de novo. Eu não gostava de chorar assim como uma

fraca, uma criança desamparada, mas era mais forte que eu, as lágrimas me consumiam e mandavam em mim.

- Você deve estar com a mente fodida mesmo, achar que vou colocar você no buraco? Não te falei que você vai ser a dona da casa, minha mulher e pronto? Eu falo e acabou. Não se discute.

- Mas eu vi você fazer um novo buraco.

- E por acaso só existe você no mundo? O mundo gira ao seu redor? Já não te disse que ninguém no mundo inteiro sabe que você existe ou se importa contigo? O buraco não é para você.

- E para quem é?

- NÃO INTERESSA – ele gritou fazendo minha cabeça ressoar.

- Eu te trato com amor, te dou carinho, cuido de você e é assim que me retribui? Batendo em mim com a porra de uma panela?

- Me perdoa, por favor – inconscientemente desci da cama, me joguei no chão e agarrando os pés dele comecei a implorar.

Não podia imaginar mais minha vida sem aqueles minutos de paz com o vento no rosto, o gosto do pão fresco, a descarga do vaso soltando respingos frescos na minha bunda e os lençóis da cama. Não podia mais viver sem essa vida “maravilhosa” que ele podia me dar. Eu precisava dele, precisava do perdão dele. Tudo menos voltar para o buraco.

- Me perdoa – eu continuava a implorar, rastejando nos pés dele.

Ele me empurrou com os pés e disse:

- Nojento isso.

Eu voltei aos pés dele e enxugando minhas lágrimas tentei ensaiar um carinho nas pernas dele. Ele me olhou bem sério, segurou minhas mãos, me levantou do chão e num só puxão me jogou de volta na cama.

- Eu nem devia mais sequer olhar para você, sua cadela imunda. Faço de tudo por você, te dou uma casa, cama, comida e você quer me sacanear?

Eu, de cima da cama, implorava:

- Por favor.

Ele se aproximou e disse:

- Implora mais.

E eu sem parar:

- Por favor, por favor, por favor.

- Por favor, o que?

- Me perdoa.

- Diz me perdoa e me come.

Eu me calei, e ele na mesma hora virou as costas para mim e eu não sabia, no meu desespero, o que ele iria fazer e falei bem baixo:

- Me perdoa e me come.

- Repete mais alto.

E eu repeti.

Ele olhou para mim e disse:

- De quatro.

Eu não queria assim, odiava assim, era o mais degradante ato que ele fazia comigo, fora que devido ao meu baixo peso corpóreo e minha fraqueza, tudo doía como se eu tivesse sendo atravessada por uma espada, rasgada ao meio literalmente.

Mas ele continuava ali me olhando com uma sombra ameaçadora nos olhos e eu não podia mais suportar a ideia de voltar ao buraco ou ter um buraco de laranja na minha cabeça.

Tirei as roupas e fiquei de quatro. Ele movido ainda pelo ódio da paulada na cabeça que levou de mim, entrou no meu corpo sem dó nem piedade.

Mas diferente de todas as outras vezes eu não lutei. Eu me transportei para um mundo de sonhos e cores, sabores e odores. Puxei da memória o resto dos momentos que ainda ficavam guardados nos cantos da minha cabeça.

E um cenário lindo surgiu: eu e Mauro, sentados em uma confeitaria, ele me dando pedaços enormes de bolo de chocolate na boca, enquanto eu sorria para ele. O sabor do chocolate derretia na minha boca, e a mão de Mauro pegava

meu queixo e aproximava meu rosto do dele, e nos beijávamos misturando salivas, amor e chocolate.

Enquanto o Ogro arremetia para dentro de mim, eu me agarrava nos lençóis e nos meus sonhos, que queriam se dissipar cada dia mais devido à distância da minha realidade, mas eu insistia e nutria para momentos como esse. Ele terminou estremecendo dentro de mim e em seguida saiu porta afora.

- Vou continuar meu trabalho, vai se lavar e depois vai fazer alguma coisa para comermos. Seja útil – gritou ele.

Eu caí deitada na cama sentindo o sangue escorrer do meu ânus, o gosto do chocolate e do beijo do Mauro não estavam mais lá comigo.

Só havia escuridão, dor e tristeza. Mas a cada dia se firmava em mim a promessa de não mais agir assim, não mais tentar ir contra meu destino, deixar simplesmente a vida acontecer da forma como era para ser. Eu sofreria menos e quem sabe um dia não doeria mais.

Parte 6 - Reformas e Rotinas do Inferno

Eu me levantei, tomei outro banho rápido e fui para a cozinha. Dias e dias se passaram na mesma rotina. Ele no buraco cavando e levando a terra para fora. Eu arrumando, cozinhando, transando com ele. Dias e dias, semanas e semanas.

Ele ia ao centro da vila a cada quatro dias, comprava comida, alguns utensílios, ferramentas. Tinha dias em que ele demorava mais, tinha dia que demorava menos. Nossos momentos juntos eram cada vez menos dolorosos, aprendi a não deixar ele com raiva. Aprendia a cozinhar como ele gostava. Aprendi a chupar como ele gostava e a rebolar como ele queria.

Eu fui pegando cor no rosto, carne nos ossos, meu cabelo começou a crescer de novo, e em algum lugar no fundo do espelho eu, às vezes, vislumbrava um resquício do que eu um dia fui.

Ele sempre trancava a casa toda quando saía. E eu nem mesmo sondava mais a possibilidade de sair. Quando ele estava em casa, às vezes me levava para fora sentávamos no jardim morto que tínhamos e ficávamos fumando, bebendo cerveja e vendo as nuvens do céu passar de um lugar para o outro. Não conversávamos muito, ele quase nada me dizia, a televisão tinha dois canais e poucos passavam. Tinha dias que nem passava nada por causa da antena. Mas eu só podia ver

televisão quando ele deixava, uma ou duas horas por semana no domingo. E pronto.

E a vida seguia. Fiz as contas e acho que demoraram quatro meses para ele dizer que o buraco estava pronto. Ele trouxe cervejas, me pegou pela mão e me levou lá para conhecer a obra de arte dele, como ele chamava.

Ele acendeu a luz do quarto e eu vi um tapete velho no centro do chão. Ele levantou o tapete, tinha uma porta no chão, de madeira, igual a do outro buraco. Eu suava frio, mas não falei nada. Ele levantou a porta e com uma lanterna iluminou o fundo do buraco.

Nele tinha um vão descendo, estreito e úmido. Não dava para ver o fim. Ele me puxou para descer, eu tentei resisti, mas ele me olhou firme e me puxou. Fomos descendo pelo buraco que após uma pequena curva abria-se num vão maior.

Era um vão grande de dois metros de profundidade por dois de largura. Era similar ao meu buraco mais muito mais arcaico. Só tinha aquela porta lá em cima no chão do quarto. Não tinha portinhola nem portas grandes. Depois que entramos no vão embaixo do quarto dava para ficar em pé.

- Vou colocar um colchão ali, um balde grande aqui e outro ali. Que tal? - ele me perguntou sorrindo.

- Você sabe bem como deve ser, me diga, se está bom? - insistia ele.

E eu tentava ao máximo me controlar para não sair dali correndo ou começar de novo a chorar.

- Fique tranquila, isso não é para você. Agora você é minha esposa.

Minha garganta estava seca e eu não conseguia falar.

- Bom, acho que para começar está bom sim – ele disse.

- Venha, sente-se comigo aqui – disse ele me puxando para o chão. Eu sentei ao lado dele, ele abriu duas cervejas e me deu uma. Brindou comigo.

- A nossa saúde e aos prazeres – rindo alto ele bebeu de uma vez a garrafa toda enquanto a minha ficava na minha mão, intocável.

Ele enfim, se cansou de ficar ali naquele espaço sufocante e me levou para cima, fechou a porta, cobriu com o tapete e sorrindo foi ligar a televisão.

Eu não podia imaginar o que ele estava planejando para nosso futuro.

O tempo, sem pena, continuou a passar.

O Ogro trouxe o colchão, e os baldes, colocou no buraco, arrumou mais algumas coisas lá e esqueceu-se do lugar.

Mais umas semanas se passaram, e nosso dia a dia era sempre o mesmo: comida, limpeza, sexo, tiros na mata, caçadas, cigarros, cervejas, sexo. Eu ficava dias e dias sem falar nada

com ele e ele muito menos comigo. Só dizia: abre as pernas, me dá isso ou aquilo. Mas ao menos eu não estava no buraco e não me aproximava da porta daquele quarto.

Um dia ele me trouxe uma caixa de bombons. Eu achei que tinha veneno neles e como tinha lido um dia em algum lugar que morreremos dormindo com veneno eu comi todos de uma única vez, mas nada aconteceu.

Dias depois ele me trouxe um perfume, depois uma blusa colorida, depois me deixou ver mais tv, filmes antigos, era só o que eu podia ver.

Depois mais chocolates, mais cervejas. E teve umas semanas que o mundo parecia menos cinza, menos negro e cruel. Eu vivia bebendo e fumando, não sentia mais nada. E quando minha vida e boca estavam azedas ele me trazia flores e chocolate. Eu nunca me perguntei para que ou por que. Só vivia, só comia e pronto.

E então chegou o dia. Era um dia de sol bem lindo, bem quente. Tínhamos cerveja gelada na geladeira e ele tinha acordado dizendo que ia buscar uma carne para assarmos. Eu achei legal, algo como um churrasco em família em uma casa no inferno. Melhor que nada.

Ele voltou com a carne. Ele mesmo assou, me serviu em uma tigela. Trouxe-me uma cerveja, tudo enquanto eu ficava sentada lá na frente no jardim morto. Nem me passou pela cabeça correr para a mata ou coisa parecida, já estava conformada com aquilo que eu chamava de vida.

Terminando o tal churrasco ele trouxe uma garrafa de algo que parecia cachaça ou algo assim, serviu duas doses e me deu uma. Desceu queimando. E eu logo fiquei alterada. Ele então tirou do bolso um pacotinho com um pó branco, colocou em cima de um cartãozinho e me mandou cheirar.

Eu obedeci e então eu vi o céu.

Vi o mar.

Vi as estrelas, gozei, vi o universo explodindo em prismas e tríades. Sons e cores. Nunca mais vou me esquecer. Era como se o mar tivesse chegado até mim e lavado tudo pelo que eu passei.

A droga chegou ao meu cérebro e afetou meu mais profundo eu, me fazendo leve, livre, rica, linda e feliz. Fiquei ali, sentada, quase deitada no chão, sentindo cada vibração de minhas células afetadas pelos componentes daquela droga.

O Ogro ao meu lado só me olhava e ria, cheirando junto comigo. Bebemos mais umas doses. E meu ser inteiro se desfez em calma e relaxamento. Ele então levantou.

- Vai lá dentro, em cima da cama tem um pacote, abre, veste, se arruma e volta aqui.

Eu, completamente drogada, obedeci.

Cheguei lá tinha uma calça preta e um casaco preto em cima da cama. Uma blusa rosa para colocar por baixo e um par de sandálias pretas. Uma fivela para os cabelos, um batom.

Eu nem pensei duas vezes, achei que fazia parte dos presentes do meu “marido”, afinal eu os vinha recebendo há semanas. Arrumei-me o máximo eu pude e fui me olhar no espelho. Estava razoavelmente apresentável. Já recuperada a cor do rosto.

Marcas da era da escuridão ainda estavam no meu rosto, claro. Cicatrizes, rugas, rachaduras em um solo que nunca mais sararia, mas devido a minha pouca idade e aos apetrechos que usei, deu para melhorar um pouco. Eu saí da casa e me apresentei.

- Que tal?

Ele me olhou.

- Está linda. Agora vamos passear um pouco.

Parte 7 - A Caçada

Fomos para o carro. Eu ia feliz da vida, com a droga e o álcool ainda correndo em mim de forma desvairada, eu achando que iríamos para um lindo passeio em família.

Andamos de carro por mais ou menos uns 45 minutos. Estrada livre, fomos sem rumo. Não havia muitos carros na estrada naquele dia. Não sei se era final de semana ou feriado.

Depois de tanto andar, eu já estava quase ficando entediada quando o carro diminuiu a velocidade. Eu fiquei na expectativa para ver o que aconteceria. Foi quando a vi.

Ela era loira, pequena, magra, carregava uma mochila nas costas. Estava de calças jeans bem apertadas e uma blusinha branca. Era uma criança querendo ser sexy, pelos meus cálculos não devia ter mais do que 15 anos. Eu tentei não olhar.

Mas o Ogro já tinha visto ela mesmo a distância. Eu não falei nada, me encolhi e rezei para que meu mais profundo pesadelo não viesse a se concretizar. Mas era chegada a hora.

- Você vai oferecer a ela uma carona. Seja simpática, sorria e passe confiança. Com uma mulher no carro ela jamais vai desconfiar de nada.

- Eu não vou fazer isso – não sei de onde tirei a coragem para dizer, mas eu disse.

- Você vai sim – ele pegou uma faca embaixo do banco e encostou na minha barriga.

- Se não fizer eu abro você de ponta a ponta e te joga em cima dela com tripas saindo por todo lugar.

Eu olhei para ele em pânico.

- Por favor, não.

- Agora!.

Nesse ponto já encostávamos o carro ao lado da menina.

- Quer uma carona? – perguntei eu com meu melhor sorriso.

A menina me olhou desconfiada, olhou para o Ogro.

Ele mal se moveu.

- Para onde você vai? - eu perguntei.

- Para a cidade mais próxima, estou andando por aí – ela disse.

- Então levamos você – eu disse.

- Ok – ela disse de forma inocente.

Eu desci do carro, ela entrou meio resabiada sentando ao lado do Ogro, e eu entrei novamente. Ela ficou espremida entre nós dois, calada. O carro voltou a andar e fomos adiante.

- Vocês estão indo para onde? - ela perguntou.

- Para casa – disse o Ogro levantando o braço e dando uma violenta cotovelada no rosto dela. Ela imediatamente desmaiou em cima de mim com sangue no nariz e na boca.

Eu não sabia o que fazer, sabia que precisava reagir, mas que Deus me perdoe, não fiz nada.

Voltamos para casa.

O Ogro desceu do carro, me puxou para dentro de casa, me algemou no banheiro e trancou a porta. Eu o escutei voltando com passos mais leve, com certeza carregando a menina. Eu fiquei ali calada. Eu tentei falar com Deus, pedir perdão, pedir ajuda, mas não consegui.

Eu me sentia um lixo, mas ao mesmo tempo, no fundo do meu coração, uma luz se acendeu. Se ele agora tinha outra, eu ficaria no apoio, na reserva e assim eu teria paz, já que outra teria a guerra.

Sei que esse é um sentimento tão podre e repugnante como o que ele fazia comigo, mas era a única forma de eu pensar em mim, era minha vez de ter um pouco de paz e se a vida tinha reservado isso para ela, que assim fosse.

Não seria eu a lutar contra o destino dela. Eu poderia planejar uma fuga, poderia tentar matar ele ou poderia somente ficar quieta no meu lugar. Pela primeira vez em anos eu estava tendo possibilidades, opções.

Era muito mais do que eu um dia tinha sonhado quando ia dormir no buraco que hoje não é mais meu, mas daquela

loirinha que agora grita desesperadamente no fundo daquele buraco. O Ogro abriu a porta do banheiro e me soltou, sorrindo. Veio até mim, me abraçou e me disse:

- Ursinho. Estou tão feliz, você foi maravilhosa, quem sabe não teremos muitas festas assim de hoje em diante. Vou ficar com ela até ela não resistir, depois desovamos ela, damos um tempo e procuraremos outras. Prometo que vou te cobrir de presentes e você será muito feliz, eu amo você. Você é a isca perfeita, ninguém jamais desconfiará de você quando convidar nossos novos anjos para subir no meu carro.

Eu não fale nada, pensei que as lágrimas fossem rolar pelo meu rosto, mas isso também não aconteceu.

O Ogro foi para o carro limpar o sangue do banco e eu fui para a cozinha, estava com uma fome tremenda e cantarolando uma canção que não sei onde escutei, comecei a cozinhar algo para mim e para ele.

Parte 8 - As Substitutas

Uma semana depois, após muitos gritos vindos do fundo da terra, ruídos agonizantes e demoníacos de morte e dor que brotavam como que emitidos por demônios das profundezas, o Ogro subiu do buraco com uma cara triste.

- Ela era uma fraca. Que raiva, eu estava ensinando uns truques ótimos para ela.

Eu não disse nada.

Durante aquela semana, toda vez que eu escutava ele descendo para o buraco, eu me escondia ainda mais dentro de mim mesma, para dentro dos meus sonhos secretos de vida após a morte, de delírios românticos com Mauro ou apenas fechava forte meus olhos e tentava lembrar do doce som da voz da minha mãe. Lembranças que teimavam em ficar cada vez mais longe de mim enquanto eu me agarrava a elas de forma ferrenha.

Ele então jantou e depois voltou para o buraco, ficou lá por 5 minutos e quando apareceu de volta trazia um saco preto grande.

- Me ajuda aqui – disse ele.

Eu tentei dizer não, ele largou o saco no chão e se aproximou de mim. Eu me encolhi feito um bicho acuado no canto.

- Levanta e me ajuda.

Eu só levantei os olhos para ele, suplicando que ele não me envolvesse nesse pecado, nesse crime já consumado. Mas ele não me atendeu.

- Sua vadia inútil.

Eu vi o pé dele vindo ao meu encontro e então a dor. Ela começava como uma leve queimação e era seguida por um pontada profunda que de tão forte me dava vontade de vomitar. Mais um chute, e outro e outro.

Eu tentei me encolher ainda mais, e então vi o seu pé vindo de encontro ao meu rosto, e antes que eu pudesse levantar o braço para me proteger, senti o baque e o gosto do sangue em minha boca e nariz.

Minha cabeça foi arremessada para trás e senti de novo um chute nas costas, um barulho estranho, mas vagamente familiar, um estalo e a certeza de que algo dentro de mim havia quebrado.

Eu não conseguia mais respirar. Ele parou, foi até a cozinha. Minha visão estava turva. Eu tentei me concentrar na minha respiração que levemente voltava ao normal.

Em minutos ele retornou com um copo encostando ele na minha boca e fazendo descer um líquido quente e ardente, alguma cachaça que já havíamos partilhado.

- Agora se recomponha e me ajuda, antes que eu arrume para nossa amiga uma companhia.

Eu entendi a ameaça e mais uma vez, não duvidei. Ele ficou ali parado me olhando, enquanto eu tentava levantar e percebia que a dor nas minhas costas e lateral do meu corpo era profunda, como algo que me atravessava e desconfiei que dentro de mim alguma coisa estava realmente quebrada. Eu segurei em uma das pontas do grande saco preto. Ele abriu a porta e eu o ajudei a colocar a “carga” no carro.

- Entra no carro, vou precisar de você.

Entramos no carro, andamos por uns 20 minutos na noite escura e sem lua. Paramos o carro no acostamento, levamos a "carga" para dentro da mata. Ele cavou durante muitos minutos enquanto eu ficava sentada ali no chão tentando ver estrelas e me afastava mentalmente dali. Não haviam estrelas, não havia mais nada.

Ele enterrou ela.

E fim

Fomos para casa, ele me serviu mais bebidas e mais e mais, até o ponto de eu não conseguir mais engolir. Fumamos um cigarro que me fazia voar e fomos dormir. Eu dormi um sono branco, sem sonhos e sem pesadelos. Um vazio profundo, sem fim e sem nada.

Passaram-se duas semanas até que ele me chamou para “passear” de novo. Dessa vez eu nada disse. Andamos de carro pela estrada, mas não achamos ninguém.

Eu tentava me isolar do evento, mas não conseguia. Andamos de carro até a próxima cidade, era grande e movimentada. Fazia muito tempo que eu não visitava uma cidade grande assim.

Paramos perto de lojas grandes e vimos muitos carros entrando e saindo do estacionamento. Ele entrou no estacionamento, passeou um pouco e parou. Esperamos. Eu calada, não queria ver nada, não queria estar ali, não queria mais existir.

Em certo momento apareceu uma jovem com olhos bem puxados. Ela estava sozinha, vindo em direção a nosso carro. Ele desceu e começou a gritar pedindo ajuda dizendo que eu estava passando mal. Eu só abaixei minha cabeça dentro do carro.

A moça veio para mais perto do nosso carro, ele se aproximou dela, tirou um martelo pequeno do bolso e muito rapidamente acertou a cabeça dela.

Ela caiu e ele, antes que o corpo dela tocasse no chão, a pegou no colo e a trouxe para dentro do carro. Ele a jogou em cima de mim, tirou de trás do carro um cobertor e a cobriu. Saímos em disparada, eu calada só olhava em volta, levando minha mente a ver as novidades do lado de fora do carro.

Crianças, jovens, casais, muita vida e muita gente. Parecia que todos sorriam, ignorando que eu estava ali. Claro, não podiam me ver, mas era como se eu visse um filme, onde todos estavam felizes menos eu.

Por um minuto me pareceu ver um rosto familiar, mas foi só por um minuto. Continuamos a correr, saímos da cidade e já na estrada ele tirou o cobertor de cima dela e a olhou.

Ela devia ter por volta de seus 18 anos, estava de calças e jaqueta preta, uma blusa azul e sapatos pretos. Parecia uma estudante bem arrumada.

-Velha demais, achei que era mais nova – disse ele resmungando.

Mas isso não o impediu de levá-la para casa. Durante três dias ele a torturou, a estuprou enquanto eu fazia comida e bebia muita cerveja gelada.

Pensando nisso agora, eu não tenho vergonha de confessar que eu sentia alívio, durante os dias em que ele "usou" a outra menina, ele não me tocava, mal falava comigo. Agradecia-me pela comida, era sempre educado e estava sempre feliz.

Sempre que ele saía ou descia para o buraco eu ficava algemada a alguma coisa presa dentro de casa ou ele amarrava meus pés em uma corrente, o suficiente para que eu pudesse me movimentar pela cozinha e banheiro. As vezes minutos, as vezes horas. Mas ao menos, naqueles momentos, eu tinha paz. Paz longe dele, paz livre dele.

Depois de três dias usando a menina, ele apareceu na sala e me chamou.

- Quero que você faça uma sopa para nossa convidada. Ela estava muito fraca e não quero perde-la tão rápido. Mas ela

está resistindo, já implorou, já até disse que me ama, olha que coisa mais linda.

Ele ria, feliz.

Eu fiz o que ele mandou. Ele colocou a sopa em um pote e levou para ela. Naquela noite ele dormiu dentro do buraco com nossa "convidada". Ele nunca tinha dormido comigo no buraco.

Mas eu estava bem, estava feliz. Antes de descer para dormir com a menina, ele me algemou na nossa cama, mas mesmo assim eu fiquei em paz, eu dormi a noite toda em paz, na minha cama enorme, sozinha, sem aflições, sem pesadelos e sem roncos. Mais dois dias se passaram e ele subiu com o saco grande e preto. Dessa vez ele não pediu ajuda.

Ele saiu com o carro e voltou duas horas depois. Mas antes dele voltar percebi que ele havia deixado cair uma coisa na porta do quarto que dava para o buraco: uma faca pequena. ele não viu ela cair, mas eu vi.

Parte 9 - Contaminada pelo mal

Eu peguei a faca, lavei o sangue que havia nela e a guardei dentro de uma das minhas gavetas. Bem no fundo. E lá ela ficou.

Dias se passaram, uns quatro ou cinco e um dia eu estava tomando banho quando ele entrou no banheiro e quis fazer sexo no chuveiro. Eu não resisti. Ele me espremeu na parede, de frente e de costas, eu me transportei para longe dali tentando ir rumo ao Mauro e minhas lembranças, mas algo estranho aconteceu.

Eu não conseguia me conectar com meus delírios, não conseguia sair de dentro do banheiro, a cada enfiada que o Ogro fazia eu só sentia ele, e a leve dor que sempre sinto. Porque eu não consigo mais resgatar nem mesmo fragmentos dos sonhos de lembranças que eu tenho do Mauro?

Durou quase uma hora, longa e dolorosa. Não sei onde ele acha tanta energia, mas de novo fui seu saco de esperma. Ele terminou, saiu do banheiro e eu rezei que ele achasse outra menina logo.

Cinco dias depois ele me chamou para sair e eu já sabia o que era. Ele queria que eu tivesse junto para dar credibilidade para a vítima, assim ela não ficaria com medo, afinal se ele tem uma mulher no carro não vai sequestrar outra.

Dessa vez fomos para outra cidade, no sentido oposto. Ele parou perto de um parque infantil e eu olhei bem séria para ele. Ele não me olhou de volta.

No parquinho só tinham crianças de menos de 10 anos. Eu não podia acreditar que ele faria isso. Mas o tempo passou e ali ficamos.

Estava quase anoitecendo quando vimos uma menina de mais ou menos 12 anos chegar com um menino menor. Ela o deixou brincando no parque e sentou num banco para ler um livro.

"Não. Ela não. Ela é muito nova, é uma criança, Deus, por favor, ela não."

Eu tremia no carro. Rezando para que uma adolescente passasse, para que um raio nos fulminasse ou quem sabe a polícia passasse. Mas nada aconteceu. Nós continuamos lá e a menina sentada no banco era a única coisa que o Ogro via.

Ela era frágil, pequena, delicada. Uma menina baixa, magrinha, tão diminuta. Ela não ia aguentar, eu sabia disso. Fiquei pensando em como as famílias deixam suas crianças assim, sozinhas, isoladas, largadas confiando que um anjo protetor estará olhando pro elas. Um anjo que não estava li naquele momento.

E então veio a ordem.

- Agora você vai lá e diz para ela que a mãe dela está chamando ela, e trás a menina para mim.

- Ela não vai acreditar nisso, é ridículo.
- O que foi que você disse?
- Eu só acho que ela não vai cair nessa.
- Então sai dessa porra de carro e dá seu jeito. Trás ela para mim. Ou daqui mesmo eu acerto um tiro na cabeça dela, no menino e na sua, sua desgraça imprestável.

Eu desci do carro. Era a primeira vez que eu andava no meio das pessoas depois do sequestro. Deu uns passos olhando em volta. Acho que quem me visse acharia no mínimo que eu sofria de algum distúrbio. Eu devia ser a imagem do flagelo humano.

Parei e fiquei meio perdida, ele deu um leve toque na buzina, eu acordei e fui andando por trás das árvores rumo a menina. Ela não levantou a cabeça. Eu andei um pouco mais ficando bem perto dela. Não tinham adultos próximos, nem um policial, nem ninguém. Só aquelas crianças li soltas, sozinhas. E eu abri minha boca e falei:

- Olá. Será que você poderia me ajudar, estou sentindo muitas dores e preciso ir até aquele carro, você me ajuda?

Foi a mentira mais nojenta, insana e perturbada que eu já contei na minha vida. Até hoje me pergunto de onde saiu aquela frase, de onde veio aquela imaginação tão rápida para gerar uma frase que serviria de armadilha para aquela pobre presa inocente. Eu estava sendo contagiada, estava contaminada, estava perdida.

A menina se assustou, levantou os olhos para mim e olhou para meu rosto cheio de marcas e franziu a testa meio desconfiada.

- Por favor, é aquele carro logo ali.

Eu falava tentando me encolher e apontando para o carro onde o Ogro estava abaixado. Eu me fiz de tonta e me escorei no banco. Ela, em dúvidas, não sabia o que fazer.

- Não posso ir com você, estou cuidando do meu irmão.

- Por favor – eu pedi de novo.

Se eu voltasse sem ela para o carro eu sabia que morreríamos, eu, ela, o irmão dela e quem sabe até minha família. Ela me olhava meio de lado e eu sentia os olhos do Ogro queimando em cima de mim lá do carro.

- Não posso, estou olhando meu irmãozinho – ela insistia tentando se agarrar a alguma ordem materna dada. Eu não pude deixar de admirar a força de vontade e a determinação infantil daquela pobre menina.

Eu comecei a ficar nervosa, Eu conhecia a loucura que morava no Ogro. Ele podia atirar em todos nós a qualquer momento. Eu não sabia mais o que fazer e desistindo fui bem devagar de volta para o carro, mas mal tinha dado dois passos, quando senti alguém segurando meu braço.

- Eu te ajudo. Mas assim que chegarmos ao carro eu volto correndo, meu irmão não pode ficar só.

Meus olhos se encheram de lágrimas, meu coração sangrava, a pobre menina ficou em dúvida entre obedecer alguma ordem dada sobre não falar com estranhos e ajudar a alguém que precisava.

E ela decidiu por sua boa, por ajudar, por morrer. Eu escutava todos os acordes do inferno naquele momento, me sentia o próprio demônio arrastando almas para o inferno. Eu gritava por dentro para eu pegar na mão da menina e correr, mas sabia que jamais conseguiria ir muito longe.

Ela segurou no meu braço tentando em amparar até o carro, como se eu fosse uma idosa e meu coração se quebrava a cada passo que eu dava.

E ela me acompanhou. Chegando ao carro eu abri a porta e o Ogro com suas mãos enormes agarrou a blusa da menina e puxou pra dentro. Foi tudo tão rápido que não conseguimos reagir. A menina sequer tentou gritar.

Ela começou a espedir e, ele enfiou a mão na boca da menina e bateu com a cabeça dela no painel do carro. O sangue jorrou no vidro do carro.

- Que merda – ele gritou.

Eu olhei para aquela cena, eu ali com a porta aberta, ainda fora do carro. Ele lá dentro, a menina caída no banco sangrando, eu queria tanto correr porque afora e gritar por ajuda, para mim, para ela, para todas as vítimas do passado, presente e futuro, mas novamente a calma me dominou e uma

frieza repugnante me consumiu e eu entrei no carro. E mais uma vez, lá fomos nós.

Parte 10 - Ajudei a matar um anjo

Já na estrada a menina começou a acordar.

O Ogro jogou o carro para o acostamento, em meio a uns arbustos. Ele estava desesperado para consumir aquela menina, eu podia sentir isso nele. A fome, o fogo, o desejo animal. A menina estava zozza e perguntou o que estava acontecendo, onde ela estava, onde estava o irmão dela.

Como em um filme, eu só assista. Não movia um dedo. Não falava. Nem mesmo respirava direito. Nós três ali dentro daquele carro, um ambiente abafado, cheiro de morte e de medo. A menina piscava olhando para mim de forma inocente, como a me perguntar o que eu tinha feito. E nesse momento eu senti milhões de dedos apontando para mim, anjos e demônios me culpando, me julgando. Todos olhavam para mim como a se perguntar por que eu não fazia nada.

E meu estômago foi se embrulhando, algo grosso e seco subiu a minha garganta. E no rosto da menina algo pareceu mudar e ela então começou a entender que nunca mais veria sua mãe, seu irmão, sua família.

O Ogro desceu do carro, pegou a menina no colo e me chamou. Ela tentava espernear, mas era infinitamente pequena nos braços dele.

Eu fui atrás. Caminhamos por bom pedaço mato adentro, até que ele parou. Ele olhava para mim com um jeito curioso como

se a me testar. Enquanto a menina começava a gritar com sua voz aguda e infantil.

Ele a jogou no chão, ela tentou correr e ele a chutou. Ela se contorceu de dor. E o que antes era um grito infantil pedindo ajuda, agora era um ganido ínfimo como de um cão que apanha de seu dono.

- Vamos nos divertir Ursinho.

Eu nada disse. Só fiquei ali parada, em pé, como uma estatua sem vida. Não posso me envergonhar de contar esse episódio porque sei que isso é minha vida, minha realidade. Não tive vergonha do que aconteceu em seguida. Meu coração sangrou, mas eu não fiz nada para mudar aquela situação.

- Segura ela em pé para mim.

A voz dele soava grossa e murmurante, como se ele tivesse medo de que alguém pudesse escuta-lo. Mas eu olhei em volta e não havia ninguém, só mato. Nenhuma chance de ajuda, nenhuma possibilidade de eu correr e levar aquela pobre criança comigo.

Seríamos mortas, e eu jamais correria e deixaria ela ali. Não sei por que, mas eu preferia estar ali quando ele a devorasse do que sair correndo e deixar ela sozinha com ele. Melhor estar na merda junto do que só.

- Segura logo ela em pé sua morta – ele falou dessa vez mais alto.

E eu obedeci

Ela estava meio mole, não se firmava muito em pé, ele havia chutado suas costelas com certeza algumas haviam quebrado. Ele abaixou as calças e começou a se masturbar. Seu pênis ficou ereto e eu tentei desviar os olhos.

- Quero que olhe, olhe e goze comigo, eu sei que você gosta.

Eu nada disse. Ele então rasgou as roupas dela e começou a enfiar os dedos dentro dela, pela frente e por trás, ela gritava, urrava de dor, e ele rindo socava o rosto dela. O grito infantil novamente morreu aos poucos enquanto ele enfiava um, dois, três dedos dentro dela e em seguida chupava.

- Gosto de mel, mel doce, puro.

Ele esticou a mão para mim e esfregou os dedos no meu rosto. Eu pude sentir o cheiro de merda que ele havia arrancado da pobre criança.

Meu coração sentia uma pontada de algo negro, mas eu não podia nem me mexer, eu não conseguia. Ele então arrancou a menina dos meus braços e a estuprou com força, com violência, cada vez mais. Eu só via aquele trapinho humano balançando de um lado para o outro.

Ele a estuprou em pé levantando e baixando o pobre corpo em cima de seu membro. Minutos, quase uma hora se passou e ele não gozava. Ele virava a menina de frente e de costas e metia nela. Ela não reagia mais, não sei bem se estava

desmaiada, mas ela não se mexia, como um boneco velho de pano ele a sacudia.

Até que ele gozou e eu vi o corpo dela dar uma sacudida estranha, como que ganhando vida novamente. Ele urinou no rosto dela. E ela se moveu, um pouco, mas tenho certeza que ela se moveu. Ele aliviado se afastou para fechar as calças. A menina ficou no chão.

Mas quando ele se abaixou para pegar a menina de volta no colo pretendendo levar para o carro, imagino eu, o corpo dela começou a se sacudir de forma violenta, dessa vez sem parar. Ela se debatia no chão como se tivesse levando um choque. Eu nunca tinha visto aquilo. Fiquei assustada e tentei correr para o carro. Ele me segurou.

- Não vai não, espera.

Aquilo parecia levar horas, ele ali em pé olhando, ela espumando pela boca e pelo nariz, se contorcendo no chão, a língua saindo pela boca e os olhos se revirando. Nunca na minha vida vou esquecer aquilo. NUNCA.

Ele só olhava, segurando firme meu braço e rindo da cena diabólica. Ela, enfim parou de se debater e uma espuma ainda mais grossa saiu de sua boca. Uma espuma branca e viscosa.

- Que nojo – disse ele.

E empurrou a menina com o pé. Ela não se moveu. Ele a chutou de novo, mas ela não se moveu mais.

- Veja se ela esta morta – ele disse.
- Eu não sei quando alguém está morto – respondi num sussurro.
- Olha ela, pega nela.
- Eu não sei fazer isso.
- Faça, estou mandando, escute o coração dela, sacode ela, veja se ela reage.

Eu me abaixei e fiquei olhando para aquela menina, tão jovem, tão linda. Ela estava de olhos arregalados e estava morta, até onde eu sabia.

- Ela está morta.
- Tem certeza?
- Não, não sou médico, mas acho que está morta.
- Que merda, era tão novinha e gostosa, iríamos nos divertir tanto com ela.

Eu não pude deixar de perguntar:

- E agora?

Ele sem pressa respondeu:

- Agora vamos voltar e pegar outra.

Eu não podia acreditar que ele tinha dito isso. Eu estava em estado de choque, nunca tinha visto uma cena tão demoníaca

na minha vida. E sem saber porque eu disse as palavras mais insanas para aquele momento:

- Acho perigoso para você, voltar lá assim no mesmo dia.

Ele me olhou sério e de repente sorriu.

- Você está preocupada comigo, não quer que eu seja preso. Que lindo. Amo você sabia ursinho?

Eu fiquei em silêncio, ele me abraçou, chutou umas folhas secas para cima do corpo da menina e me puxando de volta para o carro. Eu quis olhar para trás, quis pensar numa prece, chorar, reagir, mas mais uma vez me deixei conduzir por aquela coisa que eu chamava de Ogro.

Voltamos ao carro, de volta para a estrada e continuamos nosso caminho, deixando para trás uma alma, uma vida, um anjo. Seguimos por um tempo e ele parou em uma lanchonete na beira da estrada.

- Pode descer, você vem comigo dessa vez – ele disse sorrindo.

Ele parecia feliz, e eu ali, com vontade de vomitar. Eu fiquei receosa, mas ele abriu a porta do meu lado e me pegou pela mão. Fomos rumo à lanchonete e ele me abraçou pela cintura como se fôssemos um casal apaixonado. Uma cena sinistramente surreal.

Entramos e sentamos em uma mesa afastada perto da janela dos fundos. Veio uma moça, eu abaixei a cabeça como sempre fazia quando alguém chegava perto de mim.

- O que vão querer?
- O que você tem de bom?
- Temos um ótimo bife com fritas.
- Serve, traz dois e duas cervejas.

Ela se foi e ele pegou na minha mão.

- Acho lindo você do meu lado, lutando comigo, me ajudando, me defendendo.

Ele falava e eu me recusava a escutar aquele discurso sem sentido, fanático, abusivo e psicótico. Eu olhei para ele, olhei em volta. Um momento ímpar.

Casais, pais e filhos, mães e amigas. Todos ali se divertindo, conversando, comemorando ou discutindo assuntos diversos e eu ali sentada com um matador de meninas, um psicopata.

Quantas vezes nos sentamos em lugares assim sem saber o que acontece na mesa ao lado? Quantas vezes vamos ao shopping e passamos por estranhos sem sequer imaginar de onde ele veio e para onde ele vai?

Cada um isolado em sua própria vida, seu destino, sonhos e pensamentos, não param para observar ao redor, e quem sabe ajudar ao próximo que pode estar precisando apenas de um olhar.

A quem eu quero enganar?

Ninguém se preocupa com nada além de si mesmo. Eu sou só um produto defeituoso, esquecido, jogado no lixo e o único que ainda olha para mim esta na minha frente falando de coisas “românticas”.

Mas eu não podia deixar de pensar o que aconteceria se eu levantasse e começasse a gritar:

- Gente! Esse cara é um assassino, ele me sequestrou, me estuprou por anos, me torturou, me manteve num buraco embaixo da terra e hoje ele sequestra outras meninas, ele acabou de estuprar e matar uma criança.

Acho que todos iriam querer saber o que eu faço ali sentada ao lado dele em plena luz do dia, se ele é tão ruim assim porque ele esta segurando minha mão e me olhando sorrindo como se fosse meu pai ou um namorado mais velho? Com certeza todos me perguntariam isso.

A comida e a bebida chegaram, e ele começou a comer. Eu não conseguia comer, não parava de olhar ao redor. Anos no buraco e hoje no meio das pessoas como um ser humano normal.

- Você não vai comer?

Ele me olha e levanta uma sobrancelha como se dissesse “não pense bobagem”.

De repente algo muito estranho aconteceu.

PARTE 11- POLÍCIA

Dois carros de polícia estacionaram na frente da lanchonete. Eu não podia acreditar no que eu estava vendo.

POLÍCIA.

Por tantos e tantos anos eu esperei, implorei, gritei por ajuda. Pela polícia, por ser descoberta e libertada e enfim, eu vejo a polícia. Eu aqui sentada, sem algemas, sem amarras e logo ali, eles, os heróis.

Inacreditável.

O Ogro olhou na direção dos meus olhos e viu que eu estava paralisada e então ele viu a polícia.

Ele imediatamente pegou o prato dele e sentou do meu lado, pegou a faca que ele estava usando para cortar a carne e enfiou embaixo da minha blusa, perto do meu seio direito por baixo da mesa.

Foi tão rápido que eu pulei e a ponta da faca entrou no meu seio. Eu sentia o ardor da carne abrindo e o sangue saindo. Meu coração acelerou, meus lábios estavam secos e eu senti de novo a sensação da morte chegando. A polícia ia entrar, o Ogro ia me matar e ser morto e tudo acabaria.

Eu cheguei a sorrir, eu seria liberta, das mãos do Ogro para a morte, enfim. Mas não foi bem assim que aconteceu.

- Não se mexe – ele sussurrou no meu ouvido.

A polícia entrou e perguntou em voz alta se alguém tinha visto uma menina de uns 12 anos e descreveu a menina que pegamos. Junto com o sangue que descia do local onde a faca do Ogro estava enfiada descia também suor das minhas axilas, testa e até das minhas mãos que agora estavam duras e geladas.

Olhem para mim, olhem para mim, para mim. Era só o que eu podia pensar com vontade de gritar, de berrar. Mas estávamos sentados muito ao fundo e minhas chances eram pequenas no entanto, também nunca forma tão grandes.

Ninguém na lanchonete disse que tinha visto algo. Um dos policiais tinha uma foto da garota na mão e foi passando de mesa em mesa mostrando a foto. Eles vinham se aproximando de nós, e a faca do Ogro entrou um pouco mais no meu peito e eu comecei a me sentir fraca e tonta.

Era agora, seria agora, eles iriam olhar para mim, me reconhecer como uma menina desaparecida e enfim me salvaria.

Foda-se se o Ogro enfiasse aquela faca até minha alma, seria minha vez de me livrar dele. Eu até podia sentir a tontura tomar conta do meu corpo e algo como uma sensação de ansiedade boa dominar meu corpo.

- Para de tremer porra – ele disse ao meu ouvido me apertando contra ele.

- Ei, você aí grandão, viu essa menina por aqui ou na estrada?

Um dos policiais gritava a distancia para o Ogro.

FILHO DA PUTA.

Porque esse desgraçado não veio até nossa mesa?

Porque ele não se aproxima mais?

Será que ele é idiota, não percebe que eu estou aqui, tensa, pálida quase desmaiando?

- Não senhor. Não vi nada.

- Tem certeza?

O policial se aproximou, eu via a imagem dele já duplicada e tentava ficar com a cabeça levantada. Enfim, enfim, graças a Deus, tudo vai acabar, fique firme Laura, sorria, e receba a benção da libertação. Ele se aproximou mais, enfim, agora era a hora, ele vai me olhar e vai me reconhecer, claro, obvio, quem sabe até ainda estão me procurando.

- Ela está passando mal?

O policial perguntou em alta voz para o Ogro.

- Ela bebeu um pouco demais só isso. Ela está bem. Já vou levar ela para casa.

- Cuidado, ela não me parece nada bem, tem uma cara estranha e parece estar muito mal. Ela não é menor de idade é?

- Não claro que não – o Ogro disse, tentando se fazer de firme.

- Olha o rosto dela, é uma velha amiga, já teve até filhos.

Então eu senti a faca adentrar ainda mais e eu tive medo da liberdade que a morte podia me dar. Quem sabe depois de tudo que eu fiz eu iria ao inferno? Eu não queria ir para o inferno. O policial se aproximou ainda mais e me olhou e eu balbuciei.

- Eu estou bem.

- Você viu essa menina? - colocando a foto perto do meu nariz.

- Não senhor.

Infeliz, escroto, desgraçado, policial inútil, olhou na minha cara e não me reconheceu. Quem eu quero enganar? ninguém mais se lembra de mim. Eu sou lixo, sou nada.

- Se alguém tiver alguma informação ligue para a polícia local imediatamente, a menina sumiu de uma cidade próxima e estamos a procura de rastros dela ou de alguém que a tenha pego.

Os policiais falavam alto para todos e o silêncio reinava. Eles saíram e eu amoleci totalmente, deixando minha cabeça e braços caírem na mesa. Algumas pessoas nos olhavam desconfiados, e eu senti que éramos o centro das atenções.

- Me perdoe ursinho, eu não quis te machucar – ele sussurrou no meu ouvido.

Ele pegou um guardanapo de pano amarelado e colocou em cima do meu ferimento para estancar o sangue. Minha blusa era preta e não chamava muito a atenção.

- Moça traz a conta, por favor.

- Sim, agora mesmo, ela esta bem?

- Sim, ela só esta um pouco enjoada.

- Tem certeza? Quer ajuda?

- Não precisa. Tudo bem.

A moça trouxe a conta, ele jogou o dinheiro na mesa. Ela pegou e virou as costas, assim que ela saiu ele levantou, me escorou no seu braço e me arrastou rapidamente rumo a porta.

CAPITULO VII - Parte 1 - Última Esperança: Mauro

Eu fiquei boa e ele voltou a ser o mesmo.

Mandava fazer comida, trazer cerveja, abrir as pernas e os dias corriam.

Eu comecei a planejar algo em minha mente.

Eu não tinha para onde voltar, meus pais não se lembravam mais de mim, eu tinha certeza, minhas amigas não iam querer ficar perto de alguém com meu passado, mas quem sabe Mauro.

Quem sabe eu não conseguiria reaver um milésimo dos sonhos e delírios que imaginei viver com ele na minha adolescência?

Por incrível que pareça, eu queria me prender a isso para imaginar uma possibilidade de sair daquele mundo negro e ser alguém de novo.

Eu já não me contentava somente com comida e cama, eu vi a possibilidade de sair fora daquilo tudo, de viver mais e Mauro poderia me dar essa chance. Ele sempre jurou me amar. Eu tinha a faca guardada, e muitos novos desejos e planos. Não sei até quando ia suportar ver meninas morrendo no buraco.

Era um dia menos quente, chuvoso. Não era muito tarde. Eu estudei a tranca da porta e vi que dava para tentar abrir com a ponta da faca, eu iria para a mata, já tinha olhado para ela, caminhado um pouco por ela com o Ogro, sabia onde começava

e onde terminava a parte densa. Sabia onde o fluxo de carro era maior. Eu iria sair da casa, entrar na mata, sair pela estrada e me jogar na frente de um carro, sempre com a faca, e se ele me pegasse eu não deixaria ele saber da faca até que ela tivesse enfiada em seu pescoço.

Daria certo. Eu só precisaria de tempo. Teria que ser um dia em que ele saísse para demorar a voltar.

Seria minha grande chance, minha única chance, sabia exatamente o que ele faria comigo se me pegasse.

Os dias se passaram e ele me convidou para mais uma caçada. Já fazia dois meses depois da morte da menina-criança. Eu obedeci. Fomos de carro pela estrada por uma hora depois entramos em uma pequena estradinha de terra, seguimos mais adiante e encontramos uma feira rural. Como ele sabia dessas coisas é que eu nunca descobri.

Na feira muita gente para todo lado, crianças, meninas, adultos. Ficamos dentro do carro numa área para estacionamento.

Uns 30 minutos depois uma menina bem morena, quase negra, veio para bem perto do carro. Ela devia ter uns 14 anos. Ela estava conversando em um telefone e parecia que se escondia de alguém rindo, tentando falar baixo.

Ela era bem magra e pequena, o tipo preferido do Ogro. Ela nos viu e não deve ter sentido que éramos um risco. Ela continuou

no telefone e se encostou na parte lateral do carro falando baixo.

O Ogro só disse:

- Desce e trás ela para mim.

Eu nem pensava mais no assunto.

Eu obedeci.

Desci do carro, fazendo pouco barulho, como quem nada quer. A menina me viu, lógico, e continuou encostada no carro. Ela desligou o celular me olhou e perguntou se eu tinha cigarros.

Eu ri por dentro, mais fácil que o normal. Porque essas garotas não se cuidam, não se protegem, não leem jornais, não sabem que existem loucos e loucas por aí?

- Sim, tenho cigarro, pega aqui comigo no carro.

Ela veio, assim feliz da vida, olhou para dentro do carro, viu o Ogro e disse:

- Olá, tem cigarro?

Ele olhou para ela espantando, sorriu de uma forma estranha. Ela parecia mais oferecida do que o normal para meninas da idade dela.

- Sim, pega aqui.

Ela entrou no carro, assim fácil assim, eu entrei ao lado dela, fechei a porta e o Ogro deu um soco nela desmaiando-a. Tudo de novo, já estava virando rotina.

Levamos ela para casa. Ela foi levada para o buraco. E eu fique esperando ela morrer para ele ter que sair e enterra-la e então eu iria por meu plano em pratica. Foda-se ela. Foda-se o mundo. Era hora de pensar em mim. De reagir, de lutar.

Eu não fazia ideia de onde e como acharia Mauro ou como tomaria um novo rumo para minha vida, mas algo dentro de mim não me deixava mais desistir, se existia a possibilidade de Mauro estar em algum lugar a me procurar ou esperar, eu iria atrás dessa fantasia louca. Ele me protegeria, seria meu salvador, me ajudaria a superar tudo. Ele me amava, jurava amor.

Uma semana passou, veio a segunda e a terceira semana. O Ogro se afastou completamente de mim, eu só fazia a comida, limpava a casa e tinha minha paz. A casa sempre trancada e o Ogro se divertindo no buraco. Pelo visto a menina era resistente.

Ele vivia dentro do buraco, saia duas ou três vezes por dia. Mas ele não saia de lá com o saco preto. Um sábado ele sentou lá fora, na frente e me chamou para sair. Eu fui, ele me deu da bebida forte e uma cheirada. Eu o acompanhei.

- Ela é forte, parruda, guerreira. Não desiste fácil, resistente, muito parecida com voe. Estou me divertindo horrores.

Eu não disse nada, só fiquei imaginando o que ela estaria sentindo, nem precisava fazer muito esforço, eu sabia quase que de cor o que ela sentia.

- Você não tem pena? - eu ousei perguntar.

Ele me olhou de forma engraçada e disse:

- Claro que não, ela adora, eu adoro, somos felizes juntos. Mas não fique com ciúme, ela não vai durar para sempre e eu volto para você. A não ser que você queira descer e nos fazer companhia.

Eu olhei para ele, apaguei meu cigarro no chão, olhei para a mata distante em volta da casa e voltei para dentro.

Mauro virou uma ideia fixa, eu o imaginava ainda do mesmo jeito com o mesmo sorriso, o mesmo jeito forte e protetor. Ele me protegia, me amava. Se, quem sabe, eu conseguisse encontra-lo ele poderia me ajudar a retomar ao menos em parte a minha vida.

NOTÍCIAS

“A polícia ainda procura pelo Maníaco das Donzelas. Não foram encontrados mais corpos ou possíveis vítimas, mas a busca permanece. Fontes não oficiais disseram que existe a possibilidade do Maníaco ter fugido para outra cidade ou Estado”.

Notícia do jornal ZERTDE – 23 de dezembro de 2010.

Parte 2 - O caçador

Daniel fumava desesperadamente.

Ele sabia que isso ainda ia matá-lo.

Mas ele não ligava.

Na verdade desde seus 16 anos que ele vivia no limiar entre o foda-se e a sobrevivência. Devido ao seu espírito duro e seco, o serviço policial lhe pareceu uma boa opção. Ele passou em todos os testes com louvor, mas não porque fosse um ícone do bom comportamento e da disciplina, não, ele passou porque ele queria passar e tudo que Daniel queria ele conseguia.

Hoje com mais de trinta anos, já estava cansado daquela vida. Na verdade ele estava cansado de viver já desde seus vinte anos. Filho de uma prostituta, ele, foi criado por amigos dela que se compadeceram do menino moreno de cabelos cheios e olhos verdes tristes.

Com o passar do tempo os olhos assumiram um duro tom escuro, quase negro, que as vezes brilhavam como olhos de um gato, mais especificamente quando ele caçava um fugitivo ou fazia uma perseguição.

Daniel com seu corpo forte, resistente, era alto, mais alto que seus colegas de trabalho. Ombros largos, músculos definidos por muita musculação que ele fazia no porão de sua casa. Se é que se pode chamar aquilo de casa.

Quem o vi de passagem, sem nunca usar uniforme alinhado, até achava que ele tinha seu charme de homem mau, definido e atraente, mas por dentro Daniel era podre, sujo, doente, caído.

Ele já tinha se entregue a cocaína muitas vezes em seus plantões, a bebida era sua parceira de 24 horas. Ele se alimentava mal, quando se alimenta. Mas seus pesos eram levantados religiosamente na madrugada e sua corrida habitual de 10 quilômetros era sagrada nas manhãs quer fosse sol ou chuva.

Quem o conhecesse indagaria como ele se mantinha em pé sem comer algo decente e somente abastecido de uísque barato. Mas isso era uma incógnita.

A vida sentimental de Daniel era a mesma destrutiva paisagem. Foi casado uma vez com uma dançarina de boate, mas depois de ser traído por duas vezes, largou a mulher para não ter que praticar box na cara dela. O casamento durou menos de dois anos.

Depois disso, seus relacionamentos se baseavam em mulheres desconhecidas que passavam em sua frente nas madrugadas. Ele as levava para o carro ou mesmo para um beco qualquer, lhe dava uns beijos e fazia um sexo rápido.

A agenda de seu celular vivia vazia, mas seu telefone tocava todo dia com uma ou outra louca apaixonada que gostava de sofrer pensando que de alguma forma poderia redimi-lo. Ele nunca respondia as chamadas.

Amigos eram poucos, na verdade inexistentes fora um ou outro colega de trabalho com quem fazia investigações.

Parentes, óbvio, que não existiam, filhos de puta não possuem festas de natal. Se não fosse por Iara e Delson ele com certeza seria um traficante, um viciado (mais viciado) ou estaria morto.

Iara e Delson eram amigos de sua mãe, e sua infância e adolescência foi sanada por eles que insistiram que ele estudasse, e que mostram a ele que possibilidades existiriam se ele focasse toda a "energia em excesso" que ele tinha quando pequeno e queria arrumar briga com todos os meninos da cidade.

E com muita insistência por parte do casal, ele se formou no segundo grau, estudou e entrou para a polícia. Lá dentro estes e mais testes, cursos e desafios, ele queria agora ser respeitado para poder fazer da própria vida a merda que quisesse sem ser controlado. E assim chegou a elite da polícia, não precisava mais usar uniforme. Andava a paisana e seu trabalho era ajudar a caçar homens piores que ele. (Irônico)

Daniel por dentro era um homem estranho, deturpado, ateu nas horas vagas e viciado em tudo que fosse ruim. Mas existiam duas coisas que Daniel jamais fez ou permitia que alguém fizesse na sua presença: maltratar crianças e violentar mulheres.

Na rua em que Daniel morava havia uns meninos que sempre jogavam bola, e sempre que ele passava com sua calça jeans

rasgada, sua camiseta preta desbotada e seu cheiro de perfume misturado com cigarro, os meninos gritavam:

- Tio, me dá um trocado?

Daniel vagorosamente tirava os óculos escuros e um sorriso debochado surgia no canto dos seus lábios.

- Vocês são sem futuro sabia?

Os meninos riam e esticavam as mãos.

Daniel tirava uns trocados dos bolsos e sempre dava. Os meninos saiam rindo e felizes, e Daniel seguia seu destino, balançando a cabeça de um lado para o outro sem se preocupar com o que seriam aqueles meninos quando fossem adultos. Era um homem dubio, difícil, estranho.

- Você não cansa de olhar sempre as mesmas fotos?

- Não.

- Mas esse caso já está esfriando, não é mais nosso. Passou fronteira, já era. Ontem tivemos a dica de um informante sobre um possível sequestro do Drº Alonso. Vanessa vai trazer a pasta para você daqui a pouco.

- Sei.

Romulo olhou para Daniel, que estava sentado em sua mesa com inúmeras fotos espalhadas de forma desorganizada. Mas as fotos pareciam fazer sentido para Daniel. Ele estava concentrado e na verdade pouco tinha escutado do que

Romulo falou.

Era sempre assim, obstinado, quase um cão de caça. Romulo admirava o colega, mas sabia que todo o departamento de policia estava de cara virada com Daniel desde a morte daquele rapaz que andava atrás de meninos nas escolas tirando fotos obscenas. Daniel foi atrás do rapaz, houve certa "resistência" a prisão. O rapaz tentou correr. Daniel o segurou. Ele resistiu e acabou batendo a cabeça em uma parede (??) e veio a falecer. Teria sido o fim da carreira de

Daniel se seus superiores não tivessem descoberto no mesmo dia mais de 50 filmes pornôns no apartamento do rapaz. Nos filmes o rapaz pagava para meninos menores de 15 anos cederem aos seus desejos doentios. Daniel ficou assim, meio herói meio bandido. Mas o departamento estava de olho nele.

E naquela tarde, de ressaca, como quase sempre estava, Daniel não desistia de olhar as fotos das investigações que foram feitas de forma exaustiva para se achar uma pista sequer sobre aquele que chamava de Maníaco das Donzelas.

Agora o boato era que o caso estava esfriando. Sem pistas, sem novos corpos. E com centenas de novos crimes sendo cometidos era normal que esse caso fosse dado como "em andamento", mas bem sabia Daniel como isso funcionava.

Mas não com ele, não para ele, não. Isso não iria esfriar. Daniel não ia deixar passar esse caso. Foram muitas marcas, muitos corpos. Um terror instalado, uma insanidade sem fim.

Enquanto os colegas de Daniel voltam na madrugada para suas famílias e casas aconchegantes, deixando para trás todo o horror que aquele maníaco estava cometendo, Daniel não dormia atormentado pelos possíveis gritos das vítimas, pelos rostos das mães em pranto no reconhecimento do que tinha sobrado de suas filhas e pelo olhar inesquecível de uma mãe que lhe fez jurar que acharia o assassino de sua filha, encontrada jogada na beira de uma estrada, uma criança de menos de 14 anos, estuprada das formas mais inomináveis que podem existir, deixada como lixo, urinada e destruída.

Daniel não tinha paz, não tinha sossego, tinha pesadelos com essas cenas, mesmo vivendo isso dia a dia. Ele não conseguia só esquecer. Enquanto seus colegas apagavam esses fatos ao dirigirem-se para casa, com Daniel era constante, os fatos, fotos e dores acompanhavam ele. E se ele não tinha paz, aquele maníaco também não teria.

Era só uma questão de tempo.

MARIDO DESAPARECIDO

- Nenhuma noticia dele?
- Não. Ele simplesmente evaporou mãe. Eu não sei mais o que pensar, o que dizer. Não consigo dormir, não consigo comer.
- Mas Clara, homens não somem assim. Estevão levou o carro, levou as ferramentas do sitio dele. Ele foi embora minha filha. Se conforma, ele te abandonou.
- Não mãe, ele não foi embora. Ainda acho que devemos dar parte na policia, fazem meses que ele sumiu.
- Mas ele não sumiu Clara, ele te deixou. A polícia não vai fazer nada você sabe disso. Ele é adulto, foi embora porque quis, levou as coisas dele e sumiu.
- Não fale isso mãe. Ainda acho que tem algo estranho nesse desaparecimento dele. Só eu penso assim?
- Sim Clara, minha filha, Só você pensa assim. Toda a cidade já fala que ele foi embora com alguma menininha, a polícia não vai atrás de um marido que abandona a esposa.
- Mae você está me deprimindo, ele vai voltar, e se não voltar é porque algo aconteceu com ele. Estevão nunca me deixaria.
- Só você não via que ele passava mais tempo no sitio do que contigo, no mínimo ele tinha outra lá. Porque você não vai lá no sitio e revira tudo?

- Não. Nunca mais vou voltar lá. Se ele realmente me abandonou quero que aquele lugar apodreça.

- É. Não valem grandes coisas aquelas terras e aquele casebre mesmo, mas ainda acho que você devia ir lá, revirar tudo e se certificar que ele foi embora.

- Eu não vou voltar naquele sitio nunca mais, aquilo tem o cheiro dele, e eu ainda sinto falta dele.

A mãe de Clara, nada diz, mas tem a certeza de que o marido da filha simplesmente foi embora. Como tantos outros homens.

SAUDADES

- O que você está fazendo aqui querida?
- Nada, só olhando.
- Já falei para você parar de vir no quarto de Laura. Inclusive acho que deveríamos transformar o quarto dela em uma sala de música ou algo assim. Isso só te faz mal, só te deixa triste e abatida.
- Não! Eu sou mãe, eu tenho coração, nunca vou deixar desfazer o quarto de minha filha.
- Mas amor, a polícia procurou por anos, colocamos cartazes, divulgamos apelos, até recompensas oferecemos. São mais de quatro anos. O caso dela já entrou em casos arquivados, ninguém mais procura por ela. Eu também sinto saudades, mas sei que ela deve estar em um lugar melhor.
- NÃO FALE ISSO! Ela vai voltar, eu sinto.
- Não, amor. Ela não vai voltar, a última vez que estive na delegacia o responsável pelas investigações foi sincero comigo. A grande maioria das meninas desaparecidas nunca volta. E se aparece, aparece somente o corpo. Vamos deixar a memória dela descansar. Vamos ficar em paz, ela gostaria disso.
- Eu não sei. Só sinto dor.

- Eu sei amor, eu também, todos nós. Mas temos que levar adiante nossa vida. Ela ia querer isso. Ela era cheia de vida e coragem, se tivesse viva já teria dado um jeito de voltar para casa. Vamos pensar nela como nossa linda menina, nosso ursinho feliz e pronto.

- Pode ir para a sala. Eu já vou.

- Tudo bem amor, mas pense no que eu te falei, vamos ter paz, vamos deixar a memória de nosso ursinho Laura em paz.

A mãe de Laura deita na cama e chora rios de lágrimas. E momentos depois ela levanta, seca as lágrimas e começa a desmontar o quarto de Laura. Olhando pela janela ela suspira.

- Fica em paz meu ursinho, seja lá onde você estiver.

Parte 3 - No Rastro

Depois de mais de 22 horas de serviço, Daniel sentia o peso do sono. Seus olhos queriam fechar, mas ele não queria ceder. Abriu a gaveta de sua mesa tirou uma garrafinha sem rotulo e tomou dois grandes goles que desciam queimando em sua garganta.

Ele acendeu um cigarro, mesmo sabendo que alguém poderia reclamar da fumaça. Afinal não podia fumar dentro do departamento de polícia. Mas já era bem tarde e não haviam muitos investigadores ali.

E mesmo que houvesse, Daniel pouco se importava. Ele olhou novamente o ultimo relatório das mortes do Maníaco das Donzelas.

Na verdade era uma lista muito duvidosa uma vez que varias mortes foram atribuídas ao Maníaco sem certezas. Quem poderia dizer que essa ou aquela morte era obra dele? Ninguém, eram somente suposições. Mas entre todas as mortes, corpos e rastros Daniel sentia exatamente para onde devia seguir.

Naquela hora sua mente já estava turva e ele sentia necessidade de comer alguma coisa, qualquer coisa. Ele levantou, fechou suas gavetas e se foi. Lá fora a noite era escura, sem lua e com um ar amargo de solidão. Um grito

distante, um homem passou correndo, com certeza mais um assalto.

Daniel se dirigiu a uma esquina próxima onde ele deixava sua moto. Quando estava de serviço na rua ele usava o carro da polícia, obrigatoriamente, mas para ir e chegar ele preferia sua moto, possante, grande, pesada e velha, mas mesmo assim ele a mantinha sempre bem cuidada, era seu único bem material que ele realmente estimava.

Acelerando, Daniel foi para casa. Não era bem uma casa, era um depósito antigo, que ele alugou já há um bom tempo.

Um único vão que ele, de uma forma meio incompreensível para que visse, organizou. Uma parte destinada a cozinha, onde quase nada era feito a não ser muitos cafés. Um banheiro minúsculo, sempre limpo com muita água sanitária o que deixava um cheiro forte por todo o lugar. E nos fundos do depósito havia o quarto.

Uma cama desproporcionalmente grande comprada em um brechó, um armário, uma mesa com uns livros e papéis e a escada que dava para o sótão onde Daniel mantinha uma improvisada academia para seus exercícios.

Era nesse lugar escuro, meio úmido e com cheiros diversos que Daniel morava. Na verdade o tempo que ele ficava em casa era mínimo, mas tudo ali mostrava um pouco do verdadeiro Daniel.

Perto da sua cama havia um grande quadro onde muitas fotos estavam coladas. Fotos de corpos de meninas, muitas meninas. Todas as meninas tinham sido encontradas nas laterais de rodovias ou em meio a matas fechadas.

Todas tinham sido estupradas, torturadas, apresentavam sinal de ausência de luz solar, de alimento e de água. Estavam secas, quase sugadas. Eram muitas meninas. Em variadas posições. Algumas na mesa do necrotério.

E na parte superior do quadro outra coleção de fotografia, das mesmas meninas mas essas de quando elas estavam vivas. Fotos coloridas, meninas sorridentes. Todas muito felizes, todas com ar vibrante exalando vida e inocência. Eram meninas muito novas, que recém haviam saído da infância. Cheias de sonhos, de esperança com seus ares arteiros.

Daniel deitava em sua cama e olhava as fotos, as duas linhas de imagem e refletia. Sempre até que o cansaço o derrubava e ele adormecia por quatro ou cinco horas por vez. Não era um sono tranquilo.

Na verdade nem era um sono, era um desmaio onde fantasmas o perseguiram, onde ele via um homem com o rosto encoberto perseguia meninas e as estuprava. Enquanto o homem estuprava seus corpos elas olhavam para Daniel e esticavam suas pequenas mãos implorando ajuda.

Mas Daniel se sentia preso, amarrado e não conseguiu alcançar as meninas. E o desespero tomava conta dele em um grau nunca antes visto. Era como se todo o inferno se abrisse e o

acusasse de ser incapaz. Sobressaltado, suado e tremendo ele acordava, já com sua arma na mão pronto a atirar.

Mas não havia nada no quarto. Ele então se levantava tomava um banho, vestia uma de suas camisetas padrão e saía. Era impossível para ele ficar em casa quando acordava de seus pesadelos que eram mais frequentes do que o normal para outras pessoas.

Daniel era um espírito atormentado, mas sempre foi assim. Antes da coleção de fotos das vítimas do Maníaco das Donzelas, teve a coleção de fotos de bebês sequestrados. Antes disso as fotos dos meninos vítimas de sodomia, e antes disso as fotos das idosas estupradas por um louco que escolheu a cidade errada para agir.

Em todos os cenários acima Daniel chegou ao fim do caso. Os culpados foram encontrados, em alguns casos foram levados a julgamento e quando eram equivocadamente inocentados Daniel ia atrás deles para uma conversa que sempre acabada mal para uma das partes e essa parte nunca era Daniel.

Mas em outros casos os culpados eram presos e Daniel ficava esperando o dia em que fossem soltos. Daniel sabia que isso não iria longe, ele não era um super herói ou um justiceiro infalível.

Uma hora ou outra ele seria preso por assassinato na mesma penitenciária para onde ele mandou tantos homens e nesse dia ele conheceria o verdadeiro inferno, mas enquanto esse dia não chegava Daniel alimentava dentro de si o prazer mórbido do

futuro encontro que ele esperava ter com o Maníaco das Donzelas.

Daniel sabia que o Maníaco havia deixado a cidade. Muitas testemunhas tinham feito a descrição de um homem visto nas proximidades de onde as meninas sumiram. Inclusive uma testemunha viu um carro saindo apressado do mesmo parque onde a ultima vitima sumiu deixando lá seu irmãozinho sozinho.

A testemunha descreveu o carro sem muitos detalhes, ela não conhecia marcas e tipos de veículos, mas ela comentou que havia outra pessoa dentro do carro, parecia até se ruma mulher, mas muitos duvidaram que esse detalhe fosse verdade.

A testemunha notou o carro porque ele estava estacionado bem dentro do parque em uma área onde não era costume ter carros. No começo quando viu o carro pela primeira vez só achou estranho, mas não reparou em mais nada.

Ela estava com seu filho brincando no balanço, mas em minutos viu o carro sair acelerado além do normal e ainda mais dentro da área de um parque e isso ela não conseguiu esquecer. Nesse mesmo dia deram pela falta da menina naquele parque.

Era a melhor testemunha que a policia tinha. Ela descreveu o motorista como um homem alto, mais que o normal, branco, com ombros meio curvados, algumas cicatrizes dispersas pelo rosto e mais nada. Não era muito, mas já era alguma coisa.

E com esses dados somados a outros detalhes coletados Daniel refletia, analisava e tinha quase certeza de que o

Maníaco era o cara do carro acelerado. E como não haviam mais desaparecimentos por um bom período, seus colegas consideraram que ele havia mudado de cidade e se assim fosse, agora já não era mais problema do departamento local.

Mas Daniel não pensava assim. Os locais onde as vitimas haviam desaparecido faziam um circulo em volta da cidade e circunvizinhanças, de modo que Daniel sabia que o homem estava localizado ali perto, morava ali perto, mas para pegar suas vitimas ele andava, se distanciando do centro.

Não capturava meninas na porta de sua casa, claro, não era idiota, ele devia morar em algum lugar mais afastado e se tivesse um cúmplice ambos moravam juntos. Quem sabe um sítio ou casa mais próximo da mata.

Mas os arredores eram vastos, as matas intensas e a área a procurar muito ampla para uma descrição tão simples e sem foco do suspeito. E agora que os desaparecimentos pararam, Daniel acreditava que o Maníaco não tinha ido embora, apenas resolveu caçar suas vitimas mais longe. Era essa a ideia que perseguia Daniel. E por isso ele não podia deixar de lado sua caçada.

Parte 4 - O grande dia

O dia tão esperado chegou.

Depois de quase três meses, a menina não aguentou. O Ogro era mais intenso, ia ao buraco muitas vezes, ela não iria aguentar de qualquer forma.

- Vou me livrar dela, demorarei mais, pois vou jogar esse lixo mais distante, mas volto.

E assim ele saiu. Eu esperei por uns 15 minutos, vesti uma roupa escura, peguei minha faca e fui para a porta. Mexi, revirei a fechadura, de um jeito, de outro, até que, depois de longos trinta minutos de tremor e muito suor frio, a porta deu um estalo e a fechadura cedeu.

A porta abriu e eu estava livre. Não podia acreditar. O Ogro mal tinha saído, iria demorar horas, eu percebi que ele estava se afastando cada vez mais para capturar meninas e depois desová-las. Eu tinha horas disponíveis para me afastar da casa.

A adrenalina corria solta em mim, eu vibrava por dentro de perspectivas e possibilidade. Tinha medo, não de ser pega, mas do que eu iria encontrar se conseguisse sair do mundo do Ogro. Eu puxei a porta e corri para a mata.

Corri muito, desesperadamente, eu corri. Atravessei a parte fechada, contando o tempo mentalmente e saí na estrada. De

imediatamente, me atirei na frente do primeiro carro que eu vi. Era uma caminhonete grande. Ele mal teve tempo de frear.

- Sua louca, quer morrer?

- Me ajuda, por favor, eu estou perdida, preciso de uma carona até a cidade.

O motorista me olhou desconfiado, mas me deixou entrar. Ele dirigia rápido, me olhava de lado. Eu sentada encostada na porta, tremia de ansiedade, eu estava livre, tinha fugido; o Ogro tinha ficado para trás, assim como sua loucura e seus demônios. Nunca mais alguém me tocaria daquele jeito, nunca mais alguém...

- E você estava indo para onde mesmo?

- Eu me perdi na mata.

- Sim, isso você já disse, mas para onde estava indo?

Eu não sabia o nome das cidades próximas, não sabia onde estava e não queria revelar minha história, então só me calei. O motorista me olhou de novo mais desconfiado e estendeu a mão e colocou na minha perna. Eu fiquei tensa e sem movimento.

Eu não podia acreditar no que eu estava vendo. A mão dele vagarosamente subia na minha perna, sem que ele me olhasse. Eu não podia crer que todos eram iguais, que ele queria a mesma coisa que o Ogro.

Eu estava em estado de choque, devia tirar a faca da blusa e esfaquear ele?

Devia pedir para descer?

A mão dele subiu até meus seios. Ele olhava para a estrada que passava acelerada e ele só olhava para frente. Dois estranhos. Ambos ignorando o que estava acontecendo, mas cientes de tudo.

Ele apertava meus seios, um e o outro. E eu nem me mexia. Não queria descer do carro. Era ainda perto demais. E podia não passar outro carro tão cedo. Eu não podia arriscar. E, sinceramente, não sei se ele ia me deixar sair. Mas, eu sabia o que ia acontecer e como eu devia me comportar. Era rotina para mim.

Ele continuou apertando meu seio, agora com um pouco mais de força. Eu deixei escapar um gemido de dor e senti ele se movendo no banco do motorista. Quando olhei, vi que ele salivava, olhando de relance para mim e rindo de forma grotesca.

- Que tal uma chupada?

Eu não disse nada. Ele tirou a mão do meu seio, e abriu a calça. Seu membro estava duro e saltou para fora das calças. Ele colocou a mão atrás da minha cabeça e me puxou para ele, não como o Ogro fazia. Não. Ele fazia diferente, de forma mais delicada, se é que posso dizer isso. Meio que afagando meus cabelos, como que achando que eu gostava disso.

Eu não ofereci resistência. Me abaixei e chupei ele. Engoli o máximo que deu do membro dele, fiz como o Ogro me ensinou e, imediatamente, ele gozou com um grito. Senti o carro oscilar na estrada e afastei minha boca, me erguendo de volta.

Olhei para ele e vi que suas calças tinham ficando sujas, mas ele estava com um ar sorridente.

- Nossa. Você é perfeita, nunca vi alguém fazendo assim.

Então, ele colocou a mão no bolso, tirou várias notas de dinheiro e jogou no meu colo. Eu fiquei olhando, sem expressão.

- Vamos, pega, compre algo bonito para você. Você parece precisar de algo mais colorido.

Eu peguei o dinheiro e coloquei no bolso, poderia precisar depois, sem escrúpulos, sem vergonha, rotina. Depois de mais ou menos uma hora, as laterais da estrada começaram a mostrar sinais de casas, mercados, pessoas. Nas ruas tinha certo alvoroço.

- Está tendo festa na cidade. Algum feriado local.

Era uma festa parecida com aquela em que o Ogro havia capturado sua última vítima. Mas, esta cidade era maior e me parecia vagamente familiar.

A caminhonete diminuiu a velocidade e parou em um sinal de trânsito. Eu meti a mão na maçaneta, pulei do carro e saí correndo.

- Sua louca, volta aqui! Que mulher doida.

De longe, escutei o barulho do carro indo embora.

Eu estava livre, longe do Ogro, mas assustada.

O que eu faria agora?

O homem no carro me mostrou que, de uma forma ou de outra, eu iria parar no mesmo lugar: embaixo de um homem e seus desejos horrendos. Mas, não se eu conseguisse encontrar um rumo para mim vida, não se eu conseguisse encontrar Mauro, quem sabe.

Desde o dia em que senti os meus sonhos e lembranças a respeito de Mauro se afastando de mim, não consigo mais parar de pensar que eu devo, sim, ir atrás de qualquer esperança de ser feliz de novo. Quem sabe, eu consigo enterrar bem fundo os momentos negros que passei.

* * *

- Amor, tem certeza de que está tudo bem?

- Sim, tenho, minha querida. Eu não queria vir até a cidade, como eu te disse, não gosto dessas festas, mas agora que estamos aqui, vamos nos divertir.

Eles deram as mãos e, fechando o carro, saíram rumo à festa na cidade. Era um feriado conhecido na localidade e os moradores das cidades vizinhas sempre compareciam, trazendo suas crianças e alegria para compartilhar.

Ele a abraçou, e ela se sentiu amada. Tinham se conhecido há menos de seis meses, mas ela já estava completamente apaixonada. Ele era bom para ela. Passava segurança, paz, e era lindo.

Eles se conheceram quando ela estava se divorciando, ela tinha uma filha de três anos do casamento anterior. E ele gostava de sua filha, Anne.

E, hoje, ali estavam os três, buscando um pouco de alegria e de divertimento. Eles estavam atravessando a rua quando uma caminhonete parou no sinal. A porta da caminhonete abriu e uma mulher saltou como louca correndo pela rua afora.

- Nossa. Você viu aquilo? - ela perguntou para o namorado.

- Sim, vi. Cada gente louca, ela podia ter se machucado.

Terminando a travessia da rua, seguiram rumo às barracas de comidas típicas da região.

* * *

Eu parei, meu coração parou. Eu não sabia que podíamos deixar de sentir o coração bater, deixar de respirar e ainda assim estarmos vivos. Pois foi isso que me aconteceu naquele momento. Eu pulei da caminhonete e corri rua afora até uma marquise próxima.

Mas tudo seria diferente se eu não tivesse visto o vestido amarelo da moça que feliz atravessava a rua. Era um vestido lindo, solto, florido, suave, dando um ar angelical à linda moça

que o vestia. Chamava a atenção, claro. Ela tinha cabelos loiros e fartos, um sorriso apaixonado, olhos brilhantes, pele clara.

Ela segurava, com uma das mãos, uma linda menininha, uma miniatura sua, loirinha, miúda e alegre; sua outra mão estava segura entre as mãos forte de um moço alto, moreno, de olhar atento e ombros largos.

Eu não podia acreditar.

- Moça, você está bem? Moça?

Uma senhora estava na minha frente, eu a empurrei e segui o casal de longe. Queria ver mais, queria estar mais perto.

Ainda sem sentir minhas pernas se movendo ou o ar entrando em meus pulmões, eu segui pela rua afora. O casal com a criança parou em uma barraca, o moço comprou algodão doce e deu para a menina, ela sorriu e se lançou nos braços dele. A moça de vestido amarelo sorriu mais ainda, ele abraçou as duas e ficou de frente para mim, enquanto beijava a moça nos lábios.

Mauro, meu Mauro, era ele ali, abraçando a moça de amarelo. Ele era feliz, tinha uma família, tinha filha e uma esposa. Se a menina tinha mais ou menos três anos, isso significava que ele não esperou muito por mim.

Agora sei por que suas lembranças sumiram de minha mente enquanto o Ogro me dominava. Era o destino me avisando que nada restara para mim.

Uma filha de três anos, uma esposa linda, uma felicidade da qual eu jamais faria parte. O beijo findou e ele pareceu me ver do outro lado da rua.

Eu, vestida com uma calça folgada preta, um casaco dois números maior que eu, um tênis velho nos pés e um elástico podre segurando os meus cabelos secos, presos no alto da cabeça. Ele não fixou o olhar em mim. Mal olhou de relance e se virou de volta para sua adorável família e seguiu pela festa.

Eu caminhei sem rumo, não sei quanto tempo passou. Sentia as pessoas esbarrando em meu ombro. Eu não me desviava, eles me empurravam, me ignoravam completamente. Todos felizes, vindos de um mundo de sonhos, e só eu ali no meio, abandonada, cinza, sem vida, sem lugar para mim.

Para onde eu iria?

O que poderia fazer?

Como viver em um mundo do qual eu nada sabia?

Senti as lágrimas turvarem minha visão.

Encostei-me em uma parede e uma vasta coleção de cores desfilou pelos meus olhos. Pessoas de todo tipo, famílias em sua maioria, e o cenário não poderia ser mais irreal. Eu destoava daquele mundo. E agora?

Não sei quanto tempo se passou, para mim foi uma eternidade. Tudo que eu vivi passou rápido diante dos meus olhos. E eu não tinha mais nada dentro de mim.

Uma pessoa esbarrou em mim e falou alguma coisa em voz alta. Eu saí do meu transe. Caminhei mais uns metros e vi um aparelho de telefone.

Tentei pensar em alguém para quem poderia ligar. Não conseguia me lembrar de ninguém, era como se eu nunca tivesse tido amigos ou um passado antes do Ogro. Mas, de repente, como um clarão mental, eu me lembrei de um número de telefone específico.

O telefone da minha casa. Minha casa, da minha vida anterior, a casa de minha mãe, a casa onde eu nasci.

Liguei a cobrar. Tocou uma, duas, três vezes.

Eu mal conseguia segurar o aparelho nas mãos, minha garganta estava seca, meu coração tão apertado que eu doía fundo no meu peito. Um gosto amargo na boca. Uma voz grossa falou do outro lado da linha.

- Alô!

Eu fiquei em silêncio.

Eu não podia acreditar, era a voz de meu pai. Grossa, potente, firme e protetora. Eu mal podia esperar para me jogar nos seus braços, chorar e contar tudo que a vida fez comigo. Ele iria me abraçar e me confortar. Eu era de novo aquela menininha do papai, o ursinho querido. Tudo ia dar certo. O pesadelo tinha acabado, enfim.

A voz falou com mais força.

- Alô! Quem fala?

Eu suspirei e, da forma mais clara que consegui, eu falei:

- Pai.

Um silêncio reinou na linha telefônica.

- Pai, sou eu, Laura.

- Quem está falando? - ele gritou.

Eu não sabia o porquê dele não me ouvir, como podia ele gritar? Por que ele não estava feliz? Era eu, Laura, voltando para casa, por que eu não sentia receptividade na voz dele?

- Pai, sou eu pai, Laura, está me ouvindo?

- Seja lá quem você for, maldita seja, vadia. Somos uma família cristã e honesta, não se brinca assim com gente de bem, queime no inferno maldita.

Eu não podia acreditar que estava escutando aquilo. Meu pai nunca falava assim.

- Não é brincadeira, me escuta, pai, sou eu Laura, eu estou...

- Sua infeliz, minha filha morreu e não queremos mais essa sombra em nossas vidas. Queremos paz, não liga mais para esse número. Isso é passado, nos deixe em paz. Ela morreu e você deveria morrer também, sua maldita.

Eu fiquei sem palavras, sem ação.

"Nos deixe em paz?? Não queremos mais essa sombra em nossas vidas?"

Então, era isso que eu era agora, uma sombra?

Um tormento?

Aquele que, um dia, foi meu pai desligou o telefone na minha cara e eu fiquei ali, com o telefone na mão, sentindo o sal das minhas lágrimas que desciam de forma tão rápida enquanto eu soluçava descontroladamente.

Novamente, eu travei, sem ver direito o que me rodeava, eram duas pauladas de uma única vez e eu me senti jogada dentro de um abismo negro.

Eu me senti tonta e me sentei no chão, no meio das pessoas, embaixo do telefone. Como um cachorro na sarjeta. Eu me encolhi, abracei meus joelhos e ali eu fiquei. Vendo pernas passarem por mim, nenhuma única pessoa parou, ninguém me via, eu era um nada, um fantasma. Ninguém ligava, ninguém se importava.

E, de repente, eu entendi que não tinha outra opção para mim. A vida já tinha feito a escolha por mim. Meu destino estava traçado, desenhado e assinado. Eu só devia seguir a linha imposta, era o único lugar que me cabia, que me aceitava. Sem opções diversificadas, sem escolhas alternativas, sem outro final que não o que eu já sabia no meu íntimo.

Do fundo do meu coração, eu queria de novo voltar a minha vida antiga, mas a realidade era crua e nua. Mauro, meus pais,

todos estavam em uma nova vida. Ninguém mais lembrava de mim. Eu não existia mais.

No fundo, só uma pessoa tinha razão.

Ogro estava certo, ninguém mais queria pensar em mim, lembrar-se de mim; me ter de volta seria voltar a sofrer por minha causa.

E, quando soubessem o que tinham feito comigo, tudo seria pior, todos teriam que viver com esse lado negro da sociedade, saindo de suas vidas felizes e enfrentando a dor da realidade cada vez que me olhassem.

Não havia mesmo lugar para mim nesse mundo colorido onde todos só querem ser felizes e a realidade é marginalizada e esquecida.

Eu comecei a andar a esmo novamente. A dor era intensa no meu coração, muito maior que a dor que o Ogro me causava fisicamente. Infinitamente maior.

Solidão!

Não existe uma dor que te faça sofrer tão intimamente quanto essa. Todos se encaixam no cenário, menos você. Como uma peça inútil, você é abandonada e todas as portas se fecham, ficando só você do lado de fora.

Ser abandonada, ser dita como uma sombra, ver o sorriso feliz do Mauro sem mim. Como fui boba de achar que ficariam anos

esperando por mim? Eu tremia de dor e ódio. Raiva e desespero, andando pelas ruas daquela cidade.

Um homem passou e sussurrou um palavrão no meu ouvido, mais alguns passos e uma moça desviou para não passar perto de mim. Uma criança me olhava de longe, apontando para minhas marcas e cicatrizes.

Ninguém mais me via como uma pessoa normal. As pessoas, bonitas e felizes, me ignoravam ou me repudiavam.

Eu me lembrei dos olhos do Ogro, dizendo que me amava, do jeito doente e demoníaco dele. Lembrei-me dele me trazendo bombons, flores, bebida e cigarros, trocando minhas ataduras. Naquele momento, eu não via o sofrimento que ele me causou e, sim, o acolhimento que ele me deu, de um jeito ou de outro, eu representava algo para ele e para mais ninguém. E, então, eu soube onde era meu lugar.

Como quem acorda de um sonho lindo, eu vi um caminhão saindo da frente de uma loja e corri até ele. Eu tinha que agir rápido, muito rápido. Desesperadamente rápido.

- Preciso de uma carona, por favor, uma carona.

Eu implorava com aflição.

- Para onde você quer ir?

- Moço, eu só preciso de uma carona, faço o que for preciso, preciso sair daqui e ir naquela direção estrada afora. Eu apontava a estrada de onde eu tinha vindo. Eu não podia

explicar o meu desespero em agir rápido, mas algo dentro de mim só dizia: CORRA.

Ele me mandou entrar no caminhão, eu entrei.

Ele pegou a estrada de volta, por onde eu tinha vindo. E deixei meus sonhos para trás, deixei minha ilusão de um amor que poderia estar me esperando, deixei para trás o resto do sonho que Mauro um dia me deu, e apaguei da memória o doce perfume da minha mãe e a sensação protetora do abraço do meu pai.

Saindo da cidade, o motorista me olhava de um jeito estranho. Eu já pensei que ele fosse me pedir algo, mas ele não pediu nada. Ficou me olhando de uma forma esquisita. Ele olhava para mim e para a estrada. Eu me senti incomodada e virei o rosto para a estrada.

- Qual seu nome?

Eu não respondi; eu não tinha nome, não era ninguém.

- Você está indo para onde?

Eu continuei calada. O idiota continuava tentando puxar assunto, mas, como eu não respondi, ele se calou. Um tempo depois, eu reconheci o local onde o caminhão passava e gritei:

- Pode parar, por favor.

- Aqui?

- Sim, por favor.

- Mas não tem nada aqui.

-Pode, por favor, parar?

Vendo meu desespero, ele parou; eu desci e corri, como nunca, como uma louca, bem mais rápido do que tinha corrido ainda no mesmo dia, mais cedo, para fugir dali. Eu agora só tinha um propósito, um único pensamento, um desejo insano: voltar para meu lugar.

Cheguei na casa e não vi nada. Suspirei aliviada. Até fiz uma prece de agradecimento a Deus. Ele ainda não tinha voltado. Tudo daria certo, tudo voltaria a ser como antes e eu estaria encaixada em um cenário. Não seria mais uma peça solta, isolada lá fora com portas sendo fechadas para mim. Eu tinha meu mundo, meu destino, meu lugar.

Rapidamente, eu abri a porta, fechei, enfiei a faca na fechadura e tranquei de volta. Suspirei e senti meu coração se abrir, meu peito se encheu de paz, uma sensação insanamente boa dominou todo meu corpo.

Nunca tinha sentido isso antes na minha vida. Como que um abraço doentio, mas era um abraço. Eu podia sentir a calma voltando a mim. As lágrimas não mais rolavam. Minha boca não tinha mais o gosto amargo de antes.

E eu sorri.

Um sorriso largo, debochado, irônico, mas era um sorriso e era só meu aquele momento. Tudo ali me pareceu íntimo e

familiar, aconchegante e atraente. Não importa o que se diga, cada um sabe a dor e a delícia de ser exatamente o que se é.

Eu me joguei no sofá e ali fiquei. Balançando-me para frente e para trás. Deixando todo um novo universo se descortinar para mim. Uma nova vida, um novo perfil, novas sensações. Uma nova Laura nascia. E, quando menos esperei, a porta abriu e o Ogro entrou.

- Oi, ursinho, lamentável ter que me livrar de mais uma. Desculpe se demorei, sei que você detesta ficar sozinha.

Me deu uma vontade enorme de gargalhar. Ele ali, se desculpando e dizendo que sabia que eu detestava ficar só, como que se preocupado comigo, tentando ser o "fator X" que afastaria de mim a solidão e aquela dor que antes descrevi. Eu entendi o recado. Ele me olhou, eu olhei para ele, ele ficou ali parado por uns minutos.

- Tudo bem? - ele perguntou.

Ele me via, me reconhecia, me sentia, falava comigo, se importava comigo, ele me amava e eu estava em casa.

- Sim, tudo bem, vamos beber uma cerveja? – eu perguntei.

- Sim, vamos. Semana que vem preciso que saia comigo de novo.

- Tudo bem, sem problema – eu disse, concordando sem ressalvas.

Daquele dia em diante, eu soube que aquela seria, por muito tempo, a minha verdadeira casa, meu lugar, meu mundo, meu buraco.

Parte 5 - Morre uma filha

- Quem era no telefone?

- Uma pessoa louca e doente se fazendo passar por Laura, você pode acreditar numa coisa dessas?

O tio de Laura balançou a cabeça, espantado.

- Mas, será que...

- Não começa, Silvio. Nem vem com essa paranoia. A voz era deformada, velha. Era um trote como os mais de cem que recebi até hoje. Chega! Eu não aguento mais. Já falei com a Marta, vamos viver em paz. Vamos deixar o passado para trás, se preciso for venderei essa casa e nos mudamos daqui. Precisamos deixar a alma de Laura descansar. Se ela estivesse viva, com certeza eu saberia, sentiria no meu coração. Quero que a sombra dos trotes, da procura desesperada e da aflição da espera saiam de perto dessa casa. Quero deixar minha filha em paz e quero ter paz também. Assunto encerrado. Se ligarem de novo, trocarei o número de telefone. Eu deveria ter feito isso no primeiro trote. Fui atrás de quase todos eles e nunca era ela. O povo é cruel quando se trata do sofrimento dos outros, eu cansei.

- Certo. Você tem razão, já faz muito tempo, ela com certeza está morta, essa é a realidade. Toquemos a vida.

Parte 6 - Sem ação, sem reação

Daniel entrou na sua sala e logo escutou os gritos de seu chefe.

- Porra, Daniel, já falei para você mais de dez vezes, larga essa merda e ajuda esses inúteis no caso do assalto ao banco.

- Eu estou investigando o assalto.

- Não está merda nenhuma! Está fazendo corpo mole, com essa ideia fixa no Maníaco das Donzelas! Esquece isso, já era, acabou caso encerrado e esquecido. Temos novos crimes todo dia. Pega esses relatórios e vá entrevistar aquelas testemunhas ali. Rápido, antes que eu te mande embora daqui de uma vez por todas, cansei de você e da sua cara de bosta.

Daniel segurou o ar nos pulmões para não se jogar em cima de seu chefe e praticar nele todo seu ódio.

Ele sabia que não tinha muito a fazer, não podia mais ficar longe de suas obrigações diárias, crimes mais atuais exigiam sua atenção. Ele precisava daquele emprego, gostava, lá no fundo, de ser policial.

Resignado, ele se dirigiu às testemunhas do assalto ao banco.

Nove horas depois, ele saiu do departamento com sua moto, acelerada e sem rumo. Ele não foi para casa, foi para seu lugar preferido: o Dinners. Um bar fétido, escuro, no fim de um beco sem saída, junto com latas de lixo, animais sujos e prostitutas desempenhando suas funções.

Ali, Daniel se sentia bem, se sentia em paz, os pesadelos não chegavam nele, os gritos de seu chefe não invadiam seus ouvidos e ele podia beber até cair. Então, o garçom conhecido o puxava para um quartinho, ainda mais imundo, no final do bar e o jogava em cima de um colchão cheio de esperma e vômito que ficava lá guardado para ocasiões assim.

Ali, ele entrava e saía do estado de semi-coma até levantar, ir para casa, tomar um banho e voltar à delegacia. Esse era seu momento maravilha. Seu momento de paz. No banho, depois de uma noite "de paz", Daniel tinha que admitir que aquele caso do Maníaco das Donzelas era ímpar.

O cara sumiu.

Na verdade, Daniel ainda insistia em defender a tese de que ele não sumiu, só mudou de lugar de ação.

Mas, que ação?

O cara não agia mais.

Daniel investigou as redondezas, cidades menores que circundavam a grande cidade onde ele morava e nada. Nenhuma ocorrência de desaparecimento registrada para meninas no perfil do Maníaco.

Nenhum corpo encontrado. Nada. E Daniel sabia que, se não havia ação, não poderia haver reação. Se o criminoso não age, não existem pistas e, portanto, não é possível seguir seu rastro.

"MERDA! Onde ele está? O que está fazendo? Não posso crer que tenha simplesmente parado, eles não param assim.

Acredito que ele tenha ficado mais esperto, mais eficiente e, com isso, escondendo melhor seus passos."

Daniel não se conformava com aquela situação, havia uma promessa feita. Ele era o pior dos homens que conhecia, mas, se tinha uma coisa que ele defendia, era ter palavra.

Ele jamais prometia algo, jamais era bom gratuitamente, não era, de forma alguma, uma pessoa digna e caridosa, mas, se ele dava sua palavra, ele iria ao inferno para cumpri-la. Perder o rastro do Maníaco era o que de pior podia acontecer.

Meses se passaram sem novidades e Daniel foi obrigado a admitir que poderia ser essa sua primeira falha, seu maior erro. Em algum momento, ele deixou algo escapar e o Maníaco se foi. E a Daniel, só sobrou o remorso de uma promessa não cumprida.

A rotina nos joga na realidade da vida, nos obriga a esquecer certas coisas e somos empurrados para o dia-a-dia, mesmo que não seja esse nosso desejo.

Com Daniel não foi diferente.

Resolveram o assalto ao banco, depois veio a morte de uma médica, depois o sequestro do filho do prefeito, e o tempo passou.

Só não passou a sensação no peito de Daniel de que ele ainda iria se encontrar com o Maníaco das Donzelas, de um jeito ou de outro.

Eles iriam se reencontrar, muito em breve.

Epílogo

- Anne, não vai longe minha filha.

- Mãe, eu tenho 11 anos, não sou um bebê, vou até a praça e já volto.

Anne saiu apressada rumo à praça. Tinha marcado com suas amigas de se encontrarem lá às três da tarde e já estava 10 minutos atrasada.

Sua mãe quase não a deixava sair. Ela estava quase correndo para chegar à praça logo, quando um carro passou bem devagar perto dela.

- Olá, menina. Você quer uma carona?

- Não, obrigada.

Anne mal olhou para dentro do carro, mas teve tempo de ver que era uma mulher que falava com ela. Uma mulher sozinha no carro.

- Vem. Eu te dou uma carona, você está indo para onde?

- Até a praça, lá na frente.

- Então, vem que eu te levo. Estou vendo que você está com pressa.

Como Anne não queria perder o encontro com suas amigas e como era uma senhora distinta que oferecia a carona, ela entrou no carro.

* * *

Que menina linda, parecia uma boneca, suave e perfeita. Ela aceitou minha carona sem pensar muito. Tinha sido ótimo aprender a dirigir. Agora, eu podia sair e caçar sozinha. Era uma delícia, uma sensação única. Euforia, adrenalina, a corrida, a caça, a submissão, os gritos, elas implorando. Era viciante.

A menina lembrava muito a mãe dela, a moça de vestido amarelo, a moça feliz daquela festa na cidade tantos anos antes. A moça do Mauro.

E a filha deles seria perfeita para mim. Seria perfeita para Estevão, meu carrasco, meu professor de agonia. A boneca do Mauro nunca mais voltaria para casa, porque é bom um pouco de realidade na vida dos outros para que eu sinta as coisas se igualando na balança do destino.

Quem pode me julgar pelo que hoje sou? Sou fruto do que fizeram comigo, sei agora meu lugar, ao lado do Ogro, não como esposa, não como amiga, mas como produto derivado, fruto, consequência.

Julguem-me se quiserem, vocês não tiveram suas vidas rasgadas e destruídas. Não vou nunca sair dessa vida, nunca

vou abrir uma instituição para mulheres vítimas de violência, casar e ser feliz.

Não é assim que acontece sempre, às vezes, a vítima se perde no meio do caminho, não retorna, não supera e então surgem criaturas como eu, ignoradas pela mídia, pela sociedade, renegadas a sarjeta social, esquecidas e ofuscadas pelo brilho de quem supera e vira estro de TV.

E quem não supera? Como fica quem não supera??

E você? Você vai me julgar?

Então vem aqui, vamos conversar e vou te mostrar na pele o que eu passei e se você conseguir sobreviver 48 horas, te deixo ir e você voltará ao seu mundo cor de rosa e superará isso tudo, não é mesmo? Porque você é forte, mas eu não eu, eu sou normal. Sou só mais uma esquecida.

E então, vamos conversar?

Caça, caçador, ímpar, par, norte, sul.

Cada dia, um destino.

Minha vez, sua vez.

F I M

NOTAS FINAIS

Nota 1 – Essa história é baseada em fatos reais. Para a personagem Laura (nome fictício), foram utilizados os dados miscigenados de diversos casos similares ao descrito. Esses casos, de vítimas que viveram em situação similar, forneceram as informações e detalhes para todo o enredo. Essa história teve pequenas modificações e diálogos alterados e criados em prol da formação de um texto literário. Mas, isso não retira a realidade dos fatos, detalhes, sentimentos e eventos que se inspiraram nos referidos casos.

CASO 1: Jaycee Dugard – raptada quando tinha 11 anos no ano de 1991, na Califórnia. Foi mantida em cativeiro por um casal durante 18 anos. No começo, era mantida embaixo da terra, em um buraco, servindo de escrava sexual. Com o passar dos anos, Jaycee pôde "subir" para a moradia do casal, que era isolada do centro da cidade onde viviam. O sequestrador fez uma cabana nos fundos da casa e lá Jaycee deu à luz e criou suas duas filhas, tudo com a concordância da esposa do sequestrador - Phillip Craig Garrido. Jaycee conseguiu fugir e se apresentou à polícia local. Em uma entrevista, o sequestrador afirmou que amava Jaycee e que tinha uma relação de ternura com ela e que aplicava castigos para tentar educá-la.

CASO 2: Natascha Kampusch – raptada quando tinha 10 anos no ano de 1998, em Viena. Foi mantida oito anos em um

buraco embaixo da terra, feito abaixo da garagem de seu sequestrador - Wolfgang Priklopil. Nos primeiros dias, Natascha passou fome, frio, era torturada e aterrorizada. Quando atingiu a puberdade, Wolfgang começou a estuprá-la e sodomizá-la. Com o passar do tempo, eles desenvolveram uma relação obscura de amor, dependência e ódio. Com uma distração do sequestrador, Natascha fugiu e se apresentou à polícia.

CASO 3: Elizabeth Smart - tinha 14 anos quando foi raptada durante a noite, dentro de seu quarto em casa, em junho de 2002. Ela foi repetidamente violentada durante nove meses de cativeiro pelo sequestrador Brian David Mitchell, com o apoio de sua esposa Wanda Barzee. A polícia descobriu seu cativeiro e a resgatou. O sequestrador a molestou de todas as formas possíveis, sempre lhe dizendo que se ela tentasse fugir, ele mataria toda a família dela. O sequestrador era um religioso fanático.

CASO 4: Amanda Berry, Georgina DeJesus e Michelle Knight – Michelle foi sequestrada em 2002, quando tinha 20 anos. Amanda foi sequestrada em 2003, quando tinha 16 anos. Georgina foi sequestrada em 2004, quando tinha 14 anos. Todas foram sequestradas por Ariel Castro, na cidade de Cleveland. As três mulheres foram mantidas em cativeiro, servindo de escravas sexuais, em uma casa próxima ao local onde desapareceram. Elas ficaram a maior parte do tempo acorrentadas em um porão. Só saíram da casa para um passeio no quintal duas vezes em todo o período em que

estiveram sequestradas. Amanda ficou em cativeiro por dez anos. Michelle por onze e Georgina por nove. Todas sofreram estupros, torturas, espancamento, fome, privação de luz solar e de alimentação saudável. Amanda conseguiu fugir e levou a polícia até o seu cativeiro, gerando a soltura das outras duas mulheres. Durante o cativeiro, Michelle sofreu cinco abortos devido a espancamentos. Amanda teve uma filha com o sequestrador. A menina tinha seis anos quando as vítimas foram libertadas. O sequestrador era tido pelos vizinhos como um senhor gentil, alegre e tranquilo. Mas, o sequestrador voltava sempre bêbado para a casa e espancava as vítimas por três ou quatro horas cada vez.

CASO 5: O sequestrador Marc Dutroux - Julie Lejeune, Melissa Russo, An Marchal, Eefje Lamrecks, Sabine Dardenne e Laetitia Delhez foram sequestradas por Marc Dutroux entre os anos de 1995 e 1996, na Bélgica. As vítimas tinham entre oito e nove anos quando foram sequestradas. Somente duas foram resgatadas com vida: Dardenne, então com 12 anos, e Delhez, 14 anos. As vítimas foram mantidas em cativeiro na casa onde o sequestrador vivia com sua mulher, Michelle Martin.

CASO 6: Coleen Stan – com 20 anos, foi sequestrada em 1977. Ela foi capturada pelo casal Cameron e Janice Hooker. Stan foi mantida em cativeiro como escrava sexual por sete anos, sendo torturada, sodomizada e espancada. Ameaçavam a família dela, caso ela tentasse escapar, mas, ao mesmo tempo, o sequestrador dizia que a amava. A vítima ficou trancada por

meses em um buraco, sendo, em seguida, colocada em uma caixa de madeira, que ficava embaixo da cama do casal. Ela foi libertada após a esposa do sequestrador, que alegava também ser vítima do marido, planejar uma fuga para as duas.

CASO 7: Casal Fred e Rose West – durante vinte anos (1974 a 1994), este casal inglês sequestrou, violentou e assassinou doze moças que foram enterradas no jardim da sua moradia, em Gloucester. As vítimas eram pegas nas estradas e ruas de cidades diversas quando aceitavam caronas. O casal, inclusive, usava as filhas para rituais de estupros e torturas. As vítimas eram sequestradas e levadas ao porão, um buraco grande feito no chão da sala do casal. Nesse buraco, o casal estuprava, torturava e desmembrava as suas vítimas para depois enterrá-las no quintal. Nenhuma de suas vítimas escapou. A polícia descobriu os corpos no quintal quando foi investigar a denúncia de maus tratos a uma das filhas do casal.

Nota 2 - Vários fatores se igualaram nos casos acima, o que originou a história de Laura.

Fato 1 – Todas as vítimas eram meninas essencialmente novas, bonitas, alegres, de boa família.

Fato 2 – Todas as vítimas foram sequestradas em locais próximos à suas casas, usando como artimanhas caronas, pedidos de ajuda ou a influência da presença de uma mulher ou criança no carro.

Fato 3 – Todas as vítimas foram sequestradas para servidão sexual, mórbida e desumana, não existindo limites para as crueldades sexuais que as vítimas suportaram.

Fato 4 – Todas as vítimas apanhavam, eram torturadas, algumas com equipamentos próprios para tortura, todas passaram fome, sede, frio, estiveram doentes e longe da luz solar, ar fresco e comunicação exterior.

Fato 5 – Todos os sequestradores utilizavam-se de temor e terror psicológico para impedir tentativas de fugas, ameaçando a vida dos familiares das vítimas como forma de mantê-las sob seu domínio.

Fato 6 – Alguns sequestradores eram casados e uma parcela dessas esposas, foram antigas vítimas dos sequestradores. Essas esposas, fielmente, concordavam em ajudar no sequestro, nas torturas, estupros e maus tratos, reforçando uma relação mórbida de amor e morte, desejo e doença psicológica, onde a esposa entende ser necessário fazer tudo pelo amor do homem que ama. Isso nos remete a Síndrome de Estocolmo, onde algumas das vítimas dos casos citados disseram perdoar e até ter pena dos seus sequestradores.

Nota 3 - Síndrome de Estocolmo: uma forma de analisar o final de Laura nesse livro é através da chamada Síndrome de Estocolmo. Do ponto de vista psicológico, essa síndrome é caracterizada por reações oriundas de respostas emocionais que a vítima sequestrada pode apresentar frente ao sequestrador diante de um cenário de desamparo e de extrema

vulnerabilidade produzidas no cativeiro. O sequestrador é visto pela vítima como um tipo de protetor, que a alimenta, cuida e protege do mundo exterior. Essa síndrome originou-se em um evento ocorrido em 1973, em Estocolmo, Suécia, onde em um assalto a banco, os reféns se identificaram com os sequestradores-ladrões e os defenderam frente à polícia. Em outras ocasiões, a polícia identificou esses mesmos sentimentos e reações por parte de reféns. O que é observado, na maioria dos casos em que se reconhece essa síndrome, é uma espécie de gratidão consciente para com os sequestradores. As vítimas apreciam o fato de terem sido deixadas vivas, de terem sido alimentadas e, de certa forma, cuidadas por seus sequestradores, deixando de lado, psicologicamente, o trauma das agressões e violências sofridas. Anexo a essa síndrome, é possível explicar o comportamento final de Laura através da alienação total a que ela foi submetida durante quatro anos, período em que estava em desenvolvimento psicológico, social, físico e emocional. Sendo uma adolescente no momento em que foi sequestrada, passou por um período de intensa privação de alimento, sol, ar fresco, condições mínimas de higiene e saúde. Privações desse tipo modificam o subconsciente social e psicológico de um ser humano a tal ponto que ele poderá ser convencido das mais diferentes realidades, como em casos de seitas que aliciam jovens para casamento ou para cometer crimes. Saindo da privação para um estado de melhor condição de vida, a vítima tende a se tornar agradecida a quem a alimenta. Aliado a isso, tem-se a "lavagem cerebral" ou a chamada reforma de

pensamento que induz o ser humano a uma mudança total de pensamento, ideias, comportamentos, sentidos gerados por ações de desumanização do sujeito, mantendo a vítima em locais sujos, úmidos, fétidos, fechados, isolados de sons e luminosidade exterior, privação do sono ou de condições humanas para o sono, parcial ou total, assédio moral induzindo a um ódio pelo mundo exterior e a pensamentos de abandono e desprezo por parte dos seus familiares e amigos, sentimento de culpa frente ao que lhe ocorreu e torturas físicas. Essas ações, combinadas com uma possível Síndrome de Estocolmo, podem justificar de forma ampla o destino final de Laura, interpretando o papel de muitas outras vítimas que mudaram de comportamento e passaram a se aliar ao seu algoz em busca de novas vítimas.

Essa é uma história baseada em fatos, ideias, pensamentos, sensações, diálogos e cenários reais, contextualizada de forma literária para se formar um cenário fictício completo, servindo de entretenimento, mas também de alerta à nossa sociedade, em prol de que cuidemos de nossas meninas. Que possamos dar as nossas filhas, irmãs, amigas e primas indicações do perigo que ronda as ruas, as estradas, as praças, alertando-as para não aceitem caronas, doces, ajuda ou qualquer outro contato mais pessoal com estranhos, mesmo que esses estejam demonstrando fragilidade, idade avançada, companhia de crianças, mulheres, ou animais, porque sempre surgem novas estratégias para capturar vítimas que satisfaçam os mais negros, sombrios e insanos desejos de uma mente deturbada e doentia.



Cicatrizes da escravidão

Livro II

CAPÍTULO I

Cara, eu acho que você tem álcool nas veias. Sinceramente, não é possível que você seja 100% humano. Anabele abriu a janela do quartinho e Daniel colocou o braço sobre os olhos.

- Você está péssimo, mas isso você já deve saber não é mesmo?

Daniel não respondeu.

Tentou se levantar, mas o quarto ainda rodava.

- O que você está fazendo aqui Anabele?

- Você é um ingrato escroto sabia?

- Deixa de conversa, o que você quer?

Anabele estendeu o aparelho telefônico para Daniel que ainda permanecia sentado em um colchão no chão daquele quartinho dos fundos do Dinners.

- Você deixou o aparelho no balcão ontem a noite e agora cedo ele não parou de tocar.

Anabele jogou o aparelho em cima de Daniel que mal teve tempo de pegá-lo no ar. Ela saiu batendo a porta enquanto

Daniel verificava o número de quem tinha ligado. Era seu chefe.

"Bosta!"

Ele não retornou a ligação, levantou, vestiu sua jaqueta e antes de chegar a porta do quarto o aparelho tocou novamente. Impossível ignorar.

- Fala.

- Seu merda, onde você está? Não importa, vem para a rua 13 esquina com a Dovalte agora! AGORA!

Daniel afastou o aparelho do ouvido antes que sua cabeça explodisse.

Ele pegou sua moto e em minutos chegou a esquina indicada pelo seu chefe. Um tumulto se formava, muitos carros de polícia, repórteres e curiosos. Daniel mostrou seu distintivo e chegou ao meio da confusão.

- Finalmente, olha lá seu presente, você vai adorar.

O colega de Daniel indicou uma lixeira próxima de onde outros policiais retiravam um corpo.

- O que houve? – perguntou Daniel

- Uma senhora passeando com seu cachorro foi colocar na lixeira um copo vazio e notou algo brilhante na ponta de um grande saco. Ela tentou puxar e não conseguiu. Um senhor que passava indagou para saber do que se tratava e ela pediu

que ele a ajudasse. A curiosidade da senhora era grande. O casal puxou um cordão com um pingente brilhante de dentro do grande saco. Mas o senhor olhando bem o cordão suspeitou que ele estivesse molhado e verificando viu que era sangue. A polícia foi chamada e o corpo descoberto.

Daniel mal podia acreditar. O corpo apresentava os mesmos sinais de tortura, inanição, raquitismo e estupro que outros corpos achados anos antes nas cercanias da cidade. Eram corpos de meninas supostas vítimas do que eles chamaram anos antes de Maníaco das Donzelas.

Uma testemunha afirmou ter visto alguém jogando algo na lixeira. Supostamente ele era um homem alto, com ombros largos e curvados para frente, rosto com cicatrizes espalhadas, um homem branco considerado sinistro pela testemunha.

A polícia estimava que esse Maníaco sequestrava as meninas, mantendo elas em cativeiro para fins sexuais, torturas e sodomia, até que elas não aguentavam mais e morriam, quando então o sequestrador se desfazia dos corpos.

Daniel perseguiu esse criminoso por anos a fio até que o rastro se perdeu e Daniel ficou com uma promessa pendente na sua vida. A promessa que fez a mãe de uma das vítimas de que acharia o culpado. Mas como não houve mais vítimas o departamento de polícia arquivou o caso e seguiu adiante. Até aquele momento, quando um corpo com sinal iguais apareceu.

O corpo foi levado e Daniel voltou correndo a delegacia para interrogar a senhora que descobriu o corpo e qual sua surpresa

quando a senhora disse que logo antes de encontrar o corpo da moça, ela viu uma caminhonete com um homem estranho saindo de perto da lixeira. Mostrando o retrato falado do Maníaco das Donzelas ela afirmou com certeza ser ele.

Ele estava de volta e Daniel não ia deixar ele escapar dessa vez. Ele reuniu tudo que tinha guardado acerca do maníaco e voltou a estudar o caso, estava de volta a caçada.

No departamento de policia tinha chegado um novo sistema informatizado de reconhecimento fácil e retratos falados. Daniel levou o retrato falado para o técnico junto com a senhora que descobriu o ultimo corpo.

Ela titubeou um pouco, mas conseguiu dar mais detalhes do rosto do homem que ela viu nas proximidades da lixeira. Os dados foram jogados no computador e o técnico prometeu a Daniel uma foto mais atual para dali a duas horas.

Daniel saiu da delegacia flutuando.

Nos últimos anos os casos eram insípidos, comuns, crimes rotineiros. Não que ele quisesse crimes hediondos na sua frente, mas nada era como aquele assassino de meninas. Esse caso estava entalado na garganta de Daniel. E agora ele poderia digerir isso de forma satisfatória.

Daniel entrou na sala da medica legista e ela lhe deu o relatório final. Ele estava certo, ela tinha sido privada de luz, comida, agua. Tinha sido estuprada de todas as formas e morreu de inanição. Junto com o relatório tinham fotos do cadáver.

O rosto não estava muito deformado, não tanto quanto o corpo. Junto a foto e ao relatório tinha também o cordão, com um pingente com um numero gravado atrás. Era uma escrita mínima, mal se podia ver. Daniel pegou uma lupa e percebeu que parecia ser o numero de um telefone. Imediatamente ele ligou e uma senhora atendeu.

Daniel já sabia o que viria a seguir.

A menina encontrada era Simone, ela era doente mental, tinha um atraso no aprendizado e sumiu, três semanas atrás, do banheiro de um posto de gasolina de uma cidade que ficava mais ou menos cinco horas dali.

Sem perda de tempo Daniel foi ao posto de gasolina. Ele já tinha em mãos a imagem que o técnico da policia lhe dera, mostrando perfeitamente o rosto do que supostamente seria o Maniaco das Donzelas.

Depois de algumas perguntas Daniel mostrou a imagem e duas pessoas que trabalhavam no posto de gasolina reconheceram o homem do retrato. Ele esteve ali abastecendo seu carro, uma caminhonete muito velha. No mesmo horário os pais de Simone passaram ali também para abastecer o carro, e Simone insistiu com a mãe para ir sozinha ao banheiro.

Daniel supôs que o Maníaco viu a menina ir ao banheiro e a sequestrou. A trilha nunca esteve tão fresca e Daniel nunca foi tão feliz.

Ser feliz para Daniel era um conceito deturpado. Policial, filho de uma prostituta, viciado em álcool e cigarro, Daniel era um solitário com sua moto, e seu porão velho. Vivia para o trabalho, e dormir e comer não eram seu forte. Não queria ficar em casa sozinho com seus pesadelos, por isso suas noites sempre acabavam no Dinnners. Quando conseguia voltava para casa desmaiava por algumas horas, acordada e ia para a delegacia, mas as vezes ele não conseguia ir embora e era arrastado para o quartinho sujo nos fundos do bar.

Anabele era, uma garçonete nova no Dinnners e por duas vezes tinha sucumbindo aos desejos de Daniel. Mas era tudo muito rápido, uns beijos, umas palavras doces e Daniel arrastava Anabele para o beco lateral e ali mesmo, em pé, tudo acabava. Ele era assim, rápido, solitário e sem muitas delongas amorosas. Daniel acreditava ser um ser perdido entre a terra e o inferno e não queria arrastar ninguém para sua vida de destruição.

Mas Anabele não desistia e acabou se apaixonando pelo jeito sujo e irônico de Daniel.

Todos no bar sabiam que era tempo perdido, todos conheciam a vida de Daniel, mas Anabele não conseguia se afastar dele e orbitava a sua volta toda vez que ele entrava no bar.

Capítulo 2

- Seu estúpido, idiota, imbecil. Como pode fazer isso? O que vamos fazer agora?

Ele não disse nada, ficou ali sentado no sofá puído e velho, de cabeça baixa, ofendido, mas sabia que ela tinha razão. Ele cometeu um erro, um erro grave, mas que na hora não pareceu ser tão grande assim. Ela andava de um lado para o outro, nervosa, aflita, torcendo as mãos em pura agonia.

E ele só olhava, não tinha mais o mesmo vigor, estava velho, com muitas dores, com pressões horríveis no peito e falta de ar toda vez que deitava. De uma forma ou de outra ele sentia que seus dias estava terminando, mas ela era ainda pura energia e cobrava dele uma pessoa que ele não era mais.

- Alguém viu você?

- Não sei, acho que não, eu cuidei, era uma lixeira velha, escondida no final de um beco.

- Mas no centro da cidade? Você é burro, retardado? Já não tínhamos combinado que nunca mais seria na cidade? Tanto lugar para largar esse lixo e você vai a cidade seu idiota?

Ele não conseguiu mais suportar e levantando-se chegou seu nariz bem próximo ao dela, como que tentando impor ainda um resquício de respeito.

- PARA DE FALAR ASSIM COMIGO VADIA! - o grito ecoou nas paredes do velho casebre e ela se calou. Mas não abaixou a cabeça, ela não era mais uma ovelha, tinha aprendido a ser lobo assim como ele. Segundos se passaram, e eles ficaram naquele embate. Fera e caçador. Filha e pai. Amantes e inimigos.

- Porque isso agora? E que faremos com essa sua atitude imbecil?

- Estou cansado de ter que andar mais de duas horas para largar os corpos.

- Não são tantos assim, combinamos de ser apenas uma a cada três meses. Você não é mais um garotinho, lembra?

- Sim, eu sei, mas mesmo assim, fique com preguiça de andar tanto para largar aquele lixo, e nada melhor que uma lixeira para o lixo.

Ele riu de forma insana, mas não ela. Ela não ria, nunca, jamais. Só pensava e observava.

Ela conhecia ele, sabia como ele pensava, como agia. Ela ajudou ele a sequestrar as meninas, muitas meninas, e se divertia junto com ele torturando e estuprando-as.

E como ela era mais nova e muito esperta tinha começado a traçar planos para que não fosse deixado rastros e para que eles pudessem continuar a se esconder naquela casinha no meio da mata onde eles tinham se instalado a tanto tempo atrás.

Ela gostava dali, era o lar dela, o mundo dela, e se rastros fossem deixados e a policia voltasse a investigar eles teriam que sair dali e ela não suportaria isso. Aquele era seu canto, sua prisão, seu conforto.

Ali, naquela casa ela tinha fincado suas raízes. Raízes frágeis e superficiais, mas eram raízes. Foi para aquela casinha tão distante que ele tinha levado ela depois que a tirou daquele buraco onde a manteve por mais de quatro anos. Ela não queria lembrar daquilo, era passado, outra vida, outra pessoa. Ela agora era Laura, companheira dele, Estevão.

Um doente psicopata pervertido que já havia matado mais de 30 meninas. Agora ele ali sentado se lamentava de ter largado o corpo da ultima menina na lixeira da cidade próxima dali.

Os policias fizeram uma investigação intensa nos primeiros casos de desaparecimento, mas Estevão passou a sequestrar meninas de forma mais esporádica e em lugares mais distantes, tentando representar casos diferentes. Mas era certo que uma hora ou outra ele cometeria um erro.

- Se dermos sorte, e ficarmos sem sair de casa por alguns meses isso há de passar - ela disse como que pensando alto.

Mas ela não se sentia mais segura como antes. Ela não era mais a menina vitima que tinha sido sequestrada para ser uma escrava sexual, ela tinha se aliado ao seu sequestrador para infringir em outras a mesma dor que ela sentiu.

Agora ela era a criminosa e não queria de forma alguma ser exposta ao mundo assim. Na verdade ela tinha ali naquela casa e no buraco feito embaixo do ultimo quarto, seu mundo particular e não ia abrir mão dele, pois ela sabia que só ali havia lugar para ela.

- Não podemos ficar sem sair de casa. Preciso comprar minha bebida, meus cigarros.

- Você não esta entendendo? Você sempre foi tão cuidadoso, mais de 16 anos atuando de forma tão brilhante para agora ser um idiota? Quer ser preso, e virar namoradinha de um condenado?

Ela falava como que tentando convence-lo mesmo com aquelas palavras tão ofensivas.

Ela sabia que ele estava debilitado e que não era mais o mesmo homem de antes. Era um velho, débil e fraco. Ele não podia mais mandar nela, torturar ela. Ela era livre. Mas havia o risco dele enviar ela para outro buraco, a prisão e ela não ia admitir isso.

- Vamos nos fixar em casa, sem sair, esconde a caminhonete na mata e ficaremos aqui, até a poeira baixar. Temos comida suficiente estocada. Ao menos para dois meses vai dar. É a única solução - dizia ela repetidamente, mas ele não parecia escutar. Ele ficava lá, de cabeça baixa suspirando e resmungando "meus cigarros, meus cigarros".

- CALE A PORRA DESSA BOCA, SEU VELHO. - ela gritou enfim, e ele nem se deu o trabalho de levantar para desafia-la de novo. Ele se calou e ela foi para fora da casa fumar e pensar em como se livrar de uma nova prisão.

Capítulo 3

O dia começou tarde.

Já devia ser perto do meio dia na verdade.

Laura levantou ainda escutando os roncos grotescos de Estevão. Cozinha, café, cigarro. Ela pensou em tomar um banho, mas desistiu quando viu Estevão entrar no banheiro. Já sabia que ele iria demorar séculos lá dentro e tornaria o ambiente insuportável quando ele saísse.

Ela ficou por uns minutos parada na porta do banheiro. Olhou para o fundo da casa e percebeu a porta do quarto. O quarto que abrigava o "cantinho de lazer". Ela decidiu descer. Ela não descia muitas vezes nas últimas semanas. Havia pouca atividade ali.

Laura puxou o tapete que escondia a porta tosca do buraco, apertou o interruptor feito de forma arcaica e desceu a escada de madeira velha. O buraco fedia. Sangue, fezes, medo, escuro. Antes de Laura conhecer Estevão ela não sabia que o escuro tinha cheiro.

Mas agora ela sabia.

O escuro tinha um odor característico. Quando a escuridão era total e o ar era denso e espesso o cheiro era muito peculiar. Uma mistura de azedo com algo apimentado. Um cheiro forte,

sufocante, quase palpável. E era esse cheiro que impregnava as paredes daquele pequeno buraco.

Era bem menor do que o buraco onde ela ficou presa por mais de quatro anos, em uma vida passada que ela agora não se recorda mais. Tinha um colchão, um balde grande, uma garrafa de água. Uma lâmpada presa por um fio preto. Uns panos velhos, uma calcinha infantil, umas cordas uma cadeira e mais nada.

Quantas vidas tinham entrado ali cheias de medo e saído vazias, sem vida e sem esperança. Mas isso não tinha mais importância. Laura tocou o chão, as paredes, o colchão e sentiu um certa pressão sexual entre as pernas. Sentiu salivar. Um acelerar do coração e suas mãos suaram. Ela percebeu que estava com fome. Muita fome.

Lembranças passadas estavam tentando voltar a mente de Laura, e sua forma de evitar novamente que elas tomassem conta de todo seu ser, era repassar a outras meninas, mulheres, crianças, essas lembranças em forma prática, de forma que elas pudesse entender o que ela mesma passou.

De forma apressada ela saiu do buraco, bem a tempo de ver Estevão se servir de um café, já frio.

- Vou sair e volto mais tarde – Laura falou apanhando as chaves do velho carro.

- E você vai aonde?

-Buscar carne para comermos.

- Não é mais perigoso?

- Sim, ainda é. Não faz nem um mês, mas eu não aguento mais esse ar parado, silencioso e sem cheiro de carne nova.

- Vou junto.

- NÃO - ela gritou recebendo em troca um olhar raivoso por parte de Estevão.

- Você fica, eu sei como é, onde fazer, fica aí que eu volto logo e tenta não fazer nenhuma merda. Vá limpar o quarto, vamos precisar de um local menos podre.

- Piranha – resmungou baixinho Estevão se dirigindo ao quarto que escondia o buraco.

- Escutei isso seu velho escroto.

Acelerado, o carro barulhento se foi e Laura já tinha em mente o que fazer para trazer um pouco de vida para o mundo morto que era seu dia a dia.

- De novo Sandra?

- Ah mãe, deixa.

- Você foi a festa ontem, voltou duas da manhã, seu pai me encheu os ouvidos até eu não aguentar mais. Suas notas na escola estão horríveis, seu quarto está um lixo e eu tenho que ir trabalhar a noite hoje para cobrir uma colega que está doente. Tenho dó de sua mãe e sossega em casa hoje, por favor.

- Mas mãe, é uma festa de pijama, todo mundo vai, só se fala disso.

-Festa de pijama? Isso parece coisa de criança, você já está bem crescida Sandra.

- Mãe, acredite não é festa de criança – disse Sandra rindo de forma irônica.

- Sandra, se você vier com história de festa de camisola com meninos, eu te mato.

- Mãe relaxa, é uma festa "do bem", só vão as meninas da escola.

- Você nem sabe mais mentir Sandra.

- Mas eu estou falando a verdade mãe, confia em mim.

- Vai ser na casa de quem?

- Da Andrea.

- Vou ligar para mãe dela.

-Não precisa mãe.

-Claro que precisa, se vai ter festa lá, ela deve estar sabendo certo?

Minutos depois a mãe de Sandra liga e do outro lado da linha uma voz meio rouca atende.

- Oi, é a mãe da Sandra, Andrea está?

- É a mãe dela.

- Bom, Sandra me disse que vai ter uma festa de pijama na sua casa hoje, queria saber se ela não vai incomodar?

- Não imagina, pode mandar ela que cuidaremos de tudo.

Telefones desligados e a mãe de Sandra sente algo estranho no ar. Não sabia bem se era o tom da voz da mãe de Andrea ou a forma rápida com que a conversa se desenvolveu. Mas ela sentiu que algo não estava certo.

- Pronto, satisfeita? Ela disse que está tudo certo não foi?

- Sim, ela disse, mas queria muito que ficasse em casa hoje minha filha.

- Não vai rolar mãe, amanhã fico em casa hoje vou à festa – disse Sandra toda risonha indo para o quarto pegar suas coisas.

Uma hora depois mãe e filha se despedem e Sandra desce a rua, rumo à casa de Andrea. Mas logo após virar a esquina, ela faz uma ligação de seu pequeno celular e minutos depois um carro para perto dela. Rapazes e moças apertados dentro do carro chamam por ela aos gritos e ela senta no colo de um deles do banco de trás, sentindo o corpo quase esmagado de tanta gente no pequeno carro.

Depois de andar mais de meia hora o carro para e rapazes e moças descem rumo a um galpão com muitas luzes internas, fumaça e música e som tão alto que as paredes estremeciam.

La dentro cigarro, maconha, bebida liberada e muitos corpos se esfregando, levantando, baixando, agrupando-se e isolando-se em um frenesi em busca de uma sensação, uma felicidade ou seja lá o que for.

Sandra entra toda feliz, não sem antes agradecer mentalmente a Andrea, amiga da escola por se fazer passar por sua mãe abrindo caminho para que ela pudesse estar ali. A noite seria inesquecível.

Na ultima vez que Laura foi às compras com Estevão, ela ficou no carro como sempre, e notou um rapaz colando em postes sobre um convite a uma festa grotesca, como anunciava o cartaz.

A festa seria um galpão além dos limites da cidade, onde tudo era permitido e com certeza não teria ninguém para impor limites ou reclamar do barulho.

Uma leve onda de nostalgia veio a mente de Laura lhe fazendo recordar alguns momentos de sua vida passada onde risadas felizes e abraços eram trocados em festas assim. Mas o pensamento logo se foi dando lugar para uma ideia muito mais atraente.

Capítulo 4

Laura aproximou o carro do endereço onde seria a festa e ficou observando. Jovens entravam e saiam do galpão, a música era alta e o cheiro da juventude podia ser sentido a distância.

Laura acendeu um cigarro e se reclinou no banco do motorista. Uns pensamentos do passado, tênues, tentavam voltar a sua mente. Uma música, uma festa, um rapaz. Mas eram pensamentos tão longínquos que não conseguiram se concretizar.

- Pouco importa - pensou Laura em voz alta.

Acendeu um segundo cigarro e continuou observando o galpão. De longe ela podia ver o número intenso de carros que chegavam e os jovens que entravam na festa, eram muitos. Mas em certo momento os carros pararam de chegar e a festa corria solta. Era como se todos soubessem o momento exato do ápice da festa. E nenhum carro mais chegou.

Laura observou em volta e tudo era escuro e deserto, salvo o local onde estava o galpão, não havia mais nada por ali. Uma estrada escura e empoeirada, os carros estacionados e mais nada. O carro velho dela era só mais um, estacionado distante. Ninguém notou, ninguém nunca notava.

O tempo passou, uma hora, duas horas e Laura começou a ficar angustiada ali no carro, a espera ainda não era seu forte.

Os jovens saíam aos pares, poucos, fumavam, bebiam, riam se esfregavam e voltavam para dentro do galpão.

Estava cada vez mais sufocante dentro do carro e Laura tinha sede. Muita sede. Ela se recordava de um bar no caminho para a festa, um bar meio sujo, em uma das avenidas principais, mas será que valeria a pena ir lá buscar algo para beber? E se os jovens saíssem todos e ela ficasse sem sua presa? Mas a festa não parecia que ia terminar tão cedo e Laura, ligando o carro, acelerou rumo ao bar em busca de uma cerveja.

O bar era escuro, poucos carros parados na frente, pouca gente nas ruas, já era bem tarde, mas mesmo assim Laura não queria correr o risco de alguém olhar para ela, notar ela, isso era seu maior medo.

Ser vista, notada, porque ela sabia que o nojo viria, o asco, e até o medo. As pessoas olhavam para ela, mesmo de longe e ela sentia que não fazia mais parte do mundo, e isso ela ainda não conseguia suportar.

Laura suspirou, fechou seu casaco grande e velho que cobria quase todo seu corpo franzino, afundou o boné fétido cobrindo o pouco que ainda restava de seus cabelos secos e sem vida e entrou no Dinners.

La dentro era quase tão escuro quanto do lado de fora. Laura entrou em silêncio, pisando leve, observou rapidamente em volta, contou 7 clientes e uma garçonete. Todos debruçados no balcão, bebendo, conversas baixas se escutavam ao longe, mas

ninguém olhava para ninguém. Eram vidas devastadas a procura da felicidade do álcool.

Laura, com certo temor, se encostou na ponta mais escura e afastada do balcão, nunca tinha entrado em um bar assim, sempre comprava suas coisas em pequenos mercados obscuros e afastados. Esse contato, dentro daquele bar, era o mais próximo que tinha chegado de pessoas nos últimos anos.

- O que vai querer?

Era uma moça que indagava sem olhar diretamente para ela, o que ela queria beber.

- Uma cerveja, não três - a voz de Laura voz saiu baixa e rouca.

- Três ou uma afinal?

- Três - repetiu Laura.

A garçonete se foi e Laura pode observar melhor a sua volta. Ela sentia seu coração acelerado, como um animal selvagem solto em pleno centro da cidade. Ninguém sequer percebeu sua presença, mas para ela era como se todos a olhassem.

Laura achava que se fosse vista ninguém poderia realmente dizer se ela era um menino, um marginal ou mesmo um velho que se escondia embaixo daquelas roupas sujas que ela usava.

Mas mesmo assim seu coração não parava de bater acelerado e sua boca seca a fazia se arrepender de ter entrado ali. A garçonete demorava para voltar.

- Aquela puta foi fazer a cerveja, caralho - murmurou baixinho Laura para si mesma.

- Ela já volta, ela sempre faz isso quando chega a essa hora, vai lá dentro mijar e demora séculos para trazer a bebida.

Laura estremeceu da cabeça aos pés.

Alguém falava com ela, COM ELA, PARA ELA.

Alguém que não era Estevão falava

COM ELA.

Era algo surreal. Todos os pelos do corpo de Laura estavam eriçados e seu coração não batia mais. Ela sentiu como se o sangue tivesse parado em suas veias.

"Vou correr" - pensou rapidamente Laura se afastando vagarosamente do balcão.

- Espera, ela já vem, ela sempre faz isso - repetiu a voz perto dela.

Ela não olhou diretamente para o dono da voz, mas apenas de leve, de lado, com o rabo dos olhos e percebeu que ele estava mais perto dela do que ela pensou. Ele era alto, bem alto. Parecia um armário, com ombros quadrados.

Cabelo, ele tinha muito cabelo e ela podia perceber que a camisa que ele usava, preta, parecia estar quase arrebitando na parte dos braços e costas. Ele era realmente muito grande frente ao tamanho reduzido dela..

"E se ele quiser correr atrás de mim?" - ela se indagou aproximando-se novamente do balcão - "melhor esperar".

Os sentidos de Laura se dirigiam todos para o dono da voz que agora parecia observa-la. Ela sentia uma pressão enorme no peito, uma vontade desgraçada de olhar para ele, de escutar mais a voz dele. Era uma voz tão forte quanto ele.

"Mas que merda é essa Laura? Tá louca? Você veio caçar e nada mais, esqueceu? Que porra é essa de querer escutar mais a voz de qualquer desgraçado desses?" - a voz interior de Laura gritava em sua cabeça quando a garçonete se aproximou e colocou no balcão as três latas de cerveja.

- Desculpe a demora.

Laura esticou o dinheiro, a garçonete jogou o troco no balcão. Laura pegou as latas e mirando a porta de saída firmou os pés no chão para sair em disparada. Mas nada é fácil quando se está encurralada, e no meio do caminho, rumo a saída, um mão enorme segurou seu braço.

Foi inevitável que ela levantasse a cabeça e olhasse diretamente para o dono da voz que havia assombrado ela minutos atrás. Foram segundos, talvez até um minuto inteiro, mas pareceu uma eternidade. Ela sentiu a pressão no braço impedindo ela de continuar. Laura levantou a cabeça e viu dois olhos. Olhos de falcão, de caçador, olhos que ela nunca mais esqueceria.

- Está tudo bem moça? - Daniel perguntou, enquanto segurava o braço de Laura.

Ela molhou os lábios secos e tentou falar, mas as palavras não saíram. Ele olhava para ela como se visse por dentro dela. Ele no escuro quase tenebroso do bar conseguiu saber que ela era uma mulher, e que talvez, precisasse de algo.

Mas nada poderia deixar isso transparecer. Ela estava com calças quase dois números maior que o dela, presas com um cinto velho, somados ao casaco enorme fechado e o boné, era realmente inacreditável que ele, antes mesmo dela ter levantado a cabeça, perguntasse se ELA estava bem.

Daniel levantou uma sobrancelha como que reforçando a pergunta. Ela sentiu uma pressão enorme no meio das pernas e no peito. Fome misturada com pânico. Tesão somado com ódio.

"Quem era aquele desgraçado capaz de toca-la e ainda por cima segura-la?" - a mente de Laura estava em total desalinho com sentimentos e sensações que ela simplesmente se recusava a ter ou alimentar.

Ela deu um puxão no braço e uma das latas de cerveja caiu de suas mãos. Daniel se abaixou rapidamente e estendeu a lata para ela. O minuto que o relógio cismava em não querer fazer passar, eternizava-se de forma quase surreal.

Ela pegou a lata de forma brusca evitando os dedos dele. Ele deu um leve sorriso para ela e ela entendeu que o bar não era

mais um bar. Seu corpo não estava mais ali. Ela não era mais ela. Ele sorriu. PARA ELA. E ela simplesmente não podia acreditar.

"Ele deve ser cego" - ela pensou - "Ele não vê que está sorrindo para um demônio?"

Ela se virou, o tal minuto passou e ela correu, mas antes que ela chegasse a porta de saída, ela conseguiu escutar a voz dizer algo como:

- Belos olhos, menina.

Ao que a garçonete imediatamente respondeu.

- Deixa aquilo em paz, você nem sabe se é mesmo mulher, credo, seu tarado.

Laura correu, correu como nunca, entrou no carro, jogou as latas de cerveja no banco do carona e saiu acelerada sem

se preocupar em chamar a atenção ou não. Ela correu, só correu. Mas a impressão que ela tinha, era que a voz e o sorriso de Daniel a perseguiam.

"Ele tocou seu braço, aquele escroto tocou você!!" - a voz interna de Laura gritava.

E ela só corria, com o pé enfiado fundo no acelerador. Antes que percebesse, ela já estava de volta ao estacionamento do velho galpão, onde a festa parecia estar terminando.

- Daniel você é um escroto, se sente cheiro de buceta cai em cima sem saber se é velha ou nova. Na verdade você nem sabe bem se é buceta.

- Para com isso Anabele, cala a boca e vai trabalhar - disse Daniel sorrindo.

- Mas é verdade, você não é humano sabia? Eu aqui toda linda me ofereço para você todo dia e você elogia os olhos daquele bicho estranho. O que era aquilo afinal?

- Você fala tanta merda que nem sei por que não fede, sabia Anabele? Eu vi, era uma menina, não sei bem se menina ou mulher, mas os olhos, os olhos dela era incrivelmente profundos e significativos. Senti uma cosia estranha olhando naquele abismo.

- Ahh virou poeta agora, que merda! - Anabele balança a cabeça e saiu irritada, deixando para trás Daniel que olhou mais uma vez para a porta pensando em que mundo viveria a dona daqueles olhos tão terrivelmente profundos.

Capítulo 5

A festa estava no fim.

De onde Laura estava ela via um a um saindo do galpão enquanto seu coração desacelerava de ódio e repulsa pelo encontro com Daniel. Era um misto de sentimentos ruins e duvidosos que ela não conseguia conter ou administrar.

Mas se ela ficasse ali parada pensando no que sentiu naquele momento fatídico em que Daniel tocou em seu braço, perderia a oportunidade da caça. E isso ela não podia admitir.

Ela tinha fome, agora mais que nunca, queria desesperadamente descontar em alguém aquela confusão sensorial que tomou conta de seu corpo e da sua mente.

Três meninas saíram do galpão discutindo em alta voz. Uma delas mais nervosa empurrou a outra e saiu correndo rumo ao canto mais isolado do estacionamento.

As outras duas pouco se importaram, ficando esperando por mais uns minutos até que dois rapazes saíram do galpão. Todos juntos se dirigiram a um dos carros e se foram, deixando a jovem afastada e esquecida na parte escura onde quase não tinha mais carros.

Laura não perdia um só movimento. Quieta, no escuro de seu carro, observava. Mais um carro, e outro e outro. Todos indo

embora e a jovem lá encostada em um dos últimos carros velhos que parecia mesmo nem dono ter.

Laura esperou um pouco mais e viu a menina se sentar no chão de terra, como que chorando. Ela saiu do carro, e vagarosamente se aproximou. Já sabia o que fazer e como fazer, e era urgente saciar sua revolta, sua fome, seu desespero por não pertencer mais aquele mundo tão juvenil e banal.

- Quer um cigarro?

A menina olhou para cima assustada, mas logo se acalmou vendo que era só uma mulher estranha, meio velha que lhe oferecia um cigarro.

- Eu quero, queria até merda se me oferecesse agora.

- Mas porque tanta revolta?

- Esse mundo é um inferno, e as pessoas são demônios, isso sim.

- Acredita mesmo nisso?

- Nem sei mais no que acredito.

Sandra aceitou o cigarro que Laura acendeu. As duas ficaram encostadas no carro fumando. Olhando as fumaças e seus desenhos sinistros naquele final de madrugada. Laura observando em volta percebeu que eram quase as únicas ali no estacionamento e até as luzes do galpão já haviam se apagado por completo. A lua, agora com um resquício de luz, pouco iluminava o vulto das duas.

- Está na minha hora.. Preciso ir – Laura disse com voz baixa e arrastada.

Sandra nada disse, mas notava-se sua preocupação olhando em volta e vendo que não tinha como ir embora. Laura foi se afastado vagarosamente de Sandra, mas parou por um momento, como quem se lembrando de algo, olhou para trás e perguntou:

- Quer uma carona?

Antes mesmo de Laura terminar de falar, Sandra apressou-se a responder:

- Sim, claro, você vai para onde?

- Para longe daqui – respondeu Laura.

-Então eu vou contigo – respondeu Sandra rindo meio desengonçada.

"Ela deve estar muito chapada" – pensou Laura.

Laura foi para o carro sem olhar para trás, sabia que já havia abatido sua presa. Sandra apressou-se em levantar do chão e correr atrás de Laura.

As duas entraram no carro, e Laura deu a partida. O silêncio era pesado e nebuloso dentro do carro. Vidros fechados e um cheiro ácido que passou despercebido por Sandra que estava tonta e com sono.

Laura dirigiu por uns dez minutos e percebeu o leve ressonar do sono de Sandra, com o rosto encostado no vidro, babando levemente, inocente, largada ali sem noção para onde estava sendo levada.

"A presa mais fácil que já abati, quase não tem graça" – pensou Laura sorrindo de forma cínica.

Um bom tempo se passou até que Laura estacionou o carro na frente de seu casebre. Os primeiros raios de sol já eram visíveis e o dia despontava prometendo calor.

Quando a porta de Laura bateu, Sandra acordou de sobressalto procurando ver onde estava, tentando colocar as ideias em ordem, mas não teve muito tempo para isso. Laura rapidamente rodeou o carro e abriu a porta de Sandra. Antes que ela perguntasse algo, Laura acertou seu rosto com um pedaço de ferro, seu velho amigo de caçadas. Sandra desmaiou.

Horas depois, despertando com uma dor cruciante na cabeça, Sandra tentou identificar onde estava e o que tinha lhe acontecido. Mas o local era escuro e as formas ao seu redor mal podiam ser distinguidas.

Ela tinha sede, tinha dor, mas o que mais tinha era medo. O medo começou a surgir um pouco abaixo de seu peito, pressionando seu coração, esfriando suas mãos e dando a ela uma estranha sensação de esgotamento.

A primeira coisa que conseguiu pensar de forma ordenada foi na voz de sua mãe lhe dizendo: "Sempre saiba como vai voltar para casa quando sair com suas amigas. Nunca fale com estranhos.

Se brigar com suas amigas tenha sempre um telefone de um táxi e trocados para a corrida. Mantenha seu celular sempre carregado e quando perceber que está indo a um local sem sinal, ligue para mim ou mesmo para outra pessoa que você confie e mantenha ela avisada do seu paradeiro. Nunca se isole."

Parecia uma lista do nunca infundável, mas todas as frases vieram a cabeça de Sandra naquele momento e uma lágrima quente e salgada desceu de seus olhos. Agora parecia ser tarde demais, mas no íntimo de Sandra uma voz insistia que ela sairia dessa e que poderia então passar a dar ouvidos a voz de sua mãe quando lhe desse conselhos sobre segurança.

- E então gatinha, está confortável?

De trás de Sandra veio aquela voz abafada com a pergunta em tom irônico. Mas Sandra não conseguiu ver quem falava, pois estava amarrada a uma cadeira e se virar não era uma opção.

- Quem está aí? É você? Você me deu carona, não foi? O que está acontecendo? Fomos presas?

- Sim, fomos presas, mas agora você está presa e eu solta.

- Então me solte, vamos fugir, rápido.

- Não existe fuga, não existe nós. Agora só existe você e a dor.

- Dor? Que dor? Do que você está falando?

- Estou falando disso..

A dor foi intensa e fria.

Uma dor quase gelada surgindo da nuca para o alto da cabeça. Sandra mal conseguiu identificar como a dor foi produzida. Laura segurava por trás os cabelos de Sandra erguendo com isso sua cabeça quase ao ponto de tirar a bunda de Sandra da cadeira. Mechas ficaram presas entre os dedos de Laura enquanto ela aproximava sua boca da boca de Sandra e unia seus lábios.

Foi um beijo de ódio, de morte e de sangue. Muito sangue. Laura fechou os dentes em volta dos lábios jovens de Sandra e retirou grande parte da polpa macia, cuspidando em seguida.

O grito de Sandra ecoou nas paredes do pequeno e escuro buraco enquanto Laura passava a língua em volta da própria boca em busca das gotas de sangue que ali se depositavam.

- Gostosinha – sussurrou Laura em delírio perverso.

Sandra não conseguiu mais falar, tentava balbuciar algumas palavras de desespero mas elas se recusavam a sair de sua garganta. A visão estava turva, um zunido indescritível surgiu em seus ouvidos e ela estava preste a desmaiar de novo.

- Ahhh não seja assim, foi só um beijo.

Um barulho fez com que Sandra tentasse mover sua cabeça para identificar sua origem e seus olhos se arregalaram quando viu a figura de Estevão surgindo a sua frente. Grande, um sorriso doentio nos lábios de um rosto velho e empobrecido.

- Realmente é gostosinha essa.

- É, mas não exagera que quero uma parte também.

Eram duas vozes vindas daquele escuro que disputavam por Sandra, deixando ela ainda mais aterrorizada, fazendo esvair a voz de fé que lhe disse poucos minutos antes, que ela poderia sim escapar dali.

- Posso começar? – perguntou a voz masculina.

- Sim, pode, mas não estraga o brinquedo – rosnou com desdém a voz feminina.

Estevão apressadamente tirou as calças e com uma faca pequena cortou a roupa da Sandra. Lá estava ela, uma menina que só queria se divertir um pouco e agora não conseguiu absorver a extensão do que estava para lhe acontecer.

A faca de Estevão cortou as laterais da calcinha e do sutiã de Sandra que em agonia tentava dizer algo parecido com "nãaoo", "poorfavor".. Laura apareceu na frente de Sandra que só então entendeu que tinha caído em uma armadilha.

- Me ajud..

- Já passamos dessa fase, então poupe suas energias – disse Laura sentando no chão na frente de Sandra. Ela ficou ali sentada, de pernas cruzadas em posição de lótus, com o queixo apoiado em uma das mãos e com um olhar apertado e um meio sorriso nos lábios.

Estevão, completamente nu, se aproximou de Sandra ficando entre ela e Laura, com o pênis intumescido pelo desejo demoníaco, segurou sua cabeça pelos cabelos, e tentou forçar a entrada naquela boca tão jovem.

Sandra resistiu cerrando os lábios, mas foi em vão. Estevão segurou a nuca de Sandra, em um ponto estratégico fazendo a devida pressão e ela automaticamente abriu a boca, no que ele enfiou seu pênis sem dó até o fundo da garganta dela, com movimentos apressados de ida e vinda.

- Se me morder eu corto sua cabeça de uma única vez. Jogo seus restos para os animais comerem e saiu em busca de outra. Isso nada me custa.

A voz ecoava nos ouvidos de Sandra como seu pior pesadelo, mas era muito e infinitamente pior, pois ela sabia que daquele pesadelo ela não poderia acordar.

Durou muito tempo, tempo demais. Ele ficava indo e voltando, para frente e para trás, empurrando a cabeça de Sandra que em ânsias de vômito não conseguia se conter. E no momento de ápice para Estevão, ela vomitou, juntando vômito e esperma, que se derramou em seus seios e barriga.

Uma gargalhada se fez ouvir.

Alta, ácida, mas profundamente dolorosa.

- Que coisa mais linda, ela gozou pela boca – disse Laura rindo.

Sandra se sentiu ainda mais ultrajada, mas não pode deixar de sentir também uma pontada de dor e revolta na voz de Laura. Sandra queria entender o que era aquela cena, quem eram aqueles dois, o que estavam fazendo com ela e porque, mas a dor não deixava que ela raciocinasse.

Estevão agora ajoelhado mordida ferozmente os seios de Sandra, enquanto Laura andava em volta da cadeira, só observando e murmurando:

- Como é perder a inocência? Como é se sentir desamparada? Fala para mim?

Mas Sandra não falava nada, só gritava de dor.

- Para, seu idiota, devagar está sujando tudo de sangue – sussurrou Laura.

- Porra, não vem me dizer como eu devo me divertir, você já esqueceu quem te ensinou isso?

- Abaixar a voz quando falar comigo, seu verme, ou taca fogo em você quando você tiver dormindo – gritou Laura deixando de lado a voz abafada antes usada.

- Só quero me divertir, ursinho – disse Estevão com voz carinhosamente sinistra.

Laura imediatamente pegou um chicote feito de fios elétricos retirados da fiação velha da casa, estrategicamente colocado atrás da cadeira de Sandra, e arremessou nas costas de Estevão com tanta força que ele caiu de lado olhando para ela abismado pronto a atacá-la.

- Eu te mato sua piranha – gritou ele.

- Eu já te disse mil vezes para não me chamar mais assim, não disse?

- Você está louca, me batendo assim, eu quebro você em duas sem pensar outra vez – disse Estevão se levantando do chão e partindo para cima de Laura.

Sandra assistia a cena sem saber o sentido real do que estava acontecendo ali. Laura foi de encontro a Estevão e jogou seus braços em volta do pescoço dele, encostou seu corpo no dele e sussurrou bem perto de seu ouvido:

- E quem vai te amar como eu te amo? Quem vai cuidar de você? Quem vai trazer brinquedos para você sem levantar suspeitas? Quem vai fazer isso, meu mestre, meu amo?

Imediatamente, como que por encanto, Estevão se acalmou.

- Mas não me venha bater de novo sua vadia, ou lhe ensino seu lugar. Ainda não estou morto – disse ele já se afastando de Laura e se voltando a Sandra. Os ânimos se acalmaram e Laura e Estevão se voltaram para sua presa.

Sandra foi desamarrada pelos dois e enquanto Laura segurava os braços de Sandra para cima, encostando aquele frágil corpo na parede pressionando seus seios contra a terra do buraco, Estevão abria suas nádegas e entrava nela com força, uma, duas, três vezes.

Laura ainda se admirava de como aquele homem já velho e cansado ainda podia ter tantas ereções seguidas dessa forma como que provido de um estoque inesgotável de tesão e sêmen.

Dessa vez foi mais demorado. Estevão empurrando seu corpo contra o de Sandra. Ela esmagada contra a parede e Laura segurando para o alto os braços da menina. Ele já não gozava, mas continuava empurrando, metendo, rasgando.

Até que Laura sentiu a pressão dos braços de Sandra diminuir e por fim amolecer. Ela desmaiara novamente. Mas Estevão não queria parar. Estava animado, fazia tempo que não recebia suprimento novo de carne fresca. Ele mesmo segurou os braços da menina para cima, enquanto apertando a frágil cintura, continuava arremetendo para dentro dela.

Laura se distanciou e observou e por um milésimo de segundo ela viu outra cena. Ela viu um buraco maior. Ela viu uma menina muito igual a ela, ela viu Estevão mais novo, mas fazendo exatamente a mesma coisa. E ela se ouviu gritando, gemendo, implorando misericórdia enquanto o sangue brotava de seu ânus e suas entranhas eram rasgadas levando embora seus sonhos e esperanças.

Mas ninguém ouviu seu clamor, e da mesma forma, ela sabia que ninguém ouviria qualquer clamor que Sandra pudesse imitar se voltasse a consciência.

- Chega Estevão, vai mata-la antes da hora – disse Laura se aproximando.

- Só mais um pouco, estou quase lá – disse Estevão arfando enquanto metia mais forte em Sandra.

Laura levantou a cabeça de Sandra e fitou seu rosto jovem. A expressão do horror, da dor, do medo, do desamparado. Tudo ali naquele rosto tão jovem e agora inconsciente. E algo, de novo, se remoeu no peito de Laura. Como uma tentativa de lembrança, de reação.

Mas isso logo se extinguiu com o grito de orgasmo de Estevão que estremecia na pressão contra o corpo de Sandra que caiu no chão como uma boneca de trapos ao ser largada por Estevão.

- Pronto agora tô feliz – disse Estevão tremulo se retirando para fora do buraco.

Laura ficou ali olhando aquele corpo nu, machucado, transpassado. Ela pegou um pequeno balde de água que estava perto da cadeira onde Sandra estava amarrada e jogou no rosto da menina.

Ela não despertou.

Laura se abaixou e segurou o pulso da menina. Batia levemente. Ela ainda estava viva. Laura arrastou a menina para a lateral do buraco onde uns trapos velhos tinham sido colocados. Sandra ficou ali, como um feto, encolhida, largada, quase se vida. E Laura sem olhar para trás, fechou a porta do buraco, dirigindo-se a geladeira em busca de uma cerveja bem gelada.

Foram cinco dias de torturas, perversões e toda sorte de experimentos sexuais. Estevão, apesar da idade, estava se superando. Laura a tudo observava, participando as vezes com lambidas e mordidas no corpo quase extinguido de Sandra.

Ela gostava do gosto do sangue, da carne pulsante e anormalmente animal em seus lábios. Ela não comia, mas sentia o sabor. E a cada experimento ela se sentia um pouco mais vingada, mais amortecida em suas dores e desesperos.

Mesmo tentando lutar, tentando ser forte em busca de uma esparsa esperança de sobrevivência, Sandra não aguentou e morreu no raiar do sexto dia. Laura entrou no buraco com um pote de água e um pedaço de pão velho.

- Vamos menina, está na hora de tomar seu maravilhoso café da manhã.

Sandra não respondeu, mesmo que nos cinco dias pouco tivesse reagido, sempre dava sinais de um pedido de clemencia ou olhares de horror explicito. Mas não naquela manhã.

- Vamos, chega de dormir – disse Laura empurrando o corpo de Sandra com um dos pés.

Pela falta total de reação, Laura se abaixou e constatou que não havia mais vida naquele corpo. Sandra estava fria e dura ali no chão. Tinha se libertado da prisão.

- Vadia escrota. Você foi embora e me deixou aqui. Que direito você tem de me abandonar sozinha nesse inferno sua puta desgraçada? - gritou Laura chutando o corpo de Sandra.

A voz de Laura era única, sombria e solitária no buraco.

- Eu aqui não posso ir embora, não consigo, não tenho forças, mas você não. Você é especial, foi embora e escapou né sua ordinária? Tomara que esteja ardendo no pior dos infernos.

Era uma revolta insana, incutida dentro de uma mente doentia, de alguém que um dia foi uma borboleta e hoje era um Escorpião.

Capítulo 6

Foi um sonho dividido.

Ambas as partes aterrorizantes, mas de forma diferente. Laura pouco sonhava. Caía na cama e simplesmente dormia. Um sono frio, seco, sem cor e sem som. Antes eram pesadelos sem fim, mas depois uma nuvem cinza veio e cobriu tudo. Uma nuvem densa que não deixava passar nada, nem sonhos, nem pesadelos.

Mas no dia em Sandra morreu Laura sonhou. E foi um sonho duplo, dividido em duas partes como um filme.

Primeiro ela sonhou com um local escuro, cheio de fumaça, quase em luz. Uma música bruta e rebuscada de fundo e um homem sentado em um balcão. Ela não era mais tão seca e velha, não tinha marcas e cicatrizes.

Ela estava vestindo uma calça preta muito justa, uma blusa branca com leve rendado, combinava com um salto alto preto e acessórios que há muito tempo ela não sabia o que eram.

Um leve batom, e o cabelo preso no alto da cabeça, deixando cair sobre seu rosto alguns fios rebeldes. Ela se moveu na cama. O sentimento era estranho, contraditório. Ela caminhou até ele e ele olhou de lado para ela.

Era o homem do bar da noite em que ela sequestrou Sandra. O olhar dele foi sustentado pelo olhar dela. Ele sorriu e

ofereceu uma bebida. Ela aceitou sentando-se perto dele. Ela podia sentir o cheiro dele, um misto de suor e perfume já passado. Era um cheiro delicioso.

Ela se moveu bruscamente de novo no sofá velho da sala em que ela dormia nas noites em que Estevão roncava demais na cama do quarto.

- Eu estive te procurando, onde você estava se escondendo?

- Eu não estava me escondendo - respondeu ela.

- Sim, estava assim, eu sei disso e você sabe também.

Ela sorriu e ele estendeu a mão para ela. Ela não se moveu. Ele tocou de leve nos fios soltos do cabelo dela. Ela não reagiu, mas seu coração se acelerou e ela se remexeu mais ainda no sofá velho e mal cheiroso. Começava a sentir um formigamento no meio das pernas, um suor escorrendo das costas.

- E o que quer fazer comigo agora que me encontrou? - perguntou Laura para Daniel no seu sonho.

- O que você quer que eu faça contigo?

- Quero que me ame.

- Não, você não quer isso. Você quer que eu te pegue, te aperte, te rasgue.

Ela se remexeu no banco do bar e no sofá velho.

- Não! – sua voz saiu alta e enérgica - não quero isso. Isso eu já tive, preciso de alguém que me faça esquecer.

Laura se aproximou de Daniel. Estava tão perto dele que podia sentir seu hálito quente com sabor de álcool. Ele não se moveu. Ela se aproximou mais, colando seu corpo no dele. Ele passou um braço em volta da cintura dela e a beijou.

Foi um beijo ardente, com línguas, salivas, pressão, mas sem dor, sem sangue, sem ódio. E ao se separarem uma lágrima rolou do rosto de Laura:

- Eu sabia que você poderia me salvar.

Daniel, rindo alto, voltou-se para seu copo e sem olhar para Laura murmurou:

- Você não tem salvação.

O sofá da velha casa agora era uma mistura de suor e lágrimas, enquanto Laura se debatia em agonia com o rosto molhado.

Tudo ficou escuro e a segunda parte do sonho começou. Agora não era mais um sonho, era um pesadelo. Meninas vinham bater na porta. Ela se levantava do sofá e ia atender.

As meninas estavam em carne viva, com rostos em pedaços, sangrando, clamando e tentando agarrar a roupa dela. Laura em vão tentava fechar a porta gritando e pedindo ajuda. Do quarto vinha Estevão:

- Vice deve enfrentar o que fez, deve sair e se dar para essas almas aflitas. Elas vão devora-la e você encontrará o que merece.

- Não, você é o culpado, você me fez assim.

- Não Ursinho, você é assim por escolha sua, podia ter escolhido resistir, e ser boa até o fim, não é isso que sua família e sua religião pregavam?

Laura ainda mais aflita gritava:

- Mentira, era tudo mentira, diante de tanto sofrimento ninguém conseguir resistir.

- Não, você foi fraca, se rendeu ao mal, agora terá o que merece.

Estevão então abria a porta e a empurrava rumo às mãos com garras afiadas das meninas mortas que pediam vingança. Laura era agarrada e rasgada em pedaços enquanto Mauro, Daniel, sua mãe e Estêvão riam as gargalhadas do destino final dela.

- NÃOOOOOOOOO!

- Caralho mulher, o que te deu? - Estevão na porta do quarto, nu, com cabelos desgrenhados e olhos arregalados perguntou a Laura que estava no chão da sala encolhida, com braços estendidos gritando.

- Vamos, foi um sonho, um pesadelo ou sei lá o que, se acalma.

Mas Laura se debatia no chão gritando:

-Não, não, afaste elas de mim.

Estevão chegou mais perto e lhe deu uma bofetada. Na mesma hora Laura abriu os olhos e se viu de volta a sala escura e pequena do velho casebre.

-Está melhor agora, sua louca?

- Foi um sonho – balbuciou Laura levantando do chão e indo para a cozinha.

Estevão nem se deu o trabalho de segui-la, voltando para o quarto. Laura, buscando um copo de água, tentou enxugar suas lágrimas e no vidro da janela da cozinha viu seu reflexo e lembrou-se do sonho, das duas partes, mas não antes de sentir, como que num misto de alucinação e realidade, o gosto dos lábios de Daniel com promessas de redenção.

Capítulo 7

Não foi uma manhã fácil para Laura.

Em geral ela ajudava Estevão a se desfazer dos corpos. Mas não dessa vez. Algo a estava incomodando, resquícios dos sonhos que teve unidos ao encontro ainda não esquecido com aquele homem tão perturbador, atormentavam Laura.

"Porque me importo com ele?"

Porque sonho com ele?

Eu não sou nada para ele, para ninguém afinal.

E ele não é nada para mim. Faz parte de outro mundo, um mundo real onde as pessoas se veem e vivem. Eu não. Eu não sou vista, não vivo, só vegeto. Então porque ele me atormenta?"

Estevão saiu para se desfazer do corpo de Sandra, mas demorou muito para voltar. Uma hora, duas horas. Laura já estava ficando preocupada.

"Será que aquele idiota fez alguma merda? E se ele for pego, for preso, for morto, quem vai viver comigo? Quem vai ser minha companhia?" – era um misto inconsciente e lunático de pensamentos amedrontados em que a solidão total e extrema era o maior medo de Laura.

Ela só pensava com quem viveria se Estevão fosse morto. Quem lhe faria companhia, como seria sua vida sem a única

pessoa com quem ela aprendeu a conviver. Voltar a sociedade não era uma opção para a mente doente e psicótica de uma Laura transformada.

As horas passavam e Estevão não voltava. A aflição de Laura era tanta que ela já tinha devorado o resto das unhas deixando a ponta dos dedos em carne viva.

As anoitecer, um barulho se fez ouvir em frente a casa e Laura correu para a porta. Era Estevão, que descia do carro sorrindo, acenando, como uma criança arteira que volta para casa depois da escola.

- Seu idiota, porque demorou tanto? – gritou da porta, Laura, sem paciência.

- Calma querida, logo você vai ver.

.....

- Carli, o que houve? Calma, não estou te entendendo, calma. Caramba. Você precisa se acalmar, não consigo entender o que você está dizendo. A ligação está péssima, se você parar de gritar eu posso tentar te entender.

- A Mel, a Mel, Marcos. A Mel. Marcos, por tudo que é mais sagrado, a Mel, Marcos.

- Sim, Carli, o que tem a Mel, o que aconteceu?

- Oh meu Deus, a Mel, a minha Mel.

- Caralho Carli, estou ficando nervoso, o que tem a Mel? Ela caiu, ela se machucou?

- Ela sumiu Marcos, desapareceu.

- Como assim desapareceu? Você está em casa?

- Sim, estou em casa, estive aqui o tempo todo. Pelo amor de Deus, faz alguma coisa.

- Como é que eu vou fazer alguma coisa se estou a quilômetros de distância? Eu falei para você ficar de olho nela.

- Mas eu fiquei de olho nela o tempo todo. Eu, eu.. oh Deus, oh Deus, eu não aguento isso.

A ligação foi cortada, o suficiente para deixar Marcos em completo desespero.

- O que foi Marcos?

- Luka, Carli disse que a Mel desapareceu.

- Como assim desapareceu? Vocês moram em uma fazenda, não tem muita gente por lá. Ela deve estar brincando em algum lugar.

- Eu sei, mas Carli estava histérica e agora não consigo completar a ligação. Meu Deus do céu, o que eu faço agora?

- Vou te conseguir um voo para lá. Você volta para casa e tentar resolver isso. Deve ser algo simples. Ela não pode ter desaparecido assim. Uma menina de seis anos não some no vento.

- E nossos negócios aqui, como eu faço?
- Não se preocupe, volte para sua família que eu cuido de tudo aqui.
- Obrigado Luka, assim que eu chegar em casa te ligo e te dou notícias.

Seriam mais de cinco horas até chegar em casa e poder saber o que aconteceu com sua filha Melissa de apenas seis anos. Era uma menina doce, tranquila, obediente, tinha lindos e longos cabelos loiros, e olhos azuis de menina em crescimento.

Olhos verdes como os da mãe e um nariz arrebitado como os da avó. Melissa era o xodó da vida de Carli e Marcos e exatamente por isso tinham optado por se mudar da cidade grande para uma fazenda nas encostas das montanhas do sul do país. Era uma fazenda pequena, mas inserida em meio a um grande campo verde com pequenas árvores frutíferas.

Mel, como eles a chamavam, ainda era uma criança muito pequena e os primeiros estudos eram dados pela mãe em casa. Logo teria que ir a escola, mas a cidadezinha perto das suas terras seria uma boa opção para a primeira escola de sua linda menina.

O voo foi confirmado e mesmo sem se despedir de seus outros colegas de profissão, Marcos sai da empreiteira onde pretendia fechar um grande negócio de engenharia, deixando seus planos para trás.

Em casa, Carli corria de um lado a outro gritando o nome de Melissa, sem ouvir resposta. O telefone celular já não conseguia completar chamada.

- Que inferno, eu sabia que a ideia de vir para esse fim de mundo, não era tão boa assim. Não funciona nada aqui – gritava Carli em prantos.

Ali estava ela, isolada, sozinha, sem seus parentes e amigos, fazendo de tudo para dar um lar tranquilo e saudável a sua pequena Mel, mas que agora já não estava mais ali.

Carli, desistindo de esperar e já tendo procurado em todos os cantos possíveis, pegou seu carro e partiu rumo a cidadezinha mais próxima. O delegado estava sentado atrás de sua mesa, com seu auxiliar sentado na beirada da janela aberta. Carli entrou como um furacão repetindo a mesma frase:

- Minha Mel sumiu, minha pequena Mel sumiu.

O delegado logo se levantou, saindo de trás de sua mesa tentando entender o que havia acontecido.

- Calma minha senhora, quem sumiu?

- Mel, minha pequena, ela sumiu – Carli falava entre o choro dificultando a compreensão de suas palavras.

- Será melhor que a senhora sente-se. Busque um copo de água para ela Salvador.

O auxiliar do delegado, um portenho já enraizado no país, foi rápido em busca da água enquanto o delegado tentava entender quem tinha sumido.

- Mas quem é Mel, minha senhora?

- Minha filha, ela é pequena, está longe de mim, deve estar desesperada.

- Sua filha? Qual idade dela?

- Fez seis anos mês passado.

- Onde ela estava quando sumiu?

- Brincando no jardim, em frente a nossa casa.

- E onde a senhora mora?

- Na Fazenda Ritz, logo após a primeira curva na saída da cidade.

- Sim, sei onde fica. Vocês compraram as terras ano passado, certo?

- Sim, e agora levaram minha filha.

- Porque a senhora acha que levaram sua filha? Ela não pode estar brincando, escondida em algum lugar da fazenda?

- Não, Mel não faria isso.

- Mas as crianças são imprevisíveis, não são?

- Você não conhece a Mel – gritou Carli – você devia estar procurando por ela e por quem a levou e não aqui tentando me convencer de que ela é uma criança desobediente se escondendo de mim.

- Eu não disse isso senhora. Apenas sugerir que ficássemos calmos para tentar achar uma solução ao problema. SALVADOROOO... Cadê a água, homem?

- Ela foi levada, eu sei disso.

- Porque a senhora acha isso?

- Eu não acho, tenho certeza.

- Certo, porque senhora tem certeza disso?

- Porque ela pediu para brincar no jardim, mas eu estava cozinhando e não podia ir com ela lá fora. Ela insistiu e eu disse que ela podia ir, mas que ficasse perto da porta da entrada, então eu podia escutar os barulhos que ela fazia enquanto brincava. No momento em que fui cortar os ingredientes para a salada, passei a não escutar mais ela, e por um momento escutei outra voz, mais grossa, de adulto. Na mesma hora eu fui correndo para a porta, mas o vento bateu a porta antes de eu chegar lá. A porcaria da porta emperrou e eu fiquei na dúvida se corria para a janela para ver quem estava com Mel ou se tentava abrir a porta. E nesse momento de dúvida fiquei puxando a maçaneta até que enfim, a porta abriu. Mas não foram mais de dois ou três minutos. E quando cheguei ao jardim ela não estava mais, e na estrada em frente

ao portão da fazenda eu vi a poeira alta de um carro que ia embora. Eu sei que a levaram.

- A senhora viu o carro que pode ter levado sua filha?

- Não.

- A senhora sabe dizer a cor ou modelo do carro?

- Acabei de dizer que não vi o carro.

- Então se a senhora não viu o carro, não pode dizer que alguém a levou. Pode ter sido uma impressão sua acerca da voz adulta com sua filha e da poeira na estrada. As terras estão muito secas, qualquer vento faz poeira.

- Porque o senhor não quer acreditar que levaram minha filha? Para não ter que procura por ela?

- Não senhor. É porque em muitos casos assim, quando criança somem, ela logo volta e nos desesperamos sem motivos. Ela pode estar brincando em algum lugar perto da sua casa.

- NÃO, EU JÁ DISSE QUE NÃO.

- Acalme-se senhora.

- Você deve estar pensando que sou louca, mas não sou, sei que levaram minha filha. Quantas crianças desaparecidas o senhor já procurou aqui nessa vida, me diga?

- Umas 3 – disse o delegado já um pouco envergonhado.

- Certo. Três crianças, em quanto tempo de serviço?
- Uns 15 anos.
- Então como pode me dar estatísticas se só buscou três crianças? Quantas delas voltaram para casa?
- As três, todas estavam brincando perto de casa, por isso eu te digo, vamos pensar com calma.
- Enquanto pensamos com calma alguém foge com minha Mel
- disse Carli com voz sumida entrando em estado catatônico.
- Vamos até sua casa agora mesmo e vamos procurar por ela, está certo? Salvador. Onde você foi pegar essa água? No riacho?

Horas depois, após muitas buscas, o delegado se viu obrigado a reportar o desaparecimento da menina a cidade mais próxima, com uma delegacia maior e com um contingente mais amplo de policiais. Era obrigatório esperar 48 horas para dar alerta de desaparecimentos, mas em casos como o de Mel, quando a criança é pequena e não se encontra vestígios da mesma, nem motivos para seu desaparecimento, aciona-se um sistema de urgência para a procura da menor.

Quando Marcos chegou em casa, Carli estava sentada na varanda, com a mesma roupa que tinha acordado pela manhã. Ela se balançava na cadeira e cantava uma antiga canção de ninar que Mel tanto gostava. Tinha policiais para todo lado, eram 9 com três carros estacionados dentro do pátio da casa. Marcos se identificou e correu para sua esposa.

- Como aconteceu? Como? – ele gritava pedindo uma resposta.

Mas Carli já não respondia. Seus olhos estavam vidrados na estrada. Ela mal piscava.

- Senhor. Por favor. Sua esposa está em estado de choque. Ela não vai conseguir falar muito. O delegado tomou o depoimento dela, as informações principais. Você pode ligar para alguém vir ficar com ela, dar um apoio?

- Não temos ninguém aqui por perto.

- Amigos, quem sabe?

- Não, ainda não temos grandes amigos, éramos só nos três. SOMOS só nos três, porque eu sei que Mel vai voltar. Ela vai voltar, não vai?

O policial molhou rapidamente os lábios ressecados.

- Faremos todo o possível senhor.

Marcos sentou-se ao lado de Carli. Mas ela não percebeu sua presença. No fundo do peito, ela sabia que jamais veria Mel de novo, não com vida.

- Minha Mel, minha linda e doce Mel. - sussurrava Carli com lágrimas quentes descendo pelo rosto empoeirado.

Capítulo 8

- Porque demorou tanto, fala logo? –gritou Laura ainda na porta tentando ver o que Estevão carregava nos braços.

- Fui largar o lixo bem longe como você disse. Fui até as montanhas e larguei lá, fiz um buraco fundo, como combinamos. E na volta peguei um bichinho para você.

Ele veio rumo a porta da casa e Laura deu dois passos para trás. Estevão trazia nos braços um amontoado de panos, como se fosse um grande cobertor com algo dentro.

Ele entrou na casa e jogou o embrulho em cima do sofá. Com um barulho seco, os panos caíram com o peso que estava em seu interior, deixando a mostra uma coroa de cabelos loiros e finos.

- Você... Você pegou outra?

- É um presente. Essa eu trouxe só para você. Lembra que eu te falei que gosto novinhas, das ainda inocentes? Hoje não acha mais anjos entre essas meninas que só querem saber de festa. E sangue novo, carne pura é o que tem de melhor – disse Estevão sorrindo esperando a aprovação de Laura.

Ela, ressabiada balançava a cabeça de um lado para o outro vagorosamente.

- Tínhamos combinado. Era para você esperar. Como fez Onde pegou ? Deixou rastros?

- Não se importe com isso. Ela estava sozinha na frente da casa, era uma fazenda afastada.

Laura se aproximou do sofá, e ajoelhando-se, tirou o pano do rosto de Mel. Sem falar nada, ela se levantou e se afastou da menina. Com olhos arregalados Laura foi se afastando para trás com olhos vidrados no corpo desmaiado de Mel. Estevão estranhou a reação de Laura.

- Vamos lá querida, toca nela, experimenta. É pura, é leite, é um botão de flor esperando para ser aberto.

Laura olhou para Estevão e novamente para Mel, engoliu em seco e sussurrou:

- Ela... ela é um bebê.

- Sim, mas é como eu te falei, não se acha mais puras entre as maiores, temos que nos aventurar nas carnes mais frescas. Porque esperar?

Laura, pela segunda vez naquela semana, colocou as mãos na cabeça, sentindo uma pressão terrível nas têmporas, um acelerar de coração e um gosto amargo na boca. Ela não conseguia falar.

Sentia o suor nas mãos e sua respiração começou a ficar fraca. A sala parecia que ia rodar. O corpo de Mel começou a ficar desfocado. Ela piscou varias vezes, mas tudo ainda rodava.

- Não estou me sentindo bem - Laura correu para fora, e quase não consegue tempo para abrir a porta antes de vomitar.

- O que te deu mulher? - disse Estevão atrás dela na porta aberta.

Laura vomitava sem parar com a cabeça abaixada e mãos nos joelhos. Era como se todo o esgoto do mundo estivesse preso dentro dela querendo sair. Ela vomitou repetidas vezes. Até que só restou uma água gosmenta e amarelada escorrendo de sua boca.

Ela sentia frio e calor ao mesmo tempo. Tentava focar os olhos em alguma coisa, mas ainda estava com a vista embaçada e todas as cenas de tortura, dor, morte e estupro voltaram a sua mente numa velocidade alucinante se chocando com a imagem de Mel deitada no sofá imundo.

Estevão ficou parado na porta só olhando e tentando entender, com um ar levemente desconfiado. Alguns minutos se passaram até que Laura se recompôs, respirou fundo e encarou novamente Estevão, agora com um dos olhares mais frios que ele jamais tinha visto.

- Como você a abateu? Bateu nela? Ela esta ferida?

- Não, claro que não, não queria estragar o brinquedo. Eu coloquei um pouco daquele treco que você trouxe do furto na farmácia. Coloquei em um lenço e botei na boca dela. Ela desmaiou na hora e não acordou mais. Mas já deve estar quase na hora dela levantar. Quem vai ser o primeiro? Já sei. Vou deixar para você, é claro, né minha linda. Você pode ficar com ela um dia. Depois eu pego o que sobrar.

Era um momento divisor de águas para Laura. A menina que jazia desmaiada no sofá era diferente das suas amigas de escola, era diferente dela mesma, era diferente das muitas meninas que pareciam pedir por aquilo. Era só um bebê frente às monstruosidades que Estevão planejava para ela. . Que idade ela poderia ter? Uns cinco ou seis anos, se muito?

Estevão olhava para Laura a espera de que ela começasse a sessão de tortura. Eles se encaravam como dois adversários, o olhar frio de Laura dentro do olhar psicótico de Estevão que salivava ao olhar de Laura para Mel e de Mel para Laura.

Todas as meninas que eles tinham pego, eram mais velhas. A mais nova que tinha sido em suas mãos, já fazia muito tempo e causou uma perturbação terrível que Laura demorou a superar. Laura pensava rápido. Ela estava no inferno.

Ela era o demônio.

Mas até para demônios pode existir um limite.

Ou não?

● * *

A menina no sofá começou a balbuciar algumas palavras. Estevão estava na cozinha bebendo uma cerveja e Laura estava em pé próximo a janela. O embate tinha passado e ambos pareciam já saber exatamente o que queriam.

Mas a mente de Laura debatia em crises: O que eu faço? Existem inocentes? E se ela se transformar em uma

piranhazinha? Não seria melhor começar logo com ela, ensinando-a a obedecer aos desejos dos mais velhos?

"NÃO! NÃO FAÇA ISSO!" - a outra voz que clamava dentro dela era fraca, mas persistente. "Você ainda pode ter um pouco de compaixão. Ela tem mãe, tem pai. PENSE. Por um minuto. Ela ainda é completamente inocente."

Laura se aproximou da menina. Era tão linda em seu vestido azul, suas meias brancas e uma sandália dourada. O cabelo solto em cachos se derramava pelo sofá. Seus olhos estremeciam e seus lábios rosados balbuciavam: mamãe...mamãe...

Laura chegou ainda mais perto e tocou o roto da menina. Ela não viu que Estevão já estava atrás dela, em pé, sorrindo de forma diabólica.

Foram pequenos minutos, mas o coração de Laura pedia uma resposta que ela não sabia dar. Estevão se aproximou mais e Laura deu um pulo de susto.

- Gostosinha ne? - disse Estevão levantando o vestido de Mel, e baixando a calcinha dela de uma vez só.

- Olha para essa bocetinha, tão pequenininha, peladinha, e branquinha, que tal uma chupadinha? Deve ter gosto doce. Que tal? – Ele lambeu os próprios lábios olhando para Laura como que dizendo para ela começar logo, porque ele estava ansioso pela sua vez.

Laura olhou para Estevão e percebeu que a calça dele mal conseguiu segurar a excitação. Ele tremia e os dedos deles já percorriam as laterais da vagina da menina.

- Espera – gritou Laura - não toque nela, você disse que eu seria a primeira.

- Tá, eu disse, mas vai logo, que eu não estou me aguentando. Posso ver vocês? Assim eu bato uma punheta em cima dela, que tal?

- NÃO - gritou Laura avançando para cima dele e o empurrando com fúria - caralho, você diz que é para mim, mas não se aguenta, que ódio.

- Esta bem calma, eu vou tomar um banho, leva ela para baixo e começa logo. Amanha será minha vez.

Ele se afastou e Laura ficou ali, parada na frente da menina, já despida, exposta. Laura olhava para aquele corpinho tão pequeno, e para os olhos de Mel que tentavam se abrir, mas encontravam ainda a resistência do clorofórmio.

Ela alisou uma das pernas da menina. Seus braços, seu cabelos. Era um universo inteiro que se debatia no seu peito e demônios lutavam dentro do seu peito.

Laura pegou a ponta do cobertor e cobriu a parte de baixo da cintura da menina. Não conseguia tocar na calcinha dela para coloca-la no lugar.

O cobertor onde a menina estava enrolado tinha flores desenhadas e por um milésimo de segundo, Laura se lembrou das flores que sua mãe e ela cultivavam na parte da frente da casa em que ela nasceu. Com certeza Estevão pegou o cobertor em algum varal do mesmo quintal de onde pegou a menina.

Foi como se nada daquilo tivesse acontecido, uma fração do tempo, uma lembrança tão forte que a garganta de Laura fechou, secou e ela caiu de joelhos ao lado da menina, chorando.

Eram lágrimas que estavam guardadas a tanto tempo, tantos meses, anos, tantas aflições, ela não conseguiu mais segurar aquela batalha dentro de si.

Maldições, tribulações e correntes de ódio e desprezo circulavam por dentro do corpo de Laura. Eram lágrimas de revolta, de solidão, de abandono que Laura pensou não mais existir.

Era um choro sofrido e silencioso, porque nem de longe Estevão podia suspeitar que ela chorava por ela e quem sabe também por Mel. Mas o momento passou e a realidade voltou a cerca Laura.

- Mãe? - Mel chamou baixinho ainda de olhos fechados.

Laura levantou a cabeça e cobriu um pouco mais o corpo da menina olhando para pés dela. Pequenos, branquinho. Antes que ela pudesse reagir, sentiu uma mão em seus cabelos e quando olhou para a cabeceira do sofá deu de encontro com

os grandes olhos brilhantes de Mel, abertos, indagadores inteligentes e aflitos.

- Onde eu estou? Cadê minha mãe?

- Shihhh.. Fique quieta, sua mãe deixou você comigo, ela já volta.

Mas Mel se sentou de repente e começou a olhar em volta. Ela era uma menina inteligente e sabia que algo estava errado. Laura, antes que a menina começasse a gritar tomou sua decisão. Ela colocou a mão na boca da menina e sussurrou em seu ouvido:

- Fique quieta, senão eu mato você.

A menina arregalou ainda mais os olhos, enquanto Laura a pegava no colo e a levava para o buraco.

CAPÍTULO 9

- Eu não quero ficar aqui. Está escuro. Não gosto do escuro.

- Cala a boca.

- Eu quero minha mãe.

- Eu mandei você calar a porra da boca sua fedonha – gritou Laura.

Mel se encolheu no fundo do buraco sentindo o chão de terra sob suas pernas e o frio daquele lugar horrendo com cheiro de fezes, urina e morte. Laura andava de um lado para o outro, agitada, olhando de relance para Mel que passou a choramingar no canto do buraco.

- Um, dois, três, quatro.. um dois três quatro.. um dois três quatro..

Laura contava em voz baixa pressionando as laterais de sua cabeça implorando que a dor e a pressão passassem. Esses incômodos tinham começado justo no dia em que aquele homem estranho havia tocado no braço dela dentro daquele bar escuro.

E agora toda vez que ela tinha que tomar uma decisão, fazer algo concreto, essa pressão em sua cabeça a impedia de pensar corretamente. Laura voltou a contar:

- Um, dois, três , quatro...um, dois, três, quatro...um...

E antes que ela continuasse, uma voz suave e fina se fez ouvir no buraco:

- ... dois, três.. Eu te ajudo a contar moça... Não fica triste.

Laura olhou para o canto e viu Mel em pé com uma das mãozinhas estendidas. Ela, sem pensar duas vezes, deu dois passos longos e acertou o rosto de Mel com um soco. A menina caiu já desmaiada.

- Piedade é para os fracos – disse Laura com voz sumida.

O dia e a noite se foram, os policiais também, jurando intensificar a busca e na casa da fazenda só Carli e Marcos ficaram. Sentados na sala, olhando para quadros com fotos de Mel sorrindo, andando de bicicleta, nadando em uma grande piscina. Sempre sorrindo, até mesmo quando sua mãe a fotografou sentando numa cadeira estudando os primeiros números.

- Ela não vai voltar não é mesmo Marcos?

- Vai sim Carli, estão procurando ela.

- Nunca vão achar ela viva, eu posso sentir.

-Para de falar bobagem – disse Marcos, mas ele sabia que as primeiras 24 horas eram cruciais, e elas já haviam passado.

- Lauraaaa. Vou descer.

- Não, já estou subindo.

Laura apareceu na porta que dava acesso ao buraco, subindo e fechando a porta atrás de si.

- E então? Como foi?

- Foi bom - disse Laura limpando o sangue da boca.

- Nossa, mas não sei que necessidade você tem de morder assim. Deixa a menina cheia de marcas feias.

- Foda-se, é assim que eu gosto.

- Está bem, mas assim estraga o brinquedo.

- Que brinquedo porra? Para de falar como um retardado. É uma menina, não é um brinquedo.

- É a mesma coisa, e você não parece muito preocupada em brincar com ela.

- Cala a boca e vamos comer alguma coisa.

Estevão foi até a cozinha e sentou em um banco pequeno ao lado da geladeira enquanto Laura preparava uma refeição rápida para os dois. O silêncio se fez enquanto comiam. Estevão olhava, as vezes, para Laura, mas ela não devolvia o olhar. Ela estava preocupada em comer e ficar calada.

- Foi bom?

- O que?

- A menina porra. Assim novinha... Você meteu os dedos nela?
- Sim meti, rasguei ela toda.
- Espero que tenha deixado um pouco para mim.
- Cala a boca e come.
- É bom você parar com essas grosserias comigo mulher, uma hora dessas você vai aparecer morta de manhã.
- Vou mesmo? Grande novidade. Já estou morta mesmo.

Laura levantou, levando seu prato, lavou-o rapidamente e saiu para fumar um cigarro encostada na porta da frente da casa.

- Quando eu terminar de comer, eu vou lá embaixo provar a sobremesa.
- Não vai não – disse Laura com voz firme mas sem olhar para Estevão - você disse que ela era para mim e eu ainda não acabei.
- Mas você está acabando com ela, não vai sobrar nada para mim.
- Você pega outra depois, você sempre pega mesmo.
- Não é fácil pegar novinhas assim. É mais arriscado.
- Então devia parar - sussurrou Laura.
- O que você disse?
- Eu disse então devia treinar mais.

- Sei...

Estevão terminou de comer e jogou o prato na pia, deitou-se no sofá e em menos de um minuto já estava roncando a alto som. Laura saiu para a frente da casa e olhou para o céu. Não tinha uma única estrela. Um céu escuro e denso. Uma noite sinistra.

Ela voltou para dentro da casa, foi ao banheiro, tomou um rápido e silencioso banho. Saiu com uma toalha enrolada no corpo e jogou no lixo suas roupas com o sangue de Mel. Ela atravessou em passos suaves a sala e no quarto abriu a porta do armário.

Pegou uma blusa preta e limpa de Estevão e uma calça jeans que ele comprou para ela meses atrás em um brechó de uma cidade distante que ele passou quando caçava... Era uma calça um numero maior que o dela, isso se ela soubesse que numero vestia agora.

A blusa era de botões na frente e ficou imensa em seu corpo franzino. Ela abotoou os primeiros botões e deu um nó no restante das pontas que sobraram na frente. Voltou ao banheiro pegou um pedaço de sabonete que restante no chuveiro e passou em suas axilas peludas.

Se perguntassem para ela porque ela fez aquilo, ela não saberia dizer. Mas ela fez e ainda com passos suaves trancou a porta do quarto que dava para o buraco, pegou a chave do carro e saiu. Ela sabia que com ele dormindo pesado raramente acordaria, mas ela não queria ser surpreendida.

Ela pegou a estrada e se deixou levar. Acelerando o máximo possível, quem sabe dava de frente com um caminhoneiro sonolento. Mas isso não aconteceu. Ela seguiu mais e mais pela estrada e quando percebeu estava perto do bar que tinha visitado na noite quem sequestrou Sandra.

Ela parou o carro afastado das luzes dos escassos postes da rua e ficou olhando para a porta do bar. Ela mesma não sabia por que estava ali, o que estava olhando ou esperando. Mas estava ali.

Ficou ali por um longo tempo até que viu uma moto e um homem chegando. Não um homem qualquer, mas aquele homem. Ele desceu da moto, tirou o capacete e o coração de Laura na mesma hora levou um solavanco.

Como se ela tivesse sido eletrocutada. Uma corrente de energia passou por ela e todos os pelos de seu corpo se arrepiaram. A luz do posto iluminou o rosto dele e ela não pode deixar de sussurrar sozinha:

- Como ele é... diferente..

Algo lhe dizia que devia ligar o carro e sai dali, mas ela não fez isso. Minutos se passaram e o homem entrou no bar. Laura saiu do seu carro, fechou a porta e seguiu para o bar.

- Daniel meu amor, que falta que você me faz – disse Anabelle sorrindo.

Daniel sorriu de forma irônica e respondeu:

- Sei disso Belle, sei disso.
- Quer ir lá nos fundos ? Eu te provo minha saudade.
- Agora não Belle, agora não. Me dá uma dose, dupla.
- Você manda meu amor.
- Essa Anabelle não tem jeito mesmo não é?

Daniel se virou e viu um velho conhecido seu, um delegado de uma cidade que ficava a umas duas horas dali.

- E então velho Wilson, o que faz aqui ?
- Vim visitar minha mãe, está velha e resolvi passar e ver os amigos.
- Sente-se.
- Que tal está tudo por aqui ?
- Mesma merda.
- Muitas atividades?
- Mesma merda - repetiu Daniel sorrindo mais dessa vez - e pelas suas bandas?
- Nada muito ativo. Um caso recente do desaparecimento de uma menina.

Daniel imediatamente ergueu os ombros e se voltou ficando de frente com seu colega.

- Uma menina? Sumiu de onde? Quanto tempo faz?
- Fez um dia hoje pela manhã.
- Como ela era? O que vestia?
- Era uma menina loirinha, com seis anos, vestia...
- Ahh não, deixa – disse Daniel voltando-se ao seu copo duplo que Anabelle tinha colocado na sua frente.
- Porque o interesse e o súbito desinteresse?
- Achei que era uma mocinha mais velha. Coisas de um caso antigo meu.
- O tal maníaco das donzelas?
- Sim.

Wilson sorriu de forma barulhenta:

- Não, é um caso simples, a menina sumiu da frente de casa, logo aparece, deve estar escondida com medo da burrada que fez. O tal maníaco pegava moças para estuprar ne ?
- Sim – disse Daniel de forma desolada.
- Sei que você ficou encarregado desse caso por muito tempo e não deu em nada.
- Foda-se, é da sua conta? – disse Daniel reagindo de forma grosseira - outra dose Belle.

Antes que Belle trouxesse a bebida, Wilson se refez do susto e pediu desculpas.

- Não quis ser indelicado, apenas mencionei que...

-Ok, eu sou um merda, eu sei, mas foda-se. Eu ainda vou matar esse filho da puta. É uma questão de tempo.

- Você acha mesmo que vai pegar ele? Tem ideia de como ele seja, um perfil, algo assim?

- Ele não trabalha só, está em dupla, mas eu vou pegá-los.

- Em dupla? Como sabe?

- Traços dos acontecimentos, locais de desova e de sequestro, testemunhas que dizem que viram um carro e duas pessoas dentro antes do desaparecimento de algumas vítimas.

- E ninguém disse nada sobre essa segunda pessoa?

- Não, apenas que parecia ser um homem bem magro, enrugado e talvez meio afeminado. Mas eu vou achá-los.

Nesse mesmo instante a porta se abriu de forma lenta. Nem um dos dois homens sequer olhou para a porta. Poucos estavam no bar aquela hora e os que lá estavam queriam apenas beber na sua própria solidão.

- Eu vou indo - disse Wilson - já bebi minhas doses, já vi o amigo, já senti o perfume barato de Belle agora me vou.

- Perfume barato é o caralho Will, vai seu velho, e fique vivo – gritou Anabelle.

- Vai lá meu velho, se cuida – disse Daniel se virando para apertar a mão de Wilson. Nesse instante um vulto passou muito rapidamente atrás de Wilson enquanto ele se dirigia para a porta, mas não passou despercebido por Daniel que sorriu e abaixou a cabeça.

Laura se dirigiu para o fundo do bar. Mesmo tomada de pânico, se sentiu em paz ali. Era lugar seguro, escuro, ninguém falava com ninguém nem olhava para ninguém, salvo pelo homem que ela sabia ter sentido sua presença dela no instante em que ela chegou.

Mas ao invés disso perturba-la, de certa forma a deixou eufórica. Muito tempo se passou desde que alguém de verdade tinha percebido a presença dela. Estevão realmente não contava como alguém. Ela se sentou na ultima cadeira do balcão.

- Uma cerveja– pediu em voz sussurrante.

Anabelle trouxe a cerveja e cobrou.

- Vou deixar paga mais uma – disse Laura.

Anabelle mal olhou para Laura com seus cabelos amarrados de forma grosseira no alto da cabeça e aquelas roupas estranhamente largas no corpo raquítico. Mas Daniel a notou. Ele se levantou e rapidamente sentou ao lado de Laura.

- Nem pense em fugir de novo. Essa noite você será minha companhia para beber – ele disse com voz baixa olhando para ela de lado.

Laura sentiu um tremor percorrer todo seu corpo. Atenção. Quase uma gentileza. Uma civilidade que ela desconhecia.

- Esta falando comigo? –ela perguntou sem olhar para Daniel.

- Você sabe que sim. Você esteve aqui umas semanas atrás. Está mais bonita, cheirosa.

Laura engoliu em seco sentindo a garganta se fechar. Ela não conseguiu responder. Queria falar, queria olhar para aquele homem que lhe dava uma esmola de atenção, mas era algo que ela não conseguia. Ela bebeu a cerveja de uma só vez.

Antes que ela pedisse a outra cerveja que já estava paga, Daniel levantou a mão e Anabelle trouxe outra. Laura ficou olhando para o copo a sua frente e quando esticou a mão para pega-lo, Daniel se antecipou e colocou sua mão em cima do copo.

- Olha para mim moça.

Laura continuava de cabeça baixa.

- Eu não mordo, olha para mim.

Daniel havia se virado no banco do bar e estava de frente para Laura. A distância que os separava era mínima, mas ainda reinava um escuro protetor no bar, e Laura não levantou a cabeça.

Ele tirou a mão do copo. Ela imediatamente pegou o copo e bebeu um grande gole. E outro e outro. Seus ombros agora já

estavam se aliviando um pouco da pressão. Daniel se ajeitou novamente no banco e voltou-se para seu copo.

- Belle, algo mais forte para mim e para a moça aqui.

Anabelle veio com dois copos menores, agora com vodka, mas dessa vez ela olhou mais atentamente para a mulher que era o alvo da atenção de Daniel.

Era difícil ver as feições de Laura, mas Anabelle sentiu que já tinha visto aqueles traços em algum lugar. Aborrecida, ela deixou a bebida e saiu batendo a porta para dentro da cozinha.

- Um para mim e outro para você – disse Daniel que sentia vindo de Laura uma irmandade, uma alma tão perdida quanto a sua.

Laura não mexeu um músculo. Ela queria sair correndo. O suor escorria pelas suas costas e ela tinha medo, pânico, pavor. A qualquer momento aquele homem poderia agarrá-la, força-la a olhar para ele e ele veria o monstro que ela era.

Ele bebeu a dose dele sem olhar para ela. Laura, não resistindo, pegou o copo de vodka que Daniel lhe oferecia e bebeu de um só gole. Daniel se levantou rapidamente, saltou por cima do balcão e pegou a garrafa de vodka do armário do bar. Um novo salto e estava de volta ao lado de Laura que admirava o jeito atlético, os músculos duros e destacados na roupa velha e surrada de Daniel.

Ele serviu mais duas doses, ele bebeu, ela bebeu, mais duas doses e eles agora beberam juntos. Ele sorriu e ela sorriu timidamente em resposta.

- Está melhor agora – disse Daniel em voz baixa.

Laura sentia sua cabeça começar a rodar, seus sentidos se afrouxaram e ela não queria mais voltar para casa, para a prisão. Queria ficar ali bebendo, sentindo o cheiro do suor e perfume forte de Daniel. Mas ela se lembrou de Mel, e entendeu que teria que voltar para seu mundo, para seu destino.

- Obrigada – disse Laura em voz sussurrante.

Daniel olhou para ela de lado, o olhar dele era ardente e curioso. Quem seria aquela mulher que parecia estar tão no inferno quanto ele?

Laura se levantou bem devagar. Daniel não reagiu. Ela passou por trás dele e ele continuou estático. Ela queria uma reação, ao mesmo tempo em que não queria. Ele a seguiu com o olhar, sabendo que ela estava passando por trás dele. Ela deu dois passos rumo à porta e parou.

Ele passou a língua pelos lábios e sorriu para si mesmo. Laura se voltou e todo o seu corpo pediu urgência em estar mais próximo de Daniel. Ela se lembrou de Mauro, de como era bom ser amada, beijada, respeitada, desejada.

Ela deu passos rápidos na direção de Daniel, chegou bem perto dele. Ele estava com a cabeça curvada olhando para seu copo. Ela tocou no braço dele.

- Até qualquer dia – ela disse sem pensar bem no que isso podia representar.

Ele vagorosamente moveu a cabeça para o lado, olhou para ela. Ela falava com a cabeça abaixada. Ele ficou em pé, segurou o queixo dela e o ergueu. Ela tentou resistir levemente, mas ele não permitiu e conseguiu olhar nos olhos dela.

Ela sustentou o olhar. Ele não demonstrou nojo por suas cicatrizes, por seus lábios cortados e as inúmeras marcas que Estevão tinha deixado em seu rosto, que um dia foi de menina.

- Belos olhos –disse Daniel, passando a ponta de um dos dedos pela testa e nariz dela.

Os lábios de Laura se entreabriram e foi impossível para ela não imaginar ele dentro dela, de forma brutal ou amorosa, não importava. Ela só o queria naquele momento. Os olhares se mantiveram fixos por mais de um minuto. Até que ela deu um passo para trás, se virou e saiu porta afora, quase que correndo.

Ele se dirigiu a porta e olhou para ela entrando no seu velho carro. E naquele momento algo no fundo de sua memória o alertou. O carro. Ele não conseguia se lembrar de onde poderia ter visto aquele carro ou sua descrição. Mas ele, franzindo a testa, ficou olhando enquanto ela entrava, ligava o carro e saía levantando poeira.

O pé de Laura pisava tão fundo no acelerador que o tornozelo dela ficou rígido e doía. Mas ela só queria correr. Fugir de um

desejo que jamais poderia ser real, de uma vida ou possibilidade que não era para ela. De algo normal entre dois adultos, mas não para ela que era uma aberração.

O coração de Laura batia tão acelerado quanto as pedras no fundo do carro. E ela dirigiu tão rápido que chegou em casa sem perceber. Horas se passaram até que estacionou o carro na frente de sua casa, mas parecia que faziam poucos minutos que tinha sentido o toque quase carinhoso de Daniel em seu rosto.

- Eu queria tanto ser normal - repetia Laura com lágrimas molhando todo o seu rosto debruçado no volante do velho carro. Seu corpo se balançava convulsivamente de ódio, rancor e dor.

Mais de meia hora se passou até que ela se acalmasse. Sua blusa estava encharcada de suor e lágrimas, consequência de um momento que ela não queria viver, mas desejava ardentemente que pudesse.

Ela saiu do carro e entrou em casa. Estevão ainda dormia profundamente. Ela passou direto, abriu a porta do buraco e desceu. Ela sabia que jamais seria normal de novo.

Jamais poderia flertar normalmente com um homem em um bar e exatamente por isso, por essa dor de ter sido tirada do mundo é que ela desceu naquele buraco, para se vingar da vida, do mundo, de Estevão. Ela olhou para Mel encolhida em um canto e disse para si mesma:

"Você quer me foder, mas eu vou te mostrar quem eu ainda sou eu. Quem vai te foder sou eu. Eu decido agora e o que eu decido é por foder você. Você, destino da porra, que me jogou aqui. Quer me foder? Eu é que vou foder você destino do caralho."

Parecia que ela falava para Mel, na sua direção, mas era apenas falava para si mesma, para a vida, para seu destino.

Capítulo 10

O sol já ia alto, perto do meio-dia quando Estevão acordou. Ele se assustou com Laura parada perto dele. Em pé. A roupa dela estaca toda suja de terra e ela olhava para ele com um olhar de morte e escuridão.

- Levanta daí e vê se faz algo que presta. O carro está sujo.

- Está sujo? O que você fez? – balbuciou Estevão acordando e tentando entender o que tinha acontecido.

Laura não disse nada, só ficou lá parada olhando para ele. Ele se levantou, passou por ela e foi ao quarto do buraco. Olhou novamente para ela e desceu. Minutos se passaram antes de Estevão voltar correndo. Laura agora com uma cerveja na mão estava sentada no batente da porta olhando para fora.

- O que você fez com a menina, cadê ela? – gritou Estevão avançando para cima de Laura.

Ela não se movia. Ele a agarrou pelos cabelos a levantando do chão e fazendo com que ela se voltasse para ele. Mas antes que ele pudesse gritar algo mais, ela encostou uma faca na garganta dele:

- Me pega assim de novo e eu te abro de orelha a orelha seu verme.

Ele soltou os cabelos dela, mas continuou encarando ela. Foi um momento de embate. Dois caçadores. Dos demônios brigando por território.

- Vai falar algo mais velho machão? – perguntou Laura em voz baixa e firme.

- Onde esta a menina? – repetiu Estevão estremecendo de ódio.

- Morta. Ela não aguentou. Agora não enche meu saco e vai se foder longe de mim. Você só me traz presente inútil. A porra da garota não aguentou nada. Também seis anos!! Você é um retardado. Ficar pegando coisa tão nova que não dá para nada. Terminei com ela hoje de manhã e já joguei o resto o mais longe possível. Aquele lixo inútil não conseguiu me fazer gozar.

Estevão se afastou um pouco de Laura, que se virou e sentou de novo no chão tomando o resto da cerveja ignorando a presença de Estevão. De repente uma gargalhada ecoou pela casa.

- Você é mesmo uma puta muito da foda, arregaçou a pequena e já se livrou do lixo. Eita menina boa da porra – gritava

Estevão indo para cozinha buscar uma cerveja para começar seu dia. Laura nada disse. Só mirou o horizonte e tentou resgatar um pouco do cheiro que sentiu no bar. O cheiro de normalidade. De flerte. De coisas banais e comuns.

- Marcoooo – Marcoooo – o grito se fez ouvir por toda a fazenda.

Marco correu na direção da varanda. Era cedo ainda, antes das oito da manhã. Eles não tinham conseguido dormir. E Carli tinha levantado bem cedo. Ela disse que eira olhar as flores do jardim e agora esse grito.

Marco chegou a varanda e viu Carli correndo desesperada para o portão da fazenda. Ele, sem saber o porquê de sua esposa estar correndo assim, saiu em disparada atrás dela. Quando Marco alcançou Carli ele pode ver o motivo do grito e da correria. Mel estava sentada, chorando baixinho, encostada em uma árvore.

- Mãe, mãe – sussurrava ela com a boca machucada, sangue em suas roupas, mas viva.

- Deusssss – gritou Carli se jogando em cima de Mel.

- Calma Carli está assustando ela – disse Marco com lágrimas nos olhos.

Eles levaram Mel para dentro de casa e imediatamente Carli tirou as roupas sujas e ensanguentadas de sua filha verificando cada centímetro do seu corpo procurando ferimentos. Mas Carli não achou nenhum ferimento, nem nas pernas, nem nas partes íntimas, nada.

Vendo a aflição da mãe, Mel sussurrou:

- Estou bem mãe, foi só aqui na boca que a moça me bateu, mas depois ela me ajudou. Ela precisa de ajuda também mãe, ela precisa de uma mãe. Você pode ajudar a moça mãe? Pode achar uma mãe para ela?

- Uma mulher? Uma moça te bateu?

- Sim mãe, mas não foi "de mal"... ela queria me ajudar.. ela me trouxe no colo, de carro e disse que eu devia ter cuidado com os monstros.. e que não devia entrar "de carro"... você sabe disso mãe?

Carli só chorava...Olhava sua filha e chorava copiosamente. Marco ligou para a policia informando que Mel tinha sido "devolvida" e o delegado se apressou em argumentar, mesmo que em baixo tom:

- Eu sabia que ela estava por perto, deve ter sido uma grande brincadeira.

Marco bateu o telefone revoltado.

- Vamos, arrume as malas dela e sua. Vamos embora daqui. Ela precisa de um médico e eu preciso respirar outros ares.

Carli nao respondeu. Levantou e foi para o quarto arrumar as malas. Marco se aproximou de Mel deitada no sofá:

- Filha, tinha mais alguém lá além da moça?

- Tinha um homem pai. Um monstro estranho.

- Ele te machucou filha? Tocou em você?

- Não me lembro pai, mas acho que ele queria me comer.

- Comer filha?

- Sim. Ele disse que iria me devorar toda.

Marco disfarçou sua revolta e se virou para a janela da sala, com os olhos cheios de lagrimas de ódio.

- Porco imundo - sussurrou ele para si mesmo não querendo nem mesmo imaginar o que o tal homem pensou em fazer com sua pequena Mel.

Capítulo 11

Daniel acordou depois de três horas de pesadelo. Ele via meninas gritando, em sangue e dor, e ele não podia alcançá-las.

- Que inferno, quando isso vai acabar? - Daniel gritava para si mesmo e só o eco respondia. Ele se vestiu e partiu para a delegacia.

Uma notícia miúda saíra no jornal sobre uma menina que tinha sumido e depois fora encontrada pelos pais na entrada da própria casa. Motivo de piada e desconfiança entre a polícia local, tudo parecia ter se resolvido, afinal a menina voltara e pouco conseguiu falar sobre uma história louca de ter sido sequestrada e devolvida pelas mesmas pessoas

Daniel leu e balançou a cabeça suavemente de um lado para o outro. Tudo parecia conspirar contra ele. Ele sabia que o pesadelo não tinha terminado, mas todos diziam que sim. No entanto, no final da pequena notícia via-se uma foto desbotada de um carro velho que fora visto nas cercanias de onde a menina havia sumido e reaparecido.

Daniel olhava para a foto tentando buscar algo no fundo de sua mente. Algo que parecia estar guardado, mas longe, inalcançável.

Ele ficou olhando a imagem do carro por mais de meia hora e se decidiu. Levantou e pedi que fossem tiradas copias daquela imagem.

O pessoal da xerox alegou que mal daria para ver as imagens depois que fossem xerocadas, mas Daniel insistiu e no final do dia mais de 2000 copias estavam na sua mesa.

Via-se nas imagens o velho carro que tanto sangue carregou. Que tantas meninas levou de suas famílias, mas que era para Daniel apenas uma imagem solta no fundo de suas memórias.

Ele nunca tinha visto o carro, mas a descrição sim, e não foi apenas uma vez. Sim, existiam muitos carros iguais, mas algo lhe dizia que era estranho que logo um carro tantas vezes descrito estivesse, depois de tanto tempo, de novo, perto do local de um desaparecimento de uma menina.

Com as copias das imagens dentro de uma pasta ele foi para seu apartamento, onde somente o vazio e o escuro lhe aguardavam.

No dia seguinte as copias já varavam a cidade e as circunvizinhanças, pregadas em postes, em postos de gasolina e em bares vagabundos de beira de estrada. O carro do Ogro enfim, era um carro em destaque.

Daniel fez questão de, com sua moto, entregar em muitos pontos, mesmo tendo que ignorar o celular que o chamava para seu dever diário para com a sociedade. Ele não foi trabalhar naquele dia. Voltou ao bar e aos braços de Anabele.

Ele mal tinha chegado ao bar quando ela veio ao seu encontro pedindo que ele a ajudasse com a tranca dos fundos, que pela decima vez estava solta o que a impossibilitaria de fechar o local horas mais tarde. Ele nem respondeu.

Apenas sorriu de forma vazia e a seguiu para trás do bar. Antes que eles chegassem a tal porta, ela o empurrou contra uns engradados vazios de bebida e encostou seu corpo suado e apertado contra o dele.

- Me come amor.

Daniel, bem mais alto que Anabele mal se movia. O corpo dele já havia decidido que queria se esvaziar nela, mas ele mesmo não achava isso uma grande coisa.

- Ane. Não faz isso. Não gosto de você desse modo. Não pertencemos um ao outro. Eu não presto, não sirvo para você.

- Eu também não presto amor. Vem. Me ama.

- Como pode me pedir amor se sabe que eu nem mesmo sei o que é isso?

- Foda-se. Então só me come. Mas por favor, não me ignora.

Daniel tentou se afastar de volta para dentro do bar, mas Anabele de novo o segurou e sem pudor agarrou suas calças tentando abri-las.

- Ok, ok. Para. Que coisa ridícula Ane.

Anabele olhava para Daniel com olhos de suplica, como se apenas uma gozada fosse suficiente para que ela sustentasse dentro de si, por mais algum tempo, o amor doentio que sentia por ele.

- Eu só preciso que me use, que me toque, por favor Daniel.
Eu amo você

-CHEGA! Não se rebaixe assim, por favor, tenha um pouco de qualquer coisa dentro de você mesma Ane.

Mas a conversa era vã. Anabele já tinha aberto o zíper da calça de Daniel, e ele, em estado de puro e animalesco tesão, se mostrava contrário as palavras que ele dizia.

- Você me quer, eu estou sentindo – sussurrava Anabele no ouvido de Daniel enquanto tentava tirar para fora o membro ereto dele ao mesmo tempo em que levantava a sua saia minúscula colocando de lado a calcinha.

Daniel não respondeu, e em um ato puramente automático, segurou Anabele pelo braço, virou-a por cima das caixas sujas e vomitadas de bebida, e a empurrou com o rosto para baixo enquanto posicionava-se entre as nádegas nuas dela.

Ela sorria de forma triste e ele, olhando para ratos que fugiam das ações ferozes dos dois, enfiava-se de forma rude dentro dela, por trás, como ele nunca tinha feito.

Ela abafava os gritos de dor, e tentava resgatar o sentimento de amor que sentia por ele, enquanto ele só queria fazer aquela necessidade, básica e animal, sair de dentro dele.

Uma enfiada, duas, três, acelerando-se cada vez mais. Quem passasse perto da porta, agora escancarada, dos fundos do bar, veria as caixas de bebida se movendo e os dois corpos em um balé insano e feroz até que ele gozou no ânus dela, que expulsou minutos depois esperma e sangue.

O corpo dele relaxou e o dela se deixou soltar. Eles se desengataram como cães ao final do coito. Não houve beijo, nem abraço, nem sussurros.

Daniel se encostou na parede logo adiante e acendeu um cigarro. Uma lagrima desceu pelos olhos de Anabele que aceitou dele um cigarro também. O escuro encobria a dor de Anabele, mas ao mesmo tempo, algo insano dizia dentro dela, que a cada investida do corpo dele dentro dela, um passo a mais ela caminhava rumo ao coração dele.

Nesse instante Anabele pensou numa citação velha e arcaica que tinha lido em um livro antigo de romance: "existem corações que acreditam no amor, que enquanto isso, age como um veneno, lento e voraz que destrói de fora para dentro a quem nele crê." E ela supôs que estava cada vez mais envenenada por Daniel.

- Vou arrumar a tranca, vai entrando antes que comecem a te chamar – disse Daniel de forma distante.

Anabele tento dizer algo, mas não conseguiu. Mas quando já estava uns dez passos dele, parou, se virou e murmurou um "muito obrigada..." Sem sentido e sem valor. Ele escutou, mas

simplesmente ignorou como algo que vem do nada e para o nada vai.

Depois de mais de meia hora, Daniel estava de volta ao balcão bebendo sem trégua, enquanto Anabele de longe, olhava sonhadora para ele, sem deixar de sentir uma dor voraz nas partes mais profundas de seu corpo ferido.

Muitas doses de bebidas depois, Daniel comeu uma carne malpassada e foi carregado por uma Anabele amorosa para o quarto dos fundos. O ambiente do bar não deixava dizer se era dia ou noite, mas a tarde chegava e Daniel não tinha mais noção de onde estava.

Ela a viu.

Ela entrava no bar.

Mas não estava mais tão triste.

Tão estranha e tão longe. Ela chegava perto dele e pedia sua ajuda. Ele deixava tudo de lado e saía com ela. Ela lhe contava seus problemas, que ele não entendia. Ela chorava em seus ombros e ele a acariciava de forma lenta e constante.

Ela tinha um cheiro que misturava sabonete barato e cerveja. Ele gostava. Era diferente dos perfumes fortes de Anabele. E então ela levantava o rosto e lhe pedia um beijo que ele tentava dar, mas de repente, ela abria a boca e dentes enormes

pareciam devora-lo. Sangue sai da boca da garota e Daniel tentava desesperadamente pegar sua arma.

Era um ruído intenso e ao mesmo tempo longínquo surgiu e Daniel tentou pedir ajuda. Para ele e para a garota que tinha a boca com sangue e dentes ferozes. Mas ninguém parecia ouvi-los. E o ruído continuava. Até que de tão insistente Daniel abriu os olhos e percebeu que era seu celular, tocando, tocando e tocando.

- Fala porra.

- Senhor?

- Sim, quem é?

- Senhor?

-Fala, caralho - gritava Daniel.

Uma voz de garoto tentava falar baixo, mas isso só irritava ainda mais Daniel que se atormentava com dores de cabeça e náuseas.

- Senhor, é sobre o cartaz que deixaram aqui com seu número. O carro...

- Fala mais alto. Que carro?

- O carro do cartaz. Ele está aqui...

Daniel se levantou com tanta pressa que o celular foi parar do outro lado do quarto. Ele tentava desesperadamente acender a luz, correr para o banheiro para lavar o rosto e ao mesmo tempo pegar de volta o telefone.

- Estou aqui. Pode falar. Rápido - disse Daniel em desespero.

O rapaz de novo tentava balbuciar.

- É um homem velho, alto, meio estranho. Está fazendo compras e o carro dele parece muito com o do cartaz. Eu disse que era, mas meu primo disse que não. Tenho certeza que é. Meu primo disse...

-Foda-se seu primo. Onde você está?

- Na saída da cidade....

- Que cidade?

O garoto de forma lenta e baixa deu as diretivas e antes que tentasse falar algo mais Daniel já tinha desligado saindo correndo pela porta em busca de suas chaves.

- Ane. ANEEEEEEE. Minhas chaves.

Anabele veio do meio do salão com a vassoura na mão e as chaves na outra. Ela estendeu a mão e nada disse. Daniel pegou as chaves, olhou para ela e sem pensar, lhe deu um beijo na testa. O corpo de Anabele inteiro respondeu, e seu dia foi drasticamente e desgraçadamente mais feliz. No ar só ficou a poeira da moto de Daniel e seu cheiro: azedo e másculo - ao menos para Anabele.

Capítulo 12

Era quase meio dia quando o carro da Laura e Estevão chegou em um mercado que ficava na saída de uma cidade pequena, distante umas 3 horas do casebre de Estevão, mas não tão distante da cidade de Daniel. O casal estacionou a caminhonete do outro lado da pequena avenida onde ficava o mercado.

Estevão fez questão de entrar no mercado, mesmo contra a vontade de Laura que ficou no carro. Ele escolheu tudo que queria, mas quando Estevão se aproximou para pagar os itens no caixa, ele viu a imagem de seu carro atrás do atendente. A imagem era uma fotocopia, meio apagada, mas pela forma como o atendente olhava para ele, não restou muitas dúvidas sobre o carro e seu reconhecimento.

Estevão suspirou fundo e pesado. Olhou novamente para o atendente e de forma vagarosa voltou para o fundo do bar. O atendente já estava com o telefone na mão, e Estevão sabia que seria uma questão de minutos para algo acontecer.

Muito tempo, muitas corridas, muitas mortes e enterros. Gritos, sangues e prazeres e a vida de Estevão já não era a mesma. Ele sabia que estava muito velho e que se resolvesse realmente fugir teria que ter energia para tal e havia

Laura tudo foi passando na sua mente de forma vagarosa. Ele sentou em um mês ano fundo da loja e abriu uma latinha de

cerveja. Um ato impensado para quem acaba de perceber que pode ter sido descoberto depois de tanto tempo.

Mas na mente de Estevão uma voz dizia que tudo na estrada da vida leva a um fim, e que o que você faz durante essa estrada é o que vale. E ele sentia que tinha feito muito. Tinha ensinado tantas meninas.

Tinha dado tantas lições. Tinha gozado e aproveitado bem da vida. Suas costas agora doíam muito. Seus joelhos não respondiam mais da mesma forma, e seu corpo pesado e grotesco dificilmente poderia correr. Tudo isso passava na sua mente enquanto ele via o atendente, de longe, terminar de falar e largar o telefone.

Estevão pensou em Laura. Sua doce Laura seu ursinho. Sua filha, sua amante, seu legado. Ele não queira que eles a pegasse, que a trancasse como um animal. Que doce ironia. A cerveja terminou e ele foi até a geladeira e pegou uma nova. O atendente dirigiu o olhar para seu companheiro que veio até estevão.

- Senhor, precisa pagar a cerveja que já bebeu.

Estevão jogou na mesa algumas notas amassadas. O rapaz pegou duas e se foi.

Estevão abriu outra latinha e tentou olhar pela porta da loja para ver se de onde estava era possível avistar o carro dele. Não era. Ele realmente deveria tentar ir até Laura. Avisa-la, dar a ela a última ordem para que fugisse. Mas o corpo dele não

respondeu. Ele tinha dormido mal. Tudo doía, ele estava com fome e na verdade, estava cansado.

Sem saber quanto tempo passou ali sentado remoendo decisões e passado, Estevão resolveu que talvez ninguém viria em seu encalço e que tudo não passava de uma vasta impressão sua. Ele se levantou vagarosamente recolhendo o resto de notas amassadas do balcão quando a porta abriu. Eram três policiais a paisana e um deles era Daniel.

Ele percebe o movimento do homem no fundo da loja e olhando para o atendente soube, nesse momento, que vivera até ali para que aquilo acontecesse. Ele sabia. Simplesmente sabia que sua busca terminara.

Simples assim. E sentiu então todo seu corpo se enrijecer. Um universo de adrenalina correu em cada centímetro de sua pele. Seu coração batia tão rápido que ele tinha a impressão que o ruído ecoava pelas paredes do lugar.

A vontade que Daniel teve era que o mundo inteiro desaparecesse e somente ele e o tal cara, estivesse ali. Ele não soube dizer depois como, mas ele teve uma certeza infinita de que aquele cara era o Maníaco das Donzelas. Ele não conseguia acreditar que o homem tão procurado por tanto tempo estava ali na frente dele.

Foi um instante tenso e único. Daniel deu uns passos a frente. Tocou no ombro do seu colega mais próximo, fez um sinal com os dedos para o sujeito. Seu colega captou que havia algo e sacou a arma. Daniel já tinha sua arma em punho quando se

aproximou de Estevão. Ele sentia uma necessidade quase vital de colocar as mãos naquele cara. Mas e se tudo fosse uma terrível coincidência?

O carro, o cara estranho e alto, similar a tantos retratos falados através dos anos. Mas e se? E se? Daniel queria atirar e explodir os miolos dele ali mesmo. Ele sabia que era. Sabia e sentia que estava certo. Mas e se?

Era preciso obedecer o mínimo dos protocolos. E Daniel se aproximava mais de Estevão enquanto seus colegas vinham atrás das estantes de enlatados e bebidas quentes. Estevão tenso, se aproximou do caixa e pagou as compras que tinha feito antes de começar a beber.

Era uma cena grotesca. Daniel e seus companheiros com armas nas mãos apenas olhando enquanto Estevão, parecendo calmo e sereno, pagava suas compras.

Estevão pegou o troco e sentiu que era observado, percebendo a presença de Daniel se aproximando. Vagarosamente ele se dirigiu para a porta de saída, mas era tarde demais.

Foi tudo muito rápido, muito confuso, dias depois foram vários relatos, varias testemunhas e não foi possível conseguir duas versões iguais do que realmente aconteceu lá dentro.

Os policiais gritaram para Estevão parar. A princípio alegaram que queria conversar. Estevão ignorou e continuou se digerindo bem devagar para a porta de saída. Como em câmara

lenta. Estevão colocou a mão na maçaneta da porta de vidro que dava para a saída.

Ele abriu a porta e de repente acelerou seus movimentos tentando sair correndo. Daniel atirou. O vidro da porta quebrou em um estrondo.

Laura, dentro do carro, sentiu seu coração acelerar e viu a chuva de vidro caindo atrás de Estevão que corria para o carro. Ela não se moveu, nem mesmo para abrir a porta do carro.

Ela estava no banco do carona e ali ficou se encolhendo enquanto seu corpo tremia. Estática, ela sentia cada uma das batidas de seu coração como uma facada no peito. Ela imaginou essa cena milhões de vezes. Quando seu sequestrador, Estevão, seria perseguido pela polícia. Mas com o passar do tempo a cena foi se desfazendo da cabeça de Laura.

Na corrida para o carro, Estevão mudou o rumo de sua fuga e se escondeu atrás de uma árvore. Daniel atravessou a porta já quebrada de vidro seguido pelos seus colegas. Algumas pessoas corriam na rua, outros que tinha saindo do mercado antes de Estevão, tentavam se esconder.

Nesse momento algo falou mais forte dentro da cabeça de Laura e ela abriu vagorosamente a porta do carro que dava para o acostamento, lado oposto da cena de perseguição que se desenrolava. A atenção de todos estava em Daniel que apontava a arma para Estevão e gritava para que ele parasse.

Laura deslizou para fora do carro, escondida pelo próprio carro do outro lado da rua. Ela se abaixou ao lado do carro e fechou a porta bem devagar. Ela agia como se uma força misteriosa a coordenasse rumo a salvação de sua própria pele. Afinal ela sabia que não era mais só uma vítima.

Estevão correu para o carro de forma desesperada e Daniel gritou:

- Policia! Pare!

Pessoas gritaram, tiros foram ouvidos. Laura se arrastou do carro para a mata que margeava a estrada, rastejando, abaixada e escutando os tiros. Ela rolou mata a dentro e se abaixou atrás de pequenos arbustos.

Um tiro mais alto se fez ouvir seguido por um grito e Laura olhou para a rua no momento exato em que Estevão levantava uma das mãos, soltando as compras. Seu corpo sacudiu de forma violenta e quase cômica, como se fosse uma marionete.

Mais gritos.

Daniel se aproximou de Estevão que fez um movimento brusco na direção da caminhonete sem emitir nenhum som. Daniel olhou de forma serena e calma para Estevão que ainda com vida, tentava falar algo. E antes que os outros policiais chegassem perto dos dois, Daniel disparou sua arma.

Uma, duas, três, quatro, cinco vezes. Todas na cabeça de Estevão. As balas entravam no crânio dele e sacudiam sua

cabeça de tal forma que ela quicava como bola no chão que se encharcava de sangue e miolos.

As pessoas olhavam horrorizadas a cena brutal da execução e muitas nunca mais esqueceram o sorriso lento e gelado que se formou nos lábios de Daniel a cada sacudida que a cabeça de Estevão dava junto ao solo.

O que seria dito depois não importava. Daniel sabia, era o Maníaco das Donzelas. Os olhos de ambos se cruzaram. Presa e caçador, e a confirmação foi inevitável. O corpo de Estevão sacodiu por um último espasmo e não se moveu mais.

Laura assistia a tudo sem quase respirar. Seu sangue parecia não mais correr nas veias. Entre tantas emoções e sentimentos contraditórios que ela sentiu em todos os últimos anos que viveu com Estevão, nada era como aquele momento.

Ela estava fria e inevitavelmente em estado de choque. Suas mãos pingavam suor. Ela parecia morta, ali parada sem piscar, com as folhas dos arbustos se esfregando em seu rosto escondido.

Ela sabia que o certo era correr mata adentro e tentar voltar para sua casa, seu esconderijo, seu mundo particular. Mas ela não movia um único músculo. Seus olhos estavam arregalados.

Ela via a liberdade, a morte do Ogro e ao mesmo tempo o fim de tudo que conhecia como companhia. Os colegas de Daniel

se aproximaram de Estevão e falavam em voz baixa. Laura via tudo a distancia.

Via a cena em câmara lenta.

Não conseguia ver os rostos das pessoas, dos policiais. Mas via claramente o corpo de Estevão caído. Ela olhou para Estevão e viu que saía dele rios de sangue. Sangue de seu dono, seu mestre, seu sequestrador, seu Ogro.

Laura tinha sido sequestrada ainda muito nova, e já no segundo dia de seu sequestro ela tinha batizado aquele homem de Ogro. Um Ogro sequestrando uma princesa. Com aquele sangue ia embora a vida daquele que tinha tirado a vida dela. Sangue daquele que tinha tirado ela dos seus amados, de sua família e tinha transformado ela na pessoa que ela era.

Ela sentia a dureza da terra embaixo de seu corpo e as folhas dos arbustos. O vento, o suor, a tensão no ar. Viu as pessoas se aproximando do corpo de Estevão. Uma mulher gritou algo.

Laura não entendeu o que foi dito. Mas com o grito outras pessoas se aproximaram e alguns olhavam bestificados para o corpo de Estevão.

Laura viu o policial que deu o tiro se afastando do corpo de Estevão e sua mente lhe alertou que aquele andar, aquele homem não era estranho. Ela tinha adquirido dificuldade de reter memória de rostos e detalhes. Mas ela sentiu que sabia quem ele era.

Uma voz interna gritava para Laura:

- Vá embora, corra, fuja. Se te pegarem vão fazer a mesma coisa com você. Mas uma força sobrenatural segurava o corpo dela no chão da mata. Ela olhava tudo, tentando entender o movimento. Vários carros foram chegando.

E a multidão só aumentava. Laura conseguiu dar um profundo suspiro forçando seus músculos a reagirem e bem devagar ela rastejou por trás das árvores mais ao fundo enquanto os policiais corriam para o carro de Estevão. Ela sentiu uma sensação estranha como que de abandono. O que seria dela agora sem Estevão? Quem iria cuidar dela?

A real verdade é que agora era mais ela que cuidava de Estevão do que o contrário, mas ela sentiu como que se um pedaço dele tivesse caído ali no chão. Ela sabia que ele só correu para o carro por causa dela. Ele queria avisá-la, protegê-la, ela sabia disso, e isso doía.

Muitos pareceram se importar com ela no passado, mas esqueceram dela de forma fácil e rápida. Estevão não. No momento derradeiro ele só pensou nela e por ela ele se sacrificou e morreu era o que a mente doente de Laura insistia em lhe dizer.

Ela queria muito ir lá, olhar pela última vez para ele, sentir mais uma vez a mão áspera dele, quem sabe dar um abraço, tocar nele, mas algo mais forte que esses sentimentos a puxavam para longe dali. Ela olhou pela última vez para trás e viu os policiais cobrindo o corpo. Ela, com lágrimas nos olhos se virou, e fugiu mata adentro.

F I M